

DUAS IRMÃS CRUZAM AS MESMAS RUAS,
MAS SEUS CAMINHOS NÃO PODERIAM SER MAIS OPOSTOS
— ATÉ QUE UMA DELAS DESAPARECE.

LONGO É CLARO RIO

LIZ MOORE

*“Longo e claro rio é um thriller excepcional.
Percebi que estava lendo mais devagar nas últimas páginas
simplesmente porque não queria que terminasse.”*
— PAULA HAWKINS, autora de *A garota no trem*



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,
então nossa sociedade poderá
enfim evoluir a um novo nível."



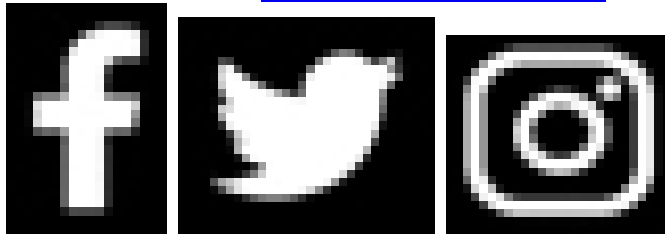
LIZ MOORE

LONGO
É
CLARO
RÍO

TRADUÇÃO
Fernanda Abreu

3ª edição

TRAMA



Para M.A.C.

O que se pode dizer, que já não sabemos, sobre o Kensington de hoje em dia, com sua longa fila de ruas comerciais, seus palacetes e suas lindas residências? Uma Cidade dentro de outra Cidade, aconchegada no seio do plácido Delaware. Transbordando de empreendedorismo, pontilhada por fábricas tão numerosas que a fumaça ao subir encobre o céu. O zunido de atividade pode ser ouvido em cada canto de sua larga extensão. Um povo feliz e satisfeito, usufruindo da abundância numa terra abundante. Povoada por homens valentes, belas mulheres, e uma geração de sangue novo que tomará as rédeas quando seus pais tiverem partido. Salve, Kensington! Um orgulho para o Continente — uma glória a coroar a Cidade.

*De Kensington: A City
Within a City (1891)*

Haverá confusão na pequena ilha?
Que aquilo que se partiu assim permaneça.
Os Deuses são difíceis de satisfazer:
A ordem, difícil de restabelecer.
Há, *sim*, confusão pior do que a morte,
Problemas a outros somados, dor além da dor,
Longa labuta imposta a suspiros já vetustos,
Árduas tarefas a corações por muitas guerras combalidos
E olhos baços de tanto fitar as estrelas-guias.

Mas recostados em camas de amaranto e móli
Como é doce (ninados pelo sopro do ar morno rente ao chão),
Ainda com as pálpebras entreabertas,
Debaixo de um céu escuro e sagrado,
Ver o longo e claro rio receber com vagar
Suas águas do morro violeta...
Ouvir os ecos de orvalho a chamar
De caverna em caverna pelos nós das trepadeiras...
Ver cair a água cor de esmeralda
Por entre divinas guirlandas de acanto entremeado!
Somente ouvir e ver o mar ao longe a luzir,
Somente esse doce ouvir, sob os pinheiros deitados.

Alfred Tennyson, trecho
de "Os comedores de
lótus"*
[_](#)

Nota

* Tradução livre.

SUMÁRIO

[Lista](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Lista](#)

[Agora](#)

[Agradecimentos](#)

LISTA

Sean Geoghehan; Kimberly Gummer; Kimberly Brewer, a mãe e o tio de Kimberly Brewer; Britt-Anne Conover; Jeremy Haskill; dois dos meninos mais novos DiPaolantonio; Chuck Bierce; Maureen Howard; Kaylee Zanella; Chris Carter e John Marks (com um dia de intervalo, vítimas da mesma leva ruim, alguém disse); Carlo, cujo sobrenome nunca consigo lembrar; o namorado de Taylor Bowes, e depois, um ano mais tarde, Taylor Bowes; Pete Stockton; a neta de nossos ex-vizinhos; Hayley Driscoll; Shayna Pietrewski; Dooney Jacobs e sua mãe; Melissa Gill; Meghan Morrow; Meghan Hanover; Meghan Chisholm; Meghan Greene; Hank Chambliss; Tim e Paul Flores; Robby Symons; Ricky Todd; Brian Aldrich; Mike Ashman; Cheryl Sokol; Sandra Broach; Ken e Chris Lowery; Lisa Morales; Mary Lynch; Mary Bridges e a sobrinha, que tinha a mesma idade que ela e era sua amiga; Jim; o pai e o tio de Mikey Hughes; dois tios-avôs que raramente vemos. Nosso antigo professor, sr. Paules. O sargento Davies do 23º. Nossa prima Tracy. Nossa prima Shannon. Nosso pai. Nossa mãe.

AGORA

Há um corpo nos trilhos de Gurney Street. Sexo feminino, idade indefinida, provável overdose, diz a Central.

Kacey, eu penso. É um tique, um reflexo, algo incisivo e subconsciente que vive dentro de mim e dispara a mesma mensagem para a mesma parte do meu cérebro sempre que há uma ocorrência com alguém do sexo feminino. Então minha parte mais racional vem em seguida, pesada, letárgica e sem qualquer inspiração, um soldado obediente e sem graça que aparece para me lembrar as chances e as estatísticas: novecentas vítimas de overdose em Kensington no ano passado. Nenhuma delas era Kacey. Além do mais, me repreende esse sentinela, você parece ter esquecido a importância de ser uma profissional. Endireite esses ombros. Sorria um pouco. Mantenha o rosto relaxado, não franza as sobrancelhas, não encolha o queixo. Faça o seu trabalho.

Passei o dia inteiro deixando Lafferty responder aos chamados para ele treinar mais. Então meneio a cabeça para ele, que pigarreja e limpa a boca. Está nervoso.

— 2613 — diz ele.

O número da nossa viatura. Correto.

A Central prossegue. A chamada foi anônima. A ligação veio de um telefone público, um dos vários que ainda existem na avenida Kensington e, até onde eu sei, o único que ainda funciona.

Lafferty olha para mim. Eu olho para ele. Faço-lhe um gesto. *Mais. Pergunte mais.*

— Entendi — diz Lafferty no seu rádio. — Câmbio.

Incorreto. Ergo o meu até a boca. Falo com clareza.

— Alguma outra informação sobre o local? — pergunto.

Depois de encerrar a chamada, dou algumas instruções para Lafferty, lembrando-lhe que ele não deve ter medo de falar claramente com a Central — muitos novatos têm mania de falar num tom meio reticente, masculino, que muito provavelmente aprenderam nos filmes ou na televisão —, reforçando ainda que ele deve extrair dela o máximo de detalhes que puder.

Mas antes que eu termine, Lafferty repete:

— Entendi.

Olho para ele. Excelente, digo. Que bom.

Faz apenas uma hora que o conheço, mas já tenho uma ideia de como ele é. Gosta de falar — já sei mais sobre ele do que ele jamais saberá sobre mim — e é um cara que finge. Um ambicioso. Em outras palavras, uma fraude. Alguém tão apavorado de ser chamado de pobre, fraco ou burro que nem sequer admite as próprias deficiências nesses quesitos. Eu, por minha vez, tenho plena consciência de ser pobre. Mais do que nunca agora que os cheques de Simon pararam de chegar. Será que sou fraca? É provável, sob alguns aspectos: teimosa, talvez, obstinada, cabeça-dura, relutante em aceitar ajuda mesmo quando isso me seria útil. Fisicamente temerosa também: não sou a primeira agente a se jogar na frente de um tiro por um amigo, não sou a primeira agente a se jogar no meio do tráfego atrás de um criminoso em fuga. Pobre: sim. Fraca: sim. Burra: não. Burra eu não sou.

Cheguei atrasada para a chamada hoje. De novo. Sinto vergonha de dizer que é a terceira vez em um mês, e eu detesto chegar atrasada. Uma boa policial chega na hora, mesmo que não faça mais nada além disso. Quando entrei na área coletiva — um espaço sem graça e muito iluminado, sem móveis, decorado apenas com cartazes da polícia nas paredes —, o sargento Ahearn estava à minha espera, de braços cruzados.

— Fitzpatrick — disse ele. — Bem-vinda à festa. Hoje você está com o Lafferty na 2613.

— Quem é Lafferty? — perguntei antes de pensar se deveria. Eu realmente não tive a intenção de ser engraçada. Szebowski, no canto, riu alto uma única vez.

— Aquele ali — disse Ahearn, e apontou.

Ali estava ele, Eddie Lafferty, segundo dia no distrito. Estava ocupado andando pela sala enquanto encarava seu registro de atividades ainda em branco. Lançou-me um olhar rápido e apreensivo. Então se abaixou como se tivesse reparado em algo nos

seus sapatos, que, recém-engraxados, chegavam a reluzir um pouco. Franziu os lábios. Assobiou baixinho. Na hora quase tive pena dele.

Ele então se sentou no banco do carona.

Coisas que aprendi sobre Eddie Lafferty na primeira hora depois de nos conhecermos: ele tem 43 anos, o que o torna 11 mais velho do que eu. Entrou tarde para a polícia da Pensilvânia. Até o ano passado trabalhava na construção civil, e foi então que fez a prova. (Coluna, diz Eddie Lafferty. Ainda me incomoda de vez em quando. Não conta para ninguém.) Acabou de passar pela formação prática. Tem três ex-mulheres e três filhos quase adultos. Tem casa nas montanhas Pocono. Puxa ferro. (Sou rato de academia, diz Eddie Lafferty.) Sofre de refluxo gastroesofágico. De vez em quando tem prisão de ventre. Foi criado no sul da Filadélfia e hoje mora em Mayfair. Divide ingressos para a temporada do Eagles com seis amigos. Sua mais recente ex-mulher tinha vinte e poucos anos. (Vai ver o problema foi esse, diz Lafferty, o fato de ela ser imatura.) Ele joga golfe. Tem dois mestiços de pit bull, Jimbo e Jennie, que pegou em abrigos. Jogava beisebol no ensino médio. Na verdade, um de seus colegas de time na época era o sargento do nosso pelotão, Kevin Ahearn, e foi o sargento Ahearn quem lhe sugeriu considerar um trabalho na polícia. (Algo nisso faz sentido para mim.)

Coisas que Eddie Lafferty aprendeu sobre mim na primeira hora depois de nos conhecermos: eu gosto de sorvete de pistache.

Durante a manhã inteira, nas raras pausas de Eddie Lafferty, fiz o melhor que pude para informar apenas o básico daquilo que ele precisa saber sobre o bairro.

Kensington é um dos bairros mais recentes daquela que é, para os padrões norte-americanos, a mui antiga cidade da Filadélfia. Foi fundado na década de 1730 pelo inglês Anthony Palmer, que comprou uma pequena extensão de terras sem qualquer característica notável e a batizou em homenagem a um bairro da realeza — na época o local de residência preferido da monarquia britânica. (Talvez Palmer também fosse uma fraude. Ou, para ser

mais gentil, um otimista.) Embora os limites orientais do atual Kensington fiquem a quase dois quilômetros do rio Delaware, nos primórdios da sua existência o bairro fazia fronteira com o rio. Consequentemente, suas primeiras indústrias foram a construção naval e a pesca, mas em meados do século XIX seu longo histórico de polo manufatureiro já havia se iniciado. No auge, o bairro tinha fábricas de ferro, de aço, manufaturas têxteis e — de modo talvez condizente — fábricas de produtos farmacêuticos. Um século depois, porém, quando as fábricas deste país começaram a morrer aos montes, Kensington também iniciou um lento e, em seguida, rápido declínio econômico. Em busca de outros trabalhos, muitos moradores se transferiram mais para o centro ou mais para longe do centro da cidade; outros ficaram ali, convencidos pela lealdade ou pela ilusão de que haveria uma mudança. Kensington hoje é habitado, em partes praticamente iguais, por descendentes de irlandeses que ali se instalaram nos séculos XIX e XX e por uma população mais recente de famílias de origem porto-riquenha ou de outras origens latinas — além de grupos que representam fatias sucessivamente menores da pizza demográfica de Kensington: afro-americanos, asiáticos, caribenhos.

O Kensington de hoje é cortado por duas vias principais: Front Street, que segue para o norte margeando o limite leste da cidade, e a avenida Kensington — geralmente chamada apenas de Avenida, apelido que pode ser simpático ou desdenhoso dependendo de quem o estiver usando —, que começa na Front e segue em curva no sentido nordeste. O metrô de superfície Market-Frankford — ou, mais coloquialmente, o El, já que uma cidade chamada Philly não pode deixar nenhuma de suas infraestruturas ficar sem apelido — passa logo acima tanto da Front quanto da avenida Kensington, ou seja, as duas ruas permanecem a maior parte do dia na sombra. Grandes vigas de aço sustentam a linha de trem, pernas azuis espaçadas a cada nove metros que dão à estrutura toda o aspecto de uma gigantesca e ameaçadora lagarta a pairar acima do bairro. A maioria das transações (de entorpecentes ou sexo) ocorridas em Kensington começa numa dessas duas ruas e acaba numa das muitas ruas menores que as cortam, ou, mais frequentemente,

numa das casas abandonadas ou terrenos baldios que povoam as ruas laterais e vielas do bairro. Os comércios que se podem encontrar nas ruas principais são salões de manicure, restaurantes delivery, lojas de celular, lojas de conveniência, lojas de 1,99, lojas de eletrônicos, casas de penhor, estabelecimentos que servem comida para a população de rua, outras organizações de caridade e bares. Cerca de um terço das vitrines está fechada.

Mesmo assim — como os condomínios residenciais que brotam, agora à nossa esquerda, num terreno baldio que ficou sem uso desde que uma bola demolidora derrubou a fábrica que ele abrigava — o bairro está se expandindo. Bares e comércios novos surgem na periferia, em direção a Fishtown, onde eu cresci. Novos rostos jovens povoam esses comércios: cheios de disposição, ricos, ingênuos, presas fáceis. Portanto, o prefeito está ficando preocupado com as aparências. *Aumentar o efetivo*, diz o prefeito. Aumentar o efetivo, aumentar o efetivo, aumentar o efetivo.

Está chovendo forte hoje, e isso me obriga a dirigir mais devagar do que eu em geral dirigiria ao atender a um chamado. Vou nomeando os comércios pelos quais passamos, citando o nome de seus donos. Descrevo crimes recentes sobre os quais acho que Lafferty deveria saber (ele assente com a cabeça a cada vez). Listo aliados. Do outro lado de nossos vidros: a mistura habitual de gente na fissura e de gente que acabou de usar. Metade das pessoas na calçada está derretendo lentamente em direção ao chão sem que suas pernas consigam sustentá-las. A pose de Kensington, dizem aqueles que fazem piada com esse tipo de coisa. Eu nunca faço.

Por causa do mau tempo, algumas das mulheres por quem passamos estão de guarda-chuva. Estão usando gorros de inverno e casacos de gominhos, calças jeans, tênis encardidos. São desde adolescentes até idosas. A grande maioria é branca, embora o vício não tenha preconceito e todas as raças e credos possam ser encontrados ali. As mulheres não usam maquiagem, ou quem sabe um duro anel de delineador preto em volta dos olhos. As mulheres que se prostituem na Avenida não usam nada que indique que elas estão trabalhando, mas todo mundo sabe: o olhar nunca engana,

um olhar demorado e certo para o motorista de cada carro que passa, para cada homem que passa. Eu conheço a maioria dessas mulheres, e a maioria me conhece.

— Aquela ali é a Jamie — digo a Lafferty quando passamos por ela. — Aquela é a Amanda. Aquela é a Rose.

Considero que conhecer aquelas mulheres faz parte do seu treinamento.

No final do quarteirão, na esquina da Kensington com a Cambria, vejo Paula Mulroney. Ela hoje está de muletas, tristemente empoleirada num pé só, tomando chuva porque não consegue equilibrar também a sombrinha. Sua jaqueta jeans adquiriu um tom azul-escuro perturbador. Eu queria que ela saísse da chuva.

Olho em volta rapidamente à procura de Kacey. É naquela esquina que ela e Paula costumam ficar. Às vezes elas entram numa briga ou se desentendem, e uma ou a outra vai fazer ponto em outro lugar por um tempo, mas uma semana depois eu as vejo ali, novamente juntas, satisfeitas e abraçadas, Kacey com um cigarro pendurado na boca, Paula com uma garrafa d'água, de suco ou de cerveja dentro de um saco de papel.

Nesse dia não vejo Kacey em lugar nenhum. Percebo, que, na verdade, faz algum tempo que não a vejo.

Paula nota nossa viatura quando avançamos na sua direção e aperta os olhos para nós, tentando ver quem é. Ergo dois dedos do volante: um aceno. Paula olha para mim, em seguida para Lafferty, e então vira o rosto levemente para cima, em direção ao céu.

— Essa é a Paula — digo para Lafferty.

Penso em dizer mais. Estudei com ela na escola, eu poderia dizer. Ela é amiga da minha família. Amiga da minha irmã.

Mas Lafferty já passou para outro assunto: dessa vez é a azia que o atormenta já faz quase um ano.

Não consigo pensar em nenhuma resposta.

— Você é sempre calada assim? — pergunta ele de repente. É a primeira pergunta que me faz desde que estabeleceu minhas preferências em matéria de sorvete.

— Estou só cansada — eu digo.

— Você já teve muitos parceiros antes de mim? — pergunta Lafferty, e então ri, como se tivesse feito uma piada. — Isso não soou legal — diz ele.

— Desculpa.

Por um tempo, não digo nada. Então respondo:

— Só um.

— Quanto tempo vocês trabalharam juntos?

— Dez anos.

— O que houve com ele? — quer saber Lafferty.

— Ele lesionou o joelho na primavera passada — respondo. — Está de licença médica por um tempo.

— Como ele se lesionou?

Não acho que isso seja da conta dele. Mesmo assim, respondo:

— Trabalhando.

Se Truman quiser que todo mundo saiba a história toda, ele mesmo pode contá-la.

— Você tem filhos? Marido? — pergunta ele.

Gostaria que ele voltasse a falar de si.

— Um filho — digo. — Marido, não.

— Ah, é? Quantos anos?

— Quatro. Quase cinco.

— Essa idade é boa — comenta Lafferty. — Sinto falta dos meus quando tinham essa idade.

Quando aproximo a viatura do ponto de entrada para os trilhos que a Central indicou — uma abertura numa cerca feita por alguém, algo que chutaram anos antes e nunca foi consertado —, vejo que chegamos na cena antes dos paramédicos.

Olho para Lafferty, avaliando-o. De modo inesperado, sinto por ele um espasmo de empatia por conta do que estamos prestes a ver. Seu treinamento prático foi no 23º, distrito vizinho ao nosso, mas com uma taxa de criminalidade bem menor. Além disso, ele deve ter feito principalmente rondas a pé, controle de aglomeração, esse tipo de coisa. Não tenho certeza se algum dia já atendeu a esse tipo de chamado. Não existem muitas formas de se perguntar a alguém

quantas pessoas mortas já viu na vida, então, no fim das contas, opto por fazer uma pergunta vaga.

— Você já fez isso antes? — pergunto a ele.

Ele balança a cabeça.

— Não — responde.

— Bom, lá vamos nós — digo eu, num tom animado.

Não sei direito o que mais posso dizer. Não há como preparar alguém para isso.

Treze anos antes, quando comecei, aquilo acontecia umas poucas vezes por ano: recebíamos uma chamada dizendo que alguém tinha tomado uma overdose fatal, e que já tinha morrido havia tanto tempo que qualquer intervenção médica era desnecessária. Mais comuns eram as chamadas relacionadas a overdoses em curso, e essas pessoas em geral podiam ser ressuscitadas. Hoje em dia acontece com frequência. Só neste ano, a cidade já teve quase 1.200 ocorrências desse tipo, e a maioria delas no nosso distrito. A maior parte é de overdoses relativamente recentes. Outras são corpos que já começaram a se decompor. Às vezes, essas pessoas são escondidas mal e porcamente por amigos ou parceiros afetivos que testemunharam a morte, mas não querem passar pelo processo de reportá-la, não querem responder a ninguém sobre como aquilo aconteceu. Com maior frequência estão simplesmente ali largadas, depois de pegarem no sono eterno num lugar abrigado. Às vezes, a família as encontra primeiro. Outras vezes, os filhos. E outras vezes, nós: durante uma ronda, simplesmente as vemos ali, esparramadas ou caídas, e quando vamos checar seus sinais vitais vemos que estão sem pulso. Que estão frias. Mesmo no verão.

Pela abertura na cerca, Lafferty e eu descemos um declive até uma pequena fenda. Já entrei por ali dezenas, quiçá centenas de vezes desde que trabalho na polícia. Aquilo em teoria faz parte da nossa área de patrulha, aquele trecho coberto de vegetação. Toda vez que entramos encontramos alguém ou alguma coisa. Quando eu trabalhava com Truman, era sempre ele quem entrava primeiro. Ele

era mais graduado do que eu. Hoje quem entra primeiro sou eu, abaixando a cabeça inutilmente, como se isso de algum modo fosse me manter seca. Mas a chuva não está dando trégua. O barulho que ela faz ao bater no meu quepe é tão alto que eu mal consigo me ouvir falar. Meus sapatos escorregam na lama.

Como muitas partes de Kensington, o viaduto de Lehigh — hoje quase sempre chamado de os Trilhos — é um pedaço de terreno que perdeu a finalidade. Costumava ser movimentado pelos trens de carga, que desempenhavam um papel fundamental no auge da era industrial de Kensington, mas agora está abandonado e tomado pela vegetação. Ervas daninhas, folhas e galhos cobrem agulhas e papelotes espalhados pelo chão. Grupos de pequenas árvores ocultam qualquer atividade. Recentemente, a prefeitura e a empresa Conrail falaram em cimentar esse trecho, mas isso ainda não aconteceu. Sou cética: não consigo imaginar aquilo como algo diferente do que é, um esconderijo para pessoas na fissura atrás de uma dose, para as mulheres que fazem ponto na Avenida e seus clientes. Se aquilo for cimentado, novos enclaves surgirão por todo o bairro. Já vi isso acontecer antes.

Um leve farfalhar se faz ouvir à nossa esquerda, e um homem emerge dos arbustos. Tem uma aparência espectral e estranha. Fica parado, as mãos largadas junto ao corpo e pequenos filetes d'água a escorrer pelo rosto. Na verdade, seria impossível dizer se estava chorando.

— Meu senhor — digo para ele. — Viu alguma coisa por aqui que devemos saber?

Ele não diz nada. Continua encarando mais um pouco. Passa a língua pelos lábios. Tem a expressão distante e faminta de alguém fissurado. Seus olhos têm um tom de azul incomum de tão claro. Talvez ele tenha ido encontrar algum amigo ali, penso eu, ou um traficante: alguém para ajudá-lo. Por fim, ele faz que não com a cabeça devagar.

— O senhor não deveria estar aqui embaixo, sabia? — digo para ele.

Existem determinados agentes que não se preocupariam com essa formalidade por julgá-la inútil. É como retirar ervas daninhas,

dizem alguns; em outras palavras, elas voltam a crescer na mesma hora. Mas eu sempre falo.

— Desculpa — diz o homem, mas não dá sinais de que pretende ir embora em um futuro próximo, e eu não me demoro para debater com ele.

Seguimos andando. Grandes poças se formaram de um lado e de outro por onde passamos. A atendente da Central informou que o corpo estava a cem metros em linha reta da entrada que nós usamos, ligeiramente à direita. Atrás de um tronco, disse ela. A pessoa que tinha feito o chamado deixou um jornal em cima do tronco para nos ajudar a encontrar o corpo. É isso que estamos procurando conforme nos afastamos cada vez mais da cerca.

Quem vê o tronco primeiro é Lafferty, e ele se desvia do caminho — que na verdade não é um caminho, apenas o lugar nos Trilhos por onde as pessoas tenderam a caminhar mais ao longo dos anos. Vou atrás dele. Pergunto-me, como sempre, se vou reconhecer a mulher: se vai ser alguém que vou reconhecer por tê-la prendido, ou por ter passado por ela na rua diversas vezes na viatura. E então, antes que eu consiga impedir, o cântico familiar retorna: *Ou Kacey. Ou Kacey. Ou Kacey.*

Dez passos na minha frente, Lafferty olha por cima do tronco para inspecionar o outro lado. Ele não diz nada, só continua debruçado com a cabeça inclinada para um dos lados, observando.

Ao chegar lá, faço o mesmo.

Não é Kacey.

Esse é meu primeiro pensamento: eu não a conheço, graças a Deus. A morte foi recente; esse é meu segundo. Não faz muito tempo que ela está ali. Não há nada flexível nela, nada flácido. Pelo contrário: ela está rígida, deitada de costas, com um dos braços contraído para cima de modo que a sua mão se transformou numa garra. Seu rosto está contorcido e tenso, os olhos desagradavelmente abertos. Em geral, nos casos de overdose, os olhos estão fechados, o que sempre me proporciona algum conforto. Pelo menos eles morreram em paz, eu penso. Mas essa mulher parece estarrecida, incapaz de acreditar no destino que lhe acometeu. Está deitada sobre um leito de folhas. Com exceção do

braço direito, está reta como um soldado de chumbo. É jovem. Vinte e poucos anos. Os cabelos estão — estavam — puxados para trás num rabo de cavalo apertado, mas saíram do lugar. Fios foram tirados do elástico que os prendem. Ela veste um top e saia jeans. Está frio demais para essa roupa. A chuva cai diretamente sobre seu corpo e seu rosto. Isso também prejudica a preservação dos indícios. Por instinto, quero cobri-la, abrigá-la em algo quente. Onde está o seu casaco? Talvez alguém o tenha tirado depois que ela morreu. De modo pouco surpreendente, no chão ao seu lado há uma seringa e um torniquete improvisado. Será que ela estava sozinha quando morreu? Em geral elas não estão, as mulheres: costumam estar com namorados ou clientes que as abandonam quando elas morrem, com medo de serem responsabilizados, com medo de se envolverem em alguma história da qual não querem participar.

Deveríamos checar os sinais vitais ao chegar. Geralmente eu não faria isso, não num caso óbvio como esse, mas como Lafferty está me observando, faço tudo como manda o figurino. Tomo coragem, passo por cima do tronco e estendo a mão para ela. Estou prestes a medir seu pulso quando ouço passos e vozes ali perto. *Que droga*, elas estão dizendo. *Que droga*. *Que droga*. A chuva apertou.

Os paramédicos nos encontraram. São dois homens jovens. Não estão com pressa. Já sabem que não podem salvar aquela dali. Ela já se foi; faz parte do passado. Aqueles homens não precisam de um legista para lhes dizer isso.

— Fresquinha? — pergunta um deles. Assinto devagar. Às vezes não gosto do jeito como eles, como nós, nos referimos aos mortos.

Os dois rapazes se aproximam do tronco num passo saltitante e espiam por cima dele de modo casual.

— Cacilda — diz um deles, cujo sobrenome Saab está escrito ali no seu crachá, para o outro, Jackson.

— Pelo menos ela vai ser leve — diz Jackson, o que me acerta como um soco no estômago. Então, juntos, eles passam por cima do tronco, dão a volta no corpo e se ajoelham ao lado da mulher.

Jackson estende a mão para tocá-la com os dedos. Tenta algumas vezes encontrar alguma coisa, por formalidade, então se

levanta. Verifica o relógio.

— Horário do óbito: 11h21, vítima desconhecida do sexo feminino — constata.

— Anota isso — peço a Lafferty. Uma coisa boa em relação a ter de novo um parceiro: outra pessoa para preencher o registro de atividade. Lafferty está carregando o seu dentro do casaco para protegê-lo da chuva, e então o retira e se curva acima dele para tentar mantê-lo seco.

— Espera um instante — eu digo.

Eddie Lafferty olha primeiro para mim, depois para o corpo.

Abaixo-me entre Jackson e Saab para examinar com cuidado o rosto da vítima, os olhos abertos agora embaçados, quase opacos, as mandíbulas dolorosamente contraídas.

E ali, logo abaixo das sobrancelhas e salpicados na parte superior das maçãs do rosto, está um amontoado de pequenos pontinhos cor-de-rosa. De longe, eles só a faziam parecer corada; de perto, são característicos, como pequeninas sardas ou as marcas de uma caneta num papel.

Saab e Jackson também se abaixam.

— Ah, é — diz Saab.

— O quê? — pergunta Lafferty.

Ergo meu rádio até a boca.

— Possível homicídio — digo.

— Por quê? — quer saber Lafferty.

Jackson e Saab o ignoram. Ambos continuam curvados, estudando o corpo.

Abaixo o rádio. Viro-me para Lafferty. O treinamento dele, o treinamento.

— Petéquias — digo eu, apontando para os pontinhos.

— Ou seja? — diz Lafferty.

— Vasos sanguíneos estourados. Um sinal de estrangulamento.

A Unidade de Criminalística, a Homicídios e o sargento Ahearn chegam pouco depois.

ANTES

Na primeira vez que encontrei minha irmã morta, ela estava com dezesseis anos. Foi no verão de 2002. Quarenta e oito horas antes, numa sexta-feira à tarde, ela havia saído da escola com as amigas me dizendo que voltaria naquela noite.

Não voltou.

No sábado, já assustada, liguei para as amigas de Kacey perguntando se sabiam onde ela estava. Só que ninguém sabia, ou pelo menos ninguém quis me dizer. Eu tinha dezessete anos e era muito tímida, já assumindo o papel que passei a vida inteira desempenhando: o da responsável. *Uma senhorinha*, dizia minha avó Gee. *Tão séria que chega a fazer mal a si mesma*. As amigas de Kacey sem dúvida me consideravam uma espécie de pai ou mãe, uma figura de autoridade, alguém de quem se devia esconder informações. Várias vezes elas se desculparam sem convicção e negaram saber de qualquer coisa.

Na época, Kacey era exuberante e extrovertida. Quando estava em casa, o que vinha acontecendo cada vez menos, a vida era melhor, a casa era mais calorosa e mais feliz. Sua risada incomum — um tremor silencioso com a boca aberta seguido por uma série de inspirações rápidas, agudas e vocalizadas que a faziam curvar o corpo como se lhe causassem dor — ecoava pelas paredes. Sem a risada, sua ausência era perceptível, o silêncio na casa era ameaçador e estranho. Seus sons haviam sumido, e junto com eles seu cheiro, algum perfume horrível que ela e as amigas haviam começado a usar — decerto para disfarçar o que andavam fumando — chamado Almíscar de Patchuli.

Foi preciso um fim de semana inteiro para eu convencer Gee a chamar a polícia. Ela sempre relutava em envolver gente de fora; acho que tinha medo de alguém olhar com atenção para o seu modo de nos criar e a considerasse de alguma forma incapaz.

Quando ela por fim concordou, errou o número e precisou discar duas vezes no seu telefone de disco verde-oliva. Eu nunca a tinha visto nem tão assustada nem tão enfurecida. Alguma coisa a estava fazendo tremer quando ela desligou — raiva, tristeza ou

vergonha. Seu rosto comprido e avermelhado fazia uns movimentos perturbadores e nunca vistos. Ela falava baixinho consigo mesma, frases indiscerníveis que pareciam uma maldição ou uma prece.

Ao mesmo tempo, era e não era surpreendente Kacey desaparecer daquele jeito. Ela sempre tinha sido sociável, e nos últimos tempos começara a andar com um bando heterogêneo de amigas que eram bem-intencionadas, mas preguiçosas, queridas, mas nunca levadas a sério. Teve uma curta fase hippie na oitava série, seguida por vários anos se vestindo que nem punk, pintando o cabelo com tinta colorida, fazendo um piercing no nariz e uma tatuagem malfeita de uma mulher-aranha no meio de uma teia. Tinha namorados. Eu não, nunca. Ela era popular na escola, mas em geral usava sua popularidade para o bem: no ensino fundamental, adotou com sucesso uma menina tristonha chamada Gina Brickhouse, "Gina Tijoloço", alvo de tantas zombarias por causa do seu peso, dos seus hábitos de higiene, da sua pobreza e do sobrenome infeliz que havia parado de falar aos 11 anos de idade. Foi nessa época que Kacey começou a se interessar por ela; e sob a proteção de Kacey, ela desabrochou. No final do ensino médio, Gina Brickhouse foi apelidada de A Única, recompensa reservada aos iconoclastas esquisitos, porém respeitados.

Nos últimos tempos, contudo, a vida social de Kacey tinha dado uma guinada. Volta e meia ela se metia no tipo de problema sério que a fazia correr o risco de ser expulsa do colégio. Andava bebendo muito, inclusive na escola, e tomando vários remédios tarja preta que naquela época ninguém achava nada de mais. Essa foi a primeira parte de sua vida que Kacey tentou esconder de mim. Antes daquele ano, ela me contava tudo, muitas vezes num tom de voz urgente e suplicante, como se estivesse buscando a absolvição. Só que as suas novas tentativas de me esconder as coisas não deram certo. Eu pressenti; é claro que pressenti. Notei uma mudança na sua atitude, na sua postura, no seu olhar. Kacey e eu dividíamos o quarto e a cama durante toda a nossa infância. Em determinado momento, nos conhecíamos tão bem que uma conseguia prever o que a outra estava prestes a falar. Nossas

conversas eram velozes e indecifráveis para os outros, frases iniciadas e abandonadas a meio caminho, extensas negociações conduzidas exclusivamente por olhares e gestos. Então, quando minha irmã começou a dormir cada vez mais na casa de amigas, ou então a chegar de manhãzinha cheirando a coisas que eu na época não conseguia identificar, pode-se dizer que eu fiquei, sim, alarmada.

E quando dois dias se passaram sem que eu tivesse notícias dela, o que me espantou não foi o fato de ela ter sumido, e nem mesmo a noção de que havia algo de terrivelmente errado acontecendo com ela. A única coisa que me surpreendeu foi pensar que Kacey pudesse me deixar tão completamente de fora da sua vida. Que ela pudesse esconder daquela forma, até mesmo de mim, seus segredos mais importantes.

Pouco depois de Gee ligar para a polícia, Paula Mulroney me mandou um *pager* e eu liguei de volta para ela. Paula era uma amigona de Kacey no ensino médio, e na verdade a única que me considerava, que compreendia e respeitava a precedência do nosso vínculo familiar. Ela disse que tivera notícias de Kacey e achava que sabia onde ela estava.

— Mas não conta pra sua vó — disse Paula. — Caso eu esteja enganada.

Paula era uma menina bonita, forte, alta e durona. Sob certos aspectos, ela me fazia pensar numa amazona, tribo que conheci ao ler a *Eneida* na aula de inglês do nono ano e depois nos quadrinhos da DC Comics, pelos quais me apaixonei aos 15 anos, embora na única vez que comentei com Kacey sobre a semelhança, querendo fazer um elogio a Paula, ela tenha dito: Mick. Nunca diga isso pra ninguém. De todo modo, embora eu gostasse e ainda goste de Paula, também percebia já naquela época que ela provavelmente era má influência para Kacey. Seu irmão Fran era traficante, e Paula trabalhava para ele, todo mundo sabia.

Nesse dia a encontrei na esquina da avenida Kensington com a Allegheny.

— Vem comigo — disse ela.

Enquanto andávamos, Paula me contou que dois dias antes ela e Kacey tinham ido juntas a uma casa naquele bairro que pertencia a um amigo do irmão dela. Eu sabia o que isso significava.

— Eu tive que ir embora — disse Paula. — Mas a Kacey quis ficar mais um pouquinho.

Paula me fez subir a avenida Kensington até uma pequena rua lateral cujo nome eu agora não consigo me lembrar, depois me levou até uma casa geminada caindo aos pedaços com uma porta externa branca. Na porta havia uma silhueta de metal preto de um cavalo com uma carruagem, só faltavam as patas dianteiras do cavalo; olhei bem para essa porta, porque foi preciso bater durante cinco minutos para alguém vir abrir.

— Tem gente em casa, confia em mim — disse Paula. — Tem sempre gente em casa.

Quando a porta finalmente se abriu, do outro lado havia uma mulher que parecia um espectro, a pessoa mais magra que eu já tinha visto na vida, de cabelos pretos, com o rosto afogueado e os olhos pesados que eu mais tarde passaria a associar a Kacey. Na época, eu não sabia o que essas coisas significavam.

— O Fran não está aqui — disse a mulher. Ela estava se referindo ao irmão de Paula. Devia ter uma década a mais do que nós, embora fosse difícil saber.

— Quem é essa? — perguntou ela antes de Paula poder dizer qualquer coisa.

— Uma amiga minha. Ela está procurando a irmã — respondeu Paula.

— Não tem irmã nenhuma aqui — disse a mulher.

— Posso falar com o Jim? — perguntou Paula, mudando de assunto.

O mês de julho na Filadélfia costuma ser brutal, e a casa estava incubando o calor, assando debaixo da sua laje preta. Lá dentro pairava um fedor de cigarro velho, e de alguma outra coisa mais doce. Foi muito triste para mim pensar naquela casa como ela era ao ser construída: o lar de uma família funcional, talvez, um operário de fábrica com mulher e filhos. Alguém que saía todos os dias para

trabalhar num dos colossais prédios de tijolos que, agora abandonados, ainda margeiam as ruas de Kensington. Alguém que chegava em casa ao final de cada dia de trabalho e agradecia a Deus antes de jantar. Nós nessa hora estávamos em pé no que poderia ter sido um dia uma sala de jantar. O cômodo agora estava despido de qualquer mobília, com exceção de algumas cadeiras dobráveis apoiadas numa das paredes. Em respeito à casa, tentei imaginar como aquela sala poderia ter sido uma geração antes: uma mesa oval coberta por uma toalha de renda. Um carpete felpudo no chão. Poltronas estofadas. Nas janelas, cortinas feitas pela avó de alguém. Na parede, um quadro de frutas numa fruteira.

Jim, o dono da casa, imaginei, entrou usando uma camiseta preta e um short jeans e ficou parado nos olhando. Seus braços pendiam, sem forças.

— Está procurando a Kacey? — ele me disse. Na hora me perguntei como ele sabia. Eu provavelmente parecia inocente, como uma salvadora, uma guardiã, alguém que continuava a procurar em vez de fugir. Durante toda minha vida eu tive esse aspecto. Na verdade, levei bastante tempo depois de entrar na polícia para desenvolver determinados hábitos e maneirismos que conseguissem convencer as pessoas que eu prendia que eu era alguém a ser levada a sério.

Fiz que sim com a cabeça.

— Lá em cima — indicou Jim. — Ela não está se sentindo bem — foi o que pensei que ele tivesse dito, embora não tenha escutado exatamente e ele possa ter dito várias coisas, qualquer coisa. Eu já tinha partido.

No corredor do andar de cima todas as portas estavam fechadas, e atrás delas podia haver horrores desconhecidos, pensei. Reconheço que estava com medo. Passei algum tempo sem me mexer. Mais tarde, desejaria não ter feito isso.

— Kacey — falei baixinho, torcendo para ela simplesmente aparecer.

— Kacey — repeti, e a cabeça de alguém surgiu de trás de uma porta, depois tornou a desaparecer.

O corredor era mal-iluminado. Lá embaixo, eu podia ouvir Paula jogando conversa fora: sobre o irmão, sobre os vizinhos, sobre a polícia que ultimamente vinha patrulhando a Avenida em grandes contingentes, para consternação geral.

Por fim, reunindo coragem, bati de leve na porta mais próxima de mim e, depois de esperar alguns segundos, abri.

E lá estava a minha irmã. Eu soube primeiro pelos cabelos, que Kacey tingira pouco tempo antes de rosa fluorescente e que agora estavam espalhados atrás dela sobre um colchão sem lençol. Ela estava deitada de lado, de costas para mim, e, na ausência de um travesseiro, sua cabeça estava virada num ângulo esquisito.

Ela não estava usando roupas suficientes.

Eu soube que ela estava morta antes de alcançá-la. Conhecia aquela sua posição depois de uma infância inteira passada dormindo ao seu lado na mesma cama, mas nesse dia seu corpo exibia um tipo diferente de flacidez. Os membros pareciam excessivamente pesados.

Virei-a de costas pelo ombro. Seu braço esquerdo rolou para cima da cama. Uma tira de camiseta de algodão pendia, agora frouxa, em volta da parte inferior do bíceps. E abaixo desse torniquete improvisado via-se o longo e claro rio de sua veia. Seu rosto estava flácido e azul, a boca aberta, os olhos fechados, a não ser por uma nesga branca que aparecia sob os cílios.

Sacudi-a. Gritei seu nome. A seringa estava ao lado dela sobre a cama. Tornei a gritar seu nome. Ela cheirava a fezes. Dei-lhe um tapa no rosto, com força. Na época, eu nunca tinha visto heroína. Nunca tinha visto ninguém doidão de heroína.

— Liga pra emergência — gritei, o que em retrospecto chega a ser engraçado. Não havia absolutamente nenhuma chance de autoridades de qualquer tipo serem chamadas para aquela casa. Mas eu continuava gritando isso quando Paula chegou no quarto e tapou minha boca com a mão.

— Ai, caralho — disse ela ao olhar para Kacey, e então (e hoje fico maravilhada ao pensar na sua coragem, na sua presença de espírito, na rapidez e na precisão de seus movimentos) passou um braço por baixo dos joelhos dela e o outro por baixo dos seus

ombros e a levantou da cama. Kacey era rechonchuda no ensino médio, mas Paula nem pareceu notar. Pegou-a no colo atleticamente e desceu trotando a escada, com as costas viradas para a parede, tomando cuidado para não tropeçar, e então saiu da casa com ela. Eu fui atrás.

— Não liguem daqui de perto — disse a mulher que tinha aberto a porta.

Ela está morta, pensei, morta. Minha irmã está morta. Tinha visto o rosto morto de Kacey na minha frente naquela cama. Embora nem Paula nem eu tenhamos checado para ver se ela estava respirando, eu estava convencida de que a perdera, e minha mente avançou rapidamente em *fast forward* por um futuro sem minha irmã: minha formatura no ensino médio, sem Kacey. Meu casamento. O nascimento dos meus filhos. A morte de Gee. E foi por pena de mim mesma que eu comecei a chorar. Por ter perdido a única outra pessoa capaz de suportar todo o peso que nos fora atribuído ao nascer. O peso de nossos pais mortos. O peso de Gee, a cujas gentilezas esporádicas nós nos agarrávamos com fé, mas cujas crueldades eram rotineiras. O peso da nossa pobreza. Meus olhos ficaram marejados. Eu não conseguia mais ver o chão. Tropecei num pedaço de calçada que fora forçado para cima por uma raiz de árvore.

Segundos depois, fomos vistas por um jovem policial recém-designado para aquela área: parte do afluxo de agentes do qual Jim e Paula estavam reclamando. Em poucos minutos uma ambulância chegou, e eu acompanhei minha irmã até lá dentro e a vi ser ressuscitada com Narcan, trazida de volta do mundo dos mortos com violência, como num milagre, chorando de dor, de náusea e desespero, implorando para a deixarmos voltar.

Foi esse o segredo que eu aprendi nesse dia: nenhum deles quer ser salvo. Todos querem afundar de volta para a terra, ser engolidos pelo chão, continuar dormindo. Há ódio em seus semblantes quando são despertados da morte. É uma expressão que eu agora já vi dezenas de vezes no meu trabalho, em pé atrás de algum pobre socorrista cujo trabalho é puxá-los de volta do lado de

lá. Foi essa a expressão no rosto de Kacey nesse dia, quando seus olhos se abriram, quando ela xingou, quando chorou. Uma expressão direcionada a mim.

AGORA

Lafferty e eu somos dispensados da cena do crime. Caberá agora ao sargento Ahearn encerrá-la, supervisionar o médico-legista, os investigadores da Leste, a Unidade de Criminalística.

Ao meu lado no carro, Lafferty enfim se cala. Eu relaxo, só um pouco, ouvindo o barulho dos limpadores de para-brisa, o chiado baixo do rádio.

— Tudo bem? — pergunto a ele. Ele faz que sim com a cabeça.

— Alguma pergunta?

Ele faz que não com a cabeça. Mais uma vez voltamos ao silêncio.

Penso nos diferentes tipos de silêncio que existem; aquele dali é desconfortável, tenso, o silêncio entre dois desconhecidos com algo não dito entre eles. Aquilo me faz sentir saudades de Truman, cujos silêncios eram tranquilos, cuja respiração regular sempre me lembrava de diminuir o ritmo.

Cinco minutos se passam. E por fim ele fala.

— Dias melhores.

— Como é? — digo eu.

Lafferty faz um gesto indicando o espaço em volta.

— Eu disse que este bairro já viu dias melhores, né? Era um bairro decente quando eu era criança. Eu costumava vir aqui jogar beisebol.

Franzo a testa.

— Aqui não é ruim — digo. — Tem partes boas e partes ruins, eu acho.

Como a maioria dos bairros.

Lafferty dá de ombros, nada convencido. Faz menos de um ano que ele está na polícia, e já está reclamando. Alguns policiais têm o hábito feio e destrutivo de ficar criticando sem parar os distritos que patrulham. Já ouvi muitos agentes — entre eles, lamento dizer, o próprio sargento Ahearn — se referirem a Kensington usando termos que não condizem com alguém encarregado de proteger e melhorar uma comunidade. *Merdolândia*, diz às vezes o sargento Ahearn durante a chamada. *K-de-Judas*.

Noiópolis, EUA.

— Eu preciso de um café — digo, então, para Eddie Lafferty. Em geral compro meu café numa lojinha de esquina, daquelas com cafeteiras de vidro em cima de *réchauds* e cheiro de areia de gato e sanduíche de ovo impregnado nas paredes. O dono, Alonzo, a essa altura já é um amigo. Mas tem um lugar novo no qual tenho andado de olho, o Bomber Café, parte da leva de comércios abertos recentemente na Front Street, e imagino que seja o desprezo de Lafferty pelo bairro que me faz sugerir-lo.

Tem alguma coisa nesses novos lugares — o Bomber em especial — que me atrai para eles toda vez que passo. Algo nos interiores, feitos de aço frio ou de madeira quente e ressonante. Algo nas pessoas lá dentro, que parecem ter sido largadas no nosso setor vindas de outro planeta. Consigo apenas imaginar o que elas pensam, sobre o que conversam e escrevem: livros, roupas, música e que plantas colocar dentro de casa. Ficam pensando em nomes para seus cachorros. Pedem bebidas com nomes impronunciáveis. Às vezes tudo que eu quero é ficar longe das ruas por um instante, junto dessas pessoas com preocupações assim.

Quando encosto a viatura em frente ao Bomber Café, Lafferty olha para mim. Cético.

— Tem certeza disso, Mike? — pergunta ele. O nome é uma referência a *O poderoso chefão*. Referência que ele provavelmente não imagina que eu vá reconhecer. O que ele não sabe é que eu vi a trilogia várias vezes, não por escolha própria, e que todas as vezes os filmes me desagradaram profundamente.

— Está disposta a pagar quatro dólares pelo seu café? — insiste ele.

— Eu pago o seu, pode deixar — respondo.

Fico nervosa quando entramos, e irritada comigo mesma por me sentir assim. Em uníssono, todo mundo dentro do café faz uma breve pausa para reparar em nossos uniformes e em nossas armas. Uma olhada de cima a baixo com a qual já estou muito acostumada. Então todos voltam a seus notebooks.

A menina atrás do balcão é magra, tem uma franja que corta sua testa em linha reta e usa uma espécie de gorro de inverno que

segura a franja no lugar. O menino ao seu lado tem os cabelos escuros nas raízes e tingidos de louro-platinado desbotado nas pontas. Seus óculos são grandes e lembram uma coruja.

— Pois não? — diz o menino.

— Dois cafés médios, por favor — peço. (Reparo com certa satisfação que cada um custa apenas dois dólares e cinquenta centavos.)

— Algo mais? — pergunta o menino. Ele agora está de costas para nós, servindo o café.

— Sim — diz Lafferty. — Aproveita e põe um pouco de uísque dentro.

Ele diz isso sorrindo, esperando uma reação. É um tipo específico de humor que reconheço dos meus tios: cafona, previsível, inofensivo. Lafferty é alto e levemente atraente, e deve estar acostumado a agradar. Ele ainda está sorrindo quando o menino se vira.

— Nós não vendemos bebida alcoólica — retruca o menino.

— Foi brincadeira — diz Lafferty.

O menino nos entrega nossos cafés com um ar solene.

— Vocês têm um toailete que eu possa usar? — pergunta Lafferty. Seu tom simpático agora desapareceu.

— Está interdito — diz o garoto.

Mas eu vejo o banheiro ali, uma porta na parede dos fundos do café, clara como a luz do dia, sem qualquer placa, sem nada a indicar que esteja interdito. A outra funcionária, a garota, não cruza olhares conosco.

— Tem outro? — pergunta Lafferty. Como em muitos lugares, os agentes do Departamento de Polícia da Filadélfia têm um consenso: nós não temos escritório, e passamos o dia inteiro no carro. Toaletes públicos são uma parte importante da nossa rotina.

— Não — diz o garoto, e nos entrega os copos. — Algo mais?

Estendo meu dinheiro sem dizer nada. Saio do café. Vamos voltar para a lojinha de esquina de Alonzo na hora do nosso café da tarde. Alonzo nos deixa usar seu banheirinho escuro e imundo mesmo quando não compramos nada. Ele sorri para nós. Conhece Kacey. Sabe o nome do meu filho e pergunta como ele está.

— Que garotada legal — comenta Lafferty, uma vez na rua. — Uns amores.

Sua voz está amarga. Ele ficou magoado. Pela primeira vez simpatizo com ele.

Bem-vindo a Kensington, eu penso. Não finja saber alguma coisa sobre este lugar, não ainda.

No fim do nosso plantão, paro a viatura no estacionamento — inspeciono-a com ainda mais cuidado do que faria normalmente, certificando-me de que Lafferty está olhando —, e nós dois entramos na delegacia para entregar nosso registro de atividades.

O sargento Ahearn está de volta à sua sala, um espaço minúsculo feito um armário, com paredes de concreto que suam sempre que o ar-condicionado está ligado, mas que é seu, algo que lhe pertence. Ele tem uma placa pendurada na porta que diz *Bater Antes de Entrar*.

Nós batemos.

Lá dentro, ele está sentado diante da sua mesa olhando para algo no computador. Sem dizer nada, pega o registro e nem olha para nós.

— Boa noite, Eddie — diz ele quando Lafferty sai.

Demoro-me mais alguns instantes na soleira da porta.

— Boa noite, Mickey — diz ele. Enfatizando as palavras.

Hesito por um instante. Então pergunto:

— Você tem alguma coisa para me dizer sobre a nossa vítima?

Ele suspira. Ergue o rosto da tela. Faz que não com a cabeça.

— Ainda não — responde ele. — Nenhuma novidade.

Ahearn é um homem baixo e franzino, de cabelos grisalhos e olhos azuis. Não é feio, mas sua estatura o deixa inseguro. Com 1,72 metro, eu tenho pelo menos cinco centímetros a mais do que ele. A diferença às vezes o faz ficar na ponta dos pés, equilibrando-se ao falar comigo. Nesse dia, sentado diante da mesa, ele é poupado dessa humilhação.

— Nada? — pergunto. — Ela não foi identificada?

Ahearn torna a negar com a cabeça. Não tenho certeza se acredito nele. É um cara estranho: gosta de esconder o jogo, mesmo quando não tem motivo para isso. Um hábito cujo objetivo principal é enfatizar a quantidade relativamente insignificante de poder que ele tem sobre nós, creio eu. Ele nunca gostou de mim. Atribuo isso a um erro que cometi certa vez, pouco depois de ele ser transferido de outro distrito para o nosso: ele deu uma informação errada durante a chamada sobre um criminoso que estávamos procurando, e eu levantei a mão para corrigir. Foi um ato bobo e impensado — o tipo de coisa, como percebi tarde demais, que eu deveria ter lhe dito depois, para preservar a ordem e a hierarquia —, mas a maioria dos sargentos teria deixado passar essa pequena infração, teria dito obrigado e talvez feito uma piada a respeito. Ahearn não: ele me encarou com um olhar que eu vou demorar para esquecer. Truman e eu costumávamos brincar que Ahearn tinha pinimba comigo. Por baixo da leveza desses comentários, acredito que nós dois de fato nos preocupávamos.

Então digo a Ahearn:

— Eu nunca a vi trabalhando antes. Só para o caso de você estar pensando nisso.

— Eu não estava — retruca ele.

Deveria estar, eu quero dizer. É uma informação importante. Pode significar que ela era nova no nosso distrito ou que estava apenas de passagem. Os agentes da ronda são aqueles que conhecem melhor os setores em que trabalham: somos nós quem estamos nas ruas, nos familiarizando com cada loja e cada residência, conhecendo as pessoas que as povoam. Os investigadores da Leste que estiveram na cena do crime me fizeram essa pergunta, e várias outras também que me tranquilizaram com a sua especificidade.

Não digo nada disso. Bato uma vez no batente da porta dele. Viro-me para sair.

Antes que eu possa fazê-lo, Ahearn fala. Está olhando para o computador, não para mim.

— Como vai o Truman? — pergunta ele.

Detenho-me. Espantada.

— Bem, eu acho — respondo.

— Não tem notícias dele?

Dou de ombros. Às vezes é difícil entender o que Ahearn está querendo dizer, mas aprendi que ele sempre está querendo dizer alguma coisa.

— Que engraçado — comenta. — Pensei que vocês fossem chegados.

Ele prende meu olhar por um segundo a mais do que eu gostaria.

No caminho para casa, ligo para Gee. É raro nos falarmos hoje em dia. Mais raro ainda nos vermos. Quando Thomas nasceu, eu tomei a decisão de dar a ele um tipo de criação inteiramente diferente da que eu tive, e isso significa evitar Gee o quanto possível — na verdade, evitar todos os O'Brien. Com relutância, devido a alguma noção de obrigação familiar da qual não consigo me livrar, executo o ritual automático de levar Thomas para visitar Gee em algum momento próximo ao Natal, e ligo o telefone de vez em quando para me certificar de que ela ainda está viva. Embora ela às vezes reclame, não acho que realmente se incomode com a nossa ausência. Ela nunca me telefona. Nunca oferece nenhuma ajuda com Thomas, muito embora esteja inteira o suficiente para realizar seu trabalho de bufê e para trabalhar algumas horas num mercado da rede Thriftway. Ultimamente passei a pensar que se eu parasse de entrar em contato com ela nós nunca mais nos falaríamos.

— Pode falar — diz Gee após vários toques. Ela sempre atende o telefone assim.

— Sou eu — digo, e Gee pergunta:

— Eu quem?

— Mickey — respondo.

— Ah. Não reconheci sua voz.

Passo alguns instantes calada, registrando a indireta. O eterno jogo de fazer eu me sentir culpada. Ali está ele.

— Liguei só para saber se você tem tido notícias da Kacey.

— Por que você se importa com isso? — rebate Gee, desconfiada.

— Nenhum motivo especial — digo eu.

— Não — diz Gee. — Você sabe que eu passo longe. Sabe que aquela palhaçada dela comigo não cola. Eu passo longe — ela repete, só para enfatizar.

— Tá bom. Me avisa se souber dela?

— O que você está querendo? — pergunta Gee.

— Nada — respondo.

— Se você soubesse o que é bom para você também ficaria longe.

— Eu sei.

Após uma pausa curta, Gee diz:

— Eu sei que você sabe.

Tranquilizada.

— Como vai o meu bebê? — pergunta ela, mudando de assunto. Sempre foi mais amorosa com Thomas do que jamais foi conosco. Mima-o quando o vê, tira da bolsa um monte de chocolate antigo e já meio derretido que desembrulha e lhe dá na boca. Nessas pequenas gentilezas, eu vejo um eco do modo como ela devia tratar a própria filha, nossa mãe, Lisa.

— Anda muito levado — eu digo. Sem pensar de fato isso.

— Para — protesta Gee. Eu finalmente ouço um sorriso na sua voz, um sorriso muito tênue. — Para com isso. Não fala assim do meu menino.

— Anda mesmo — reitero.

Aguardo. Parte de mim espera, ainda espera que Gee seja a primeira a falar, que me peça para levar Thomas à sua casa, que se ofereça para cuidar dele para mim, que peça para ir conhecer nossa casa nova.

— Mais alguma coisa? — pergunta Gee por fim.

— Não — respondo. — Acho que é isso.

Antes de eu conseguir dizer qualquer outra coisa, ela já desligou.

A sra. Mahon, dona da casa em que eu moro, está passando o rastelo no seu quintal da frente quando eu chego de carro. Ela mora numa antiga casa colonial de dois andares com um apartamento construído de qualquer maneira como um puxadinho no terceiro andar. O acesso até o apartamento — nosso agora, há quase um ano — é feito por uma escada mambembe nos fundos da casa. Apesar de o terreno ser pequeno, há um quintal comprido atrás da casa que Thomas pode usar, e um balanço de pneu muito antigo pendurado numa árvore. Tirando o quintal, o principal atrativo do apartamento é o preço: quinhentos dólares por mês, incluindo água, luz e gás. Encontrei-o por indicação do irmão de outro agente, que estava se mudando de lá. Não é grande coisa, disse o irmão, mas é limpo, e a proprietária é rápida para mandar consertar as coisas. Vou ficar com ele, falei. Nesse mesmo dia pus à venda minha casa em Port Richmond. Foi difícil fazer isso; eu amava aquela casa. Não tive outra escolha.

Agora, pela janela do motorista, dou um rápido aceno para a sra. Mahon, que faz uma pausa ao me ver e fica parada com um dos cotovelos apoiado no cabo de madeira do rastelo.

Desço do carro. Torno a acenar. Há compras no banco de trás do carro e ocupo as mãos com elas, fazendo pequenos ruídos para indicar minha grande e eterna pressa. Sempre senti na sra. Mahon uma carência que não me sinto preparada para investigar. Para começar, ela está quase sempre no quintal da frente, esperando para puxar conversa com qualquer um que porventura passe por ali (reparei que o carteiro também ostenta uma expressão de cautela ao se aproximar); e para mim ela sempre parece ao mesmo tempo preocupada e esperançosa, como se quisesse que alguém perguntasse o que a está afligindo para ela poder discorrer um pouco sobre isso. Sem ser solicitada, ela dá conselhos — sobre o apartamento, sobre o carro, sobre nossa escolha de roupa que, segundo ela, em geral está equivocada para o tempo do dia — com o tipo de urgência que se poderia usar tipicamente no caso de emergências médicas. Tem cabelos brancos curtos e cordões de carne macia entre o queixo e as clavículas que se movem quando

ela mexe a cabeça. Usa suéteres de moletom com motivos natalinos e calças jeans folgadas azul-claras. Eu soube pelos vizinhos de porta que ela já foi casada, mas, se tiver sido mesmo, ninguém parece saber o que aconteceu com seu marido. Quando estou com uma disposição pouco gentil, imagino que ele talvez tenha morrido de irritação. Sempre que Thomas tem seus momentos de malcriação ao entrar ou sair do carro, posso ter certeza de que a sra. Mahon estará nos olhando da sua janela como um juiz assistindo a uma partida. Ela algumas vezes chegou a sair de casa para conseguir ver melhor, com os braços cruzados em frente ao peito, descontente.

Nesse dia, quando me endireito ao me afastar do banco de trás, segurando minhas compras, a sra. Mahon diz:

— Uma pessoa veio falar com você.

Enrugo a testa.

— Quem? — pergunto.

A sra. Mahon parece muito satisfeita quando lhe pergunto isso.

— Ele não deixou o nome — diz ela. — Só me disse que vai passar outra hora.

— Como ele era?

— Alto — responde a sra. Mahon. — Cabelo preto. Muito bonito — diz ela num tom de quem conspira.

Simon. Sinto uma pequena pontada na barriga. Não falo nada.

— O que a senhora disse a ele?

— Que você não estava em casa.

— Ele falou mais alguma coisa? — pergunto. — O Thomas cruzou com ele?

— Não — responde a sra. Mahon. — Ele só tocou minha campainha. Estava confuso. Acho que pensou que vocês morassem na minha casa.

— E a senhora o corrigiu? Disse a ele que a gente morava no apartamento de cima?

— Não. — Ela franze a testa. — Eu não sabia quem ele era. Não disse nada para ele.

Hesito. Deixar a sra. Mahon se inteirar de qualquer parte da minha vida contraria todos os meus instintos, mas nesse caso eu acredito não ter escolha.

— Por quê? — pergunta ela.

— Se ele aparecer de novo, diga que a gente se mudou e pronto — eu peço.

— Que a gente não mora mais aqui. O que a senhora quiser dizer.

A sra. Mahon se empertiga um pouco. Talvez orgulhosa por receber uma missão.

— Contanto que você não traga nenhum problema para cá — diz ela. — Não quero confusão na minha vida.

— Ele não é perigoso — digo. — Eu só não estou falando com ele. A gente se mudou para cá por um motivo.

A sra. Mahon aceita o que eu disse. Fico espantada ao ver nos seus olhos algo semelhante à aprovação.

— Tudo bem — diz ela. — Então vou fazer isso.

— Obrigada, sra. Mahon.

Ela me acena se despedindo.

Então, incapaz de se conter mais um só instante, ela me diz:

— Essa sacola vai arrebentar.

— Como?

— A sacola — diz a sra. Mahon, apontando para minhas compras. — Está pesada demais e vai arrebentar. É por isso que eu sempre peço para a menina colocar duas.

— Vou passar a fazer isso daqui para a frente — eu digo.

Quando voltei a trabalhar depois de Thomas nascer, ao final de cada dia costumava sentir uma ânsia física de estar com ele. Era algo parecido com a fome. Ao correr para buscá-lo na creche, imaginava um cordão a nos conectar que ia se retraíndo feito um ioiô conforme eu me aproximava. A sensação tinha se suavizado à medida que Thomas foi crescendo e se transformando numa versão mais branda de si mesmo, mas nesse dia eu ainda subo a escada de dois em dois degraus enquanto imagino seu rosto, seu sorriso largo, seus braços estendidos para mim.

Abro a porta. Ali está ele, o meu filho, correndo para mim na frente de Bethany, a babá.

— Que saudade — diz ele com o rosto a poucos centímetros do meu e as mãos no meu rosto.

— Você foi legal com a Bethany? — pergunto.

— Fui — responde ele.

Olho para Bethany para confirmar isso, mas ela já está com a cabeça voltada para o celular, ansiosa para ir embora. Há meses está claro para mim que preciso arrumar um esquema melhor. Thomas não gosta dela. Ele fala todos os dias sobre sua antiga escola em Fishtown, seus antigos amigos de lá, seus antigos professores. Mas é quase impossível encontrar alguém que possa ficar trocando da noite para o dia comigo a cada duas semanas, e Bethany — 21 anos, maquiadora em tempo parcial — é barata e está disponível em quase qualquer horário. O que ela oferece em flexibilidade, porém, deixa a desejar no quesito confiabilidade, e nos últimos tempos tem faltado com tanta frequência, alegando estar doente, que eu já gastei todas as folgas de que dispunha para cuidar de assuntos pessoais. Nos dias em que aparece, ela chega regularmente atrasada, o que também me faz chegar regularmente atrasada, o que torna o sargento Ahearn cada vez menos amistoso quando nos cruzamos na delegacia.

Nesse dia, agradeço a Bethany e lhe dou seu dinheiro. Sem dizer nada, ela vai embora. E na mesma hora a casa parece ficar mais leve.

Thomas olha para mim.

— Quando vou poder voltar pra minha escola? — pergunta ele.

— Thomas, você sabe que a sua escola fica longe demais. E setembro que vem você vai entrar para o jardim de infância, lembra?

Ele suspira.

— Falta só mais um pouquinho — digo eu. — Menos de um ano.

Outro suspiro.

— É tão ruim assim? — pergunto.

Mas é claro que eu me sinto culpada. Todas as noites quando estou no turno do dia, e muitas vezes também de manhã, tento compensar as coisas com ele: sento-me no chão ao seu lado e fico brincando até ele se cansar, tentando lhe ensinar tudo que precisa saber sobre o mundo, tentando atochá-lo com um monte de

conhecimento, coragem e curiosidade para que essas qualidades possam sustentá-lo mesmo durante os longos períodos que passo longe dele, os intermináveis finais de semana no turno da noite, durante os quais eu nem sequer consigo colocá-lo na cama.

Nesse dia, ele me mostra todo animado o que construiu durante a minha ausência: uma cidade inteirinha feita de trilhos de trem, trilhos de madeira que comprei de segunda mão, com bolinhas de cartolina representando rochas, montanhas e casas, e latas e garrafas que ele tirou da reciclagem para servir de árvores.

— A Bethany te ajudou a fazer isso? — pergunto, esperançosa.

— Não — diz ele. — Eu que fiz sozinho.

Há orgulho em sua voz. Ele não percebe — como poderia perceber? — que eu preferiria que a resposta tivesse sido sim.

Com quase cinco anos, Thomas é alto, forte e parrudo, e já mais inteligente do que deveria. É bonito também. Tão inteligente e tão bonito quanto Simon. Ao contrário do pai, porém, ele até agora é bom.

A Homicídios não entra em contato conosco no dia seguinte, nem no outro, nem no outro.

Duas semanas se passam. Ahearn continua a me pôr para trabalhar com Eddie Lafferty. Sinto falta de Truman. Sinto falta até das rondas solo que sucederam sua licença. Hoje em dia é pouco usual dois agentes trabalharem juntos por muito tempo — o orçamento anda apertado, e as viaturas para um único agente estão se tornando cada vez mais comuns —, mas Truman e eu formávamos uma dupla bem convincente. Trabalhávamos tão bem juntos que nossas reações eram praticamente coreografadas, e nossa produtividade era insuperável no distrito. Duvido muito que Eddie Lafferty e eu consigamos reproduzir essa relação. Diariamente, agora, fico escutando ele me falar sobre suas preferências alimentares, suas preferências musicais, suas inclinações políticas. Escuto-o reclamar da ex-mulher número três, em seguida dos millennials, em seguida dos idosos. Eu, se é que isso é possível, fico ainda mais calada do que no início.

Passamos para o turno da noite e trabalhamos das quatro da tarde até a meia-noite, cansados o tempo todo.

Sinto saudades do meu filho.

Várias vezes, talvez vezes demais, pergunto ao sargento Ahearn sobre a mulher que encontramos nos Trilhos. Se ela foi identificada, eu quero saber. A causa da morte foi estabelecida? A Homicídios quer falar mais alguma coisa conosco?

Todas as vezes ele desconversa.

Numa segunda-feira em meados de novembro, depois de quase um mês que encontramos o corpo, vou falar com Ahearn no início do meu turno. Ele está pondo papel na copiadora. Antes de eu conseguir dizer qualquer coisa, ele se vira para mim e diz: não.

— Como assim? — digo eu.

— Nenhuma novidade.

Passo alguns segundos sem dizer nada.

— Nenhum resultado de autópsia? — insisto. — Nada?

— Por que esse interesse todo? — pergunta ele.

Está olhando para mim com uma expressão esquisita, quase um sorriso. Como se estivesse me provocando, como se soubesse algo a meu respeito. É muito perturbador. Com exceção de Truman, eu nunca falo sobre Kacey no trabalho, e não tenho intenção nenhuma de começar nesse dia.

— Só estou achando estranho — digo. — Já faz um tempão que a gente encontrou o corpo. Só acho muito estranho não ter nada sobre ela, você não acha?

Ahearn respira fundo. Pousa a mão sobre a copiadora.

— Olha, Mickey — ele diz. — Isso é território da Homicídios, não meu. Mas eu ouvi dizer que o resultado da autópsia foi inconclusivo. E, como a vítima continua sem identificação, imagino que isso não deva estar no topo da lista deles.

— Você está de brincadeira — digo antes de conseguir me conter.

— Estou mais sério do que um enfarte — afirma Ahearn. Expressão de que gosta e que usa com frequência.

Ele torna a se virar para a copiadora.

— Ela foi estrangulada — digo. — Eu vi com meus próprios olhos.

Ahearn não diz nada. Eu sei que estou forçando a barra. Ele não gosta que forcem a barra com ele. Fica ali parado por um tempo de costas para mim, mãos nas cadeiras, esperando suas cópias ficarem prontas. Não diz nada.

Truman nessa hora me diria para desistir. Política, ele costumava me dizer. É tudo política, Mick. Encontre a pessoa certa e fique amiga dela. Fique amiga de Ahearn se for preciso. Proteja-se, só isso.

Só que eu nunca consegui agir assim, embora muitas vezes tenha tentado, do meu próprio jeito: como sei que Ahearn gosta muito de café, uma ou duas vezes levei café para ele, por exemplo, e uma vez, no Natal, cheguei a lhe dar de presente um pacote de grãos de uma lojinha independente perto da antiga creche de Thomas.

— O que é isso? — perguntou ele.

— Café em grãos — respondi.

— A gente é obrigado a moer em casa hoje em dia? — perguntou Ahearn.

— Sim — respondi.

— Eu não tenho moedor.

— Ah — fiz eu. — Bom, quem sabe no Natal que vem?

Ele sorriu,, um sorriso forçado, disse para eu não me preocupar e me agradeceu com educação.

Infelizmente, essas tentativas não pareceram melhorar nossa relação. E como Ahearn é o chefe do meu pelotão, ele em geral faz o mesmo rodízio que eu entre o turno do dia e o da noite e de volta para o do dia, e em geral, noventa por cento das vezes, é ele o sargento a quem me reporto. Seus agentes preferidos são os que se enturmam com ele, em geral homens, pessoas que pedem sua opinião ou conselho e então escutam com atenção, meneando a cabeça enquanto ele fala. Na verdade, já vi Eddie Lafferty fazer exatamente isso. Posso ver os dois no seu time de beisebol do ensino médio: Ahearn o líder, Lafferty o seguidor. No trabalho, essa

dinâmica parece convir a ambos. De modo que Lafferty talvez seja mais inteligente do que parece.

Quando as cópias ficam prontas, Ahearn as pega e bate na copiadora com a lateral da resma algumas vezes para nivelar as folhas.

Eu continuo ali parada, sem dizer nada, à espera de uma resposta. *Desista, Mick*, ouço Truman dizer no meu ouvido.

Ahearn se vira abruptamente para mim. Não está com uma expressão feliz.

— Vai falar com a Homicídios se tiver mais alguma pergunta — diz ele, e passa por mim a passos largos.

Mas eu sei o que vai acontecer se fizer isso. Nenhum pai ou mãe preocupado e bom para aparecer no vídeo significa nenhuma cobertura da imprensa. Nenhuma cobertura da imprensa significa nenhum caso. Só mais uma prostituta drogada morta na avenida Kensington. Nada com que o pessoal de Rittenhouse Square precise se preocupar muito.

Passo o turno inteiro abalada, e mais quieta do que nunca.

Até Lafferty repara que tem alguma coisa errada. Ele está tomando um café no banco do carona. Não para de olhar para mim de rabo de olho.

— Está tudo bem? — pergunta por fim.

Mantenho o olhar firme para a frente. Não quero falar mal do sargento Ahearn com ele. Ainda não tenho certeza do quão próximos os dois são, mas os seus históricos em comum me faz fechar a boca em relação ao que estou sentindo. Em vez disso, decido apresentar as coisas de um modo mais genérico.

— Estou só frustrada — digo.

— O que houve?

— Sabe aquela mulher que a gente encontrou nos Trilhos mês passado?

— Hã?

— O resultado da autópsia dela chegou.

Lafferty toma um pequeno gole do seu café. O calor o faz franzir os lábios.

— Fiquei sabendo — comenta ele.

— Inconclusivo — digo eu. Ele não diz nada.

— Dá pra acreditar? — pergunto. Lafferty encolhe os ombros.

— Acho que isso está além da minha alçada — diz ele. Encaro-o.

— Você a viu também. Viu o mesmo que eu vi.

Lafferty dessa vez se cala e fica olhando pela janela. Dois minutos transcorrem em silêncio.

Ele então diz:

— Talvez não seja uma coisa ruim.

Aguardo um pouco. Quero ter certeza de que estou entendendo bem o que ele diz.

— Não me leve a mal — ele diz. — É uma pena quando qualquer um morre. Mas que vida.

Congelo. Ainda não confio em mim mesma para responder. Passo um tempo concentrada na rua à minha frente.

Por um breve instante cogito contar a ele sobre Kacey. Para constrangê-lo, talvez. Para fazê-lo se sentir mal. Mas antes de conseguir dizer qualquer coisa ele começa a balançar a cabeça de um lado para outro devagar.

— Essas garotas — diz ele. Olha para mim, leva um dos dedos à têmpora direita e dá duas batidas. *Umás burras*, é o que ele quer dizer. *Elas não pensam*.

Contraio o maxilar.

— Como assim, o que você quer dizer com isso? — pergunto em voz baixa.

Lafferty me encara com as sobrancelhas arqueadas. Encaro-o de volta. Posso sentir meu rosto esquentando. É um problema que eu sempre tive, a vida inteira. Meu rosto fica muito vermelho toda vez que estou com raiva, ou com vergonha, ou às vezes até satisfeita. Uma reação desvantajosa numa policial.

— O que você quer dizer com isso? — torno a perguntar. — Você disse *essas garotas*. O que isso significa?

— Sei lá — diz Lafferty. — Só que...

Ele faz um gesto com as mãos para abarcar o espaço em volta, do lado de fora do carro.

— Eu só me sinto mal por elas, só isso.

— Não acho que seja isso que você está querendo dizer — comento. — Mas tudo bem.

— Ei — diz Lafferty. — Ei. Não foi minha intenção ofender ninguém.

ANTES

Quando éramos pequenas, houve um passeio da escola para alguns alunos do quarto e quinto ano para ver *O Quebra-Nozes* em Center City. Eu tinha 11 anos, velha para a minha série, e Kacey tinha nove.

Naquela época, eu era quase muda na escola. Quando falava, era num volume muito baixo, tão baixo que Gee costumava me dizer para falar mais alto, assim como a maioria dos meus professores. Eu tinha poucos amigos. Passava o recreio lendo. Adorava quando o mau tempo nos obrigava a ficar dentro da sala.

Kacey, ao contrário, fazia amigos aonde quer que fosse. Ela, na época, era pequena e agitada, com cabelos claros, pernas e braços fortes e um rosto que mantinha quase sempre abaixado. Tinha os dentes da frente saltados, que muitas vezes tentava disfarçar com o lábio superior. Com os amigos, era afável e engraçada. De modo geral, as pessoas da nossa idade eram atraídas por ela. Mas ela também fazia inimigos: sobretudo aqueles que tinham por alvo os fracos, que trocavam a crueldade com os outros por validação social, escambo que desde a mais tenra idade Kacey desprezava. Portanto, ela costumava apontar essas injustiças onde ocorressem, e então saía de modo ardente e muitas vezes violento em defesa dos alunos da turma que ocupassem as posições mais inferiores na escala social — até mesmo quando isso não se justificava, alegavam seus professores, ou quando esses colegas não queriam ou não precisavam da sua proteção. Por esse motivo, Kacey tinha sido recentemente expulsa do Sagrado Redentor (nem mesmo na época eu deixei passar a ironia do nome), ou seja, nós duas fomos expulsas, pois Gee não queria que estudássemos em escolas diferentes.

Para mim, isso foi uma falta de sorte. Eu gostava do Sagrado Redentor. Tinha defensores lá: duas professoras, uma laica e a outra freira, que haviam desenvolvido um interesse especial por mim e pelas minhas habilidades, conseguido penetrar minha timidez, e viram em mim algo que haviam passado vários anos cuidadosamente tentando puxar para fora. E que, separadamente, e por iniciativa própria, tinham dito a Gee pensar que eu era

superdotada. Embora isso tenha me agradado, embora tenha justificado a meus olhos a leve vaidade que eu sempre tivera em relação à minha própria inteligência, havia também uma parte de mim que na época desejou que elas não tivessem feito isso. Porque, para Gee, superdotada significava *metida*, e mesmo eu não tendo sido castigada por esse motivo, bom, com certeza recebi olhares atravessados por algum tempo.

Quando Kacey entrou em sua última briga, a que nos fez sermos expulsas, Gee se postou na nossa frente, esbravejando, enquanto nós duas ficávamos sentadas no sofá.

— *Você* — disse ela, e meneou a cabeça para mim — precisa ficar de olho *nela* — disse, gesticulando com a cabeça em direção a Kacey. Então fomos as duas estudar na escola pública próxima, que ficava na avenida Frankford, junto com todas as crianças cujos pais eram demasiado pobres ou demasiado disfuncionais para mantê-las numa escola religiosa. Talvez isso significasse que Gee também era, supus eu.

Na nossa nova escola, a Hanover, Kacey foi adotada de modo imediato e nem um pouco surpreendente por um grupo de outros alunos extrovertidos, e eu prontamente esquecida. Nessa escola, as crianças tímidas passavam o dia inteiro sem que ninguém prestasse atenção nelas. Qualquer aluno que não complicasse mais ainda a vida de seu professor recebia em geral um ou dois elogios por bom comportamento, depois era abandonado para se apagar em silêncio no fundo da sala de aula. Com certeza isso não era culpa exclusiva dos professores. Nossas salas tinham a lotação máxima, trinta alunos indisciplinados no geral, num espaço pequeno. Esse era o seu único jeito de sobreviver.

Apesar disso, estudar na Hanover era o único motivo pelo qual estávamos indo assistir ao *Quebra-Nozes*. Às vezes, os alunos das escolas públicas da Filadélfia recebiam coisas que os alunos das escolas religiosas não recebiam. A prefeitura praticava caridades de vários tipos com suas escolas públicas: casacos destinados a nos aquecer no inverno; material escolar para nos manter interessados nos estudos; passeios culturais para nos permitir pensar durante

umas poucas horas nas grandes questões da vida, em geral reservadas aos ricos e ociosos. Nesse caso, o passeio era um prêmio concedido aos alunos que tivessem vendido mais papel de embrulho num evento anual de arrecadação de fundos, desafio que Kacey e eu tínhamos levado muito a sério, passando o outono inteiro indo de porta em porta durante os finais de semana. Na verdade, nós tínhamos tirado primeiro e segundo lugar.

Eu, pelo menos, fiquei maravilhada.

Naquele dia, tinha posto um vestido, meu único vestido, trazido para casa por Gee da Thriftway de Queen Village num raro momento de frivolidade. Eu o achava lindo: um vestido sem mangas de algodão azul com florzinhas brancas no corpete. Só que a roupa, àquela altura, já tinha dois anos e estava pequena demais, e por cima dela Gee me obrigou a vestir uma parca azul de menino que pertencera a Bobby, um primo nosso pelo lado de mãe. O casaco nem sequer tinha sido lavado. Estava manchado de sal e com um cheiro azedo igual ao do próprio Bobby. Por baixo dele, o vestido ficava péssimo; mesmo na época eu percebia isso. Mas eu nunca havia assistido a um balé antes e, não sei por quê, queria demonstrar meu respeito, afirmar de alguma forma a gravidade da ocasião. Então pus o vestido, e por cima pus a parca azul, e depois do almoço fiquei esperando num comprido corredor da escola os ônibus chegarem, na fila junto com todo mundo, lendo meu livro.

Kacey, logo na minha frente, estava cercada de amigos, como de hábito.

Quando chegou a hora de embarcar, subi a escada do ônibus atrás da minha irmã e então a segui até a traseira do veículo, onde me sentei na poltrona atrás dela. Foi uma escolha destinada a certificar meus pares quanto à minha independência e a mim mesma quanto à proximidade de Kacey. Sua presença em qualquer situação, familiar ou educativa, tinha tendência a me reconfortar.

Naquele dia, estávamos acompanhados por um professor de música inteligente e engraçado, o sr. Johns, que havia orquestrado o passeio todo. Ele era jovem — provavelmente mais jovem do que eu sou hoje — e no ano seguinte foi roubado por uma escola melhor num

subúrbio rico da cidade. Quando os ônibus estavam chegando em City Hall, ele se levantou na frente do nosso, bateu duas palmas, então ergueu a mão direita no ar com dois dedos esticados, sinal que supostamente queria dizer *silêncio*. Todos então eram obrigados a retribuir a saudação. Como sempre, aguardei alguém fazê-lo primeiro, então ergui a mão no ar, aliviada.

— Escutem — disse o sr. Johns. — Quais são as regras sobre as quais falamos em aula?

— Não conversar! — gritou alguém.

— Um — disse o sr. Johns, levantando um dos polegares.

— Não chutar o assento da frente! — disse a mesma pessoa.

— Tá — disse o sr. Johns. — Essa não é uma das regras que mencionamos, mas é verdade.

Com hesitação, ele levantou um segundo dedo.

— Mais alguém? — perguntou.

Eu sabia uma das respostas. Era *Esperar ouvir os outros aplaudindo para aplaudir*. Não falei nada.

— Esperar ouvir os outros aplaudindo para aplaudir — disse o sr. Johns.

— Número quatro, ficar sentado — continuou ele. — Número cinco, nada de cochichar com os amigos. Nada de risinhos. Nada de ficar se remexendo na poltrona como um aluno do jardim de infância.

Ele tinha nos contado toda a história do balé na aula de música da semana anterior. Na história, uma menininha mora numa mansão, disse ele. Isso foi antigamente, continuou ele, então todo mundo no palco estará usando roupas antiquadas.

Ele parou para pensar.

— Ah, e os homens vão estar de meia-calça, então podem já ir se acostumando — avisou. — Os pais da menina dão uma festa de Natal e convidam o tio sinistro dela, que na verdade é um cara legal, e ele dá uma boneca de presente para ela. A boneca se chama Quebra-Nozes, e podem aproveitar e ir se acostumando com isso também. Nessa noite, a menina adormece e tem um sonho comprido que é o resto do balé — contou ele.

— A boneca Quebra-Nozes ganha vida e se transforma num príncipe que espanta camundongos gigantes, leva a menina para uma terra de flocos de neve, e depois a leva para um lugar cujo nome eu esqueci. Parece aquele jogo Candy Land. A menina e o príncipe ficam vendo algumas danças diferentes serem executadas. Fim — disse o sr. Johns.

— Ela volta para a vida real depois disso? — perguntou um menino da minha turma.

— Eu esqueci — respondeu o sr. Johns. — Acho que volta.

Nós tínhamos crescido a menos de cinco quilômetros do centro da Filadélfia, mas só íamos lá uma vez por ano, no dia 1.º de janeiro, para ver alguns de nossos primos, tios, chefes dos tios e amigos dos tios marcharem no desfile do Mummers Parade. Portanto, é possível que eu já tivesse visto a Academia de Música antes — ela fica bem na Broad Street, que faz parte do trajeto do desfile —, mas com certeza nunca tinha entrado lá. É um belo prédio de tijolos com janelas altas em forma de arco e lampiões antiquados que ardem incansáveis junto às portas de entrada.

Enquanto saltávamos do ônibus, nossos professores formaram uma fila rente ao meio-fio, interpondo-se entre as crianças e o tráfego e guiando-nos para dentro do saguão com as mãos cobertas por luvas com ou sem dedos.

Mais uma vez fui atrás de Kacey, e reparei que estava arrastando os pés no chão: pude ouvir o som na calçada. Gee ficaria brava com ela depois. Kacey sempre foi assim: fazia o que não devia, exigia uma reprimenda, desafiava os adultos da sua vida a tratá-la de modo cada vez mais duro, testava os limites da sua raiva. Sempre que podia eu a distraía desse comportamento, pois detestava assistir à punição que ela inevitavelmente recebia.

Entramos no saguão e fomos detidos pelas pessoas aglomeradas. Hoje, aquilo de que mais me lembro é a quantidade de meninas pequenas ali presentes com suas mães, bem no meio de um dia de escola. Elas tinham a mesma idade que nós, ou um pouco menos. Eram todas brancas, sem exceção. Em contraste, nosso grupo da escola parecia as Nações Unidas. Aquelas meninas vinham

dos subúrbios ricos da Main Line; já na época eu sabia disso. Usavam lindos sobretudos de cores vivas na altura dos joelhos e, por baixo, vestidos que pareciam ter sido feitos para bonecas: fru-frus, cetim, seda, veludo, debruns de renda e mangas bufantes. Vestidas assim elas pareciam joias, flores ou estrelas. Todas usavam meias-calças brancas e sapatos de verniz com fivelas, como se estivessem seguindo alguma regra que só elas conheciam. Muitas tinham os cabelos puxados para trás com força e presos em coques, do tipo que eu mais tarde veria as bailarinas usando.

Havia uns sessenta ou oitenta alunos da escola de ensino fundamental Hanover no saguão. Nós estávamos atravancando o espaço. Não sabíamos para onde ir.

— Vamos lá — disse o sr. Johns, mas ele também não parecia ter certeza. Por fim, um lanterninha se aproximou sorrindo e perguntou se ele era da escola Hanover. O sr. Johns pareceu aliviado e respondeu que sim.

— Por aqui — indicou o lanterninha.

Passamos diante daquelas meninas com suas mães, que nos encararam de volta boquiabertas, até mesmo as adultas. Encararam nossos casacos de gomos fofinhos, nossos tênis, nossos cabelos. Ocorreu-me que as mães também deviam ter tirado folga dos empregos. O que não me passou pela cabeça na época foi a possibilidade de elas nem sequer trabalharem. Toda mulher adulta que eu conhecia tinha um emprego, muitas vezes vários empregos. Cerca de metade dos homens também.

Nunca vou esquecer o instante em que o pano subiu. Desde o início fiquei fascinada. Havia neve caindo no palco — neve de verdade, me pareceu. Nada poderia ter me preparado para aquilo. Via-se o exterior, em seguida o interior de uma casa grande e muito bonita, e dentro dessa casa havia crianças bem-vestidas cuidadas por adultos igualmente bem-vestidos. As crianças recebiam lindos presentes e depois eram entretidas por uma série de bailarinos-bonecos em tamanho real. Quando brigavam, eram amorosas e cuidadosamente separadas por pais mais espantados do que bravos. No poço havia uma orquestra de verdade tocando. Pude sentir no meu próprio

corpo os movimentos lindos e desconhecidos dos bailarinos no palco, e na música ouvi trechos de melodias que me revelaram segredos cuja existência no mundo eu até então desconhecia. Na verdade, fiquei tão comovida que comecei a chorar, fato que tentei não deixar as crianças à minha volta perceberem. Deixei as lágrimas escorrerem silenciosamente por meu rosto no teatro escuro. Tentei não fungar.

Logo, porém, ficou difícil me concentrar, pois um motim estava começando nas fileiras ocupadas pelos alunos da Hanover.

Preciso ser justa: nenhum de nós nunca fora ensinado a ficar sentado por tanto tempo sem se mexer. Até mesmo na escola havia intervalos, muitos intervalos entre toda aquela imobilidade. Os outros alunos da Hanover sabiam que deveriam estar agradecidos e queriam se comportar bem com o sr. Johns, mas não sabiam como fazer isso. Eles se remexiam, cochichavam e desrespeitavam todas as regras. O sr. Johns e os sete outros professores presentes se inclinavam para a frente com frequência, então se viravam e fuzilavam as crianças com o olhar. Apontavam para os próprios olhos e em seguida para elas. *Estou de olho em vocês.* Todos nós tínhamos aprendido muitas coisas na vida: a fazer o que nos mandavam, a brincar sozinhos, a calar a boca, a ser ausentes. Mas nunca a ficar sentados no mesmo lugar assistindo por três horas a algo lento e abstrato. Não era uma competência que a maioria de nós tivesse.

Ao meu lado, Kacey estava enlouquecendo. Não parava de se remexer. Uma hora abraçava os joelhos, depois deixava as pernas caírem sobre a poltrona com um *tum*. Inclinava a cabeça para um lado e para o outro. Cutucou meu ombro, distraída, e eu lhe dei uma cotovelada. *Ai*, sussurrou Kacey. Ela bocejava com tudo. Fingiu pegar no sono e acordar várias vezes seguidas.

Na frente de Kacey estava sentada uma menina da nossa idade, uma das que tínhamos visto no saguão, com um coque perfeito nos cabelos e o sobretudo comprido e vermelho dobrado cuidadosamente no encosto da poltrona. O perfume de sua mãe flutuou até nós quando nos sentamos. Após um movimento particularmente violento de Kacey, a menina olhou para trás na sua

direção, uma vez só, em seguida tornou a virar a cabeça para o palco.

Kacey se inclinou para a frente.

— *Está olhando o quê?* — sussurrou ela bem no ouvido da menina. Eu gelei, e vi a menina se aproximar nervosa da mãe fingindo não ter escutado; então vi Kacey, atrás dela, cerrar um dos punhos e erguê-lo no ar. E por um estranho e perfeito segundo pensei que ela fosse bater: pude ver aquilo acontecendo, a mão da minha irmã se chocando com os músculos tensos da nuca da menina. Rapidamente estendi minha mão para impedir. Mas a mãe da menina se virou bem nessa hora e, ao ver a pose da minha irmã, sua boca se abriu com horror, e Kacey, envergonhada, baixou a mão. Ela então sossegou outra vez na sua poltrona, cansada, impotente. Conformada com algo que nenhuma de nós duas tinha entendido antes desse dia.

Hoje não tenho certeza se foi a mãe dessa menina que nos fez sermos postos para fora, ou se nossos professores decidiram coletivamente nos tirar do teatro. Tudo que sei é que, durante o intervalo, fomos conduzidos de novo por um saguão lotado, passando por aquelas mesmas meninas com suas mães, que agora formavam longas filas esperando para comprar balas, de volta até nossos ônibus amarelos, com nossos professores enfurecidos gesticulando para nos fazer andar.

Eu tinha ficado com a parca do meu primo Bobby o tempo todo, mas na última hora a tirei. Hoje, adulta, consigo entender que isso não fez sentido: nós estávamos saindo para o frio. Mas acho que, como criança, eu queria assinalar para os outros espectadores do balé ali no saguão que eu compreendia, que tinha me vestido para aquela ocasião, que tinha o direito de estar ali. Que eu era um deles. Eu vou voltar, estava dizendo com meu vestido de algodão já pequeno. Algum dia eu vou voltar.

Esse pequeno pedido de desculpas, porém, não conseguiu atingir seus alvos, e em vez disso foi aproveitado por dois alunos do quarto ano da Hanover, um menino e uma menina, que caíram na gargalhada.

— Por que ela está usando esse vestido feiço? — disse o menino bem alto, conseguindo assim a risada barata de alguns outros alunos à nossa volta. E, feito um relógio, Kacey, que estava um pouco na minha frente, se virou contra ele.

Ela estava esperando um pretexto. Na verdade, exibia um sorriso doloroso, quase como se estivesse aliviada por ter algum lugar óbvio para acertar o soco que, rápida e certa, desferiu na direção dele. Ela o estava segurando havia muito tempo. A maior parte da vida, talvez.

— Kacey, não — falei, mas era tarde demais.

AGORA

Depois do que Lafferty diz, *essas garotas*, eu sinto que não tenho outra escolha senão dizer ao sargento Ahearn que não quero mais fazer dupla com ele. Vou disposta a me explicar; cheguei até a preparar um discurso sobre nossas diferenças de estilo que deixaria nós dois com uma boa imagem, equilibrados, mas antes de eu conseguir continuar, Ahearn solta uma longa expiração.

— Tá bom, Mickey — diz ele. Nem sequer ergue os olhos do celular.

Passo uma semana trabalhando sem parceiro. Sinto-me aliviada por estar sozinha outra vez. Aliviada por poder parar quando e onde eu quero, escolher os chamados aos quais quero atender. E fico especialmente aliviada, agora, por poder ligar para a babá Bethany e pedir para falar com Thomas. Em cada telefonema, eu lhe conto histórias ou narro aquilo pelo qual estou passando, ou então lhe falo sobre meus planos para o nosso futuro. E digo a mim mesma que, embora isso possa não ser a mesma coisa que a minha presença física, pelo menos assim consigo proporcionar a ele algum estímulo intelectual. Além do mais, ele está se tornando muito bom conversador. Falar com ele quase me faz lembrar de quando eu tinha Truman ao meu lado no carro.

Certo dia de manhã, no começo de um turno do dia, entro na sala coletiva onde é feita a chamada e reparo que há um desconhecido no recinto. É jovem e está bem-vestido, de terno cinza. Tem uma cara séria. Gosto dele na hora. Está com um dos braços cruzado em volta da cintura fina. No outro, segura um envelope pardo. Um investigador, penso. Ele não diz nada a ninguém. Está esperando um sargento.

Ao chegar, Ahearn pede a atenção de todos e o rapaz se apresenta. Seu nome é Davis Nguyen, diz ele, da Investigadores Leste. Tem notícias para dar.

— De ontem para hoje nós tivemos dois homicídios no distrito — diz Nguyen.

Fico aliviada ao saber que as vítimas já foram identificadas. A primeira é Katie Conway, uma garota do Condado de Delaware, 17 anos de idade, branca, declarada desaparecida uma semana antes. A outra é Anabel Castillo, uma cuidadora de 18 anos, latina.

As duas foram encontradas em locais parecidos e estavam dispostas de maneira semelhante, diz Nguyen: Conway foi encontrada num terreno baldio perto de Tioga Street, descoberta e visível da rua; Castillo estava num terreno baldio perto de Hart Lane, com as pernas escondidas debaixo de um carro incendiado, a cabeça e os ombros expostos e totalmente visíveis para os passantes.

Ambas provavelmente estavam envolvidas na indústria do sexo, diz ele. Ambas, ele diz, foram muito provavelmente estranguladas. E os dois corpos tinham passado horas sem que ninguém avisasse sobre a sua presença. (Em Kensington, os inconscientes são uma visão tão corriqueira que, em geral, ninguém estranha a sua presença.)

Nguyen carrega fotos de Katie e Anabel no monitor de computador pregado na parede. Durante alguns longos segundos, todos na sala ficam parados, olhando para as vítimas que nos sorriem de tempos mais felizes. Ali está a jovem Katie numa festa, talvez seu aniversário de 16 anos, em pé ao lado de uma piscina. Anabel está abraçada a uma criança que torço para não ser seu filho.

— Todas essas informações são confidenciais — informa Nguyen. — Nós não divulgamos os nomes nem as descrições para a imprensa, embora as famílias tenham sido notificadas.

Depois de alguns instantes, ele continua:

— Além disso, nós reabrimos o caso de uma jovem encontrada nos trilhos da Gurney Street em outubro, embora inicialmente a autópsia dela tenha sido inconclusiva.

Olho para Ahearn. Ele não cruza olhares comigo.

Nguyen segue falando.

— Ela continua sem identificação. Mas, levando em conta os ocorridos de ontem à noite, temos motivos para reconsiderar essa avaliação.

Ahearn não ergue o rosto. Continua no celular.

— O que isso quer dizer é que talvez haja um único criminoso responsável por vários homicídios à solta no seu distrito — conclui Nguyen.

Ninguém diz nada.

— Qualquer coisa que vocês escutarem, peçam um relatório ou mandem a pessoa falar direto conosco — diz Nguyen. — Temos uma ou duas pistas, mas nada sólido. Estamos pedindo a ajuda de vocês.

Durante algum tempo depois da chamada, fico sentada sozinha na minha viatura olhando para o celular. Os carvalhos que sombreiam o estacionamento asfaltado se movem freneticamente sob um vento forte repentino. É a árvore preferida de Thomas.

Uma sensação vagarosa e inquietante vem crescendo dentro de mim desde que encontramos a mulher nos Trilhos. O fato é que eu não vi Kacey em lugar nenhum do bairro desde então. E acho, para ser bem sincera, que eu tenho procurado de forma bem casual. Não é raro passar um mês sem que eu veja minha irmã — na verdade, às vezes isso quer dizer que ela está tentando para valer se limpar — mas o *timing* da sua ausência da Avenida me deixa um pouco cismada, e causa dentro de mim o mesmo leve zumbido de ansiedade que eu sentia quando era bem pequena e nossa mãe passava tempo demais fora de casa.

Oficialmente, Kacey e eu não nos falamos mais. Há cinco anos. Houve raras ocasiões desde então — três, para ser exata — em que fui obrigada a interagir com ela no trabalho, eu na condição de policial e ela na condição de suspeita. Em cada uma dessas ocasiões eu me portei de modo digno, como qualquer profissional teria feito, indiciando-a ou liberando-a como faria com qualquer contraventor. É preciso reconhecer e dizer que ela também se portou de modo respeitoso. Quando é preciso fazer isso, eu delicadamente algemo as mãos da minha irmã e lhe informo a contravenção específica pela qual ela está sendo detida (em geral, prostituição e posse de drogas, uma vez com intenção de vender), em seguida recito para ela os seus direitos, então ponho a mão delicadamente no alto da sua

cabeça para garantir que ela não se machuque ao entrar no banco de trás da nossa viatura, fecho a porta sem fazer barulho e a levo até a delegacia. Feito isso, eu a indico, e então nós duas ficamos sentadas de frente uma para a outra sem dizer nada na cela de custódia, sem nem sequer olhar uma para a outra.

Truman estava comigo todas as vezes, e em todas elas também permaneceu calado, observando nós duas com cautela, olhando alternadamente para uma e para outra, de mim para Kacey e de novo para mim, esperando para ver o que iria acontecer.

— Isso foi a coisa mais esquisita que eu já vi — disse ele quando estávamos indo embora na viatura após o primeiro desses episódios. Dei de ombros e não respondi. Acho que pareceria “esquisito” para alguém que não compreende os detalhes da nossa história e o acordo tácito ao qual chegamos nos últimos anos. Eu nunca tentei explicá-lo para Truman nem para mais ninguém.

— Você fica de olho nela — disse ele em outra ocasião. Quando objetei, ele insistiu:

— Estaria fora do trabalho de ronda há anos se não estivesse aqui vigiando a sua irmã. Já teria feito a prova para virar investigadora.

Eu lhe digo que isso na realidade não é verdade; o fato é que eu me apeguei ao bairro e passei a me importar muito com o seu bem-estar, e também acho a história do bairro interessante e gosto de vê-lo crescer e se modificar. E, por fim, fazer ronda nunca é entediante. Pelo contrário: é empolgante. Tem gente que tem problemas com Kensington, mas, para mim, o bairro em si se transformou numa espécie de parente, um pouco problemático, mas querido no sentido antiquado que às vezes esse termo assume, algo precioso, que tem valor para mim. Em outras palavras, eu tenho uma ligação com o bairro.

— E *ocê*, não fez a prova por quê? — pergunto a Truman nesse dia. Truman é uma das pessoas mais inteligentes que eu conheço. Teria sido fácil ser promovido, e fácil ser transferido para outro lugar, se ele quisesse. Quando falei isso, ele riu.

— Pela mesma razão que *ocê*, eu acho — falou. — Não consigo me afastar dos acontecimentos.

Dez minutos se passaram, e eu continuo encarando meu celular quando percebo que sou o último carro no estacionamento. Deus me livre de o sargento Ahearn sair da delegacia e me ver ali parada. No último ano — com a mudança para Bensalem, a troca da creche confiável de Thomas pela nada confiável Bethany, e a perda de meu parceiro de longa data — minha produtividade caiu drasticamente, fato que Ahearn gosta de me fazer lembrar com frequência.

Saio de ré do estacionamento e sigo em direção à área que me foi atribuída.

No caminho, porém, faço um desvio pela esquina da Kensington com a Cambria. Se não conseguir encontrar Kacey, pelo menos talvez encontre Paula Mulroney lá.

Quando chego na esquina em questão, Paula não está logo por ali. Como a loja de conveniência de Alonzo fica na mesma esquina, dou uma passada para ver Alonzo e seu gato preferido, Romero, batizado em homenagem a um lançador do Phillies de priscas eras. Da vitrine da loja em geral dá para ver Paula e Kacey.

Por esse motivo, Alonzo conhece minha irmã bastante bem. Assim como eu, ela é uma cliente assídua, e isso desde antes de pararmos de nos falar. Eu sei o pedido dela de cor: um chá gelado da marca Rosenberg's, um bolinho de caramelo da marca Tastykake, e cigarros, as mesmas guloseimas que ela gosta de pedir desde a nossa infância, com exceção dos cigarros. Nas vezes em que nos encontramos por acidente dentro da loja de Alonzo ao mesmo tempo, tomamos o máximo cuidado para ignorar uma à outra. Alonzo fica olhando de uma para a outra, curioso. Ele sabe que ela é minha irmã porque, para ser sincera, eu de fato pergunto com frequência como Kacey lhe pareceu ultimamente, ou se ele reparou em alguma coisa que acha que eu deva saber do seu ponto de observação atrás da caixa registradora. Faço isso nem tanto devido a uma preocupação com ela, mas a uma preocupação profissional com o bairro e com o próprio Alonzo. Você quer que elas saiam da sua esquina?, pergunto muitas vezes a ele, falando de Kacey e Paula. É só me dizer, e eu trato de tirá-las da sua esquina. Mas Alonzo

sempre responde que não, ele não se importa com as duas ali, gosta delas. Elas são boas clientes, diz ele. Não me causam problema nenhum.

Às vezes, no passado, já tive o costume de me demorar dentro da loja durante algum tempo com meu café, observando Kacey e Paula trabalharem, ou às vezes observando-as rezar para trabalhar à medida que vão ficando com uma cara cada vez mais doente por causa da fissura, à medida que vão ficando desesperadas. Dessa posição posso também observar seus clientes. Vejo-os em todos os meus turnos passando de carro, todos os tipos de homem, mantendo os olhos pregados na rua à frente sempre que reparam em mim ou na minha viatura. Mantendo os olhos grudados nas mulheres e meninas na calçada sempre que não reparam. Há algo de lobo nesses homens, algo baixo e cruel, predatório. Não existe um homem típico — ou, se existir, há exceções suficientes para complicar a situação. Já vi homens com crianças no banco de trás do carro passarem devagar pela avenida Kensington. Já vi filhos da mãe de Audi, moradores dos subúrbios ricos da Main Line. Já vi homens de todas as idades e raças aparecerem na Avenida: octogenários e grupos de adolescentes. Já vi casais hétero à procura de uma terceira pessoa. Uma ou duas vezes vi mulheres sozinhas: em raras ocasiões as mulheres também são clientes. Não as considero melhores, embora imagine que Kacey e suas amigas talvez as prefiram. Ou que pelo menos sintam menos medo delas.

Consigo ter empatia por quase todo tipo de criminoso, exceto pelos clientes das prostitutas. Em se tratando deles, não sou imparcial nem objetiva. Eu pura e simplesmente os odeio; eles me causam uma repulsa física, sua cobiça, sua disposição para tirar vantagem, sua incapacidade para controlar seus instintos mais vis. A frequência com que eles são violentos ou desonestos. É errado eu me sentir assim? Talvez essa seja minha fraqueza como policial. Mas eu acredito que exista uma diferença entre dois adultos com idade suficiente para saber o que estão fazendo conduzirem uma transação ponderada e o tipo de coisa que acontece na Avenida, onde algumas das mulheres fariam qualquer coisa com qualquer um, onde algumas das mulheres precisam tanto de uma dose que não

conseguem dizer sim ou não. Pessoas que escolhem essas mulheres como alvo provocam em mim uma raiva quente e rápida que me dificulta encará-las nos olhos quando preciso interagir com elas. Em muitas ocasiões, fui mais bruta do que precisava ao algemá-las. Reconheço.

Mas é difícil manter a cabeça fria quando se viu o que eu já vi.

Certa vez, encontrei uma delas, uma ruiva de cinquenta e poucos anos, chorando descalça num vão de porta. Ela não estava escondendo o rosto: pelo contrário, estava com o rosto virado para cima, na direção do sol, os olhos e a boca abertos, e chorava desconsoladamente. Isso foi quando eu trabalhava com Truman, e nós dois paramos para ver como ela estava. Foi ideia dele. Truman fazia sempre esse tipo de gentileza.

Quando chegamos perto, porém, a mulher baixou a cabeça sobre os braços para não podermos ver seu rosto, e outra voz disse de uma porta da frente ali perto: *Ela não quer falar com vocês.*

— Ela está bem? — perguntou Truman.

— Ela foi agredida — disse a voz, feminina e rascante. Não conseguíamos ver sua dona. A casa estava escura por dentro.

Isso podia significar diversas coisas. Em geral, significava que a mulher tinha sido estuprada.

— Eram quatro — disse a voz. — Um cara levou ela para uma casa, lá estavam três ou quatro amigos dele.

— Cala a boca, cala a boca — disse a ruiva, o primeiro ruído que emitiu fora os soluços.

— Podemos abrir um chamado? — perguntou-lhe Truman. Ele falou com a voz suave. Era bom nisso, entrevistar mulheres. Às vezes melhor do que eu, admito.

Mas a ruiva tornou a esconder o rosto nos braços e não disse mais nada.

Estava chorando tanto que não conseguia recuperar o fôlego.

Fiquei especulando o que teria acontecido com seus sapatos. Imaginei que ela devesse estar de salto alto, que talvez tivesse tirado os sapatos para poder fugir. As unhas de seus pés estavam quebradas, sujas e com um aspecto dolorido. Ao lado do arco de seu

pé direito, na calçada, havia uma pequena mancha de sangue, como se ela tivesse se cortado.

— Senhora — disse Truman —, vou deixar meu telefone com a senhora, tá bom? Caso mude de ideia.

Ele lhe entregou seu cartão.

No final do quarteirão, outro carro parou para outra mulher.

Da janela de Alonzo, já vi Kacey conduzir suas negociações. Já a vi se inclinar enquanto um carro vagaroso para. Já vi esses carros dobrarem em ruas laterais, e já vi minha irmã os seguir e desaparecer pela lateral de um edifício em direção a vários desfechos possíveis. Essa é a escolha dela, digo a mim mesma; é a escolha que ela fez.

Às vezes, ao olhar para o relógio, descubro que fiquei ali parada por dez ou 15 minutos sem me mexer, esperando ela voltar.

Alonzo não faz nenhuma objeção: ele me deixa em paz, deixa eu ficar olhando, ficar bebericando em silêncio meu copo de isopor. Nesse dia, como ele está ocupado com outro cliente, assumo minha posição de sempre, em frente à janela fria, e fico olhando através dela, esperando ele se liberar.

Ainda estou perdida em meus pensamentos quando o outro cliente da loja abre a porta da frente e vai embora, fazendo soar as três sinetas prateadas que Alonzo pendurou nela.

Quando a loja fica vazia, vou até o balcão pagar pelo meu café, e é nessa hora que Alonzo diz:

— Ei, fiquei sabendo sobre a sua irmã, eu sinto muito.

Olho para ele.

— Como é que é? — digo.

Alonzo demora alguns instantes para responder. Uma expressão toma conta do seu rosto: a expressão típica de alguém com medo de ter falado demais.

— O que você disse? — pergunto a ele pela segunda vez.

Ele começa a balançar a cabeça.

— Não sei direito — diz. — Devo ter recebido a informação errada.

— Que informação é essa exatamente?

Alonzo estica o pescoço para a direita e olha na direção do ponto em que Paula normalmente fica. Ao ver que ela não está ali, continua:

— Não deve ser nada. Mas a Paula passou aqui outro dia e me disse que a Kacey sumiu. Disse que ela não aparece há um mês, talvez mais. Ninguém sabe onde ela está.

Dou um aceno de cabeça, mantendo os lábios retos e a postura ereta. Certifico-me de que minhas mãos estão pousadas de leve no meu cinturão, e que a minha expressão transmite um ar de calma e autocontrole.

— Entendi — digo.

Aguardo.

— Ela disse mais alguma coisa? — pergunto. Alonzo faz que não com a cabeça.

— Sabe, a Paula pode estar errada — diz ele. — Ela tem andando mal ultimamente. Esbravejando. Sem falar coisa com coisa. Louca — explica Alonzo, cuja expressão agora é de solidariedade e que parece estar pensando em algo desastroso, como me dar um tapinha consolador no ombro. Felizmente, nenhum de nós dois se mexe.

— É — digo. — Ela pode estar errada.

ANTES

Tem gente que atribui ao próprio sofrimento a causa específica de uma infância difícil. Kacey, por exemplo, numa das últimas vezes em que nos falamos, tinha recentemente chegado à conclusão de que seus problemas começaram primeiro com nossos pais, que a abandonaram, e depois com Gee, que, segundo ela, nunca a amou, e na verdade talvez nem gostasse dela.

Olhei para Kacey, piscando, e lhe disse no tom mais neutro que consegui que eu tinha sido criada na mesma casa que ela. Meu argumento, claro, era que foram as decisões que eu tomei na vida que me puseram no meu caminho específico — decisões, não o acaso. E que, embora nossa infância não tivesse sido idílica, preparou pelo menos uma de nós para uma vida produtiva.

Mas quando eu disse isso, Kacey só enterrou a cabeça nas mãos e me disse:

— Não é a mesma coisa, Mickey, as coisas sempre foram muito diferentes para você.

Até hoje não sei o que ela podia estar querendo dizer.

Na verdade, creio ser possível argumentar que se fôssemos avaliar quem teve a infância mais *difícil*, seja lá o que isso quer dizer, talvez constatássemos que a balança pende para o meu lado.

Digo isso porque, de nós duas, eu sou a única a ter lembranças de nossa mãe, e lembranças muito boas, aliás. Portanto, a perda de nossa mãe foi difícil para mim de um modo que não teria sido para Kacey, que era pequena demais quando nossa mãe estava viva para se lembrar dela.

Ela era jovem, a nossa mãe. Tinha 18 anos quando engravidou de mim. Estava no último ano do ensino médio — era boa aluna, Gee sempre dizia, uma boa menina — e namorava nosso pai havia só uns poucos meses quando aconteceu. Segundo a história que se conta, a gravidez pegou todo mundo de surpresa, e ninguém mais do que a própria Gee, que até hoje narra o choque da notícia com urgência e pesar. *Ninguém acreditava*, diz ela. *Quando eu contava, todo mundo dizia: a Lisa não.*

Gee era religiosa o suficiente para tornar um aborto algo fora de cogitação. Ela também era religiosa o suficiente para ficar uma fera com a gravidez, envergonhada, para considerá-la algo a ser escondido. O ano era 1984. A própria Gee tinha se casado aos 19 e tido Lisa aos vinte, mas eram outros tempos, ela gostava de dizer. O marido de Gee morreu muito jovem num acidente de carro — pergunto-me hoje se ele estaria bêbado, uma vez que Gee menciona com frequência seu costume de beber — e ela nunca voltou a se casar.

Eu costumava imaginar que as coisas teriam corrido de outra forma para Gee caso o seu marido, nosso avô, não tivesse morrido. Uma parte grande da sua vida foi ditada pela simples necessidade de se manter: de pôr comida na mesa, pagar as contas, pagar as dívidas que vive fazendo. Se ela tivesse um parceiro nessas empreitadas, alguém para contribuir com um contracheque, alguém com quem prantear a morte da filha única, talvez a sua vida e a nossa tivessem sido melhores. Mas esse tipo de especulação inútil talvez seja puro sentimentalismo, porque, até hoje, Gee alega que homem não serve para nada: ela os considera apenas obstáculos no seu caminho, estorvos necessários apenas de vez em quando para a propagação da vida humana. Ela nutre uma desconfiança implícita por eles. Evita-os sempre que possível.

A única coisa que ela de fato conseguiu com a sua união, parece, foi poder dizer que era casada quando sua filha foi concebida — *casada*, explicava ela, cravando um dedo num peito invisível. Ela havia feito as coisas do jeito certo.

Quando Lisa deu a notícia sobre sua gravidez, portanto, Gee insistiu num casamento. Ela só havia encontrado uma vez aquele tal de Daniel Fitzpatrick (*aquela tal* de Daniel Fitzpatrick, era como Gee sempre se referia ao nosso pai), mas sentou-os no seu sofá e insistiu para eles procurarem um padre da sua paróquia e formalizarem sua união. Nosso pai era rebento de uma mãe solteira notoriamente irresponsável: uma mulher promíscua, dizia Gee, que *não* era casada quando seu filho fora concebido, selando assim para sempre na mente de Gee a linha bem definida entre as duas no que se refere à respeitabilidade. E pior, na sua avaliação: o filho

frequentava a escola de graça. Era alguém que fazia as mensalidades aumentarem para as outras pessoas trabalhadoras, lamentava Gee. O que a mãe de nosso pai pensava sobre isso tudo — o bebê, o casamento, a própria Gee — se perdeu no tempo. Na verdade, nem sequer consigo me lembrar de a ter conhecido. Ela não foi ao enterro da nossa mãe, ofensa que Gee levará para o próprio túmulo.

Segundo a versão de Gee dos acontecimentos — a única que eu sempre ouvi —, Lisa e Daniel, nossos pais, casaram-se numa cerimônia privada na Sagrado Redentor numa quarta-feira à tarde, com Gee e o diácono como testemunhas. Gee, então, levou Dan para morar com elas, deixando para a filha e o novo genro o quarto de dormir do meio da casa, recebendo aluguel sempre que o jovem casal podia pagar, e dando a notícia o mais lentamente que pôde para o resto da família. De cabeça erguida. Altiva.

Cinco meses mais tarde, eu nasci. Kacey, um ano e meio depois disso.

Quatro anos mais tarde, nossa mãe estava morta.

Dos anos entre o meu nascimento e a morte da minha mãe ainda existem lembranças, contanto que eu aquiete suficientemente a minha mente. Hoje em dia é cada vez mais raro eu conseguir fazer isso. Durante uma ronda, dentro da minha viatura, lembro-me de estar no banco de trás de um carro que minha mãe dirigia. Sem cadeirinha, na época. Sem cinto de segurança também. No banco da frente, minha mãe cantava.

De vez em quando, acontece também quando estou em frente à geladeira, qualquer geladeira, em casa ou no trabalho: uma visão fugidia da minha jovem mãe reclamando com Gee, na cozinha de Gee, que não tem nada lá dentro. *Ah, é, responde Gee de outro cômodo. Então por que você não põe alguma coisa?*

E uma piscina. A piscina de alguém. Uma raridade estar na piscina. E o saguão de um cinema, embora eu não tenha certeza de onde, embora hoje todos os cinemas fiquem em City Center e os outros tenham fechado ou sido transformados em casas de show.

Recordo a juventude da minha mãe, o modo como ela própria parecia uma criança, ou alguém igual a mim, a pele perfeita e lisa, os cabelos ainda lustrosos de uma criança. Recordo também o modo como Gee se abrandava quando estava com ela, tornava-se mais parada, cessava os movimentos uma vez na vida. Ela ria mesmo contra a própria vontade, punha uma das mãos na boca diante das gracinhas da filha, balançava a cabeça de incredulidade. *Você é maluca. Maluca. Isto aqui parece um hospício*, dizia Gee, olhando para mim, sorrindo orgulhosa. Naquela época Gee era mais gentil, enfeitçada por sua filha engraçada e irreverente, alheia ao destino que iria se abater sobre ela, e sobre todos nós.

Mais difíceis ainda de recordar são as lembranças que me vêm no silêncio escuro do meu quarto. Toda vez que Thomas está perto de mim, sua cabecinha de menino bem ao meu lado, toda vez que estou perto o suficiente da pele dele para sentir seu cheiro, é aí, exatamente aí que me vem um clarão da minha própria mãe ao meu lado na minha cama de criança. O rosto da minha mãe, um rosto jovem; o corpo da minha mãe, um corpo jovem, coberto por uma camiseta preta com algo escrito que eu não consigo ler. Os braços da minha mãe à minha volta. Os olhos fechados da minha mãe. A boca aberta da minha mãe. Seu hálito, o hálito doce de um animal que come grama. Eu tenho quatro anos de idade e ponho uma das mãos na sua bochecha. *Oi*, diz minha mãe, e encosta a boca na minha bochecha, fala comigo bem de pertinho, e ali estão os dentes e os lábios da minha mãe. *Meu bebê*, ela dizia e repetia, a expressão que mais usava no mundo. Se eu fizer um esforço, ainda posso ouvi-la dizer isso com sua voz aguda e feliz, que às vezes trazia em si um quê de surpresa: que ela, Lisa O'Brien, fosse mãe de um bebê.

O que eu não recordo é de qualquer coisa relacionada ao vício da minha mãe. Talvez eu tenha reprimido isso; ou talvez simplesmente não soubesse o que isso era, o que significava, não tenha reconhecido os sinais do vício ou suas armadilhas. As lembranças que tenho dela são cálidas, amorosas, e ainda mais doloridas por serem tão felizes.

Da mesma forma, não me lembro da morte dela, e tampouco me lembro de ser informada a respeito. Guardei apenas o que veio na sua esteira: Gee andando pela nossa casa feito um leão, arrancando os próprios cabelos e a própria camisa. Gee batendo na própria cabeça com a palma dura da mão enquanto falava ao telefone, depois mordendo o pulso por trás como para abafar um grito. Pessoas cochichando. Pessoas enfiando nós duas, Kacey e eu, dentro de vestidos engomados, meias-calças e sapatos apertados. Uma reunião numa igreja com pouca gente, discreta. Gee desabando no banco da igreja. Gee segurando o braço de Kacey para impedi-la de fazer barulho. Nosso pai do outro lado de nós duas, inútil. Calado. Uma reunião em nossa casa. Uma sensação imensa de vergonha. Os joelhos, as meias-calças, os sapatos e os ternos dos adultos. Um farfalhar de tecido. Nenhuma criança. Nenhum primo ou prima. Os primos mantiveram distância. Um longo inverno. Ausência. Ausência. Pessoas nos esquecendo, esquecendo de falar conosco. Pessoas esquecendo de nos abraçar. Esquecendo de nos dar banho. De nos dar comida. Depois: eu procurando comida. Me alimentando. Alimentando a minha irmã. Encontrando e cheirando o que nossa mãe tinha deixado para trás (sua camiseta preta, ainda ilegível para mim; os lençóis da cama no quarto dos nossos pais, onde nosso pai ainda dormia; um refrigerante pela metade na geladeira; o interior de seus sapatos) até Gee ter um surto de um dia inteiro e buscar e jogar fora tudo que era dela. Então, encontrando e cheirando suas escovas de cabelo guardadas no fundo de uma gaveta. Enrolando os fios de cabelo da minha mãe em volta dos meus dedos até as pontas ficarem roxas.

Todas essas lembranças agora estão se apagando. Hoje em dia recordo cada uma delas só raramente, em seguida torno a guardá-la com cuidado em sua gaveta. Eu as raciono. Eu as preservo. A cada ano elas se tornam mais tênues, mais translúcidas, fragmentos efêmeros de doçura na língua. Se eu conseguir mantê-los intactos o suficiente, penso, então um dia talvez possa transmiti-los para Thomas.

Kacey era só um bebezinho quando nossa mãe morreu. Tinha dois anos. Ainda usava fraldas que muitas vezes passavam tempo demais sem serem trocadas. Vagava pela casa perdida, subindo escadas que não deveria ter subido, passando tempo demais escondida em lugares pequenos, dentro de armários, debaixo de camas. Abrindo gavetas com coisas perigosas dentro. Ela parecia gostar de ficar no mesmo nível dos adultos, e regularmente eu dobrava uma quina e a encontrava sentada numa bancada na cozinha ou no banheiro: minúscula, sem ninguém para vigiá-la, sozinha. Ela tinha uma boneca de pano chamada Muffin, e duas chupetas que nunca eram lavadas e que ela guardava cuidadosamente em esconderijos onde ninguém mais conseguia encontrá-las. Quando as duas se perderam, foi isso: Gee se recusou a comprar outras, e Kacey passou dias chorando depois disso, com saudades das chupetas, sugando enlouquecida os próprios dedos e o vazio.

Não foi uma decisão intencional minha começar a tomar conta da minha irmã. Talvez reconhecendo que ninguém mais iria se apresentar para fazê-lo, eu silenciosamente me ofereci. Naquela época, ela ainda dormia num berço no meu quarto. Mas não demorou muito a aprender a sair dele, e em pouco tempo estava fazendo isso todas as noites. Sorrateiramente, com a habilidade e a coordenação motora de uma criança mais velha, Kacey saía do berço de madeira feito uma aranha e ia se enfiar na cama comigo. Eu era a única a lembrar aos adultos à nossa volta que Kacey precisava ser trocada. Fui eu quem ensinei minha irmã a ir ao banheiro. Levei a sério meu papel de protetora. Suportava o peso disso com orgulho.

Conforme fomos crescendo, Kacey começou a implorar comigo para lhe contar histórias sobre nossa mãe. Todas as noites, em nossa cama compartilhada, eu me transformava em Sherazade e narrava todos os episódios de que conseguia me lembrar, e os outros eu inventava. Lembra quando ela levou a gente à praia?, eu dizia, e Kacey meneava a cabeça, animada. Lembra do sorvete que ela comprou para a gente?, eu dizia. Lembra das panquecas no café da manhã? Lembra quando ela nos lia histórias na hora de dormir? (Essa, por ironia, era uma atividade parental mencionada com muita frequência nos livros que líamos sozinhas.) Conteí a ela todas essas

histórias e outras. Menti. E quando Kacey escutava, seus olhos se fechavam parcialmente como os de um gato ao sol.

Reconheço, com grande vergonha, que ser dessa forma o arauto da história familiar também me deu um poder terrível sobre minha irmã, arma de que só lancei mão uma vez. Foi no final de um longo dia e de um longo bate-boca, e Kacey estava me enchendo por causa de alguma coisa que não consigo mais lembrar. Eu finalmente deixei escapar, num surto de raiva, uma atrocidade da qual me arrependi na mesma hora. *Ela disse pra mim que me amava mais*, falei para Kacey. Até hoje essa continua sendo a pior mentira que eu já contei. Desmenti na mesma hora, mas era tarde demais. Já tinha visto o rostinho de Kacey ficar vermelho, e em seguida desmoronar. Já tinha visto sua boca se abrir como para responder alguma coisa. Em vez disso, ela soltou um uivo. Um uivo de pura dor. Foi o lamento de uma pessoa bem mais velha, de alguém que já tinha visto coisas demais. Até hoje, quando tento, consigo escutá-lo.

No enterro, mencionou-se a possibilidade de nosso pai nos levar para morar em outro lugar. Mas como ele nunca parecia ter nem o dinheiro nem a iniciativa necessários para fazer isso acontecer, acabamos ficando ali mesmo, nós três, todos juntos debaixo do teto de Gee.

Isso foi um erro.

Nosso pai e Gee, que nunca tinham se dado bem, passaram a brigar constantemente. Às vezes, as brigas tinham a ver com a desconfiança dela de que ele estava se drogando na sua casa — quanto a isso, suponho que a intuição de Gee estivesse certa —, porém, mais do que isso, tinham a ver com os atrasos dele para pagar o aluguel. Ainda consigo me lembrar de algumas dessas brigas, embora Kacey, da última vez que falei com ela, não conseguisse.

Em pouco tempo, a tensão entre os dois se tornou insustentável, e nosso pai saiu de casa. De uma hora para outra, Gee passou a ser responsável por nós. E não ficou nada contente com isso. *Pensei que nunca mais fosse precisar fazer isso*, ela nos

dizia com frequência, na maior parte das vezes quando Kacey se metia em algum tipo de encresca. Quando visualizo o rosto da minha avó, a principal coisa que recordo é que seus olhos estavam sempre em outro lugar: ela nunca olhava para nós, mas para cima ou para o lado em relação a onde estávamos, de relance, como alguém olhando para o sol. Adulta, nos meus momentos de maior generosidade, cheguei a me perguntar se a perda da filha, que ela obviamente amava com fervor, levou-a sempre a nos manter a uma certa distância. Para ela, nós devíamos ser pequenos lembretes tanto de Lisa quanto da nossa própria mortalidade, do nosso potencial de infligir mais dor, mais perda.

Embora Gee muitas vezes parecesse irritada conosco, a maior parte das suas emoções na verdade estavam direcionadas para outro lugar, para nosso pai, em relação a quem ela cultivava uma espécie de raiva incrédula e poderosa, uma descrença do ponto a que ele podia chegar em se tratando de se esquivar das suas responsabilidades familiares. Eu soube isso na primeira vez em que o vi, dizia-nos ela num monólogo que recitava uma vez por mês quando o pagamento da pensão não aparecia. Falei para Leese que nunca tinha visto uma pessoa mais duvidosa em toda minha vida.

A outra coisa que eu sabia sobre nosso pai também tinha vindo de Gee. Foi *ele* quem a viciou naquela merda, dizia Gee, nunca diretamente para nós, mas muitas vezes ao telefone, alto o bastante para não termos como não escutar. *Foi ele quem a estragou.*

Depois de a nossa mãe morrer, *o tal de Daniel Fitzpatrick* se tornou apenas *Ele*. O único *Ele* em nossas vidas, com exceção de alguns primos e de Deus. Quando o víamos, nós o chamávamos de *Papai*, o que hoje me parece impensável: é quase como se outra pessoa estivesse dizendo isso. Mesmo na época, parecia estranho usar essa palavra caso ele tivesse passado algum tempo sem aparecer. Mas ele também se referia a si mesmo dessa forma. *Eu sou o papai delas*, nós o ouvíamos dizer para Gee com frequência, tentando emplacar alguma argumentação. E Gee respondia: *Então se comporte como tal.*

Depois de algum tempo, ele desapareceu por completo. Passamos uma década sem vê-lo. Então, quando eu estava com

vinte anos, um antigo amigo dele me contou simplesmente que ele tinha morrido, do mesmo jeito que todo mundo no quadrante nordeste da Filadélfia costuma morrer. Do mesmo jeito que eu pensei que Kacey tivesse morrido na primeira vez em que a encontrei. E na segunda. E na terceira.

O amigo do meu pai achava que eu já soubesse, falou, percebendo minha reação.

Eu não sabia.

Quanto à nossa mãe, depois que ela faleceu, Gee só se referia a ela raramente. Mas, às vezes, eu a pegava olhando para a fotografia da filha no ensino fundamental, sorridente e com os dentes da frente separados — o único tênue vestígio dela que ainda restava na casa, e que até hoje perdura na parede da sala —, por mais tempo do que jamais teria olhado caso soubesse estar sendo observada. Em outras ocasiões, no meio da noite, tinha a impressão de ouvir Gee chorar: um lamento oco e etéreo, o choro trêmulo de uma criança, um som de tristeza infinita. Mas, durante o dia, Gee não dava indicação alguma de sentir nada além de resignação e ressentimento. Ela fez escolhas ruins, dizia minha avó sobre nossa mãe. Não vão vocês escolher a mesma merda.

Na ausência de nossos pais, nós crescemos.

Gee ainda era jovem quando nossa mãe morreu, tinha só 42 anos, mas parecia bem mais velha para nós. Trabalhava constantemente, muitas vezes em vários empregos: bufê, vendas, faxina. No inverno, sua casa vivia gelada. Ela mantinha a calefação regulada em 13 graus centígrados, apenas o suficiente para impedir que o encanamento congelasse. Nós andávamos de casaco e gorro dentro de casa. Quando reclamávamos, ela perguntava: *Vocês vão pagar a conta?* Quando ela estava ausente, a casa tinha um aspecto fantasmagórico; o imóvel pertencia à sua família desde 1923, quando seu avô irlandês o havia comprado, depois seu pai o herdara, e depois Gee. Era uma casinha geminada de dois andares com três quartos enfileirados num corredor no andar de cima e um cômodo único no térreo que ia de fora a fora. Sala de estar, sala de

jantar e cozinha. Sem porta nenhuma para separá-los. Soleiras tímidas aqui e ali designavam a pretensa fronteira de cada cômodo.

Nós vivíamos para lá e para cá, indo da frente da casa para os fundos, em geral juntas. Se Kacey estivesse no andar de cima, eu também estava, e se eu estivesse no térreo, Kacey também estava. *McKacey*, era como Gee muitas vezes nos chamava, ou *KaMickey*. Éramos inseparáveis naquela época, a sombra uma da outra, uma mais alta, mais magra e com os cabelos escuros, a outra pequena, rechonchuda e loura. Escrevíamos bilhetes uma para a outra que escondíamos dentro de mochilas e bolsos.

Num canto do nosso quarto, descobrimos que o carpete podia ser levantado, e que debaixo dele havia uma tábua solta, e debaixo dela um espaço oco. Nele, deixávamos mensagens secretas uma para a outra, objetos e desenhos. Construíamos planos complexos sobre como seriam nossas vidas adultas depois que fugíssemos daquela casa: eu faria faculdade, pensava, e arrumaria um emprego bom e prático. Depois me casaria, teria filhos, me aposentaria em algum lugar onde fizesse calor, mas só depois de visitar o máximo do mundo que pudesse. As ambições de Kacey eram menos modestas. Ela iria entrar para uma banda, dizia às vezes, embora nunca tivesse tocado nenhum instrumento. Iria virar atriz. Chef de cozinha. Modelo. Em outros dias ela também falava sobre fazer faculdade, mas quando eu perguntava onde, ela citava lugares nos quais não tinha a menor chance de entrar, nunca; faculdades das quais tinha ouvido falar na televisão. Faculdades para gente rica. Eu não tinha coragem de acabar com a sua ilusão. Hoje em dia, me pergunto se talvez devesse ter feito isso.

Naqueles anos, eu cuidava de Kacey como um pai ou uma mãe teria feito, tentando, sem sucesso, protegê-la do perigo. Enquanto isso, ela cuidava de mim como uma amiga, me ajudando a ser mais sociável e me estimulando a me aproximar de outras crianças.

À noite, em nossa cama compartilhada, nós uníamos nossos cocurutos e ficávamos de mãos dadas, um triângulo em forma de A feito de pernas, braços e cabelos soltos, para reclamar das indignidades de nossos dias na escola e citar o nome de todos os meninos de quem éramos a fim.

Continuamos por hábito a dividir o quarto dos fundos até virarmos adolescentes. Poderíamos ter ficado cada uma com seu quarto em algum momento, já que a casa tinha três. Mas como o do meio — *o quarto da mamãe*, como continuávamos a chamá-lo muito depois de sua morte — parecia assombrado pela sua lembrança, nenhuma de nós quis ficar com ele. Além disso, o quarto muitas vezes estava ocupado por alguém de passagem, um tio ou primo itinerante que precisava de um lugar para ficar e se dispunha a pagar uma soma modesta a Gee como aluguel mensal. A própria Gee se mudou para lá por um tempo quando uma das vidraças da janela do seu quarto da frente caiu depois que ela tirou o ar-condicionado. Em vez de pagar alguém para consertar, ela fechou o buraco com plástico e fita adesiva, depois fechou a porta e também a isolou, mas o vento encanado que vinha daquele quarto em dezembro bastava para obrigar nós três a andarmos pela casa enroladas em cobertores como se fossem togas.

A questão de quem cuidava de nós depois da escola sempre foi uma pressão para Gee. Não havia contraturno na escola de ensino fundamental Hanover, o que a punha numa situação difícil.

Gee acabou ouvindo falar e nos matriculando num programa gratuito ali perto administrado pela Liga Atlética da Polícia. E lá, em duas salas grandes cheias de ecos e um campo de grama falhada ao ar livre, nós jogávamos futebol, vôlei e basquete, incentivadas da margem do campo pela agente Rose Zalecki, uma mulher alta que tinha se destacado como jogadora quando mais nova. Lá, escutávamos conselhos e mais conselhos para não largar a escola, para não transar e para ficar longe das drogas e do álcool. (Ex-presidiários apareciam com alguma frequência para enfatizar esses conselhos por meio de exibições de slides que terminavam em cookies e limonada.)

Todos os agentes da LAP que trabalhavam lá eram uma combinação agradável de firmes, engraçados e gentis, o que contrastava com a maioria dos outros adultos em nossas vidas, na companhia dos quais o que se esperava de nós era principalmente

que ficássemos calados. Cada criança tinha seu agente preferido, um mentor, e muitas vezes era possível ver pequenas filas de crianças seguindo seu ídolo escolhido como um bando de patinhos. A preferida de Kacey era a agente Almoood, uma mulher baixinha com um ar eternamente intrigado cujo senso de humor irreverente e sem rédeas, centrado de modo benevolente nos bobos que a cercavam, na bobeira do mundo, e na maldita bobeira daquelas crianças, fazia quem estivesse no raio de alcance da sua voz ser acometido por acessos de riso paralisantes. Kacey passou a imitar algo de seus maneirismos, do seu jeito de falar e da sua risada exuberante e os levou para casa, onde experimentou usá-los até Gee repreendê-la e lhe dizer para não fazer tanto barulho.

O meu preferido era mais calado.

O agente Cleare entrou jovem para a LAP, 27 anos, mas sua idade me parecia na época ser muito adulta, uma idade sólida, uma idade que trazia consigo a implicação de responsabilidade. Ele já tinha um filho pequeno a quem se referia de modo carinhoso, mas não usava aliança e nunca mencionou sequer uma vez alguma esposa ou namorada. No canto do grande recinto parecido com uma cafeteria onde fazíamos nosso dever de casa, o agente Cleare lia livros, erguendo os olhos de vez em quando para olhar seus alunos e se certificar de que não estávamos distraídos, em seguida tornando a baixá-los para o que estava lendo, com as pernas estendidas e cruzadas nos tornozelos. De vez em quando ele se levantava e fazia sua ronda, curvando-se junto de cada criança, perguntando o que cada uma estava estudando, apontando erros em seu raciocínio. Ele era mais rígido do que os outros agentes. Menos engraçado. Mais contemplativo. Por esses motivos, Kacey não gostava dele.

Mas eu sentia uma forte atração por ele. Para começar, o agente Cleare escutava com atenção sempre que alguém falava com ele, fazendo contato visual e meneando a cabeça de leve para mostrar que estava entendendo. Além disso, ele era bonito: tinha cabelos pretos e usava penteados para trás, e suíças um pouquinho só mais compridas do que as dos outros agentes homens, o que era bem estiloso em 1997, além de sobrancelhas escuras que se

aproximavam ligeiramente quando ele lia algo que achava um tanto interessante. Era alto, bem-feito de corpo, e tinha um certo ar que na época me parecia levemente antiquado, como se tivesse sido largado ali vindo de outra época, de um filme antigo. Era extremamente educado. Usava palavras como *diligente* e *transcendente*, e uma vez, ao segurar uma porta para eu passar, disse *Depois de você* e abriu o braço para fora abaixando de leve a cabeça, o que na ocasião me pareceu inacreditavelmente galante. A cada dia eu me sentava numa mesa mais e mais próxima dele, até que por fim passei a me sentar bem ao seu lado. Nunca falava com ele; só fazia meu dever de casa cada vez mais em silêncio e cada vez mais séria, na esperança de que algum dia ele reparasse na minha dedicação e comentasse alguma coisa.

E ele finalmente comentou.

Foi num dia em que estava nos ensinando a jogar xadrez. Eu tinha 14 anos e estava na minha fase mais esquisita: quase sempre calada, lutando contra problemas de pele, muitas vezes sem tomar banho, usando roupas esfarrapadas sempre dois tamanhos abaixo ou acima do meu, doadas ou compradas em lojas de segunda mão.

Mas se eu tinha vergonha da minha aparência, tinha orgulho da minha inteligência, que imaginava no meu íntimo como algo que descansava tranquilamente dentro de mim, um dragão adormecido a proteger uma riqueza que ninguém, nem mesmo Gee, podia me tirar. Uma arma que eu um dia usaria para salvar nós duas: eu e minha irmã.

Nesse dia, concentrei-me com atenção em cada partida na minha frente até que, no final da tarde, me vi um dos quatro jogadores finalistas no torneio improvisado promovido pelo agente Cleare. Logo um grupo se juntou para assistir, e ele fazia parte. Embora estivesse em pé atrás de mim e eu não pudesse vê-lo, tinha consciência da sua presença: podia sentir seu tamanho, sua altura. Podia sentir sua respiração. Ganhei a partida.

— Muito bem — disse ele, e meus ombros se contraíram de prazer e eu tornei a abaixá-los sem dizer nada.

Em seguida, por último, joguei contra um menino mais velho que tinha sido o outro finalista.

O menino era bom; fazia anos que jogava. Ganhou de mim depressa.

Mas o agente Cleare ficou parado, com as mãos na cintura, me avaliando mesmo depois de todo mundo já ter saído. Fiquei vermelha sob aquele olhar. Não ergui os olhos.

Lentamente, ele endireitou meu rei caído, então se ajoelhou ao lado da comprida mesa da cafeteria diante da qual eu estava sentada.

— Você já jogou antes, Michaela? — perguntou-me baixinho. Ele sempre me chamava assim, outra coisa que eu apreciava nele. Meu apelido Mickey me fora dado por Gee, e embora sempre tivesse me parecido um pouco indigno, por algum motivo pegou. Nas lembranças que eu tinha da minha mãe, ela também sempre me chamava pelo meu nome de verdade.

Fiz que não com a cabeça. Não. Não conseguia falar. Ele assentiu, uma vez.

— Impressionante — ele disse.

Ele começou a me ensinar. Todas as tardes, passava vinte minutos só comigo, me ensinando aberturas e depois estratégias de partida inteira.

— Você é muito inteligente — disse ele, elogioso. — Como está indo na escola?

Encolhi os ombros. Fiquei vermelha outra vez. Vivia sempre afogueada perto do agente Cleare, e sentia meu sangue latejar pelo corpo de um jeito que me fazia lembrar que eu estava viva.

— Médio — respondi.

— Então estude mais — disse ele.

Contou-me que o seu pai, que também era policial, tinha sido o primeiro a lhe ensinar xadrez. Mas ele morreu jovem, disse o agente Cleare.

— Eu tinha oito anos — falou, avançando um peão e tornando a recuá-lo.

Ao ouvir isso, ergui os olhos para ele depressa, em seguida os cravei de novo no tabuleiro. Então ele sabe, pensei.

Ele começou a me levar livros para ler. No início eram investigações policiais e romances de detetive. Todos os livros que seu próprio pai adorava. *A sangue-frio*. Raymond Chandler, Agatha Christie, Dashiell Hammett. Falava-me sobre filmes: *Serpico* era o seu preferido, mas ele gostava também da trilogia *O poderoso chefão* (todo mundo diz que o segundo é o melhor, me informou, mas na verdade é o primeiro), *Os bons companheiros*, e outros mais antigos. *O falcão maltês* (melhor até do que o livro, disse ele) e *Casablanca*, além de todos os *thrillers* de Hitchcock.

Eu lia todos os livros e assistia a todos os filmes que ele recomendava. Peguei o metrô de superfície até a Tower Records da Broad Street e, usando meu suado dinheiro que ganhei como babá, comprei dois CDs de bandas que ele adorava, Flogging Molly e Dropkick Murphys. Ele as havia descrito como bandas irlandesas, o que me fizera imaginar canções cheias de flautas e tambores, mas quando pus os discos para tocar fiquei espantada ao ouvir vozes masculinas gritarem no meu ouvido acompanhadas por guitarras agressivas. Mesmo assim fiquei acordada até tarde ouvindo essas músicas no meu discman, ou então iluminando com uma lanterna as páginas dos livros que ele havia citado, ou então sentada no sofá da sala vendo filmes clássicos na TV.

— O que você achou? — perguntava-me o agente Cleare depois de cada recomendação que fazia. E eu respondia que tinha adorado, sempre, mesmo quando não tinha.

Ele queria ser investigador. Um dia isso iria acontecer, dizia, mas enquanto seu filho fosse pequeno tinha pedido para trabalhar na LAP para ter um horário mais regular. Em várias ocasiões ele trouxe o menino. Seu nome era Gabriel e na época tinha quatro ou cinco anos, e era uma miniatura do pai, cabelos escuros, magro e comprido, os tornozelos aparecendo por baixo da calça demasiado curta. Seu pai o pegava no colo e o levava para lá e para cá, apresentando-o, orgulhoso do filho. Perversamente, contra minha vontade, eu olhava para o pai com o filho e sentia uma pontada de ciúmes. Não sabia ao certo o que eu queria, mas sabia que de alguma forma estava ligado aos dois.

Então o agente Cleare pôs o menino ao meu lado.

— Esta é a minha amiga Michaela — disse ao filho. E eu ergui os olhos para o pai do menino devagar, atônita, e a expressão ficou ecoando na minha cabeça por dias depois disso. *Minha amiga. Minha amiga. Minha amiga.*

Foi por volta dessa época, infelizmente, que Kacey estava começando a se meter em problemas sérios. Hoje me perturba a possibilidade de isso estar ligado de modo direto ou indireto ao fato de eu estar distraída. Pois, antes de o agente Cleare entrar na minha vida, eu era inteiramente dedicada à minha irmã: ajudava-a com os deveres; dava-lhe conselhos sobre seus problemas comportamentais, pelo menos aqueles dos quais tinha conhecimento, e sobre como se comunicar melhor com Gee; penteava e arrumava seus cabelos de manhã; preparava o que iríamos levar na lancheira toda noite. Kacey, por sua vez, revelava-me partes de si que não compartilhava com outras pessoas: as pequenas injustiças que lhe aconteciam diariamente na escola, a profunda tristeza que às vezes a dominava com tanta força que ela tinha certeza de que nunca iria ceder. Mas à medida que fui me aproximando do agente Cleare, imagino que eu tenha me tornado sonhadora e distante, com os pensamentos e o olhar virados para outro lado, não para minha irmã.

Kacey, por sua vez, se retraiu. Aos 13 anos, começou a faltar repetidamente ao programa de contraturno escolar da LAP. Gee recebia um telefonema toda vez que isso acontecia, e durante algum tempo tentou, sem sucesso, punir Kacey, mas uma hora os castigos começaram a se sobrepor, e Gee acabou desistindo. Acho que Kacey já tem idade suficiente para cuidar de si mesma, disse ela num tom de quem duvida. A essa altura eu já tinha 15 anos, e tempos antes minha avó havia me dado a mesma chance de escolher, ou seja: cuidar de mim mesma depois da escola diariamente, ou, melhor ainda, arrumar um emprego fixo. Em vez disso, decidi participar de um grupo de adolescentes da LAP que orientava e supervisionava os alunos mais novos.

Minha decisão, embora eu não admitisse para ninguém, foi em grande parte motivada por um desejo de continuar perto do agente Cleare.

No nono ano, Kacey já estava em geral passando as tardes com um grupo de amigas liderado por Paula Mulroney.

Elas já a distraíam dos estudos. Praticamente só usavam preto, fumavam cigarros e pintavam os cabelos, e escutavam bandas como Green Day e Something Corporate, músicas que, embora eu não as suportasse, embora elas me impedissem de estudar, Kacey começou a escutar aos berros na nossa casa toda vez que Gee não estava lá para impedi-la. Ela começou a fumar também, tanto cigarro quanto maconha, e guardava um pequeno estoque de cada no buraco debaixo das tábuas do piso do nosso quarto, lugar que antes usávamos para fins mais inocentes.

Para mim isso foi como um tapa na cara.

Lembro-me com clareza da primeira vez em que encontrei comprimidos lá dentro. Devia haver uma meia dúzia, pequenos e azuis, todos dentro de um saquinho Ziploc. Por incrível que pareça, lembro-me de os ter pegado e sentido certo alívio por eles parecerem fabricados profissionalmente, gravados com duas letras nítidas num dos lados e um número no outro, bem formados e com uma aparência honesta. Quando perguntei a Kacey sobre eles, ela me tranquilizou: eram tipo um Tylenol extraforte, disse-me ela. Muito seguros. O pai de um menino chamado Albie tinha receita para eles. Vários pais do nosso bairro tinham: eram operários da construção civil, ou então ex-operários da estiva, ou outros tipos de trabalhadores que tinham usado seus corpos duramente a vida inteira, desgastado ossos e torcido músculos até formar calos e nós dolorosos. Corria o ano de 2000. O OxyContin era uma medicação que tinha quatro anos, prescrita com liberalidade pelos médicos e recebida com gratidão pelos pacientes. Era considerado menos viciante do que as gerações anteriores de remédios opioides, e portanto ninguém sabia, ainda, que era preciso ter medo. Por que você quer isso para começo de conversa?, lembro-me de perguntar a Kacey, e ela respondeu: Sei lá. Para curtir.

O que ela não me falou foi que eles estavam cheirando o remédio.

A outra atividade em que Kacey estava envolvida, nessa época, era sexo. Isso eu descobri por tabela, por um aluno cruel do décimo ano que entreouvi se gabando com os amigos. Quando confrontei minha irmã, Kacey apenas deu de ombros e simplesmente disse que ele estava falando a verdade.

Na época eu nem tinha sido beijada ainda.

Fomos nos afastando cada vez mais. Sem ela, minha solidão se tornou acachapante, um zumbido baixo, um membro sobressalente, uma lata que eu arrastava atrás de mim aonde quer que fosse. Eu sentia falta de Kacey, falta da sua presença na casa. De modo egoísta, sentia falta também dos esforços que ela fazia para me tornar mais sociável. Para me levar a festas. Para me convidar a ir com ela para as casas dos amigos. *A Mickey estava justamente dizendo*, ela costumava começar quando éramos mais novas, e em seguida creditava a mim algum comentário espirituoso ou observação que ela própria de fato inventara. Agora, quando Kacey me via na escola, ela apenas meneava a cabeça. O mais frequente era ela nem estar na escola.

Em várias ocasiões, eu esperançosamente deixava recados para minha irmã em nosso esconderijo. Eu sabia que era uma infantilidade, mesmo na hora, mas ainda assim eu insistia. Pequenos bilhetes contendo anedotas sobre o meu dia, sobre Gee, sobre algum outro membro da nossa família que tinha feito uma coisa ou outra que eu considerava divertida ou irritante o suficiente para narrar. Vivia querendo que ela reparasse em mim, que voltasse, que revertesse o seu curso e retornasse às atividades da infância que costumávamos fazer juntas.

Mas todas as vezes o bilhete que eu lhe deixava ficava sem resposta.

Naquela época, as únicas ocasiões nas quais Kacey realmente parecia reparar em mim era quando eu falava sobre o agente Cleare.

Kacey não gostava dele.

Ele é metido, era como ela dizia, ou às vezes o chamava de travado, mas eu já sabia, mesmo então, que a sua verdadeira crítica a ele era mais sombria, que minha irmã pressentia algo nele que não conseguia ou não queria nomear.

Eca, dizia Kacey quando eu falava nele, ou em qualquer coisa de que ele gostava, o que eu fazia com certa frequência. Na verdade eu começava tantas frases com *O agente Cleare falou* que Gee e Kacey acabaram finalmente eliminando a expressão do meu vocabulário, me imitando de modo tão inclemente que eu fiquei constrangida. Meu fascínio por ele causou entre mim e minha irmã uma breve reversão de papéis. Por uma vez na vida, parecia-me que Kacey estava preocupada comigo, e não o contrário.

Na primeira vez em que Kacey teve uma overdose, aos 16 anos, naquela casa cheia de desconhecidos em Kensington, foi ao agente Cleare que eu recorri em busca de ajuda e de conselho.

Foi no verão entre o segundo e o terceiro ano do ensino médio. Eu estava com 17 anos, e a essa altura ele e eu tínhamos nos tornado muito próximos. Nossas conversas tinham se expandido: além de me fazer recomendações e me instruir sobre vários assuntos, ele agora também se confidenciava comigo sobre problemas que ele próprio havia enfrentado quando criança, problemas que estava enfrentando no departamento, colegas que estavam lhe causando problemas, aborrecimentos que tinha com a família. Ele temia que sua mãe tivesse desenvolvido um problema com a bebida após a morte do seu pai, e ela recentemente caíra e quebrara a bacia. Sua irmã era uma enxerida que vivia lhe dando conselhos sobre a sua vida. Eu escutava com atenção, assentia, mais do que tudo ficava calada. Eu não tinha lhe contado muito sobre minha própria família, ainda. Por enquanto, preferia escutar a falar. Ao contrário de Gee, ele parecia gostar do quanto eu era séria, do quanto era compenetrada. Elogiava frequentemente minha inteligência, como eu era observadora, como era astuta.

Eu recentemente havia evoluído de uma integrante não remunerada do programa para adolescentes da LAP para conselheira

remunerada na colônia de férias da organização para as crianças do bairro, o que, segundo eu disse a mim mesma, fazia de mim uma igual em relação aos agentes de polícia, pelo menos sob determinados aspectos. Junto com uma dúzia de outros funcionários, eu acompanhava os colonistas de sala em sala, planejava atividades, fazia as vezes de técnica relutante em esportes sobre os quais eu mesma não sabia grande coisa. Mas na verdade eu usava esse tempo para conversar com o agente Cleare.

No dia seguinte ao episódio em questão, eu estava abalada. Fiquei zanzando pelo prédio do LAP, pálida e distraída, sem saber ao certo se deveria estar lá ou não. Talvez devesse estar em casa com Kacey, pensava eu, que estava seriamente encrocada com Gee e provavelmente sofrendo de abstinência.

Estava em pé parada na maior das salas da LAP, com os braços cruzados em volta do corpo, perdida em pensamentos, quando vi o agente Cleare me olhando de uma distância equivalente a umas doze mesas da cafeteria. O silêncio era obrigatório naquela tarde devido a um número excessivo de infrações de comportamento, e todos tinham sido instruídos a ficar lendo ou desenhando quietos.

Ele veio caminhando lentamente na minha direção, olhando de relance para as crianças cujas cabeças se ergueram para olhar para ele e direcionando-as de volta às suas tarefas.

Quando chegou a mim, inclinou a cabeça na minha direção com um ar de interrogação. Encarou-me por baixo do seu belo cenho abaixado.

— O que houve, Michaela? — perguntou, com tanta ternura que fiquei surpresa.

De súbito, rapidamente, meus olhos se encheram de lágrimas. Era a primeira vez em muitos anos que me perguntavam aquilo. A pergunta abriu em mim um abismo de anseio que seria difícil para mim algum dia tornar a fechar. Fez-me lembrar das mãos lisas da minha mãe no meu rosto.

— Ei — disse ele.

Mantive os olhos cravados no chão. Duas lágrimas quentes escorreram pelas minhas bochechas, e eu as enxuguei com fúria. Chorar para mim era raro, e eu evitava especialmente chorar na

frente de adultos. Quando éramos menores, se chorássemos, Gee muitas vezes nos alertava que ia nos dar um motivo para chorar. Às vezes, antes de ficarmos maiores do que ela, nossa avó chegou a cumprir essa ameaça.

— Sai pelos fundos — disse-me o agente Cleare, baixinho demais para ser ouvido por qualquer outra pessoa. — Fica lá.

Estava fazendo mais de trinta graus nesse dia. A área externa atrás do prédio consistia numa quadra de basquete com arquibancadas mambembes e um campo em mau estado que podia ser usado para futebol ou futebol americano. As ruas em volta eram igualmente mortas. Nenhum passante, ninguém parado na rua, nenhuma janela para dentro do prédio. Moscas zumbiam preguiçosas em volta da minha cabeça, e eu as espantei enquanto andava.

Encontrei um pedaço de sombra e me apoiei no prédio de tijolos onde funcionava a LAP. Meu coração batia forte. Eu não sabia direito por quê.

Estava pensando em Kacey: na cama de hospital na qual ela fora colocada após chegar no Hospital Episcopal. No silêncio entre nós duas. *Eu não entendo isso*, eu dissera, ao que Kacey havia respondido: *Eu sei que não*, e só. Ela parecia estar com dor. Tinha os olhos fechados. Seu rosto estava muito, muito pálido. Então as portas da enfermaria se abriram e por elas entrou nossa avó, rosto duro feito aço, mãos contraídas. Gee sempre tinha sido uma mulher magra, imbuída de uma energia nervosa, o tipo de pessoa que nunca para de se mover. Nesse dia, porém, ela havia ficado assustadoramente parada enquanto sussurrava para Kacey por entre dentes cerrados.

— Abre os olhos — ordenou ela. — Olha pra mim. Abre a porra dos olhos.

Depois de uma pausa Kacey obedeceu, apertando os olhos e virando o rosto para longe das luzes frias do teto.

Gee esperou Kacey estar concentrada nela. E então falou:

— Escuta o que eu vou dizer. Já passei por isso uma vez com a sua mãe.

Eu nunca mais vou passar por isso de novo.

Ela estava com um dedo esticado estendido na direção de Kacey. Segurou-a pelo cotovelo e a puxou para fora da cama, fazendo o acesso venoso preso ao seu braço ser dolorosamente arrancado, e eu fui atrás. Nenhuma de nós parou quando uma enfermeira gritou atrás da gente que Kacey não estava pronta para ter alta.

Em casa, Gee deu um tapa na minha irmã, um tapa forte, na cara, e Kacey subiu correndo para o nosso quarto, bateu a porta e trancou.

Depois de um tempo eu fui atrás, bati de leve e repeti incontáveis vezes o nome dela. Mas nenhuma resposta veio.

Os tijolos do prédio da LAP estavam tão quentes que era desconfortável ficar encostada neles, então tornei a ficar de pé. Estava com as costas viradas para a porta pela qual saíra, e ao ouvi-la abrir e se fechar sem ruído atrás de mim não me virei. O ar estava viscoso de tão úmido. Filetes de suor escorriam pelas laterais do meu corpo por baixo da camisa. Mantive o olhar fixo à frente enquanto o agente Cleare se aproximava. Pude sentir quando ele parou e aguardou alguns instantes atrás de mim, talvez para refletir. Pude ouvir sua respiração. Então, num gesto rápido, ele passou o braço à minha volta. Eu já tinha chegado à minha estatura de adulta vários anos antes, e não eram muitos os meninos da minha escola tão mais altos do que eu quanto ele. Mas, quando ele me abraçou, era tão maior do que eu que podia apoiar o queixo no alto da minha cabeça.

Fechei os olhos. Podia sentir seu coração batendo perto das minhas costas. Desde a morte da minha mãe, eu tinha o mesmo sonho recorrente: nele, uma figura sem rosto me ninava, com um braço atrás das minhas costas e outro sob minhas pernas, as duas mãos unidas do outro lado, de modo que a minha sensação era estar bem abrigada dentro de uma caixinha. E essa figura me ninava nos braços para a frente e para trás. Há anos não tenho esse sonho, mas ainda consigo me lembrar da sensação que tinha sempre que acordava dele: eu me sentia reconfortada. Acalmada. Acalentada.

Assim abraçada por Simon Cleare, abri os olhos. Aqui está ele, pensei.

— O que houve? — Simon voltou a perguntar.
Daquela vez, eu respondi.

AGORA

Lamento dizer que levo bastante tempo para me recuperar depois de minha conversa com Alonzo. Passo dez minutos sentada dentro do carro, então começo distraidamente a patrulhar o setor que me foi designado. As pessoas na calçada são um borrão. De vez em quando, penso ver minha irmã, mas acabo descobrindo que não é ela, que a pessoa na verdade não tem nada a ver com ela. Embora faça muito frio do lado de fora, abaixo o vidro para deixar o ar esfriar meu rosto.

Vários chamados entram, mas eu demoro a responder.

Chega disso, digo a mim mesma por fim, e torno a encostar a viatura; procedo de modo demasiado abrupto, e um carro civil para atrás de mim com um cantar de pneus. Pergunto-me como eu abordaria o caso de uma pessoa desaparecida se fosse de fato uma investigadora.

Com hesitação, toco o terminal de dados móvel afixado ao console central do meu carro. É parecido com um notebook, e eu sou razoavelmente boa com computadores, mas esses sistemas são reconhecidamente horríveis e às vezes estão até quebrados. Nesse dia, o da minha viatura está funcionando, mas muito lentamente.

Vou pesquisar o nome de Kacey na base de dados do CICF, Centro de Informações Criminais da Filadélfia.

Não deveria fazer isso: tecnicamente precisamos ter um motivo válido para pesquisar qualquer pessoa, minhas credenciais ao me logar vão revelar o que eu fiz para qualquer um que se importar em olhar, e eu não gosto de infringir o protocolo dessa forma, mas nesse dia estou apostando na ideia de que na verdade ninguém se importa. Ninguém no nosso distrito tem tempo para isso.

Mesmo assim, as batidas do meu coração se aceleram de leve quando eu digito.

Fitzpatrick, Kacey Marie, digito. Data de nascimento: 16/3/1986.

Uma ficha de um quilômetro de comprimento aparece na tela. A prisão mais antiga que consigo ver, já que as outras foram provavelmente removidas porque Kacey era menor de idade na

época, é de 13 anos antes, quando ela tinha 18. Embriaguez em via pública. Isso agora parece quase brando, quase engraçado, o tipo de deslize que aparece na ficha de muita gente.

Mas o tipo de encrenca em que Kacey se metia foi se agravando rapidamente depois disso. Uma prisão por posse de drogas, uma prisão por agressão (um ex-namorado, se bem me lembro, que batia nela e ligou para a polícia na primeira vez em que ela revidou). Depois prostituição, prostituição, prostituição. A anotação mais recente na ficha é de um ano e meio antes. Essa é por roubo sem agravantes. Ela foi condenada; passou um mês presa. Sua terceira estadia na prisão.

O que eu não encontro, o que estava torcendo para encontrar, é qualquer indicação de ela ter sido detida mais recentemente. Qualquer indicação, imagino eu, de que ainda esteja viva.

Há um passo seguinte natural. Qualquer investigador com um caso de pessoa desaparecida para resolver entrevistaria, é claro, os familiares dela o quanto antes.

Apesar disso, enquanto olho para o celular nas minhas mãos, sou impedida pelo mesmo incômodo esquisito que me domina toda vez que cogito entrar em contato com os O'Brien.

A explicação mais simples é a seguinte: eles não gostam de mim, e eu não gosto particularmente deles. Passei a vida inteira com a desconfortável sensação de ser por algum motivo uma ovelha negra na minha família, como qualquer um que dê sinais de querer participar produtivamente da sociedade, eu deveria acrescentar. Só na família O'Brien as boas notas de uma criança na escola, ou seu gosto pela leitura, ou sua eventual decisão de trabalhar na segurança pública seriam vistos com desconfiança. Nunca quis que Thomas se sentisse tão solitário quanto eu me sentia, como um estranho na própria tribo, nem que fosse de qualquer modo influenciado pelos O'Brien, que além de se dedicarem a pequenos delitos têm também uma tendência ao racismo, bem como a outras formas encantadoras de preconceito. Sendo assim, depois que ele nasceu, tomei a decisão de não lhe impor os O'Brien nem seu

estranho conjunto de valores. Minha regra não é a ferro e fogo: de vez em quando nós vemos algum deles em nossa visita anual ou semestral à casa de Gee, e volta e meia cruzamos com algum O'Brien na rua ou numa loja, e nessas ocasiões eu sempre me mostrei cordial; mas de modo geral eu os evito.

Thomas ainda não entende por quê. Sem querer assustá-lo nem o soterrar com informações que na sua idade ele não é capaz de processar, eu disse ao meu filho que nosso contato limitado com a minha família se deve principalmente aos meus horários de trabalho. Na falta de um motivo melhor do que esse, ele pergunta com frequência sobre eles, pede para ver os que conhece, pede para conhecer os outros. Uma vez, quando ainda estava matriculado na sua antiga escola, todas as crianças tiveram de fazer uma árvore genealógica. Quando Thomas me pediu, um pouco ansioso, fotos dos diversos membros da nossa, fui obrigada a confessar que não tinha nenhuma; em vez disso, então, ele fez desenhos de todos como imaginava que fossem, tristes rostos redondos com tufo de cabelos encaracolados de cores variadas. Ele hoje tem esse desenho pendurado na parede do quarto.

Sentada na minha viatura, preparo-me para deixar o orgulho de lado e estender a mão para meus parentes.

Primeiro, faço uma lista de pessoas com quem entrar em contato. Dessa vez, pego meu bloquinho e encontro uma página em branco bem no final, que arranco. Nessa página escrevo os seguintes nomes:

Gee (de novo)

Ashley (uma prima nossa, mais ou menos da nossa idade, de quem éramos bem próximas quando pequenas)

Bobby (outro primo, menos legal, metido com drogas e que antes era o traficante de Kacey até eu falar com ele um dia e ameaçar prendê-lo, e mais, caso algum dia o pegasse fazendo aquilo de novo)

Então passo para outros:

Martha Lewis (em determinado momento a agente de condicional de Kacey, embora eu creia que desde então tenham lhe

atribuído outra)

Depois, alguns vagos conhecidos. Depois, alguns de nossos amigos do bairro. Depois, alguns dos amigos dela do fundamental. Depois, alguns amigos dela do ensino médio. Depois, alguns dos amigos atuais de Kacey, que até onde eu sei a essa altura talvez sejam inimigos. Nunca dá para ter certeza.

Sentada na viatura 2885, ligo para cada um deles sucessivamente.

Ligo para Gee: ninguém atende. Tampouco cai na secretária. Quando éramos mais novas, isso provavelmente era para evitar credores. Agora é por hábito, e provavelmente devido a uma certa misantropia. Se as pessoas quiserem falar comigo, diz Gee, elas que continuem tentando.

Ligo para Ashley. Deixo recado. Ligo para Bobby. Deixo recado.

Ligo para Martha Lewis. Deixo recado.

Por fim, ocorre-me que hoje em dia quase mais ninguém escuta mensagens de voz, então começo a mandar mensagens de texto para todo mundo.

Você sabe da Kacey?, digito. Ela está sumida faz um tempo. Se souber de alguma coisa, por favor, me avisa.

Fico olhando para o celular. Aguardo.

Martha Lewis é a primeira a responder. *Oi, Mick, lamento saber. Que pena. Deixa eu pesquisar um pouco.*

Em seguida minha prima Ashley. *Não, sinto muito.*

Alguns amigos antigos escrevem dizendo que não a viram recentemente. Eles me desejam sorte. Me dão os pêsames.

A única pessoa que não manda resposta nenhuma é nosso primo Bobby. Tento ligar para ele outra vez, depois mando outra mensagem para Ashley para confirmar que estou com o número certo.

É esse mesmo, responde ela.

Então uma ideia me ocorre, assim muito de repente. Hoje é segunda-feira, 20 de novembro; ou seja, quinta-feira é Dia de Ação de Graças.

Todos os anos, desde que eu era pequena, os O'Brien, o lado da família de Gee, se reúnem para comemorar esse dia. Quando eu era mais nova, o Dia de Ação de Graças era na casa de tia Lynn, irmã mais nova de Gee. Hoje em dia, quem em geral recebe é Ashley, a filha de Lynn, mas faz muitos anos que eu não vou, desde antes mesmo de Thomas nascer.

Sempre dei a mesma desculpa, ano após ano, para faltar ao Dia de Ação de Graças dos O'Brien: que eu precisava trabalhar. O que não digo a ninguém é que, mesmo nos anos em que tive a possibilidade de folgar, decidi trabalhar mesmo assim em troca de um dinheiro a mais.

Este ano é um dos raros em que eu por acaso vou folgar no Dia de Ação de Graças. Eu tinha planejado passar a data sozinha com Thomas. Ia comprar batatas-doces em lata, purê de batatas instantâneo e um frango de padaria. Ia acender uma vela no meio da mesa e contar ao meu filho a história do primeiro Dia de Ação de Graças, que aprendi com minha professora de história preferida no ensino médio, a sra. Powell, e que é bem diferente da versão tipicamente ensinada nas escolas.

Mas, então, me ocorre que ir à comemoração de Ação de Graças da família O'Brien pode ser um jeito de perguntar sobre Kacey e, mais especificamente, de perguntar sobre ela para o primo Bobby, que ainda não respondeu às minhas mensagens.

Volto a ligar para Gee. Dessa vez ela atende.

— Gee — digo. — É a Mickey. Você vai na casa da Ashley no Dia de Ação de Graças?

— Não — responde ela. — Tenho trabalho.

— Mas ela vai receber alguém?

— Segundo a Lynn, vai. Por quê?

— Queria só saber.

— Não vai dizer que você está pensando em ir — diz ela, sem acreditar.

— Talvez — digo eu. — Ainda não tenho certeza.

Gee fica calada alguns instantes.

— Bom — diz ela. — Quem diria.

— É que este ano eu vou folgar. Só isso. Não fala nada com a Ashley ainda. Caso não dê para eu ir.

Antes de desligar, eu lhe pergunto mais uma vez:

— Nenhuma notícia da Kacey, né?

— Que droga, Mickey. Você sabe que eu não falo mais com ela. Que bicho te mordeu?

— Nenhum, esquece — respondo.

Passo o resto do dia buscando inutilmente pelas calçadas qualquer um com quem possa conversar. Checo meu celular compulsivamente. Só consigo atender uns poucos chamados, escolhendo a dedo aqueles que sei que serão fáceis.

Nessa noite, quando chego em casa e encontro Thomas, ele parece preocupado comigo. Na verdade, me pergunta se tem alguma coisa errada.

Quero responder: está tudo errado, menos você. Ultimamente você é o único grande prazer da minha vida. Sua pequena presença, seu rostinho observador, sua inteligência que não para de aumentar, cada palavra ou expressão nova que surge no seu vocabulário e que eu avalio, que guardo como se fosse ouro para o seu futuro. Pelo menos eu tenho você.

Não digo nada disso, claro. Digo a ele:

— Não tem nada errado. Por quê?

Mas posso ver pela sua expressão que ele não acredita em mim.

— Thomas, o que você acha de a gente ir passar o Dia de Ação de Graças na casa da prima Ashley?

Thomas se levanta num pulo com as mãos unidas junto ao peito, dramático. São mãos de menino, cutículas ressecadas, dedos fortes, palmas sempre com cheiro de terra, mesmo se ele não tiver cavado no dia.

— Estou com muita saudade dela — diz ele.

Contra minha vontade, sorrio. Acho que a última vez que ele viu Ashley foi há dois anos, na casa de Gee, quando passamos lá no Natal; duvido, portanto, que ele de fato se lembre dela. Sabe que ela existe por causa da árvore genealógica feita em casa pregada na sua parede, que ele às vezes acompanha com o dedo, recitando

cada nome. Ele sabe que a prima Ashley é casada com o primo Ron e mãe de seus outros primos, Jeremy, Chelsea, Patrick e Dominic. Sabe que a mãe da prima Ashley é a tia Lynn.

Thomas então ergue as mãos num gesto de vitória e me pergunta quantos dias faltam para irmos.

Ponho-o na cama. Nas semanas em que estou em casa na hora de ele dormir, nossa rotina é sempre a mesma: banho, livros, cama. Somos frequentadores das bibliotecas do nosso bairro, primeiro em Port Richmond, agora em Bensalem. Todos os bibliotecários daqui conhecem Thomas pelo nome. Uma vez por semana, nós escolhemos uma pilha de livros para lermos juntos, e todas as noites deixo Thomas escolher quantos quiser para ler. Então, juntos, nós experimentamos as palavras em voz alta e descrevemos as ilustrações, inventamos enredos, especulamos sobre o que vai acontecer a seguir.

Nas semanas em que estou trabalhando à noite, quando Bethany põe Thomas na cama, tenho a impressão de que ela não lê muito para ele, se é que lê.

Uma vez acomodado na cama, fico parada mais um pouco dentro do seu quarto escuro e tranquilo, pensando como seria bom me permitir deitar a cabeça ao lado da sua no travesseiro e adormecer ali, só um pouquinho.

Mas, como eu tenho trabalho a fazer, levanto, beijo a testa do meu filho e fecho a porta sem fazer barulho.

Na sala, abro o notebook antiquíssimo que era de Simon e que ele me deu anos antes, quando comprou um novo, e acesso um navegador.

Sempre fui resistente às “redes sociais”. Não gosto de estar conectada a ninguém o tempo todo, quanto mais a semidesconhecidos, pessoas do meu passado com as quais não tenho motivos para manter contato. Mas sei que Kacey as usa com frequência, ou pelo menos as usava num determinado momento. Assim, digito *Facebook* no campo de pesquisa, clico no link, e tento encontrá-la ali.

E ali está ela: *Kacey Marie*. A foto principal da página é da minha irmã segurando uma flor na mão, sorrindo. Seus cabelos parecem os mesmos de quando a vi pela última vez na rua, de modo que a foto deve ser pelo menos razoavelmente atual.

Mais abaixo, na página em si, não espero encontrar grande coisa. Não posso imaginar que atualizar seu perfil no Facebook esteja no alto da lista de afazeres diários de Kacey. Mas fico surpresa ao descobrir que a página dela está repleta de postagens. Muitas delas são imagens de gatos e cachorros. Algumas são fotos de bebês. Bebês desconhecidos, imagino eu. Algumas são vagas reclamações sobre lealdade, ou então falsidade, ou então traição, que parecem ter sido criadas por terceiros com o objetivo de fazer marketing em massa. (Ao lê-las, tomo consciência, mais uma vez, do quão pouco eu hoje sei sobre a minha irmã.)

Algumas postagens, as mais importantes, são da própria Kacey, e são elas que eu percorro mais avidamente em busca de pistas.

Se você não conseguir da primeira vez... diz uma do verão passado.

Alguém tem um trabalho para mim?

Quero ver Esquadrão Suicida!

No Rita's!!! (Este tem uma foto de Kacey sorrindo com um copo de granita na mão.)

Eu amo o amor, diz um post de agosto. Junto há uma foto de Kacey com um homem, alguém que eu não reconheço, um homem magro, branco, de cabelos curtos, com os antebraços tatuados. Ele e Kacey estão olhando para um espelho. Ele a está abraçando.

Ele está marcado na foto: *Connor Dock Famisall*. Abaixo da imagem, alguém escreveu: *Tá bonitão, Doutor*.

Estreito os olhos para ele. Ao contrário da de Kacey, a página dele é privada. Penso em lhe enviar uma solicitação de amizade, depois mudo de ideia.

Digito *Connor Famisall* no Google, mas encontro zero resultados. Vou fazer uma busca pelo seu nome na base de dados do CICF amanhã, quando estiver de novo numa viatura da polícia.

Por fim, volto a acessar a página de Kacey.

O último post, do dia 28 de outubro, é de uma pessoa chamada Sheila McGuire.

Kace, liga pra mim, diz o texto.

Não há nenhum comentário abaixo dele. Na verdade, a última vez que Kacey parece ter postado alguma coisa foi há um mês, no dia 2 de outubro. *Fazendo uma coisa que me dá medo.*

Clico no botão de *Mensagem*. E, pela primeira vez em cinco anos, entro em contato com a minha irmã.

Kacey, escrevo. *Estou preocupada com você. Cadê você?*

Na manhã seguinte, fora do seu costume, Bethany chega cedo. Recentemente passei a recorrer ao suborno para Thomas me deixar sair de manhã sem fazer uma cena: adesivos que, ao chegarem a dez, conduzem a um livro de colorir que ele pode escolher. Nesse dia, portanto, chego no trabalho cedo e entro no vestiário. Estou limpando os sapatos com um papel-toalha quando algo na pequena televisão suspensa no canto do teto chama minha atenção.

“Uma onda de violência em Kensington”, diz o âncora, solene, e eu endireito um pouco as costas.

Pelo visto, a imprensa finalmente se inteirou da notícia. Se aqueles assassinatos estivessem acontecendo em Center City, já teríamos ouvido falar na primeira ocorrência um mês atrás.

Só há mais um agente no recinto, uma jovem que começou há pouco tempo. Nesse dia, ela está acabando seu turno da madrugada. Não me lembro do seu nome.

“Os corpos de quatro mulheres foram encontrados recentemente em incidentes distintos, todos inicialmente considerados overdoses. Mas novas informações estão fazendo a polícia questionar se eles podem estar relacionados a algum crime.”

Quatro.

Só estou a par de três: a mulher que encontramos nos Trilhos, ainda não identificada; Katie Conway, 17 anos; e a cuidadora de 18 anos, Anabel Castillo. Sento-me num dos bancos de madeira que separam os escaninhos do vestiário.guardo alguns instantes, com os olhos fechados, imaginando subitamente a minha vida dividida

por uma linha nítida: antes desse momento e depois. É como eu me senti todas as vezes que recebi notícias ruins. O tempo passa arrastado na inspiração que as pessoas sorvem antes de dizer:

Eu tenho uma coisa pra te contar.

A reportagem cita os nomes, começando com Katie Conway. A mãe dela é entrevistada, abalada, transtornada, quase certamente embriagada. Sua voz sai lenta demais. Ela era uma boa menina, diz a mãe sobre Katie. Sempre foi uma boa menina.

Aguardo, sem respirar. Não pode ser Kacey, penso; alguém com certeza teria me contado. Eu não falo sobre ela no trabalho, mas nós afinal temos o mesmo sobrenome, o do nosso pai, Fitzpatrick, ainda que seja só isso. Checo meu telefone. Nenhuma ligação registrada.

O âncora então passa para Anabel Castillo, a cuidadora, em seguida para a mulher não identificada que Eddie Lafferty e eu encontramos nos Trilhos. Naturalmente, no caso dela não há foto disponível. Mas eu ainda posso vê-la com clareza na mente. Tenho visto sua imagem por trás das minhas pálpebras todas as noites antes de pegar no sono.

Sei que agora eles vão falar sobre a quarta vítima, aquela de quem eu ainda não soube. Aos poucos, depois rapidamente, minha visão escurece.

“Hoje de manhã”, diz o âncora, “uma quarta vítima, possivelmente relacionada às anteriores, foi encontrada em Kensington. Segundo a polícia, ela já foi identificada, mas eles estão esperando a família ser avisada para divulgar seu nome.”

— Está tudo bem? — pergunta minha companheira de vestiário, e eu faço que sim com a cabeça, mas não é verdade.

Quando eu era criança, costumava ter crises. Um médico certa vez me disse que elas eram “ataques de pânico”, embora essa seja uma expressão que me desagrade. Consistiam em minutos ou horas durante os quais eu pensava estar morrendo, nos quais contava cada batida do meu coração certa de que seria a última. Há anos não tenho uma crise dessas, desde o ensino médio, mas de repente no vestiário reconheço os sinais de uma delas se aproximando. O mundo escurece nas bordas. Tenho a sensação de que não consigo

ver, de que a informação que meus olhos estão recebendo não faz mais sentido para minha mente. Tento acalmar a respiração.

O sargento Ahearn está em pé ao meu lado, vermelho e impassível. Ao seu lado está a jovem agente. Ela tem cabelos louros e é bem magrinha. Está despejando água na minha testa num filete vagaroso.

— Minha mãe me ensinou a fazer isso — diz a novata para o sargento Ahearn.

— Ela é socorrista — acrescenta, para dar mais ênfase.

Uma profunda sensação de vergonha me domina. Sinto como se um segredo em relação a mim tivesse sido revelado. Enxugo a água da testa. Tento depressa demais me sentar, rir, minimizar o que aconteceu. Mas me vejo de relance no espelho e meu rosto está cinza, sombrio e assustador. Torno a ficar tonta.

Apesar de eu protestar que estou bem, o sargento Ahearn insiste para eu tirar o dia de licença médica. Estamos na sua sala. Sentada numa cadeira em frente à sua mesa, tento convencer a mim mesma a me sentir melhor.

— Não posso deixar você ficar desmaiando no trabalho — diz ele. — Vai pra casa e descansa.

Desmaiando. Uma palavra constrangedora que Ahearn parece saborear ao dizê-la em voz alta para mim. Estará ele escondendo um sorriso? Imagino-o narrando o ocorrido durante a chamada e sinto um arrepio.

Então me recomponho e me levanto da cadeira. Antes de sair, no entanto, reúno meu raciocínio e minha coragem e digo a ele:

— Fiquei sabendo que encontraram outro corpo no distrito.

Ele me olha.

— Só um? — indaga. — Que sorte a nossa.

— De overdose, não — digo eu. — Uma mulher. Outro estrangulamento.

Ele não diz nada.

— A imprensa ficou sabendo — acrescento. Ele assente.

— A gente tem alguma descrição? — pergunto a ele. Ele suspira.

— Por quê, Mickey? — pergunta.

— É que eu estava pensando se poderia conhecer, só isso. Quero dizer, se algum dia trouxe ela para cá.

Ele pega o celular. Consulta alguma coisa. Lê para mim em voz alta.

— Christina Walker, segundo a identidade. Afro-americana, vinte anos, 1,63 metro, 68 quilos.

Não é Kacey.

É a Kacey de outra pessoa.

— Obrigada — digo para Ahearn.

Pela janela dele, passo um tempo olhando para vários carvalhos que já perderam quase completamente as folhas para o inverno. Lembro-me de aprender, num curso que fiz no ensino médio, que a maior parte da Pensilvânia é coberta por florestas de carvalho dos Apalaches, o que me pareceu estranho na época, já que *Apalaches* é uma palavra que associo ao sul, e *Pensilvânia* ao norte.

— Mickey — diz Ahearn, e só então me dou conta de que passei tempo demais parada. — Você tem certeza de que não falou com Truman ultimamente? — pergunta ele.

Não respondo na hora.

Então pergunto:

— Por quê?

Ele volta a sorrir, sem gentileza.

— No vestiário — diz. — Você ficou chamando o nome dele.

Truman Dawes.

Do lado de fora da delegacia, acesso o seu número. Passo um tempo olhando para o telefone, contemplando aquele nome, imaginando quantas vezes na última década eu o disse em voz alta.

Truman Dawes. Meu mentor mais importante. Em alguns anos, meu único amigo. Truman, ao lado de quem trabalhei por quase uma década. Truman, que me ensinou tudo que sei sobre o ofício de policial: que me ensinou que respeito por uma comunidade gera

respeito; que franzia a testa toda vez que alguém maldizia ou ofendia o distrito; que sempre tinha uma palavra de consolo ou uma piada quando a ocasião pedia, mesmo no meio de uma prisão — Truman, de quem sinto falta diariamente. Não há ninguém de cujo conselho eu mais precise neste momento.

A verdade é que eu o tenho evitado.

Tenho certo mau hábito desde que era criança. Esquivo-me do que não consigo me forçar a admitir, viro as costas para qualquer coisa que me cause vergonha, fujo dela em vez de encará-la. Sob esse aspecto, sou uma covarde.

No ensino médio, eu tinha uma professora preferida, de história, chamada sra. Powell. Ela não era velha, embora na época me parecesse ser. Não era muito querida pelos outros alunos. Não ganhava a admiração de ninguém de modo fácil ou barato como alguns outros professores; estou pensando aqui sobretudo em professores jovens, brancos e do sexo masculino, que tinham praticado esportes no ensino médio e brincavam com seus alunos como se fossem um deles. Não. A sra. Powell era diferente. Devia ter uns 35 anos, afro-americana, mãe de dois filhos pequenos. Vestia calça jeans todos os dias, usava óculos, e de modo geral não tentava ser engraçada, portanto os alunos que atraía eram mais sérios, e a esses alunos ela se dirigia com verdadeira gravidade, e para eles, para nós, tinha uma verdadeira ambição. Lembro que ela nos deu seu telefone pessoal, seu telefone de casa, e nos instruiu a lhe telefonar a qualquer hora se precisássemos de ajuda extra. Embora eu só tenha aceitado essa sua oferta uma vez, gostava de saber que tinha essa opção, que tinha um modo de entrar em contato com pelo menos um adulto responsável fora do horário escolar. Isso me tranquilizava.

Supostamente era para a sra. Powell ter nos ministrado dois anos de aulas de história norte-americana avançada, com ênfase na história da Pensilvânia, mas ela ensinou muito mais do que isso aos alunos que prestavam atenção. Nas suas aulas aprendi os fundamentos da filosofia e do debate, e algumas informações

interessantes tanto sobre geologia quanto sobre dendrologia; o carvalho era um favorito especial seu, e hoje em dia meu, e hoje em dia de Thomas. Também escutei a sra. Powell descrever, de improviso, os desequilíbrios de poder neste país que tiveram como resultado formas de preconceito institucionalizadas, embora ao abordar esse território ela se mostrasse delicada, sempre consciente dos grupos de meninos e meninas poloneses, irlandeses e italianos nos fundos da sala que, com uma reclamação para os pais, podiam dificultar sua vida e seu trabalho.

Eu era tão dedicada à sra. Powell e às suas aulas que houve um tempo em que, na verdade, acreditei que desejava seguir seus passos e me tornar eu própria professora de história do ensino médio. Até hoje penso como teria sido essa outra vida. Thomas começou a fazer perguntas sobre como diversas coisas acabaram ficando do jeito que são, e eu me pego chacoalhando a mente para tentar lembrar o que a sra. Powell me ensinou tantos anos atrás ou, quando não consigo, pesquisando as perguntas de Thomas sozinha e depois lhe apresentando as respostas de um jeito que torço para ser interessante. Como a própria sra. Powell era.

O objetivo disso tudo é dizer que eu gostava tanto da sra. Powell e das matérias que ela me ensinava, que a admirava tanto, que quando topei com ela num supermercado vários anos atrás, de uniforme, eu congelei.

Fazia muito, muito tempo que eu não a via. A última notícia que ela tivera de mim fora que eu estava me candidatando a universidades.

Ela estava segurando uma caixa de cereal acima de um carrinho de compras cheio. Seus cabelos agora eram grisalhos.

Ela abriu a boca. Registrou meu traje. (Lembrei num instante de uma palestra especial que ela havia dedicado às rebeliões de Los Angeles, e da expressão que ela havia exibido ao explicar sua causa.) Ela hesitou. Então vi seus olhos se moverem para a minha identificação, *M. Fitzpatrick*, que pareceu lhe confirmar a verdade.

— Michaela? — disse ela, com hesitação. — É você?

O tempo ficou mais lento.

Depois de uma pausa, eu respondi:

— Não.

Como eu disse: uma covarde. Sem querer me explicar, sem querer defender minhas próprias decisões. Eu nunca tinha sentido vergonha de ser policial. Nessa hora, por motivos que acho difíceis de explicar, senti.

A sra. Powell hesitou por alguns instantes, como se estivesse decidindo o que fazer. Então disse:

— Eu me enganei.

Mas na sua voz pude escutar sua descrença.

Agora, no estacionamento, ao recordar esse pequeno e indigno instante, essa pequena falha de caráter minha, reúno minha coragem, torno a erguer o celular e ligo para Truman.

O telefone toca cinco vezes antes de ele atender.

— Dawes — diz ele.

De repente constato que não sei por onde começar.

— Mick? — diz ele após uma pausa.

— É.

Sinto um bolo na garganta e isso me deixa encabulada. Há anos não choro, e certamente não na frente de Truman. Abro a boca, e o som que sai é uma espécie de estalo horrível. Limpo a garganta com um pigarro. A sensação passa.

— O que está acontecendo? — pergunta Truman.

— Você está ocupado?

— Não — responde ele.

— Posso passar aí?

— Claro — diz ele.

Ele me dá seu endereço novo. Ligo o carro e sigo para lá.

Aconteceu assim. O ataque. Veio do nada e pareceu não ter qualquer motivação, a menos que a motivação fosse simplesmente nossos uniformes e nosso trabalho. Segundos antes, Truman e eu estávamos de frente um para o outro, em pé ao lado de nossa viatura, na calçada. Ao fundo, atrás de Truman, vi alguém se

aproximando. Um homem jovem. Estava usando uma jaqueta leve que, com o zíper puxado até em cima, escondia em parte seu rosto, e um boné de beisebol abaixado na testa. Era um dia frio de abril e essas roupas fizeram sentido para mim, não me causaram nenhum alarme. Ele estava usando uma calça de corrida e trazia um taco de beisebol apoiado casualmente num dos ombros, como se estivesse voltando para casa depois de treinar.

Mal olhei para ele. Estava rindo de alguma coisa que Truman estava dizendo, e Truman estava rindo também.

Num movimento fluido, quase gracioso, o rapaz brandiu seu taco de beisebol ao passar por Truman, acertando-o vigorosamente na patela direita. Truman caiu no chão. Com a mesma rapidez, o rapaz deu um pisão no mesmo joelho, então saiu correndo.

Acho que gritei *Ei*, ou *Parado aí*, ou *Não se mexa*.

Mas minha principal sensação foi a de estar eu mesma congelada: meu parceiro estava caído no chão, se contorcendo de dor, e de repente meus instintos me falharam de um jeito que não acontecia desde que eu era novata. Detestei vê-lo daquele jeito: fora de controle, sofrendo. Ele estava sempre no controle.

Dei um ou dois passos titubeantes, primeiro para ir atrás do agressor, depois de volta na direção de Truman, sem querer deixá-lo sozinho.

— *Vai lá*, Mickey — disse Truman por entre dentes cerrados, e eu finalmente saí correndo na direção do homem que já desaparecia.

Ele dobrou uma esquina. Eu fui atrás.

Fui recebida do outro lado pelo cano de uma pequena arma, uma arma de bolso, uma Beretta com cabo de madeira, e depois dele pelo olhar do rapaz que havia agredido Truman. Seu rosto agora estava totalmente escondido com exceção dos olhos, que eram azuis.

— Para trás, porra — disse o rapaz baixinho.

Sem hesitar, obedeci. Recuei vários passos, então tornei a me encolher pela quina do prédio, agora ofegante.

Olhei para minha direita: Truman caído no chão.

Espiei pela lateral do prédio: o agressor tinha desaparecido.

Não tive participação alguma na prisão do rapaz. Ele passou um angustiante mês à solta. Nesse intervalo, Truman foi submetido à primeira e à segunda de várias cirurgias que fez enquanto estava de licença médica. Quando o agressor foi finalmente preso, isso não aconteceu devido a qualquer contribuição minha, mas sim à descoberta de imagens da câmera de uma fachada de loja a alguns quarteirões dali, que revelaram o rosto de um infrator conhecido.

Fiquei aliviada ao saber que ele estava longe das ruas, e além do mais por muito tempo.

Mas a sua prisão pouco me reconfortou além disso, pois não fez nada para aliviar minha culpa, minha sensação de vergonha. Minha convicção de que, ao não agir rápido o suficiente, ao recuar quando ordenada pelo homem em questão, eu havia deixado meu parceiro na mão.

Visitei Truman uma vez só, no hospital. Mantive a cabeça baixa. Fui breve com minhas condolências.

Não consegui encará-lo nos olhos.

A casa nova de Truman fica em Mount Airy. Nunca estive lá. Dobro errado várias vezes no caminho, o que me deixa ainda mais nervosa.

Não estive muitas vezes na antiga casa dele em East Falls — com poucas exceções, meu relacionamento com Truman acontecia no trabalho — mas pelo menos a conhecia; fui deixá-lo e buscá-lo lá ao longo dos anos, e uma ou duas vezes compareci a algum evento. As comemorações da formatura de suas filhas no ensino médio; o aniversário da sua mulher. Esse tipo de coisa. Dois anos antes, porém, ele anunciou com uma casualidade forçada que ia se divorciar de Sheila após mais de duas décadas de casamento, e que ia sair de casa. As meninas agora estavam na faculdade, falou, e de nada adiantava mais fingir que ele e Sheila tinham alguma coisa em comum. Se eu o tivesse pressionado, creio que ele teria admitido que o divórcio fora ideia dela, não sua — fiquei convencida disso por causa de uma tristeza específica, de um embotamento incomum em suas emoções, somados aos muitos anos antes disso que ele havia passado exibindo uma expressão radiante toda vez que a

mencionava —, mas nunca pressionei Truman por detalhes que ele não me desse voluntariamente, e ele me retribuía o favor. (Essa era, creio eu, uma das principais razões pelas quais sempre nos demos tão bem.)

Mount Airy representa uma parte da cidade que eu não conheço. Quando eu era pequena, era como se o noroeste da Filadélfia estivesse localizado num outro estado em relação ao nordeste. O noroeste tem seus próprios problemas, uns poucos bolsões de alta criminalidade, mas abriga também dentro de suas fronteiras grandes mansões de pedra com muros de pedra compridos e extensos gramados, o tipo de residência pela qual a Filadélfia era conhecida no tempo em que a menção do nome da cidade trazia à mente Katharine Hepburn, não estatísticas de criminalidade. A maior parte do que sei sobre a história do nordeste foi a sra. Powell quem me ensinou: a região surgiu como um assentamento de vinte famílias de colonos alemães, e levava o nome condizente de Germantown.

Finalmente encontro a rua de Truman. Entro nela.

Do lado de fora, a casa é encantadora: independente das vizinhas por um espaço diminuto, uma minúscula faixa de grama de ambos os lados. É estreita de fachada mas parece ser profunda, com um gramado curto na frente que desce num forte declive até a calçada, uma varanda dianteira com um balanço, e um acesso de carros na lateral. O carro de Truman está parado ali. Haveria espaço suficiente para o meu também, mas hesito e acabo parando na rua.

Truman abre a porta enquanto ainda estou subindo os degraus da frente. Na faculdade ele praticou corrida cross-country, e depois disso foi maratonista. Contou-me que seu pai era uma estrela de nível internacional do atletismo na Jamaica antes de emigrar para os Estados Unidos, pendurar as chuteiras, fazer um mestrado em educação e então, infelizmente, morrer demasiado jovem. Antes de morrer, porém, ele transmitiu ao filho o que sabia sobre velocidade e resistência, e ainda é possível ver em Truman os vestígios de sua própria carreira de atleta: ele é alto, magro e musculoso. Sempre caminhou na ponta dos pés, como alguém prestes a sair correndo.

Nas muitas ocasiões em que o vi sair atrás de algum infrator, eu quase sentia pena da pessoa. Truman as derrubava no chão antes de elas darem cinco passos. Hoje ele está usando uma joelheira na perna direita, por fora da calça jeans. Pergunto-me se algum dia vai voltar a correr.

Ele não me cumprimenta com nada além de um meneio de cabeça.

O interior da casa é calmo, com paredes claras, arrumado a ponto de parecer absurdo. A casa anterior dele também era arrumada, mas continha os indícios de uma vida em família: protetores de canela no hall de entrada, recados rabiscados num quadro de avisos. Ali, um velho radiador pintado com uma tinta branca grossa ocupa um espaço em uma parede interna. Uma lâmpada ilumina um canto do cômodo, que tirando isso está na penumbra. A casa é escura, a fachada escondida pelo teto da varanda, as laterais desprovidas de janelas. Como se também houvesse reparado nisso de repente, Truman vai até um canto e aciona o interruptor de uma luz no teto. Há estantes embutidas por toda parte, o que é perfeito para ele. Um assunto importante em nossas conversas sempre foi o que ele estava lendo. Ao contrário de mim, Truman foi criado num lar funcional e carinhoso; mas ele era filho único, tímido, e um problema de fala já superado tornava difícil falar em público sem ser alvo de zombaria. Os livros, portanto, foram grandes amigos para ele. Nesse dia, há um aberto sobre a mesa de centro da sala: *A arte da guerra*. Sun Tzu. Um ano antes, eu poderia tê-lo provocado de leve em relação a isso, perguntado quem ele estava pretendendo enfrentar. Agora o silêncio entre nós dois parece espesso, tangível.

— Como você tem passado? — eu lhe pergunto.

— Bastante bem — responde ele.

Não faz qualquer movimento para se sentar, e tampouco me oferece um assento.

Ainda estou usando o uniforme que coloquei mais cedo no vestiário, e nessa hora desejo não ter deixado meu cinturão no carro. Sem ele, minhas mãos não sabem o que fazer. Coço a testa.

— E o joelho? — pergunto.

— Tudo bem — diz ele. Baixa os olhos para a perna. Estica-a. Faça um gesto vago indicando a sala, a casa.

— Gostei — digo.

— Obrigado.

— O que você tem feito ultimamente? — pergunto a ele.

— Uma coisinha ou outra. Tenho minha horta nos fundos. Eu leio. Agora faço parte da Co-Op.

Não sei o que é isso. Nem pergunto.

— É um mercado de cooperativa — diz Truman, lendo meus pensamentos. Essa é uma das coisas em relação às quais ele costumava me provocar: minha relutância, às vezes, em reconhecer as deficiências no meu conhecimento.

— As meninas vão bem? — pergunto. Há um pequeno retrato de família em pé sobre uma mesa lateral, uma foto tirada quando suas filhas eram pequenas.

Reparo que o retrato inclui sua ex-mulher Sheila. Algo nesse fato me deixa constrangida. Parece indigno. Talvez ele ande se sentindo sozinho. Com saudades dela. Não gosto de pensar nisso.

— Vão — responde Truman, e depois disso eu não sei o que dizer.

— Quer um chá? — oferece ele, por fim.

Sigo-o até a cozinha; é mais nova do que o restante da casa, uma reforma que ele mandou fazer. Talvez, penso eu, que ele próprio fez. Truman sempre foi jeitoso. Regularmente aprende a fazer coisas novas. Logo antes de se machucar, comprou e restaurou uma câmera Nikon antiga.

Fico parada olhando para suas costas enquanto ele se movimenta, pega um pequeno saquinho de chá vazio numa caixa, despeja folhas soltas lá dentro.

Sem o seu olhar pousado diretamente sobre mim, acho mais fácil pensar.

Pigarreio.

— O que está acontecendo, Mickey? — pergunta Truman sem se virar.

— Eu te devo desculpas — digo. As palavras soam altas demais para o recinto. Demasiado formais. Eu muitas vezes avalio mal essas coisas.

Truman faz uma pausa de apenas um segundo e então prossegue, despejando água fervente num bule de chá.

— Por quê? — indaga ele.

— Eu deveria ter pegado o cara — digo. — Não agi depressa o suficiente — prossigo. — Eu titubeei.

Mas Truman está balançando a cabeça.

— Não, Mickey — revida ele.

— Não?

— Pedido de desculpas errado — diz ele. Vira-se de frente para mim. Mal consigo encará-lo nos olhos.

Aguardo.

— Ele fugiu — diz Truman. — Acontece. Nem sei contar quantas vezes aconteceu comigo.

Ele olha para mim, depois para o chá fumegante.

— Você deveria ter aparecido antes — diz. — Pronto. É esse o seu pedido de desculpas.

— Mas eu recuei.

— Que bom — diz Truman. — Não tinha sentido levar um tiro. Eu sobrevivi.

Passo um tempo em silêncio.

— Eu deveria ter aparecido antes — eu reconheço. — Desculpa. Truman assente. O clima na cozinha muda. Ele serve o chá.

— Você vai voltar? — pergunto.

A pergunta soa carente.

Truman tem 52 anos de idade. Aparenta ter uns quarenta. Tem o tipo de atitude calma e relaxada que de alguma forma cristalizou sua juventude, preservando-a. Só descobri sua idade uns dois anos antes, numa festa de cinquenta anos que uns agentes deram para ele. Por causa da idade, se ele quisesse se aposentar agora, poderia. Já receberia uma pensão.

Mas ele apenas dá de ombros.

— Pode ser que eu volte — diz. — Pode ser que não. Preciso pensar em algumas coisas. O mundo é esquisito.

Ele se vira, enfim, e passa algum tempo me encarando com firmeza.

— Eu sei que você não veio só para pedir desculpas.

Não protesto. Baixo os olhos.

— Por que mais você veio aqui? — ele me pergunta.

Quando termino de falar, Truman vai até a porta da cozinha. Olha para o seu jardim lá fora, adormecido durante o inverno.

— Quanto tempo faz que ninguém tem notícias dela? — pergunta.

— Paula Mulroneu disse que faz um mês. Mas não tenho certeza se a noção de tempo dela é particularmente boa.

— Tá — diz Truman.

Ele exhibe uma expressão no rosto que eu já vi antes: é a mesma que costumava surgir logo antes de ele agir, de sair correndo atrás de algum fujão. A expressão de uma mola encolhida.

— Você sabe mais alguma coisa a esta altura? — prossegue ele.

— Sei que a última atividade dela no Facebook foi no dia 2 de outubro — digo. — Além disso, pode ser que ela esteja saindo com um cara chamado Dock. D-O-C-K. Vi um cara na página do Facebook dela com esse nome.

Truman parece cético.

— Dock — repete ele.

— Eu sei — digo. — Você conhece alguém com esse apelido em Kensington?

Truman pensa um pouco. Então faz que não com a cabeça.

— E Connor Famisall? — pergunto. — Acho que o nome verdadeiro dele é esse.

— Como se soletra isso? — pergunta Truman. E ouço algo bobo surgir na sua voz. Um sorriso.

Com relutância, soletra o nome para ele. Não gosto de me sentir excluída das piadas dos outros. Um resquício da minha infância.

— Mick, você viu isso no Facebook?

Faço que sim com a cabeça.

Truman agora está rindo.

— *Fam is all*, Mickey — diz ele. — *Fam is all*. Família é tudo.

Algo na forma como ele diz isso, o sorriso gentil, o olhar gentil, solta o que está contraído no meu esterno. Como se uma maçaneta estivesse sendo girada ali, apenas o suficiente. E de repente estou rindo também.

— Tá, Truman — digo. — Tá bom, você é mais inteligente do que eu, já entendi.

Ele então fica sério.

— Você já deu parte do sumiço dela? — pergunta Truman.

— Não — respondo.

— Por que não?

Hesito. A verdade é que estou com vergonha. Não quero que todo mundo saiba da minha vida.

— Eles vão dar uma olhada na ficha dela e pôr o caso no final da fila — digo.

— Avisa a polícia, Mick — orienta ele. — Quer que eu fale com o Mike DiPaolo?

DiPaolo é um amigo dele da Investigadores Leste, um amigo de infância de Juniata. Ao contrário de mim, Truman tem amigos na corporação, aliados. Sempre foi ele quem me incentivou a me envolver nas coisas, quem me mostrou como conseguir o que eu precisava.

Mas eu balanço a cabeça.

— Então fala com o Ahearn — diz Truman.

Franzo a testa. Pensar em contar ao sargento Ahearn qualquer coisa sobre a minha vida pessoal me faz empacar. Principalmente depois do ocorrido mais cedo. A última coisa que eu quero é ele pensando, equivocadamente, que eu estou tendo algum tipo de crise.

— Truman — eu digo. — Se eu não conseguir encontrá-la, quem vai conseguir? E é verdade: os agentes da ronda são os olhos. Mais do que os investigadores, com certeza mais do que os sargentos, cabos ou tenentes. Nas ruas de Kensington, os agentes de patrulha são aqueles a quem as famílias pedem para encontrar os

filhos desaparecidos. É a nós que os filhos pedem para encontrar as mães desaparecidas.

Truman dá de ombros.

— Eu sei, Mick — concorda ele. — Mas fala com ele mesmo assim. Mal não vai fazer.

— Tudo bem — eu digo.

Talvez eu esteja mentindo. Não tenho certeza.

— Você está mentindo — diz Truman.

Sorrio.

Ele olha para o chão.

— Tenho uma pessoa para quem acho que posso perguntar sobre esse tal de Dock — diz ele.

— Quem? — indago.

— Não importa. Deixa eu me certificar de que estou certo. Pelo menos é um lugar por onde a gente pode começar.

— A gente? — repito.

— Eu agora estou com tempo — diz ele, baixando os olhos para sua joelheira.

Mas eu sei que ele tem também outro motivo.

Assim como eu, Truman adora um bom caso.

Tento seguir o conselho de Truman. Tento de verdade.

Ahearn não gosta de ser incomodado antes da chamada, mas, mesmo assim, chego cedo no trabalho no dia seguinte e bato de leve no batente da sua porta.

Ele ergue o rosto, irritado. Sua expressão muda só um pouco quando me vê. Ele chega a sorrir.

— Agente Fitzpatrick — diz. — Como está se sentindo?

— Ótima — respondo. — Já fiquei boa. Não sei bem o que aconteceu ontem. Acho que me desidratei.

— O que você fez, saiu para tomar todas na noite anterior?

— Tipo isso — respondo. Minha vontade é acrescentar: *Só eu e meu filho de quatro anos.* Mas não me espantaria se o sargento Ahearn tivesse esquecido que eu ao menos tenho um filho.

— Você me assustou — diz ele. — Aquilo já aconteceu antes?
— Nunca — respondo, mentindo só um pouco.
— Tá bom — diz ele. Baixa os olhos para seus papéis. Então torna a erguê-los. — Mais alguma coisa?
— Estava pensando se eu poderia conversar com você um pouco.
— Bem rapidinho — diz ele. — Faltam cinco minutos para a chamada.
Ainda preciso apagar uns dez incêndios.
— Tá. O fato é que...
De repente, sinto minha língua presa. Eu nunca soube como contar a história de Kacey, quem dirá rapidinho.
— Sabe de uma coisa? Melhor eu mandar um e-mail.
O sargento Ahearn me olha, impassível.
— Como preferir — diz ele. Aliviado.
Ao sair da sala dele, sei que nunca vou mandar.

Passo a manhã inteira agitada. Meu cérebro não para de mandar sinais para o meu corpo. *Tem alguma coisa errada. Tem alguma coisa errada. Tem alguma coisa errada.* Subconscientemente, fico esperando a Central entrar com um chamado sobre outro cadáver. E em algum nível estou esperando que esse cadáver seja o de Kacey. Na verdade, quando penso nela, é difícil *não* imaginar Kacey morta; eu já a vi perto da morte muitas vezes.

Portanto, dou um pulo toda vez que o rádio emite um chiado. Abaixo um pouco o volume.

A boa notícia: está um gelo na rua hoje, e isso significa menos atividade. Paro para comprar um café na loja de esquina de Alonzo. Dou uma olhada no *Inquirer* num quiosque, fazendo hora, mas não vejo sinal nem de Kacey, nem de Paula.

Por algum motivo, Alonzo desligou a música, e por alguns instantes me permito ser ninada pelo interior calmo da loja: o zumbido de uma lâmpada fluorescente, o ronco das geladeiras, os miados do gato Romero.

O silêncio é tamanho que quando meu celular toca eu me sobressalto.

Olho para a tela antes de atender. É Truman.

— Está trabalhando? — pergunta ele.

— Estou.

— Escuta — diz ele. — Estou aqui na K com A. Estou com alguém que diz que conhece o Dock.

Eu lhe respondo que chego em dez minutos, e rezo para não entrar nada da Central.

Quando chego na esquina da Kensington com a Allegheny, Truman está parado na calçada com um café, parecendo muito à vontade. Fico observando-o só por um instante. As mulheres que passam por ele lhe dirigem a palavra, sem dúvida lhe propondo algum programa. Truman é um homem bonito, e sei que as pessoas muitas vezes brincam com o fato de ele ser um queridinho das mulheres, assunto sobre o qual ele evita cuidadosamente falar; mas a sua aparência nunca me preocupou. Eu sempre o vi sobretudo como meu respeitado professor. E sempre tomei muito cuidado para evitar qualquer sugestão de que Truman e eu fôssemos algo além de parceiros de trabalho. Mesmo assim, toda vez que um agente homem e uma agente mulher formam uma dupla, é inevitável que se espalhem um ou dois boatos infantis em relação a eles, e lamento dizer que no caso de nós dois não foi diferente, apesar do fato de Truman ter sido casado durante anos. Na verdade, em pelo menos uma ocasião entreouvi uma brincadeira a nosso respeito. Mas em grande parte acredito que nosso profissionalismo pôs fim a qualquer ideia ridícula sobre o que chamarei de "atividades extracurriculares".

Saio da minha viatura e vou até ele. Ele ergue uma das mãos para me cumprimentar. Então, sem dizer nada, inclina a cabeça em direção a um vão de porta algumas lojas mais adiante e eu o sigo.

Não há letreiro na porta. É uma espécie de loja genérica: na vitrine tem de tudo, desde utensílios de cozinha até bonecas e rolos de papel higiênico. Uma plaquinha empoeirada está pousada meio torta na frente desses objetos. *Material*, diz ela, como se isso explicasse tudo. Devo ter passado pela loja milhares de vezes, mas por algum motivo nunca reparei nela.

Lá dentro faz calor. Bato os pés sobre um capacho puído para retirar a umidade que se acumulou sobre meus sapatos. As prateleiras da loja estão tão abarrotadas de mercadorias que mal dá para ver os corredores. Na parte da frente, atrás de um balcão, um velho usando um gorro de frio lê um livro. Ele não ergue os olhos.

— Ela está aqui — avisa Truman.

O velho pausa o livro devagar. Seus olhos são úmidos, ancestrais. Suas mãos tremem de leve. Ele não diz nada.

— A irmã da Kacey — diz Truman. — Mickey.

O velho passa um tempo olhando para mim, até eu perceber que é meu uniforme que ele está encarando.

— Eu não falo com a polícia — diz o velho. Ele poderia ter uns noventa anos. Sua voz tem o resquício muito tênue de um sotaque: jamaicano, talvez. O pai de Truman era jamaicano. Estreito os olhos para Truman.

— Ah, vamos lá, sr. Wright — pede ele, persuasivo. — O senhor sabe que eu também sou policial.

O sr. Wright olha para ele.

— Mas você é diferente — diz para Truman por fim.

— O sr. Wright conhece o tal de Dock — diz Truman para mim. — Ele conhece todo mundo neste bairro. Não é, sr. Wright? — fala Truman mais alto. O velho não parece convencido.

Caminho na sua direção e ele se senta, na defensiva. Essa parte me desagrada muito: o desconforto na cara das pessoas quando me aproximo.

— Sr. Wright, eu gostaria de ter trocado de roupa antes de vir conhecê-lo — digo. — O que tenho a lhe pedir é um favor pessoal, algo que não tem nada a ver com o meu trabalho. O senhor sabe onde posso encontrar essa pessoa? Esse Dock?

O sr. Wright passa alguns segundos refletindo.

— Por favor — eu peço. — Qualquer informação seria útil.

— A senhora não quer encontrar esse cara — diz o sr. Wright. — Ele não é boa pessoa.

Um arrepio me desce pela espinha. Não gosto de como isso soa, mas o fato não me surpreende. Kacey nunca escolheu exatamente coroinhas para namorar.

Meu rádio chia de repente e o sr. Wright se retesa. Diminuo o volume ao máximo, torcendo para não entrar nenhum chamado prioritário.

— Sr. Wright, eu estou procurando a minha irmã — digo. — A informação mais recente que tenho é que ela estava saindo com essa pessoa. Então, infelizmente, eu quero encontrá-lo, sim.

— Está bem — diz ele. — Está bem. — Olha para a esquerda e para a direita, como para se certificar de que não há ninguém escutando. Então se inclina para a frente. — Volte em torno das duas e meia. Ele em geral está lá nos fundos a essa hora. Entra para se esquentar.

— Lá nos fundos? — repito. Mas Truman já está agradecendo ao sr. Wright e me arrastando para fora.

— E não venha de uniforme — diz o sr. Wright.

Truman me acompanha até a viatura.

— Quem é que... — começo, mas Truman me diz para ficar quieta até entrarmos no carro.

— Vai — pede ele, e eu saio com o carro.

— Ele é primo do meu pai — diz Truman após uma pausa.

Olho para ele, cética.

— É?

— É — diz Truman.

— Primo do seu pai, o bom e velho sr. Wright?

Truman ri.

— A gente é meio formal — diz ele.

— Eu nunca soube que você tinha um primo dono de uma loja na Avenida.

Truman encolhe os ombros. A implicação é cristalina: *Tem muita coisa que você não sabe sobre mim.*

Seguimos de carro mais um pouco. Começa a nevar, e eu ligo os limpadores de para-brisa.

— O que tem nos fundos da loja? — pergunto enfim, e Truman solta.

— Muito cá entre nós? — diz ele.

— Muito cá entre nós.

— Ele deixa o pessoal se picar lá atrás.

Eu aceno com a cabeça. Com certeza existem lugares como esse em Kensington. Eu conheço a maioria. O único motivo pelo qual não conheço aquele dali, muito provavelmente, é porque Truman o estava protegendo.

— Ele é uma boa pessoa — diz Truman. — De verdade. Perdeu dois filhos para a droga. Agora guarda Narcan e agulhas limpas atrás do balcão. Tem uma câmara na frente que mostra a ele o que está acontecendo. Ele vive mancando até lá atrás para resgatar algum idiota. Faz isso de graça. Ninguém paga nada a ele.

É um local de injeção segura improvisado. Eles ainda não foram legalizados na Filadélfia, embora haja boatos de que em breve vão ser. Me pergunto se a própria Kacey já foi à loja do sr. Wright.

Um chamado entra e nos dá um susto: é preciso dois agentes para uma simples agressão doméstica.

Atendo.

— Quer vir junto? — pergunto ao terminar, mas Truman faz que não com a cabeça.

— Estou de licença médica, lembra? — diz ele. — Oficialmente para escanteio. Não posso deixar ninguém me ver por aqui.

— O que você vai fazer agora?

Truman aponta para um prédio na nossa frente.

— Vou saltar ali perto da biblioteca — diz ele. — Meu carro está por ali. Me liga, tá? Me avisa como correram as coisas.

Faço uma pausa.

— Você não quer ir comigo? À loja do sr. Wright? — pergunto.

Acho que em determinado nível eu estava me apoiando na ideia de que ele iria.

Truman faz que não com a cabeça.

— Melhor não — diz.

Ele deve notar a expressão de decepção no meu rosto, porque diz:

— Mickey. Você talvez precise que eu faça alguma coisa para você mais para a frente. E talvez não queira que esse cara me reconheça.

Um argumento justo. Concordo e o deixo saltar em frente à biblioteca, conforme solicitado.

Observo-o se afastar. E penso em todas as coisas de que senti falta nele na sua ausência: sua risada generosa, grave e contagiante, que às vezes termina num *s*; e sua presença firme na hora de atender aos chamados, que por sua vez me acalmava; e seu amor pelas filhas, o orgulho que ele sente delas, e o modo como me aconselhou sobre as preocupações que eu tinha relacionadas a meu papel de mãe; e sua preocupação com Thomas, para quem ele de vez em quando comprava presentes sensíveis, em sua maioria livros; e sua privacidade, discrição, e respeito, portanto, pelas minhas; e seu gosto refinado, esnobe, como eu costumava lhe dizer, em matéria de comida e bebida, as coisas surreais que ele comprava em lojas de produtos naturais: kombucha, kefir, algas, goji berries; e o modo como ele me provocava de leve em relação a meus próprios maus hábitos alimentares, e à minha teimosia, e o modo como dizia que eu era “difícil” e “estranha”, duas etiquetas que eu não teria gostado de escutar de mais ninguém. Mas eu sentia que Truman valorizava essas qualidades em mim; sentia-me compreendida por ele de um jeito que, para dizer a verdade, não sentia desde que Kacey e eu éramos aliadas, na nossa juventude. Ainda não consigo me acostumar a ver Truman sem uniforme. Agora, no seu andar hesitante, no modo como ele examina a Avenida à sua direita e à sua esquerda, de repente posso ver a criança tímida que ele certa vez me descreveu ao falar sobre o seu passado. Eu fiquei calado até completar mais ou menos vinte anos de idade, disse-me ele certa vez.

E eu disse: Eu também.

A outra agente, Gloria Peters, já está lá quando chego à casa de onde foi feito o chamado por agressão doméstica. Por enquanto está tudo calmo. Deixo Gloria falar com a reclamante do lado de fora enquanto entro e fico parada na cozinha junto com o agressor, um homem de ar embriagado, branco, trinta e poucos anos. Ele me encara com ira.

— O senhor gostaria de me contar o que aconteceu aqui? — peço a ele.

Sou sempre muito educada com as pessoas que entrevisto, mesmo as piores. Meu modelo para esse comportamento foi Truman, e eu descobri que funciona bem.

Mas posso ver só de olhar para ele, pelo sorriso zombeteiro em seu rosto, que aquele cavalheiro vai ser intratável.

— Não — diz ele.

Está sem camisa. Seus braços estão cruzados na frente da barriga. É provável que ele também seja viciado em uma substância qualquer, embora sua embriaguez esteja tornando difícil saber que tipo de coquetel ele consumiu.

— O senhor não quer dar uma declaração? — pergunto, mas ele só faz rir baixinho. Ele conhece o sistema. Sabe que não deve falar.

Ele tenta apoiar a mão na bancada da cozinha, molhada devido a algum incidente anterior, mas a mão escorrega e o faz se desequilibrar. Ele cambaleia um pouco e se recupera.

Será que tem alguma criança?, penso. Apuro os ouvidos. Ouço sons muito débeis de movimento no andar de cima.

— Vocês têm filhos? — pergunto, mas ele se mantém calado.

Não são muitas as pessoas que me causam alarme, não depois de tantos anos na polícia. Mas alguma coisa naquela pessoa me desagrada. Evito contato visual com ele do mesmo jeito que poderia fazer com um cachorro agressivo. Não quero que ele se sinta acuado. Espio as gavetas da cozinha, perguntando-me qual delas contém facas que possam ser usadas como armas. Ele está bêbado o suficiente para que, caso parta para cima de mim, eu provavelmente consiga me esquivar, ou talvez até derrubá-lo no chão.

Ocorre-me de repente que a sua cara não me é estranha. Estreito os olhos para ele, tentando me lembrar.

— Eu conheço o senhor? — pergunto.

— Não sei — responde ele. — Conhece?

Uma resposta estranha.

Poderia ser que eu já o tivesse visto pelo bairro; acontece bastante. Na verdade, a maioria dos rostos que vejo em qualquer

turno me parecem conhecidos.

Gloria Peters torna a entrar depois de algum tempo e balança a cabeça sutilmente para mim. Pelo visto, a reclamante mudou de ideia e não quer mais que o marido seja preso.

— Fique aqui — digo para ele.

Já fiz um reconhecimento na casa: não há porta dos fundos, então ele vai ter de passar por nós se tentar fugir. Vamos até a pequena sala e conversamos em voz baixa.

— Alguma coisa na cara dela? — pergunto, e Gloria responde:

— Acho que sim. Parece vermelha. É cedo demais para saber. Mas acho que ela vai amanhecer com uns hematomas bem feios.

— A gente poderia levar ele mesmo assim — sugiro.

Mas sem indícios físicos e sem uma declaração da vítima não há grande coisa que nós possamos fazer.

No fim das contas, uma criança desce a escada pé ante pé sem fazer barulho e, ao nos ver, torna a subir correndo. O menino não é muito mais velho do que Thomas. Para nós isso basta: vamos fichá-lo. Eu me ofereço para fazer isso; assim a agente Peters pode ficar na casa, certificar-se de que a criança ou as crianças estejam sendo bem cuidadas, ou quem sabe chamar alguém do serviço social para ir até lá conversar com a mulher.

Ao subir na minha viatura, o marido não desvia o olhar. Encara-me bem nos olhos, um olhar vazio e terrível que me deixa arrepiada.

Ele passa o trajeto inteiro até a delegacia calado. Estou acostumada: em geral só quem fala, ou reclama, ou chora, ou lamenta a injustiça do que está lhes acontecendo são os estreates. Os veteranos do sistema da justiça criminal sabem que é melhor calarem a boca. O diferente no caso daquele ali é minha sensação de estar sendo observada, de olhos cravados na minha nuca.

Contra minha vontade, olho para ele uma vez pelo retrovisor, tentando outra vez atinar de onde o conheço. E vejo que ele está sorrindo para mim. Meus braços e meu pescoço ficam todos arrepiados.

Preciso aguardar com ele dentro de uma cela enquanto fazem a sua ficha. Fico olhando meu celular e não lhe dirijo a palavra. Ele passa

o tempo inteiro sem tirar os olhos de mim.

Por fim, quando o estão levando embora da cela, ele fala:

— Acho que eu conheço você, sabe?

— Ah é? — retruco.

— É — diz ele. — Eu acho que sim.

O agente que o está conduzindo me olha com um ar de interrogação, pensando se deveria puxar aquele idiota pelo corredor para longe de mim.

— Me dá uma pista — eu digo. Tento imprimir à voz um tom sardônico, mas infelizmente acho que sai bem diferente.

O homem torna a sorrir. Seu nome é Robert Mulvey Jr. Mais cedo, ele havia se recusado a mostrar a identidade. A agente Peters soube seu nome pela mulher.

Ele passa um tempão sem dizer nada. Então diz:

— Não estou a fim.

Antes que ele termine de falar, o agente que o está segurando pelo cotovelo lhe dá um tranco violento e o leva embora.

Uma boa policial nunca se deixa dominar pelas emoções. Ela deve se esforçar para ser tão imparcial quanto um juiz, tão neutra quanto um padre. Fico decepcionada, portanto, ao constatar que é difícil me livrar da sensação perturbadora que toma conta de mim depois do meu encontro com Robert Mulvey Jr. Fico pensando no seu rosto, em seus olhos muito claros pelo resto do meu turno, que é mais movimentado do que eu pensei que seria quando vi a previsão do tempo.

Em geral, quando está frio na rua as pessoas ficam em casa.

Depois de acompanhar Mulvey até a delegacia, atendo a um chamado sobre um atropelamento com fuga em Spring Garden, e lá encontro um ciclista ferido no chão e uma pequena multidão reunida em volta dele.

O dia segue assim. Uma hora antes do horário marcado para voltar à loja do sr. Wright, diminuo de propósito minha resposta aos chamados.

Às 2h15 estaciono na rua perto da loja de Alonzo, a poucos quarteirões da do sr. Wright.

Não venha de uniforme: as únicas instruções que o sr. Wright me deu. Mas isso é mais fácil de dizer do que de fazer. Não posso exatamente voltar à delegacia e vestir minhas roupas de civil em pleno turno de trabalho.

Em vez disso, decido comprar algo para vestir na loja de 1,99 no final do quarteirão.

Antes de saltar do carro, olho para meu rádio e para minha arma. Se eu os levar comigo, de que adianta usar roupas de civil? Se deixar o rádio no carro corro o risco de perder algo importante, um chamado prioritário, o que poderia me causar sérios problemas. Nunca, em todos os anos desde que entrei para a polícia, me separei do meu rádio durante um turno.

No fim das contas, decido deixá-lo. Sem nenhum motivo particularmente lógico, guardo-o no porta-malas do carro. Ele simplesmente me parece mais seguro ali, escondido.

Percorro as araras da loja de 1,99 em busca de qualquer coisa para comprar. Um dos corredores tem camisetas pretas extragrandes penduradas ao lado de calças de moletom masculinas. Vou ficar boiando dentro de uma delas, mas a compro mesmo assim, desço o quarteirão em direção à loja de Alonzo e peço para usar o banheiro.

— Sem problemas — diz ele, como sempre. Quando saio do banheiro usando as roupas que comprei na loja de 1,99, com meu uniforme agora dentro da sacola na qual elas vieram, ele me olha com atenção.

— Alonzo — digo. — Eu sinto muito mesmo incomodar você, mas estava pensando se poderia pedir um favor. Alguma chance de eu poder deixar esta sacola aqui por um tempinho?

— Sem problema — responde ele.

Hesito, e então deixo uma nota de dez dólares sobre o balcão para ele.

Ele tenta empurrá-la de volta para mim, mas eu não a pego.

— Gorjeta — digo.

Está fazendo oito graus negativos do lado de fora. Em qualquer outro bairro, eu ficaria ridícula correndo os vários quarteirões até a loja do sr. Wright só de camiseta. Ali, ninguém nem pisca.

Quando chego à loja do sr. Wright, às 2h40, abro a porta agradecida pelo calor lá dentro. Uma sineta toca. Não parece haver ninguém ali.

Fico parada em silêncio por um tempo até escutar uma porta se fechando suavemente nos fundos da loja.

O sr. Wright por fim surge num dos corredores, encolhendo-se para passar por uma pilha de bambolês.

Ele olha para mim mas não diz nada, e por um instante me pergunto se está ao menos me reconhecendo, se está lembrado de mim de hoje de manhã.

Ele volta ao seu lugar atrás do balcão sem pressa, e senta-se com dificuldade num banco alto.

Por fim, ele fala.

— Ainda não chegou. — É o que ele diz.

— O Dock? — indago.

— De *quem* a senhora acha que eu estou falando?

— Tá bom — eu digo. Agora não tenho certeza de como proceder.

Olho para o relógio no meu pulso. Já são 2h50. Acredito estar pondo meu emprego em risco por estar ali, sem uniforme, longe do meu rádio. Pergunto-me se posso pôr a culpa num defeito do aparelho, se for o caso.

— Posso lhe perguntar uma coisa? — digo ao sr. Wright.

— A senhora pode me perguntar o que quiser — responde ele.

— Eu posso não responder.

Mas pela primeira vez há um brilho no seu olhar.

— Essa pessoa aparece todo dia? Quanta certeza o senhor tem de que... A porta então se abre, e o sr. Wright arqueia as sobancelhas e inclina o queixo, de modo muito sutil, na direção do homem que entra por ela.

Eu me viro.

O homem tem a minha altura, talvez, e é muito magro. Reconheço-o da foto que vi no Facebook. Está usando uma jaqueta

laranja berrante, bem fechada, e uma calça jeans. Os cabelos agora batem na altura do queixo, e estão tão sujos que é difícil determinar sua cor natural. Castanho-claro, é o mais provável. Ele é muito bonito. A heroína faz muitas coisas com um corpo, e uma delas é afiná-lo, tirar o peso extra, fazer os traços sobressaírem de modo intenso na ausência de carne. Olhos brilhantes, úmidos, um rubor no rosto que altera sua cor.

O homem não diz nada, mas me olha de esguelha enquanto vai até o sr. Wright no balcão. Então se vira.

— Você estava esperando? — pergunta. Ele não me conhece. Quer que eu saia da loja antes de fazer a combinação que veio fazer.

Espero para ver se o sr. Wright vai nos apresentar, mas ele não se mete.

— Não, eu não estava esperando — respondo. — Alguma chance de o seu nome ser Dock? — digo então.

— Não.

— Não? — insisto.

Em geral sou melhor nisso.

— Não.

O homem me encara. Cruza os braços em frente ao corpo. Bate com o pé no chão algumas vezes para deixar claro que está esperando.

— Tá bom — eu digo. — É que você parece com ele numa foto que eu vi.

Dock muda de posição.

— Que foto? — pergunta.

De vez em quando, ele olha para o sr. Wright. No momento, eu sou a pessoa que está entre ele e a chave que vai lhe garantir um pico. Está na cara que ele precisa muito de um. Começa a passar o peso do corpo de um pé para o outro.

Tento outra tática.

— Escuta — digo. — Eu estou procurando a Kacey Fitzpatrick.

Dock para de se remexer, enfim, e pousa a mão no balcão.

— Aaahhh — diz ele baixinho. — Ah. Você é a irmã dela?

Tenho uma súbita lembrança de todas as vezes que tirei Kacey de casas nas quais ela não deveria ter estado quando éramos mais

novas. De todos os homens que olharam para mim fazendo essa mesma pergunta. E me questiono se a decisão que tomei é a correta, a de fazer tudo outra vez.

— Sou — digo.

Não há como esconder. Apesar das outras diferenças físicas, Kacey e eu temos praticamente o mesmo rosto. Quando éramos mais novas, as pessoas comentavam sobre isso com frequência.

— Mickey? — diz Dock.

— É.

O sr. Wright mantém os olhos baixos.

— Ela falava muito de você — diz ele, e por um instante um frio percorre meu corpo. *Falava* soa como alguém que já morreu.

— Você sabe onde ela está? — pergunto-lhe abruptamente. Ele faz que não com a cabeça.

— Não. Ela me largou tem uns dois meses. Não sei dela desde então.

— Então vocês dois eram... — eu digo.

Ele me olha como se eu fosse uma idiota.

— Vocês estavam juntos? — pergunto.

— É — diz ele. — Preciso cuidar de umas coisas aqui. Me avisa se tiver alguma notícia da Kacey.

— Me dá seu telefone? — eu lhe peço.

— Claro — ele diz. E me dá.

Para me certificar de que ele me deu o número certo, ligo na mesma hora. O celular dele começa a tocar dentro do seu bolso; é o som de uma música que eu reconheço vagamente, algo que tocava muito quando eu era criança. Não lembro o nome da música ali, e continuo até agora sem lembrar.

— Tá — eu digo. — Valeu.

Quando estou de saída, Dock pergunta para mim:

— Ei. Você é cana, não é?

Hesito.

— Sou — digo.

Ele não diz nada. O sr. Wright não diz nada.

— Mais alguma coisa? — pergunto.

— Não — diz Dock.

Ele continua me olhando até eu sair da loja.

— Então — diz Truman do outro lado da ligação.

— Então — repito eu.

Estou meio andando, meio trotando em direção à loja de Alonzo. Estou ofegante. O frio faz meu corpo inteiro tremer. Meu braço esquerdo está segurando com força a barriga. Quero pegar meu rádio e minha arma. Elas parecem filhos que eu deixei sozinhos, como eu me sentia em relação a Thomas assim que voltei a trabalhar. Queria poder correr agora.

— O que aconteceu? — pergunta ele.

Eu lhe conto.

— O que você achou dele? — quer saber Truman.

— Acho que ele é desonesto — respondo depois de pensar. — E não é de confiança.

Truman não diz nada.

— O que você está pensando? — pergunto a ele.

— Me parece isso mesmo, eu acho — diz Truman. Ele hesita. Eu sei por quê: concordar demais comigo significa que Kacey não está nada bem. — Enfim, vai saber — acrescenta ele.

— Obrigada mais uma vez pela sua ajuda — eu digo.

— Quer parar com isso? — diz Truman.

Volto para a loja de Alonzo, pego a sacola com ele, vou ao banheiro e torno a vestir meu uniforme o mais rápido que consigo. Fico checando o celular compulsivamente, meio que esperando ver mensagens de outros agentes: *Cadê você, caramba? O Ahearn está te procurando.* Mas nenhuma mensagem chega. Agradeço de novo a Alonzo e me encaminho para a porta antes de mudar de ideia. Com as mãos, avalio o peso da sacola agora com minhas roupas de civil.

— Alonzo — digo. — Alguma chance de eu poder deixar isto aqui por enquanto? Tem algum lugar onde eu possa guardar que não vá atrapalhar?

Enquanto corro para o carro, não consigo me livrar da ideia de que o sargento Ahearn vai estar lá, à minha espera, quando eu dobrar a

esquina para entrar na ruazinha lateral onde estacionei. Verificando seu relógio.

Mas não tem ninguém lá. Respiro. Abro o porta-malas e pego minhas coisas. Um chamado entra no rádio. Furto dentro de veículo: nada urgente.

Atendo agradecida.

No caminho para casa, a gravidade do que acabo de fazer se assenta sobre meus ombros. E de repente sou tomada por um sentimento de raiva, do tipo que costumava sentir regularmente, o tipo de raiva que me levou a parar de falar com Kacey. Quando tomei essa decisão, minha vida melhorou na mesma hora. O fato é o seguinte: eu tenho, sim, o pavio curto. Simon costumava me dizer que eu era a pessoa mais calma que ele conhecia, até o momento em que não era mais.

O que está me deixando com mais raiva no presente momento é o fato de o episódio de hoje ter posto em risco a minha profissão, que eu em grande parte aprecio, e a minha sobrevivência, e a minha capacidade de ganhar um salário com benefícios para mim e para o meu filho. Imagine se eu tivesse sido pega e demitida pelo meu comportamento de hoje, penso. Imagine se eu tivesse posto em jogo tudo que construí para Thomas, a vida modesta, porém respeitável que criei para nós dois. E a troco de quê? De alguém que provavelmente não quer ser achada, que talvez tenha desaparecido intencionalmente, de alguém cujas decisões sempre foram todas em prol dela mesma, que rejeitou de cara qualquer tentativa feita pelos outros de colocá-la num caminho melhor.

Chega disso, eu juro a mim mesma. Chega. Acabou. A responsável por proteger a vida de Kacey é ela própria. Não eu.

E então, com a mesma rapidez, surge uma visão da mulher que encontramos nos Trilhos. Seus lábios azuis. Seus cabelos colados na cabeça. Suas roupas translúcidas. Seus olhos bem abertos, inocentes, desprotegidos da chuva.

Em Bensalem, encosto o carro rente à casa. Ao dobrar a esquina, olho para cima; ultimamente Thomas anda espiando da janela do meu quarto para me ver chegar. Sim, ali está ele, as duas mãos nas vidraças, o rosto colado ao vidro frio, a expressão distorcida. Ele sorri e pula para ir me receber na porta.

Dentro de casa, pago Bethany, que está com cara de tédio, e pergunto como Thomas se portou durante o dia.

— Tudo bem — diz ela, e nada mais.

Quando saí hoje de manhã, entreguei um dinheiro a Bethany para levá-lo a uma livraria e deixá-lo escolher um livro. Comprei-lhe um elevador de assento para ela usar no seu carro, mas nunca o vi instalado sequer uma vez.

— O que vocês fizeram?

— Hã, lemos livros — diz Bethany.

— E a livraria? — pergunto a Thomas.

— A gente não foi — responde ele com o semblante fechado.

Olho para Bethany.

— Estava muito frio lá fora — argumentou ela. — A gente ficou lendo livros aqui.

— Um — diz Thomas. — A gente leu um livro.

Sua voz adquiriu um viés petulante.

— Thomas — digo por obrigação, nada convicta.

Mas sinto o coração pesar.

Depois de Bethany sair, Thomas olha para mim com os olhos arregalados e as pequenas mãos junto às laterais do corpo, com as palmas para a frente. Parece estar dizendo com a sua expressão: *Olha o que você fez comigo!*

Thomas é muito inteligente. Sei que é incorreto dizer isso sobre o próprio filho, mas baseio essa afirmação em provas: ele começou a falar bem cedo, e com um ano e meio já sabia montar quebra-cabeças, e antes dos dois sabia recitar todas as letras e números, e assim por diante. Às vezes ele beira o perfeccionismo, tendência que eu monitoro para garantir que não se transforme em compulsão, ou pior, em vício. (Penso em nossa família e muitas vezes pondero, temerosa, se as tendências ao vício podem estar escondidas em

algun lugar na nossa genética.) No entanto, penso sobretudo que ele é apenas, bem, *superdotado*, essa palavra que Gee tanto desdenhava quando ela costumava ser usada em referência a mim.

Quando Thomas estava com dois anos de idade, fiz algumas pesquisas para ter certeza de que estava certa na minha avaliação de que ele era adiantado para sua idade, e após confirmar isso convenci Simon a me ajudar a matriculá-lo na Creche Spring Garden, que ficava perto da minha delegacia, era muito bem-conceituada e muitíssimo cara. A escola atendia principalmente os bairros gentrificados de Fishtown e Northern Liberties, e custava tanto que os cheques mensais de Simon eram gastos integralmente para pagar a mensalidade. Mas eu me convenci de que podia bancar isso. Thomas fez amigos rapidamente na creche, amigos a quem ainda se refere saudoso, e eu me consolei pensando que ele estava aprendendo coisas que iriam prepará-lo para uma carreira educacional longa e bem-sucedida que só se concluiria, sonhava eu, quando ele fizesse uma pós-graduação. Medicina, quem sabe. Direito. Como o havia batizado em homenagem a Thomas Holme, primeiro agrimensor-geral do estado da Pensilvânia no governo de William Penn, a pessoa responsável pelo projeto lindo e racional da cidade da Filadélfia, às vezes devaneava pensando que ele seria urbanista ou arquiteto. Holme era um dos preferidos da minha professora de história do ensino médio, a sra. Powell.

Um ano antes, quando os cheques de Simon pararam de chegar de modo abrupto e misterioso, passei um tempo dando duro para manter Thomas matriculado nessa creche, para continuar pagando a antiga babá em tempo parcial que ficava com ele nas semanas em que eu trabalhava no turno da noite, para continuar pagando a hipoteca da casa de Port Richmond, e para continuar comendo. Durante um breve e tenso período nós nos seguramos, vivendo à base de atum enlatado e macarrão, sem comprar nenhuma peça de roupa, e então, no mês de dezembro, quando a rede de esgoto vazou do subsolo para a rua, custando dez mil dólares para consertar, a balança se desequilibrou e tudo veio abaixo.

Esse foi o dia em que peguei meu carro e fui até o prédio da Investigadores Sul exigir uma resposta de Simon, que não apenas

havia parado de mandar os cheques, mas também furado em duas ocasiões em que deveria ter ido buscar Thomas, e que tinha trocado de telefone e aparentemente se mudado de casa. Descobri isso após ir de carro até sua casa em South Philadelphia e tocar a campainha num desses dias em que ele não apareceu. Thomas, que amava o pai, ficou desconsolado. No dia do vazamento de esgoto, quando tudo estava ruindo, decidi que não me restava outro recurso a não ser fazer uma visita a Simon no seu local de trabalho. De modo que deixei Thomas com sua babá da época e fui até a central da Investigadores Sul. Era uma atitude muito incomum para mim. Nem Simon nem eu queríamos ser alvos de fofoca. Nós nunca falávamos sobre a nossa relação no trabalho, provavelmente devido a seu início um tanto não convencional. E embora meus colegas do 24º saibam que eu tenho um filho, eles não sabem quem é o pai; e imagino que eu sempre tenha deixado claro que essa é uma pergunta que eu consideraria inoportuna.

No dia em que fui ao prédio de Simon, portanto, me esforcei para ficar anônima: fui de óculos escuros e com um suéter de capuz cobrindo a cabeça.

Reconheci o carro dele estacionado a uns cinquenta metros na rua, um Cadillac sedã preto que ele havia comprado de segunda mão e restaurado, e encostei não muito longe. Então esperei o final do seu expediente.

Não vou narrar em sua totalidade o feio diálogo que tivemos quando ele por fim apareceu, me viu e tentou virar de volta em direção ao prédio. Para resumir, eu fiquei muito brava, e provavelmente gritei, e Simon estendeu as mãos em frente ao corpo num gesto defensivo. Eu lhe disse que se ele não mandasse um cheque dali a uma semana iria colocá-lo na justiça, e ele me disse que eu não me atrevera, e me perguntou se eu sabia quantos amigos ele tinha no judiciário. Então me falou que, se eu o colocasse na justiça, tiraria Thomas de mim assim — nessa parte ele estalou os dedos — e, de toda forma, que eu estava sendo pouco razoável por manter o menino matriculado numa escola tão cara. Quem eu pensava que era?, ele quis saber. Quem eu pensava que nós éramos?

Foi então que tomei uma determinada decisão na minha cabeça. Fiquei muito calada, talvez tenha até sorrido um pouco, não disse mais nada e me afastei. Entrei no carro, segui no sentido norte sem olhar no retrovisor nem uma vez sequer, então liguei para a corretora que me vendera minha casa em Port Richmond e lhe disse que eu queria colocá-la no mercado. Em seguida, liguei para a diretora da Creche Spring Garden e lhe disse que infelizmente teria de tirar Thomas de lá. Tanto para ele quanto para mim, foi uma decisão de partir o coração.

No dia seguinte, falei com meu colega cujo irmão estava se mudando do apartamento em cima da casa da sra. Mahon — tinha ouvido esse colega reclamar de ter tido que ajudar com a mudança — e pus também um anúncio num site de babás procurando alguém perto de Bensalem com muita flexibilidade.

Eu nunca disse a Simon para onde estava me mudando.

Se ele tivesse alguma coisa nova para me dizer, podia me encontrar na delegacia, pensei. E, se ele quisesse rever Thomas, podia começar a mandar cheques.

E assim eu refiz nossa vida.

Desde então, fiz grandes sacrifícios para manter minha independência e proteger Thomas. Em grande parte, penso que minha decisão foi correta.

Mas ao final de cada dia de trabalho, quando olho meu filho nos olhos e vejo pela sua expressão desanimada que ele passou mais um dia entediado e sozinho enquanto Bethany não para de rolar a tela do celular, devo confessar que minha certeza vacila.

Ele agora desaparece no corredor enquanto eu começo a preparar o jantar.

Quando chega a hora de comer, vou buscá-lo no quarto e vejo que ele está colorindo algo grande em cores vivas no verso de um pedaço de cartolina que trouxe para casa da escola no ano passado.

Fico observando-o trabalhar por um tempo sem dizer nada.

— O que você está fazendo? — pergunto-lhe por fim, e ele olha para o seu trabalho.

— Um desenho para a Ashley — responde ele.

— Para a Ashley?

— Para a prima Ashley — diz ele. — Para amanhã.

Fico branca.

O Dia de Ação de Graças é amanhã. Eu nem tinha me tocado.

Talvez sentindo alguma hesitação minha, Thomas ergue os olhos e me encara, preocupado.

— A gente vai — diz ele. Uma afirmação, mais do que uma pergunta.

O desenho dele, pelo que consigo identificar, é um peru e uma lata de alguma coisa, feijão talvez, ou milho. Envergonha-me dizer que a maior parte do nosso consumo diário de legumes hoje em dia vem de uma lata.

— Claro — digo.

Minha voz falha e me pergunto se Thomas pode sentir minha ansiedade.

Mas meu filho está meneando a cabeça satisfeito.

— Que bom — diz ele.

Está feliz agora. Volta ao seu desenho, relaxado como raramente fica, encantado por ter algo por que esperar.

Ele então torna a erguer o rosto. Eu sei o que ele vai perguntar antes mesmo de dizer.

— O papai vai estar lá?

O clima no quarto muda depressa. E por aquela que parece ser a milionésima vez este ano, sou obrigada a lhe dizer que não.

Ao longo da manhã seguinte, descubro que estou muito nervosa. Para mim é preciso uma quantidade extraordinária de energia emocional para ir a qualquer evento da família O'Brien, quanto mais um no qual não sou aguardada. Ontem à noite, cogitei brevemente ligar para Ashley e avisar que Thomas e eu iríamos, mas penso que o elemento surpresa vá ser útil, principalmente em se tratando de falar com meu primo Bobby, que, como concluí após pelo menos cinco mensagens de texto não respondidas, está definitivamente me evitando. Meu objetivo é falar rapidamente com as pessoas,

perguntar a todo mundo que conseguir sobre Kacey, e ir embora sem incidente.

— O que houve, mamãe? — pergunta Thomas enquanto reviro a cozinha.

— Não estou encontrando a batedeira — respondo.

Tenho tido momentos em que sinto que a infância de Thomas está passando depressa demais, que ela deveria ser melhor sob todos os aspectos do que a minha foi. *Fazer bolo*, penso eu, frenética; *Thomas nunca assou nada no forno*. E saio correndo para a loja.

Nesse dia estamos fazendo brownies, mas o fato é que eu nunca fiz brownies na vida e a primeira fornada já estragou, tão queimada que chega a estar preta. (Obediente e leal, Thomas morde um brownie e diz que está bom.)

A segunda fornada sai melhor.

Mas o fiasco dos brownies nos atrasa, e eu e Thomas entramos no carro e em seguida dirijo até Olney mais depressa do que deveria.

Quando crianças, Kacey e eu éramos bem próximas de nossa prima Ashley. Sua mãe, Lynn, é a caçula dos irmãos de Gee, mais próxima em idade da nossa mãe do que da nossa avó. Lynn e Ashley moravam a um quarteirão de distância de nós, e Ashley frequentava a mesma escola religiosa que nós, a Sagrado Redentor, até Kacey fazer nós duas sermos expulsas. Ashley teve filho cedo, aos 19 anos, o que não surpreendeu ninguém com exceção de sua mãe Lynn, que parecia cega no que dizia respeito às bobagens em que a filha se metia. Mas eu reconheço: Ashley depois disso se endireitou. Coursou a escola à noite enquanto a mãe cuidava do filho, depois se formou em enfermagem. Aos vinte e poucos anos, conheceu e se casou com um homem chamado Ron, que trabalha na construção civil, e eles tiveram mais três filhos em três anos consecutivos e depois se mudaram para Olney, para uma casa grande com um quintal bem pequeno nos fundos.

Eu não desgosto de Ashley. Sob alguns aspectos, chego a ver nela uma versão de como a vida de Kacey poderia ter sido: elas têm

a mesma idade, o mesmo gosto para música e roupas, e o mesmo senso de humor ferino. Faziam parte do mesmo grupo quando mais novas. De todos os O'Brien, provavelmente é de Ashley que eu mais sinto saudade, e cheguei até a tentar me aproximar dela em várias ocasiões. Como eu, porém, ela vive muito ocupada com os filhos e com o trabalho, e minhas ligações em grande parte não foram retornadas.

É difícil encontrar vaga. Quando enfim chegamos à casa, ouço já da porta um forte burburinho de vozes. Imagino do outro lado da porta uma sala repleta de pessoas que não vejo há anos.

Existe uma ofensa específica que os O'Brien usam para descrever pessoas de quem não gostam: *Ela se acha melhor do que a gente*. Ao longo dos anos, temo que ela tenha sido usada em relação a mim.

Ali, parada na soleira da porta da casa de Ashley, minha timidez infantil reaparece. Thomas sente isso e agarra minha perna. Está segurando nas costas um rolo com o desenho que fez para a prima. A bandeja de brownies na minha mão se balança.

Abro a porta.

Lá dentro estão os O'Brien, falando, gritando, comendo em pratos vermelhos de plástico. Os que bebem seguram cervejas. Os que não bebem seguram Cocas e Sprites. Um cheiro de canela e de peru paira no ar da casa.

Todos param e ficam nos encarando. Alguns meneiam a cabeça de um jeito meio formal; duas almas corajosas, primos mais velhos, se aproximam e nos abraçam. O irmão mais novo de Gee, meu tio Rich, está presente. Ele me vê e dá um aceno. Está acompanhado por uma esposa ou namorada que eu nunca vi. Ali está meu primo Lennie e a filha, uns dez anos mais nova do que eu. Não consigo lembrar o nome dela. Um pequeno bando de crianças passa correndo pela porta, e Thomas olha para elas com anseio, mas continua próximo à minha perna.

Quando está subindo do porão, Ashley me vê e estaca.

— Mickey? — indaga ela do outro lado da sala. Está com duas cervejas na mão.

— Oi — eu digo. — Espero que tudo bem a gente ter vindo. Descobri na última hora que não tinha que trabalhar hoje.

Estendo-lhe os brownies. Uma oferenda.

Ashley recupera a boa educação.

— Mas claro — diz ela. — Entrem.

Minhas mãos estão ocupadas. Com um dos joelhos, empurro delicadamente Thomas para a frente, para dentro da casa. Ele atravessa a soleira e eu vou atrás.

Ashley atravessa a sala, então se imobiliza na minha frente. Baixa os olhos para Thomas.

— Como você está grande — diz.

Thomas não fala nada. Eu o vejo começar a estender a cartolina que está segurando, e então, mudando de ideia, tornar a escondê-la atrás das costas.

— Como posso ajudar? — pergunto, ao mesmo tempo que Ashley diz:

— Sua avó vai vir?

— Eu acho que não — digo.

Ashley meneia a cabeça em direção à cozinha.

— Está tudo sob controle — diz ela. — Vai pegar uma comida. Eu volto num segundo.

Um menininho de cinco ou seis anos se aproxima de Thomas e pergunta se ele gosta de soldados. Thomas responde que sim, embora eu não tenha certeza se ele sabe do que se trata.

Eles então desaparecem porão abaixo, onde, pelo barulho, uma guerra está sendo travada.

Todos os outros voltaram a conversar.

Como sempre nos eventos de família dos O'Brien, eu fico sozinha.

Durante algum tempo fico andando sem rumo pela casa de Ashley, tentando parecer casual. Posso ver por que eles se mudaram para Olney: as casas ali são mais antigas e maiores, com praticamente o dobro da largura da casa geminada na qual eu cresci. Não tem nada de chique, e a rua não é bonita, mas posso ver por que uma família

de seis pessoas iria querer uma casa assim. Os móveis estão gastos e as paredes quase todas nuas, com exceção de surpreendentes crucifixos acima do vão de cada porta dos quartos, à moda de uma escola católica de ensino fundamental. Pelo visto, Ashley encontrou a religião recentemente.

Meneio a cabeça para algumas pessoas e digo oi para outras. Muito sem jeito, retribuo abraços quando eles me são oferecidos. Não gosto particularmente de ser abraçada. Quando éramos crianças, quem me mantinha sã nesses eventos era Kacey. Eu ficava ao seu lado enquanto ela navegava com perícia por qualquer festa, rebatendo provocações e ofensas ou revidando com fluidez, mas sempre com uma risada. Quando éramos adolescentes, nós em geral encontrávamos um canto e ali ficávamos sentadas juntas, comendo nossa comida, fazendo contato visual uma com a outra sempre que algum dos membros da nossa família dizia ou fazia alguma coisa absurda, e depois explodindo em gargalhadas secretas. Guardávamos histórias para trocar uma com a outra por dias depois disso, e categorizávamos nossos parentes com a crueldade e a criatividade que só as meninas adolescentes têm.

Não consigo me livrar de uma imagem específica ao dobrar cada quina da casa: de como minha irmã estaria, hoje, caso sua vida houvesse sido diferente. Imagino-a como ela era nas raras ocasiões de sua vida adulta em que esteve bem: tomando um refrigerante, com o bebê de alguém no colo, agachada no chão ao lado de algum priminho. Fazendo festa num cachorro. Brincando com uma criança.

Saio por uma porta dos fundos para um gramado gelado, rodeado por uma cerca de madeira que o separa dos terrenos vizinhos.

E ali está ele: meu primo Bobby, fumando um cigarro em pé entre o irmão e outro primo nosso.

Ele pisca os olhos ao me ver.

— Olha ela aí — diz quando me aproximo.

Ele engordou desde a última vez que o vi. Já tinha 1,90 metro, para começar. Bobby tem quatro anos a mais do que eu, e sempre me intimidou. Quando éramos pequenos, ele costumava perseguir

Kacey e eu pelos porões das casas dos O'Brien com diversos objetos semelhantes a armas, para deleite de Kacey e terror meu.

Nesse dia ele está de barba e com um boné do Phillies meio torto para um dos lados. Seu irmão John, à sua direita, e nosso primo Louie, à sua esquerda, me olham sem grande emoção. Na verdade me pergunto se eles ao menos estão me reconhecendo.

Hoje de manhã hesitei muito para decidir o que usar, pensando se poderia ser adequado algo mais elegante para demonstrar meu respeito pela ocasião, ou se isso convenceria ainda mais os O'Brien de que eu sou de algum modo esnobe ou estranha. No fim, decidi usar meu uniforme padrão de quando estou de folga: uma calça cinza ajustada, porém não justa, uma camisa branca de botão e sapatos sem salto bons para andar. Prendi os cabelos num rabo de cavalo e coloquei pequenos brincos de prata em forma de lua crescente. Foram um presente de Simon no meu aniversário de 21 anos, e por esse motivo me senti tentada a jogá-los fora em diversas ocasiões, mas eles são tão bonitos que nunca o fiz. Não tenho muitas joias. Acho que seria uma pena jogar fora algo que eu considero belo só por raiva.

— Tudo bem, minha flor? — pergunta Bobby depois de eu atravessar o pequeno gramado. Sua voz é untuosa.

— Tudo — respondo. — E você?

— Tudo ótimo — diz Bobby, e os outros dois murmuram algo parecido.

Todos trazem cigarros.

— Posso filar um? — pergunto. Há anos não fumo um cigarro, não desde que estava com Simon, que fumava socialmente. De vez em quando eu fumava com ele.

Bobby pega seu maço aos trancos. Fico observando todos os seus movimentos. Ele está respirando mais depressa do que deveria? Pode ser só o frio. Não sei quais são os motivos para Bobby ignorar minhas mensagens sobre Kacey, mas algo no seu comportamento hoje me parece nervoso.

Penso em lhe perguntar se podemos conversar um instante só nós dois, mas temo que isso possa colocá-lo na defensiva. Em vez disso, no tom mais leve de que sou capaz, digo:

— Eu te mandei umas mensagens, sabe?

— Eu sei — diz Bobby. Ele estende o maço, com um cigarro puxado para fora. Eu o pego. — Eu sei — repete. — Foi mal não ter respondido. Andei perguntando por aí.

Ele estende um isqueiro, e eu me posiciono em frente a ele e inspiro até o cigarro acender.

— Obrigada — digo. — Você soube alguma coisa dela?

Bobby faz que não com a cabeça.

— Não — responde.

John e Louie olham para ele.

— A irmã dela sumiu — ele diz, meneando a cabeça na minha direção. — A Kacey.

— Que merda — diz John. Ele é mais velho e mais baixo do que Bobby. Nunca o conheci muito bem. Ele parecia um adulto quando éramos crianças. Já escutei falar pelo bairro que John é metido nas mesmas encrencas que Bobby. — Cara, lamento saber — diz John. Examino-o com atenção.

— Obrigada — torno a dizer. — Quando foi a última vez que você falou com ela? — pergunto a Bobby.

Bobby olha para o céu enquanto faz menção de refletir.

— Deve ter sido... — começa ele. — Caramba, Mickey, sei lá. Eu provavelmente a vi pelo bairro aqui e ali, talvez até no mês passado. Mas a última vez que de fato falei com ela deve fazer mais de um ano.

— Tá bom — digo eu.

Todos tragamos. Está frio ali fora. Todos estão com o nariz vermelho.

Historicamente, nos encontros da família O'Brien, o tema do vício não é mencionado. Muitas pessoas da nossa família se drogam. Kacey é um caso extremo, mas outros membros da família também usam em graus variados. Embora isso seja conversado, *Ouvi dizer que a Jackie está melhor; É, está, sim*, é considerado falta de educação usar termos específicos, fazer referência a problemas ou episódios específicos. Eu hoje ignoro essas regras.

— Quem tem vendido para ela ultimamente? — pergunto a Bobby. Ele franze a testa. Por um segundo, parece genuinamente

magoado.

— Ah, Mick, deixa disso — diz ele.

— Como assim? — pergunto.

— Você sabe que eu não estou mais nessa.

— Sei? — indago.

John e Louie se remexem.

— Como posso ter certeza? — pergunto.

— Você vai ter de confiar em mim — diz ele.

Dou um trago no meu cigarro.

— Poderia — digo. — Ou poderia confiar na sua ficha de antecedentes, que posso acessar agora mesmo no meu celular se você quiser.

Fico espantada comigo mesma. Estou ultrapassando limites a torto e a direito agora. Sendo temerária. Uma nuvem passa em frente ao rosto de Bobby. Na verdade, eu não tenho acesso à ficha dele no meu celular. Mas ele não sabe disso.

— Olha — ele começa, mas antes de podermos continuar ouvimos uma voz que reconheço na hora. Gee costumava dizer que ela parecia uma buzina de nevoeiro.

— Aquela ali é a Mickey? — pergunta minha tia Lynn. A mãe de Ashley. — É você, Mickey?

E por um instante a conversa perde o rumo. Viro-me para Lynn e finjo escutar enquanto ela exige saber por onde andei todos esses anos, fala sobre como o mundo é doido, e me diz que espera que eu esteja tomando cuidado no trabalho.

— Como vai sua avó? — pergunta Lynn.

Antes que eu consiga responder, ela prossegue:

— Estive com ela faz umas duas semanas. Ela veio na festa de aniversário que a Ashley deu pra mim. Foi legal. Eu fiz 55 anos, dá pra acreditar?

Meneio a cabeça enquanto Lynn segue falando sobre Ashley, sobre como ela fez um bolo de cenoura nesse dia, sobre como não gosta de cobertura de *cream cheese*, e então fez cobertura de baunilha. Mas todos os meus sentidos estão direcionados para a minha esquerda, onde meus três primos continuam parados, remexendo-se de leve no lugar, trocando olhares que não consigo

interpretar. Louie sussurra alguma coisa que não consigo escutar, e Bobby assente bem de leve.

Simon costumava rir de mim: ele sempre sabia quando eu não estava escutando totalmente o que ele dizia, distraída pela conversa de alguma outra pessoa em curso ali perto. Você é muito enxerida, dizia ele, e eu nunca discordei. Minha forte visão periférica e minha capacidade de entreouvir os outros são duas habilidades que já me serviram muito nas ruas.

Alguém passa com uma travessa na mão, e Lynn se afasta do mesmo modo abrupto que chegou, sem se despedir.

— Deixa eu te ajudar com isso aí — diz ela com sua voz grave, e então desaparece.

Lentamente, viro-me de volta para meus primos, que agora passaram para um outro tema de conversa, o preferido de todos na Filadélfia: a sequência inesperada de vitórias do Eagles, e suas chances de ganhar o Super Bowl. Quando olho para eles, os três tornam a se calar.

— Mais uma pergunta — digo. — Antes de sumir, ela estava saindo com um cara chamado Connor. Não sei o sobrenome dele. Mas acho que o apelido é Dock.

Não é nada sutil o modo como a expressão de todos se modifica.

— Porra, para com isso — diz Louie entredentes.

— Vocês conhecem? — pergunto, mas a pergunta se tornou retórica, porque está muitíssimo claro que sim.

Bobby agora está olhando para mim, muito sério.

— Quando eles começaram a sair? — pergunta ele. — Quanto tempo ficaram juntos?

— Não sei bem — respondo. — Não sei se eles tinham algo sério. Sei que eles estavam juntos em agosto.

Bobby está balançando a cabeça.

— Porra, esse cara não é boa coisa — diz ele. — Ele é cilada.

Meus outros primos concordam com um pequeno murmúrio.guardo alguns instantes.

— Cilada em que sentido? — pergunto. Bobby dá de ombros.

— O que você acha? — pergunta ele. Então diz:

— Olha aqui. Eu vou tentar descobrir mais para você, tá? Você sabe que eu não mexo mais com essas coisas, mas ainda tenho meus contatos.

Concordo silenciosamente. Vejo pela sua expressão que ele vai levar a missão a sério. Que na sua mente Kacey é da família, e protegê-la é o seu novo objetivo.

— Obrigada — digo.

— Não tem de quê — diz Bobby.

Ele me encara com um olhar pleno de significado. Então vira as costas.

Novamente lá dentro, passo um tempão procurando por Thomas; tanto tempo, na verdade, que começo a ficar preocupada. Ashley passa por mim e toco seu ombro, fazendo-a girar de modo tão abrupto que ela derrama um pouco do seu vinho.

— Ah, desculpa — digo. — Mas é que eu não estou encontrando o Thomas. Você o viu?

— Lá em cima — ela indica.

Subo a escada forrada com um carpete fino e gasto e passo alguns segundos parada no hall. Uma a uma, vou abrindo todas as portas: um banheiro, um armário, um quarto com duas camas de solteiro que deve ser dividido pelos dois meninos mais novos de Ashley. Outro, decorado em tons de roxo com um *C* em itálico na parede, é o de Chelsea, sua única filha mulher. Um terceiro parece ser o dos filhos mais velhos.

O quarto de Ashley e Ron é aquele no qual eu entro por último. Um radiador estala no canto, exalando o cheiro não desagradável de poeira quente. No centro do quarto há uma cama de baldaquino, e na parede ao lado desta, um quadro. Nele, Jesus está de mãos dadas com duas crianças pequenas. Todos os três personagens estão em pé numa estrada que conduz a um espelho d'água cintilante.

Andem comigo, está escrito sob os pés de Jesus.

Ainda estou olhando para esse quadro quando ouço um farfalhar muito leve vindo do armário à minha direita.

Ando em direção a ele e abro a porta. Ali está meu filho, escondido junto com dois outros, pelo visto brincando de esconde-esconde versão sardinha.

— *Shhhhh* — dizem eles em uníssono.

Tá bom, respondo sem emitir nenhum som, e me retiro do quarto sem fazer barulho.

Novamente lá embaixo, sirvo-me um prato generoso da mesa do bufê. Então fico parada sozinha em pé na sala comendo de um jeito deselegante, culpado, olhando de vez em quando para uma TV ligada no canto que está transmitindo o Desfile de Ação de Graças da Macy's. À minha volta ouve-se um burburinho de vozes que eu não ouço desde a infância, todas elas aumentando e diminuindo juntas. Nós temos uma relação tênue, conectados pelos ramos de uma árvore genealógica que nos últimos anos atrofiou, apodreceu. Perto de mim, Shane, um primo mais velho, está contando uma história sobre quanto ganhou ontem à noite no cassino SugarHouse. Ele não para de tossir. Estende a mão por cima do próprio ombro para coçar as costas.

Nessa hora, Ashley entra na sala com Ron. Seus quatro filhos entram atrás dela com um passo arrastado, evidentemente cumprindo ordens.

Ela diz:

— Ei, todo mundo? Ei!

Como ninguém se cala, Ron leva dois dedos à boca e assobia.

Estou com o garfo a meio caminho da boca. Abaixo-o constrangida.

— Ah, pronto, lá vamos nós — diz Shane. — Hora da missa.

Ashley lhe lança um olhar.

— Olhem — diz ela. — Não vamos demorar muito. Mas a gente só queria dizer que ama vocês. E agradecer por todos nós podermos estar juntos hoje.

Ron segura sua mão, e atrás dele seus filhos também se dão as mãos.

— Se vocês não se importarem, vamos só dar graças — diz Ron.

Olho em volta. Todos exibem um ar cético. Os O'Brien são católicos, se é que somos alguma coisa. Nosso grau de religiosidade varia: algumas das minhas tias mais velhas vão à missa várias vezes por semana. Muitos dos meus primos mais novos nem vão. Eu, em geral, levo Thomas na Páscoa, no Natal, e sempre que estou para baixo. E, na minha lembrança, em nenhum Dia de Ação de Graças da minha infância os O'Brien jamais deram graças.

Ron agora está orando com a cabeça calva abaixada, e faz-se silêncio no recinto. Os músculos consideráveis dos seus braços estão tensos de emoção. Ele agradece pela comida que estamos prestes a consumir, e pelos parentes que estão conosco aqui hoje, e pelos parentes que já se foram. Agradece por sua casa, seus empregos e seus filhos. Agradece aos líderes do país e reza para que eles continuem fazendo seu trabalho da melhor maneira que forem capazes. Não conheço bem Ron — devo ter me encontrado com ele quatro vezes desde que ele e Ashley se casaram, incluindo uma no casamento —, mas ele me parece uma pessoa firme, trabalhadora, com a cabeça no lugar, alguém com opiniões bem precisas sobre tudo, que irá compartilhar com você caso lhe dê uma brecha. Ele é do Condado de Delaware, e, embora o lugar fique colado à divisa sudoeste da Filadélfia, isso faz dele um forasteiro, e lhe proporciona um quê de exotismo que faz os O'Brien lhe concederem uma certa quantidade de respeito, mas que também, imagino eu, os faz sentir por ele uma leve desconfiança.

Ron enfim conclui, *Améns* sussurrados percorrem a sala, e um primo metido a sabido diz:

— Deus é lindo de viver, agora vamos comer.

De repente, o irmão de Gee, Rich, está do meu lado com uma cerveja na mão. Não sei de onde ele surgiu.

— Não estava esperando ver você aqui — diz ele. Está usando um jeans e uma camisa do Eagles. Ele se parece com Gee, só que maior. Como muitos dos meus parentes homens mais velhos, fala muito e é gaiato, o tipo de pessoa que dá uma cotovelada para você rir das suas piadas.

Eu meneio a cabeça para ele.

— Aqui estou eu — digo.

— Pelo visto está com fome — repara Rich, olhando para o meu prato. — Já eu estou de olho no peso. — Ele dá uma piscadela.

Rio sem vontade.

— Que tal sua casa nova? — pergunta Rich. — Sua avó comentou comigo que você tinha se mudado. Está em Bensalem agora, é?

Meneio a cabeça novamente.

— Com algum homem misterioso, aposto — diz Rich. — Certo? Aposto que você tem um namorado lá. Não dá pra esconder nada da família.

Ele está me provocando, gentilmente. Eu sei. Não digo nada.

— Traz ele um dia — diz Rich.

— Não estou saindo com ninguém — digo.

— Estou só mexendo com você — brinca Rich. — Olha. Você vai encontrar alguém.

— Eu não quero encontrar ninguém — revido.

Volto à minha comida. Com cuidado, escolho um pedaço pequeno de cada coisa, assim terei um bocado perfeito no garfo. Essa empreitada me toma algum tempo, porque eu de repente constato que está difícil me concentrar no meu prato.

Por uma vez na vida, meu tio Rich não diz mais nada.

ANTES

Depois que me confidenciei com Simon Cleare sobre os problemas pelos quais minha irmã estava passando, começamos a nos ver também fora da LAP.

Nesse verão, depois do expediente, eu ia a bibliotecas, parques ou restaurantes, lugares nos quais Simon achava que não seria visto, e depois ele ia me encontrar. Eu tinha 17 anos. (*A gente não quer ninguém pensando besteira*, dizia-me ele, e na época isso chegava a me causar um pequeno arrepio de emoção.) Às vezes íamos ver um filme num dos cinemas independentes de Center City, e depois ele me acompanhava até a estação do metrô de superfície na esquina da Segunda Avenida com a Market Street, conversando o caminho todo comigo sobre os pontos fortes e fracos do roteiro e dos atores, artisticamente falando. Às vezes nós íamos a um píer que se estendia Delaware adentro. A estrutura estava fora de uso havia décadas, e já decrépita e decerto insegura, mas era sobretudo abandonada, e podíamos nos sentar sozinhos na borda e ficar olhando na direção de Camden. Em todos esses lugares, quem chegava primeiro era eu. Pouco depois, Simon se juntava a mim. Ele sabia tudo sobre Kacey, escutava com atenção cada novo desdobramento à medida que ocorria.

Menos de uma semana depois da primeira overdose, Kacey começou de novo a sair escondida regularmente. Como ainda dormíamos na mesma cama, eu sabia toda vez que ela ia. Sempre tentava convencê-la a não ir. Às vezes ameaçava contar para Gee. Mas eu tinha mais medo do que Gee faria com Kacey, e não tanto do que minha irmã estava fazendo consigo mesma. Meu maior medo era Gee expulsar Kacey de casa. E se isso acontecesse eu não saberia o que seria de nenhuma de nós duas.

— *Fica* — eu sussurrava.

— *Eu preciso de um cigarro* — dizia Kacey. E então desaparecia por horas.

Isso aconteceu vezes sem conta. Ela piorou depressa. Agora parecia permanentemente opaca, com um brilho espesso no olhar, um rubor nas faces, a fala pastosa, a língua pesada, sua linda risada

quase ausente. Ao vê-la assim, eu muitas vezes tinha o impulso de bater uma palma bem alto em frente ao seu rosto. De abraçá-la bem forte, de espremer para fora dela aquela coisa sombria que a estava fazendo querer embotar sua vida tão completamente. Sentia saudades da minha irmã mais nova inteligente, da Kacey de raciocínio rápido, sempre correndo de lá para cá, sempre acesa de energia; a versão miúda, ígnea e indomável da adolescente que agora parecia existir num mundo de penumbra eterna e inclemente.

Embora eu tenha tentado com grande esforço esconder o comportamento de Kacey de Gee, nossa avó era arguta. Ela sabia. Não parou de revirar as coisas de Kacey, até a minha irmã por fim ficar preguiçosa. Gee então encontrou um maço de notas de cem dólares — Kacey tinha começado a vender um pouco, esporadicamente, junto com Fran e Paula Mulroney —, e isso foi indício suficiente para ela. Como eu temia, ela pôs Kacey para fora de casa.

— Para onde ela vai? — perguntei.

— Você acha que eu me importo? — rebateu Gee com um olhar desafiador e um pouco desvairado. — Acha que isso é problema meu?

— Ela tem 16 anos — falei.

— Exato — disse Gee. — Idade suficiente para saber o que é certo.

Uma semana depois, é claro, ela voltou. Mas o padrão seguiu assim, e

Kacey ficou pior, não melhor.

Todos esses ocorridos eu relatava a Simon sempre que o encontrava. E isso me proporcionava um certo grau de alívio: saber que havia uma pessoa no mundo além de mim que carregava consigo os detalhes do mergulho de Kacey no vício, que acompanhava sua história, que escutava bem e dava conselhos que pareciam sensatos e adultos.

— Ela está testando vocês — dizia ele, confiante. — É imatura, só isso. Vai passar.

Então, inclinando a cabeça de leve na minha direção, ele confessou:

— Eu mesmo passei por uma fase assim.

Ele agora estava limpo, falou. Arregaçou a perna da calça para me mostrar, na parte de trás da forte panturrilha direita, a tatuagem de um grande X que significava sua recuperação. Ele agora já não frequentava mais as reuniões, mas nunca havia parado de tomar cuidado, consciente de que uma recaída não estava fora de cogitação.

— Você não pode nunca baixar a guarda — disse ele. — É isso o mais infernal. Ter essa preocupação constante.

Para ser bem sincera, isso me reconfortou, essa conversa. Saber que alguém tão funcional quanto Simon, tão inteligente, correto e experiente, um bom pai, saber que alguém assim um dia tinha sido igual a Kacey. E que tinha conseguido sair bem do outro lado.

Nessa época ninguém, nem mesmo Kacey, sabia que eu me encontrava com Simon Cleare dessa forma. Nas noites em que ela estava em casa, nós ficávamos deitadas na mesma cama, cada uma com seu próprio segredo, com uma linha traçada entre nós, um abismo que se aprofundava a cada semana.

Kacey largou o ensino médio. Não contou nada para Gee. E a nossa escola, com pouco dinheiro e cheia até a tampa de alunos problemáticos, não mandou nenhum aviso para nossa casa.

Eu tampouco falei algo. Como sempre, minha prioridade era manter Kacey sob o teto de Gee, e, sendo assim, escondi da minha avó o que eu sabia. Até hoje não sei se essa decisão foi correta.

Mas eu a amava. E ainda havia momentos de ternura genuína entre nós. Quando Kacey estava deprimida, ou quando estava doidona, entrava em casa querendo um abraço. Entrava em casa querendo sentar ao meu lado e se encostar em mim, com a cabeça no meu ombro, para ficarmos assistindo à televisão juntas. Lembro que ela costumava me pedir para dividir seus cabelos em duas fileiras de tranças certinhas; sentava-se no chão entre as minhas

pernas enquanto eu fazia isso, tecendo comentários arrastados e engraçados sobre o que quer que estivesse passando — ela ainda conseguia, mesmo então, me fazer rir — a respiração lenta, a cabeça pesada em minhas mãos. Nessas horas eu sentia por ela algo aparentado ao amor materno, emoção que só consigo nomear agora, anos depois, que tenho Thomas na minha vida.

Nesses momentos, eu implorava a Kacey que ficasse boa outra vez. Eu chorava. Vou ficar, dizia ela, ou eu prometo, ou eu vou melhorar. Mas não olhava para mim quando respondia; estava sempre olhando para algum outro lugar, para o chão ou pela janela mais próxima.

No meu último ano do ensino médio, comecei a afunilar a lista de faculdades nas quais tentaria uma vaga. O tempo que passava pensando em onde iria estudar me deu uma trégua da preocupação que de outra forma me atormentava constantemente; enfim, pensava eu, enfim chegou a hora de fugir. E depois de fugir, e de construir uma vida boa para mim, eu poderia resgatar minha irmã. Vinha sonhando com isso havia anos, desde que a irmã Angela Cox, da Sagrado Redentor, tinha me dito que com a minha inteligência eu podia ser qualquer coisa que quisesse.

Sabia que não podia pedir ajuda a Gee. Sempre que qualquer um lhe dizia que eu era inteligente ou boa aluna, ela reagia com ceticismo. *Eles estão te metendo numa fria*, disse-me ela certa vez, com a testa franzida. Gee e todos os O'Brien se orgulhavam de fazer apenas aquilo que era prático. Uma vida mental, ou mesmo uma profissão como o magistério, parecia para a maioria deles representar um certo orgulho. Trabalho se fazia com o corpo, com as mãos. Fazer faculdade era para gente sonhadora e esnobe.

Mesmo assim, com a ajuda de minha amada professora de história sra. Powell, e sob a recomendação do um pouco incompetente (ou, para ser mais gentil, insuficientemente provido de pessoal) departamento de orientação da minha escola, preenchi dois formulários de candidatura para universidades próximas: um para a Temple, outro para a St. Joe's. Uma universidade pública. Uma privada.

Fui aceita nas duas.

Levei as cartas de aceitação para o sr. Hill, o orientador educacional que me fora atribuído. Ele me parabenizou com um toca aqui. Então me entregou um calhamaço de informações sobre bolsas de estudos e um formulário para pedir auxílio estudantil ao governo federal.

— O que é isso? — perguntei para ele.

— É o jeito de você conseguir dinheiro para pagar a faculdade — disse ele. — Peça para os seus pais preencherem.

— Eu não tenho pais — falei. Lembro-me de torcer para que a crueza dessa afirmação, a falta de qualquer preparação, fosse convencê-lo de que eu podia, de que teria de fazer tudo sozinha.

Ele ergueu os olhos para mim, espantado.

— Sua responsável, então — falou. — Quem é a sua responsável?

— Minha avó.

— Os formulários são para ela — disse ele.

Eu já podia sentir o bolo subindo pela minha garganta.

— Tem algum jeito de não ser assim? — perguntei.

Mas minha voz saiu baixa demais, ou então o sr. Hill estava demasiado ocupado, porque não ergueu os olhos da sua mesa.

Eu sabia o que iria acontecer. Mesmo assim os levei para ela, todos os formulários, segurando-os de leve nos braços.

Ela estava sentada no sofá jantando cereal e vendo o noticiário local. Balançando a cabeça diante das arruaças dos delinquentes e bandidos, palavras que ela mais pronunciava durante essa parte da sua rotina.

— O que é tudo isso? — perguntou ela quando lhe entreguei a pilha de papéis. Pousou a colher na tigela com um tilintar alto. Pousou a tigela na mesa de centro à sua frente. Cruzou uma das pernas, tornozelo sobre joelho. Não falou nada. Ainda estava mastigando quando os folheou. Então, bem baixinho, ela começou a rir.

— O que foi? — falei.

Naquela época, eu me sentia muito pouco à vontade no meu próprio corpo. Tão pequena em casa. Lembro-me de cruzar e descruzar os braços. De pôr as mãos na cintura.

— Me desculpa — disse Gee, rindo mais alto. — É só que... — continuou ela, levando uma das mãos à boca para se acalmar. — Dá pra imaginar um negócio desses? Uma menina como você na St. Joe's? Mickey, você mal fala. Eles vão pegar seu dinheiro e te cuspir na calçada. Vão rir da sua cara e depois se livrar de você. É isso que eles vão fazer. E se você pensa que algum dia vai ver o retorno desse investimento... Bom, você deve acreditar em Papai Noel também.

Ela tornou a empurrar os papéis pela mesa de centro. Alguns agora estavam sujos de leite. Pegou sua tigela de cereal.

— Eu não vou preencher isso — disse ela, apontando com o queixo os formulários de auxílio estudantil. — Não vou te ajudar a cavar para se enterrar numa dívida em troca de um pedaço de papel inútil no final.

No início do ano letivo, a sra. Powell tinha dado a todos nós seu telefone de casa, dizendo-nos para lhe telefonar se precisássemos. Pareceu-me que, se algum dia houvera um momento de usar essa boia salva-vidas, esse momento era aquele. Eu nunca tinha ligado para ela antes, e ao discar o número senti um nervosismo que chegou a doer.

Ela levou muito tempo para atender. Quando o fez, pude escutar uma criança chorando ao fundo. Eram cinco e meia ou seis da tarde. Hora do jantar, dei-me conta demasiado tarde. A sra. Powell tinha dois filhos de quem falava com carinho, um menino e uma menina, ambos bem novos.

— Alô? — disse a sra. Powell, soando esbaforida. A criança agora estava aos berros. *Mamãe. Mamãe.*

— Alô? — repetiu a sra. Powell. Uma panela bateu.

— Não sei quem está falando — disse a sra. Powell por fim —, mas eu estou muito ocupada e a sua ligação não é bem-vinda.

Era o tom mais severo que eu jamais tinha escutado na sua voz. Desliguei devagar. Imaginei como minha vida poderia ter sido caso

eu tivesse nascido numa família como a da sra. Powell.

Foi não muito tempo depois disso que decidi mandar um *pager* para Simon. Fiquei esperando um pouco junto ao telefone da cozinha, com a cabeça apoiada na parede. Quinze minutos mais tarde, o aparelho tocou, e eu tirei o fone do gancho o mais depressa que pude.

— Quem é? — perguntou Gee lá de dentro, e eu gritei de volta:

— Televentas.

Do outro lado, Simon falou em voz baixa:

— O que foi? Posso falar um minuto.

Pela primeira vez desde que eu o conhecia, ele soou irritado. Quase bravo. Comecei a chorar. Depois do meu telefonema para a sra. Powell, aquilo era demais. Eu precisava de gentileza.

— Desculpa — sussurrei. — Ela não quer preencher os formulários.

— Que formulários? Ela quem? — perguntou Simon.

— Meus formulários da faculdade — falei. — Minha avó não quer preencher. Sem auxílio financeiro eu não posso ir.

Simon fez uma pausa comprida.

— Me encontra lá no píer — disse ele por fim. — Eu chego daqui a uma hora.

Na última vez em que estivéramos lá era outono, ainda no horário de verão. Agora era fevereiro, o clima ao ar livre estava brutal e, quando saí para o píer, já estava escuro. Disse a Gee que ia encontrar uma amiga para estudar. Kacey arqueou as sobrancelhas quando me encaminhei para a porta.

Foi bom sair na rua, me afastar daquela casa, dos humores sombrios de Gee, do meu medo perpétuo de Kacey um dia simplesmente não voltar.

Mas eu estava nervosa de um jeito que não havia ficado nas outras vezes que Simon e eu tínhamos nos encontrado. No verão e no outono daquele ano, nós tínhamos nos encontrado em todas as oportunidades que tivéramos, mas todos os encontros tinham sido platônicos. Só que o inverno e meu ano escolar tinham diminuído o

ritmo das visitas. Eu agora já estava com 18 anos, mas era imatura para minha idade. Ainda que fosse ingênua, acho que pelo menos tinha consciência da minha própria ingenuidade. Sabia que outras pessoas da minha idade, entre elas minha própria irmã, já transavam e vinham transando havia anos. Sabia que a minha vida amorosa se limitava à minha imaginação, a devaneios com rapazes da TV, a textos escritos na minha agenda em que, de modo constrangedor, eu imaginava encontros completos entre mim e meu mais recente objeto de desejo: meninos populares da minha escola, celebridades diversas e, mais obsessivamente, Simon. Em relação a ele e às suas intenções, eu tinha duas crenças dissonantes. A primeira era que o seu interesse por mim não era puramente o interesse de um mentor intelectual: ele ria com frequência de comentários que eu fazia, às vezes de forma genuína, às vezes para me provocar, mesmo quando eu não tinha a intenção de ser engraçada; e sorria quando eu ficava com o rosto vermelho, coisa que, pensava eu, talvez fosse o jeito de as pessoas paquerarem; e havia a expressão fixa e concentrada com a qual ele me encarava quando eu falava com ele, correndo os olhos por todas as partes do meu rosto com um leve sorriso nos lábios; e às vezes eu reparava que o seu olhar se deslocava para baixo, para minhas mãos, meu pescoço, meus seios. Se eu era e sou bonita ou não, eu nunca soube dizer. Sempre fui alta e magra, e nunca usei maquiagem. Sempre me vesti de modo bem simples. Raramente uso joias, e uso quase sempre os cabelos presos num rabo de cavalo que, naquela época, eu às vezes umedecia com água para impedir que os fios soltos ficassem para fora. Se há algo de agradável na composição do meu rosto, somente umas poucas pessoas pareceram reparar. Mas naquela época eu me perguntava muitas vezes se Simon seria uma delas. A lembrança de quando ele me envolvera nos braços provocava um pequeno baque no meu estômago, um chute nas minhas entranhas, algo elétrico a se espalhar lento e quente pelo meu corpo. Então outra voz sempre surgia dentro de mim para me dizer que tudo que eu estava pensando era inteiramente inventado; que Simon me via como uma criança, alguém com potencial, alguém por quem ele tinha apenas desenvolvido um interesse profissional, e

quem sabe altruísta; que eu era louca por pensar qualquer coisa diferente disso.

Uma fileira de árvores separava a avenida Delaware do píer que se estendia acima do rio. O chão estava coalhado de ervas daninhas e lixo. Estava tão escuro agora que eu caminhava com as mãos estendidas na frente do corpo. Um poucas vezes houvera outra pessoa no píer quando nos encontramos lá; em geral alguém passeando com o cachorro. Mas uma vez tinha um sem-teto, um homem mais velho que estava resmungando quando eu cheguei. Ele havia me olhado com uma expressão desvairada e então sorrido. Havia feito um gesto obsceno com as mãos. Dessa vez eu batera em retirada até a avenida Delaware para esperar Simon lá.

Nesse dia, calculei que estava escuro e frio demais para haver qualquer outra pessoa no píer. Quando emergi do meio das árvores, vi que estava certa. Mas não tive certeza se a minha solidão e o silêncio do píer me reconfortavam mais ou menos.

Fui até o final e me sentei. Apertei com mais força o casaco em volta do corpo. A ponte Ben Franklin estava acesa, e seu reflexo cintilava no rio, um colar de contas vermelhas e brancas.

Dez minutos se passaram antes de eu ouvir passos. Virei-me e vi Simon, que vinha caminhando na minha direção com um passo relaxado e as mãos nos bolsos. Ele não estava com o uniforme da polícia, mas usava um uniforme de outro tipo: jeans com a barra virada, botas pretas, um gorro de lã e uma jaqueta de couro com gola de pele de carneiro. Do chão onde eu estava sentada, parecia mais alto e mais forte do que nunca.

Ele se sentou ao meu lado no chão. Nossas pernas ficaram dependuradas no píer de madeira.

Antes de falar, ele passou o braço à minha volta.

— Como você está? — perguntou, virando a cabeça para me olhar. Pude sentir seu hálito e o calor de seus lábios na têmpora. Isso me causou um arrepio.

— Não muito bem — falei.

— Me conta o que está acontecendo — disse ele, e, como sempre, eu contei.

Essa foi a noite em que Simon me disse que eu deveria pensar seriamente em entrar para a polícia. Hoje a idade mínima é 22 anos; na época, era 19.

— Escuta — disse Simon. — Você poderia ir contra ela. Poderia se declarar independente e preencher você mesma os papéis. Mas isso levaria um tempo, acho eu.

— O que eu vou fazer até lá? — perguntei a ele.

— Não sei bem — respondeu Simon. — Continuar trabalhando. Fazer um curso técnico. De toda forma, você precisa acumular uns créditos. — Mas olha — disse ele, prosseguindo. — Eu acho que você daria uma ótima policial. Poderia ser investigadora. Eu vivo te dizendo que você seria boa nisso. Eu não iria mentir.

— Acho que não — falei.

Eu não tinha certeza. De fato, gostava de romances policiais. Gostava dos filmes que Simon me recomendava, de alguns mais do que de outros, e muitos deles giravam em torno do trabalho da polícia. Mais importante ainda, eu gostava de Simon, que era ele próprio policial. Mas eu era muito boa aluna e adorava ler. E graças à sra. Powell e às suas histórias sobre o passado, que tinham o efeito de por algum motivo fazer eu me sentir menos sozinha, havia decidido recentemente querer me tornar professora de história como ela.

Hesitei.

— É você quem decide — afirmou Simon por fim. Ele se remexeu um pouco. Ainda estava com o braço em volta de mim. Esfregou a mão no meu braço rapidamente, como para me manter aquecida.

— Mas o que eu posso te dizer é que vai ficar tudo bem — assegurou ele. — Faça o que fizer, você vai ser ótima.

Dei de ombros. Estava olhando para o rio à nossa frente, fortemente iluminado por cidades dos dois lados. Estava recordando as aulas que a sra. Powell tinha nos dado: que a nascente do Delaware era o rio West Branch, e que ele desaguava na baía de Delaware. Que 56 quilômetros ao norte de onde estávamos George Washington e suas tropas o haviam cruzado numa noite de inverno

igualmente fria em 1776. Devia estar escuro nessa noite, eu estava pensando. Nenhuma cidade. Nenhuma luz para iluminar o caminho.

— Olha pra mim — disse Simon.

Virei meu rosto na sua direção.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele.

— Dezoito — falei. Eu tinha feito aniversário em outubro. Nesse ano até Kacey tinha esquecido.

— Dezoito — repetiu Simon. — Você tem a vida inteira pela frente.

Ele então abaixou a cabeça e me beijou. Meu cérebro levou um tempo para se conectar com meu corpo. Quando isso finalmente aconteceu, pensei: *Meu primeiro beijo. Meu primeiro beijo. Meu primeiro beijo.* Já ouvi gente contar sobre primeiros beijos horrorosos, nos quais a pessoa é bombardeada por um dilúvio de saliva, ou então forçada a aceitar na boca a língua agressiva de um adolescente igualmente inexperiente, ou é quase engolida pela sua boca aberta. Mas o beijo de Simon nesse momento foi extremamente reservado, um mero roçar de lábios, em seguida um recuo, e então, num instante subsequente, um leve toque clandestino dos seus dentes no meu lábio inferior. Aquilo me excitou. Nunca havia me ocorrido que os dentes fizessem parte do beijar.

— Você acredita em mim? — perguntou Simon baixinho. Ele me encarava com toda atenção. Seu rosto estava tão próximo do meu que meu pescoço tinha que ficar dobrado num ângulo esquisito para permitir nossa pose.

— Acredito — falei.

— Você é linda — disse Simon. — Acredita nisso?

— Acredito.

Era a primeira vez na minha vida que isso acontecia.

Tarde nessa noite, deitada ao lado da minha irmã na cama, tive o impulso de lhe contar. Anos antes, ao dar seu primeiro beijo, Kacey o descrevera para mim. Ela estava com 12 anos na época, e ainda éramos melhores amigas. Kacey tinha chegado em casa depois de brincar na rua, gritado meu nome uma vez, toda animada, subido correndo a escada até nosso quarto e se jogado na cama.

— Sean Geoghehan me beijou — disse ela com os olhos brilhando. Pôs um travesseiro na frente da boca. Gritou dentro dele. — Ele me beijou. A gente se beijou.

Eu tinha 14 anos. Não falei nada.

Kacey baixou o travesseiro e me encarou. Então se sentou mais ereta, com um ar preocupado, e estendeu um dos braços.

— Ah, Mick — disse ela. — Vai acontecer. Não se preocupa. Vai acontecer com você também.

— Provavelmente não — falei. Forcei uma risada, mas ela souu triste.

— Com certeza vai — disse Kacey. — Promete que vai me contar quando acontecer.

Na noite em que Simon me beijou, perguntei-me por onde eu iria começar. Antes de poder falar, ouvi a expiração suave e entregue, o sinal de que Kacey havia pegado no sono.

Fiz o que Simon me disse para fazer. Me formei no ensino médio e continuei morando na casa de Gee. Mudei-me enfim para o quarto do meio, que ainda parecia assombrado pela presença da minha mãe. Comecei a trabalhar em meio expediente como caixa numa farmácia do bairro, e passei a pagar a Gee duzentos dólares de aluguel mensal. Concluí meus sessenta créditos de ensino técnico. Então fiz a prova da polícia. Aos vinte anos, tornei-me policial. Ninguém compareceu à minha cerimônia de admissão.

Kacey, enquanto isso, continuou a declinar. A essa altura ela já estava desatinada e perdida. No final da adolescência e início da casa dos vinte, às vezes trabalhava servindo bebidas num bar para ganhar algum dinheiro, às vezes era babá para algum pai ou mãe irresponsável disposto a contratá-la, e às vezes, creio eu, ainda vendia droga para Fran Mulroney, o irmão mais velho de Paula. Ela se dividia entre a casa de Gee, a de amigos e a rua. Nessa época ela passava mais tempo em Fishtown do que em Kensington, ou seja, eu ainda não a via nas minhas rondas. Nunca sabia onde ela estaria

quando entrava pela porta à noite, e vivia na expectativa do dia em que ela não voltaria mais. Raramente nos falávamos.

Mesmo assim, ela era a única pessoa que sabia sobre minha relação com Simon. Tinha encontrado um bilhete dele nas minhas coisas; só mais tarde me ocorreu que muito provavelmente o tinha encontrado enquanto procurava dinheiro para roubar, e na vez seguinte em que me viu tinha encostado o papel no meu peito, furiosa.

— Que porcaria é essa? — perguntou.

Fiquei envergonhada. O bilhete fazia referência a uma noite recente que tínhamos passado juntos num hotel. Meus momentos com Simon eram um alívio para mim, um escape, a primeira felicidade verdadeira que eu jamais tivera, e se isso era segredo, bom, eu gostava assim. Era meu.

Pus as mãos sobre o bilhete num gesto protetor. Não falei nada.

O que acho que Kacey falou em seguida foi: *Porra, esse cara é um tarado. Ou pior: Ele está tentando te comer desde que você tinha 14 anos.* Hoje estremeço ao pensar nisso. Desde que eu era pequena, sempre tentei manter minha dignidade em todas as situações. Hoje, no trabalho, luto para manter minha dignidade profissional. Em casa, com Thomas, esforço-me para manter certa dignidade parental, para protegê-lo de entreouvir qualquer coisa que possa perturbá-lo, ou qualquer coisa imprópria. Sendo assim, por isso me parecer pouco digno, nunca gostei da sensação de outra pessoa preocupada comigo ou ciosa do meu bem-estar, e prefiro em vez disso passar a impressão de estar sob todos os aspectos bem, e de ter tudo sob controle. Em grande medida, acredito que essa imagem seja verdadeira.

— Isso não é verdade — falei.

Kacey riu. Não foi um som gentil.

— Você que sabe — disse ela.

— Não é verdade — reiterei.

— Ai, Mick — disse Kacey. Ela balançou a cabeça. E na sua expressão eu vi algo semelhante à pena.

Aos vinte anos de idade, pensei que o que Kacey tinha dito não era uma avaliação nem justa, nem exata da situação. Era eu quem tinha cortejado Simon, não o contrário. Eu nunca pensava em mim mesma como alguém romântico, mas às vezes dizia a mim mesma que o instante em que havia pousado os olhos nele fora minha única experiência de amor à primeira vista; Simon, por sua vez, me dissera ter levado anos para me ver como algo mais do que uma criança. Tanto ele quanto eu tínhamos consciência, porém, de como o nosso relacionamento poderia ser visto por outros que houvessem nos conhecido quando eu era sua aluna, de modo que sempre nos esforçávamos para nos manter discretos. Simon tinha feito a prova para virar investigador, enfim, e tinha passado, estava começando uma carreira na Investigadores Sul e não queria que nada atrapalhasse isso. Quando nos encontrávamos, era sempre em hotéis; ele dizia não querer correr o risco de seu filho Gabriel, então com 11 anos, descobrir sobre nós, e a mãe de Gabriel às vezes o levava à casa do pai sem avisar, e era tudo muito... *complicado*, era essa a palavra que ele usava.

— Um dia você vai ter a sua própria casa — dizia-me ele muitas vezes —, e aí a gente vai poder ficar lá.

Foi em grande parte por esse motivo que guardei todo meu dinheiro nos dois primeiros anos da minha carreira no DPF e usei essas economias para dar entrada numa casa em Port Richmond. Eu tinha 22 anos quando assinei a escritura. Paguei quarenta por cento do preço da casa, uma quantia pequena, é bem verdade, mas ainda assim maior do que jamais voltei a ter na minha conta bancária de uma vez só. Impressionada, a corretora me disse que poucas pessoas de 22 anos tinham disciplina para poupar tanto dinheiro, e acabavam gastando-o em farras com amigos. Não sou igual à maioria das pessoas da minha idade, eu quis dizer a ela, mas não disse.

Sair da casa de Gee e me afastar das brigas terríveis que ela e Kacey tinham, e que agora às vezes acabavam culminando em confronto físico, me deu a sensação de estar fugindo de uma guerra.

Eu não tinha falado antes nem com Kacey, nem com Gee sobre meu plano de me mudar. Havia dois motivos para isso: o primeiro era que eu não queria que nenhuma das duas soubesse muito sobre as minhas finanças; Gee porque poderia começar a exigir mais de aluguel do que o que já recebia de mim, e Kacey porque eu não queria que ela tivesse mais incentivo para me pedir dinheiro. (Eu a essa altura já tinha pisado no freio, mas de vez em quando ela ainda vinha me implorar.) O segundo motivo pelo qual mantive segredo em relação a meus planos foi por acreditar, de verdade, que nem Gee nem Kacey iriam se importar.

Fiquei surpresa, portanto, quando Kacey reagiu ao meu anúncio com tristeza.

No dia em que me mudei de vez, ela chegou em casa e me encontrou descendo a escada com caixas.

— O que você está fazendo? — perguntou para mim. Cruzou os braços. Enrugou a testa.

Parei por um instante, respirando com dificuldade. Não tinha nada para levar exceto roupas e livros, mas tinha tantos deles que estava aprendendo depressa como uma caixa de livros de bolso pode ser pesada.

— Me mudando — respondi.

Esperava um dar de ombros. Em vez disso, Kacey começou a balançar a cabeça.

— Não — disse ela. — Mick. Você não pode me deixar aqui sozinha.

Pus na escada a caixa que estava carregando. Minhas costas já estavam doloridas; levei dias para me recuperar.

— Achei que você fosse ficar feliz — falei.

Kacey fez uma cara genuinamente perplexa.

— Por que você iria achar isso? — perguntou.

Porque nem gostar de mim você gosta, eu quis dizer. Mas isso me pareceu sentimentaloides demais, de uma autocomiseração e de um pessimismo excessivos, então em vez disso eu lhe disse que precisava ir andando, que meu plano era voltar e contar para Gee naquela noite. Com certa formalidade, Kacey segurou a porta aberta para eu passar. Virei-me para olhar para ela, uma vez só, e examinei

seu rosto em busca de sinais da antiga Kacey, do fantasma da menina que um dia havia dependido de mim de forma tão completa. Mas não consegui encontrar nenhum vestígio dela.

A casa que comprei era feia e velha, mas era minha. Mais importante ainda, dentro dela não havia gritos nem brigas. Eu chegava em casa depois de cada turno e passava um tempo parada logo depois de entrar pela porta, apoiada nela, com as mãos no coração, e deixava a paz daquela casa assentar nos meus ombros. Dizia a mim mesma: Você está sozinha aqui.

A casa vazia tinha um eco acolhedor e agradável. Demorei para decorá-la, pois queria tomar cuidado com o que escolhia, e passei os primeiros meses após a mudança só com um colchão no chão e várias cadeiras vagabundas que peguei na rua. Quando comecei a comprar móveis, fiz isso com todo cuidado. Fui a antiquários, a lojas de móveis de segunda mão que pudessem me vender por um preço honesto objetos que eu achasse belos. Os charmes da casa estavam começando a se revelar para mim. À direita da porta da frente havia um estranho painel de vitral, com flores vermelhas e verdes contornadas em chumbo, e senti satisfação ao saber que alguma outra pessoa um dia tinha valorizado aquela casa tanto quanto eu, achado-a boa o suficiente para incluir um detalhe tão pequeno e tão lindo. Eu estocava minha geladeira com alimentos saudáveis em abundância. Escutava música em paz. Quando finalmente comprei uma cama, gastei dinheiro com ela, o único luxo que me permiti. Tornei-a o mais confortável possível, e comprei um colchão tamanho queen na Macy's do antigo Edifício Wanamaker. Na mesma loja, comprei roupas de cama que, segundo uma vendedora me prometeu, seriam as melhores nas quais eu jamais dormiria.

Simon e eu agora tínhamos um lugar só nosso para ir. Ele finalmente começou a passar a noite inteira comigo às vezes. Quando o fazia, uma calma profunda e agradável tomava conta de mim. Eu não dormia tão bem desde que Kacey e eu éramos pequenas. Desde que a minha mãe era viva.

Durante os vários anos que sucederam minha partida, só raramente encontrei tanto Gee quanto Kacey. A cada vez Kacey parecia pior, e Gee mais velha. Eu nunca perguntava a Kacey o que ela andava fazendo, mas ela ainda me dava de modo voluntário uma profusão de informações que eu considerava em grande parte falsas: eu vou voltar a estudar, disse ela em várias ocasiões. Vou fazer a prova do ensino médio. (Até onde eu sei, ela nunca sequer frequentou as aulas.) Depois: amanhã tenho uma entrevista de emprego. E depois disso: arrumei um emprego. (Não tinha arrumado.) Era difícil determinar o que de fato ela estava fazendo nessa época.

Não creio que já tivesse começado a trabalhar na indústria do sexo; em todo caso, eu ainda não a via nas minhas rondas. Num momento de clareza, Kacey certa vez me disse que o tempo para quem é viciado parece ser circular. Toda manhã traz consigo uma possibilidade de mudança, e toda noite a vergonha do fracasso. Conseguir a dose passa a ser a única tarefa. Cada dose é uma parábola, depressão-onda-depressão, e cada dia é uma série dessas ondas; e então os dias em si se tornam mapeáveis dependendo de quanto tempo ao todo o usuário passa sentindo conforto ou sentindo dor; e depois os meses. Para confundir tudo isso, há os períodos de sobriedade, que em algumas ocasiões ocorrem de modo voluntário, quando, por exemplo, Kacey entra em Kirkbride, Gaudenzia, Fairmount, ou em alguma outra clínica barata da região com taxas de sucesso dúbias, e involuntariamente em outras: quando Kacey se mete em encrenca, e depois é presa. Esses períodos também passam a fazer parte do padrão: ondas de sobriedade, seguidas por recaídas, seguidas por ondas maiores de uso ativo. E a base constante é sempre a Avenida, a sensação de familiaridade e rotina que ela oferece.

Esses altos e baixos poderiam ter continuado indefinidamente caso a tomada de decisão ruim de Kacey não tivesse interferido. Em 2011, ela deixou um namorado convencê-la a ajudá-lo a roubar uma televisão da casa dos pais dele. Os pais, que não queriam ver o filho preso, puseram a culpa do roubo em Kacey. E ela foi condenada. A essa altura, já tinha uma ficha comprida, e o juiz foi duro na sentença.

Ela foi condenada a um ano em Riverside.

Algumas pessoas poderiam ter achado isso um infortúnio. Eu não. Na verdade, pela primeira vez em muito tempo, tive esperança em relação a ela.

AGORA

Na segunda-feira depois do Dia de Ação de Graças, o mesmo jovem investigador Davis Nguyen entra na sala de reunião de manhã na hora da chamada, com cara de cansado. Nesse dia ele está usando um terno de aparência cara, com um corte diferente dos ternos folgadoes que os investigadores mais velhos costumam usar: o modelo é ajustado e curto, e por baixo das pernas da calça dá para ver um pedacinho das meias. Seus cabelos têm um corte que eu só vi em jovens de Northern Liberties ou de Fishtown, com as laterais quase raspadas à máquina e o topete meio inclinado para um dos lados. Quantos anos ele terá? Quase trinta? Pode até ter a mesma idade que eu, mas tenho a sensação de que pertence a outra geração. Ele deve ter feito faculdade de direito criminal. Reparo que está segurando um copo de café do Bomber Café.

— Uma notícia — diz Nguyen. — Pode ser que tenhamos uma pista para os homicídios de Kensington.

Um leve murmúrio percorre o recinto.

Ele se curva acima do computador. Acessa um vídeo que aparece na tela da sala.

São imagens de uma câmera de segurança particular do morador de uma casa não muito distante do terreno baldio perto de Tioga Street, onde o corpo de Katie Conway foi encontrado.

Nelas, uma menina jovem atravessa a tela num branco e preto granulado. Cinco segundos depois, um homem de capuz e com as mãos nos bolsos faz o mesmo.

— Essa é Katie Conway — diz Nguyen, voltando para a menina. — E esse — diz ele, apontando para o homem — é um indivíduo que nos interessa.

Ele pausa a imagem e a amplia. O rosto do homem está granulado. É difícil discernir grande coisa nele. A raça me parece indeterminada. Ele parece grande, embora talvez seja apenas pelo fato de a menina ser muito pequena.

O suéter de moletom com o capuz levantado escondendo os cabelos é o que parece nos dar mais informações: na frente está escrito *Wildwood*, *Wild* de um dos lados do zíper, *wood* do outro.

Wildwood, uma cidade costeira no sul de Nova Jersey, um destino comum o suficiente para não ser muito útil. Já estive lá uma vez, com Simon, uma das poucas viagens de fim de semana que fizemos. Quase todo mundo na Filadélfia já foi a Wildwood. Mesmo assim, a especificidade desse suéter nos dá uma centelha de esperança.

— Alguém já viu esse cara por aí? — pergunta Nguyen. Mas sua voz não soa otimista. Cabeças balançam pela sala. — Já mandamos a imagem para a polícia de Wildwood. Eles estão vendo o que descobrem — diz Nguyen. — Enquanto isso, chequem seus celulares. Vamos mandar o vídeo para vocês hoje. Olho vivo, e perguntem sobre ele toda vez que trouxerem alguém para a delegacia.

Ahearn lhe agradece, e Nguyen se vira para ir embora.

Antes de ele sair, outro policial, chamado Joe Kowalczyk, diz:

— Uma pergunta.

Nguyen gira nos calcanhares.

— Se o senhor tivesse que dar um palpite? — indaga Kowalczyk.

— Raça? Idade?

Nguyen pensa um pouco antes de responder.

— Hesito em dizer qualquer coisa, pois quero que vocês fiquem de olho aberto para qualquer um — diz ele. — E esse vídeo não foi claro.

Ele ergue os olhos para o teto. Continua:

— Mas se eu tivesse que dizer alguma coisa diria branco, quarenta e poucos anos. Pelo menos é esse o perfil. Em geral é quem faz esse tipo de coisa.

Hoje as ruas de Kensington estão mais silenciosas do que o normal. A onda de frio não deu trégua. Está um gelo, o céu tem um branco ofuscante, e um vento horrível sopra bem na altura do rosto e me deixa sem ar toda vez que preciso saltar da minha viatura.

Só os mais resistentes estão na rua hoje, ou os mais desesperados.

Entro com a viatura numa rua lateral e passo por seis casas fechadas em sequência. *Abandos*, é como as chamam por aqui. Casas abandonadas, esquecidas, condenadas, algumas sem dúvida abrigo em seu interior várias pobres almas que fizeram delas um abrigo. Penso no interior ventoso dessas casas, nos móveis deixados lá dentro, nos quadros nas paredes. Penso no quão solitário deve ser para seus novos residentes olhar para esses objetos, resquícios das famílias que viveram ali em décadas anteriores. Operários da indústria têxtil, metalúrgicos. Pescadores, se as casas forem das mais antigas.

Dois invernos antes, houve um incêndio terrível numa fábrica abandonada ali perto. Começou quando dois ocupantes, desesperados para se aquecer, acenderam uma fogueira numa lixeira de metal bem ali, no meio do chão de fábrica. Um bombeiro morreu tentando apagar o fogo. Essa se tornou a mais recente da longa lista de coisas para as quais precisamos estar alertas durante as rondas: o cheiro de madeira queimada sem que se saiba de onde vem.

Meu rádio passa uma hora sem chamados. Às dez, estaciono a viatura perto da loja de Alonzo e entro para tomar um café.

Quando saio, com o copo na mão, duas meninas novas que já vi pelo bairro, 16 ou 17 anos, chegam perto de mim mascarando chiclete e andando devagar. Ambas calçam tênis de lona sem meias, o que me faz estremecer um pouco em solidariedade. Não sei dizer se elas estão trabalhando.

Fico surpresa quando elas se aproximam. Em geral os frequentadores simplesmente ignoram policiais uniformizados, ou então ficam nos encarando de um jeito desafiador e mudo.

Mas uma delas fala.

— A senhora sabe alguma coisa sobre os assassinatos? — pergunta ela para mim.

É a primeira vez que me perguntam isso. Pelo visto, os boatos estão se espalhando.

— Estamos trabalhando — respondo. — Estamos chegando perto.

Minha resposta-padrão toda vez que alguém pergunta sobre um caso em aberto. Sinto que deveria dizer isso, embora não saiba muito mais do que elas. Às vezes, no trabalho, tenho a mesma sensação de quando estou falando com Thomas sobre o pai dele: um pouco culpada por estar mentindo, um pouco nobre por estar mantendo uma farsa que no fim das contas vai proteger seus sentimentos. Disponho-me a suportar o fardo da mentira, para o bem do meu filho, para o bem daquelas meninas.

Então me lembro do vídeo.

— Na verdade, será que vocês poderiam dar uma olhada numa coisa? — pergunto.

Acesso no meu celular o vídeo curto que a Homicídios nos mandou hoje de manhã depois da chamada. Dou play, então congelo a imagem num quadro que mostra o indivíduo no qual estamos interessados.

— Ele parece conhecido? — pergunto.

Ambas as meninas observam com atenção. Ambas balançam a cabeça. Não.

Repito essa mesma sequência mais algumas vezes ao longo do dia. Mas ninguém parece reconhecê-lo. Umas duas mulheres emitem pequenos murmúrios quando Katie Conway cruza a tela: talvez a reconheçam, ou talvez reconheçam a própria fragilidade, como teria sido fácil ser elas.

Logo antes das quatro, quando meu turno está se aproximando do fim, vejo Paula Mulrone pela primeira vez em algum tempo. Ela está sem muletas, enfim, apoiada numa parede em frente à loja de Alonzo, segurando um cigarro numa das mãos.

Paro o carro. Desço. Não vejo Paula desde que Kacey sumiu. Estava querendo falar com ela.

Paula nunca deixou meu afastamento de Kacey afetar sua simpatia comigo. *Isso é entre vocês duas*, disse-me ela confidencialmente certa vez. Em geral, quando me vê, ela me cumprimenta com um sorriso e alguma brincadeira bem-humorada. Lá vamos nós, diz ela muitas vezes. Lá vem encrenca.

Hoje ela mantém o rosto quase imóvel.

— Oi, Paula — digo.

Ela não diz nada.

— Que bom te encontrar — digo. — Ouvi dizer que a Kacey está sumida. Estava pensando se você tinha alguma ideia de onde ela está. Paula faz que não com a cabeça. Dá um trago no cigarro.

— Não — diz.

— Quando foi a última vez que a viu?

Ela dá um muxoxo. Não diz nada.

De repente começo a não entender.

— É verdade que você disse para o Alonzo que ela estava sumida? — pergunto. — Porque...

Ela me corta.

— Olha aqui — diz. — Eu não falo com a polícia.

Fico espantada. Nunca ouvi isso de Paula.

Tento outra tática.

— Como está sua perna? — pergunto.

— Horrível — responde ela.

Torna a tragar o cigarro. Está a centímetros de mim.

— Eu sinto muito por isso — digo.

Não sei ao certo como continuar.

— Quer que eu leve você para o hospital? — pergunto, mas Paula me dispensa com um gesto. Balança a cabeça.

— Estava pensando se eu poderia te mostrar uma outra coisa — digo.

— Pode mostrar — diz Paula. Mas a sua voz é de quem não está dando a mínima, e a implicação é clara: *Pode me perguntar o que quiser. Eu não vou responder.*

Pego meu telefone e lhe mostro o vídeo. Ela não consegue se segurar: fica curiosa. Curva-se para olhar o telefone.

Quando Katie Conway atravessa a tela, Paula me encara com um olhar incisivo.

— É, essa é a Katie — diz. — Eu conhecia ela.

— Conhecia?

Ela assente. Vira-se de volta para mim e me encara com dureza.

— A menina nova que encontraram perto da Tioga, né? Eu conhecia ela.

Olho com atenção para Paula. Não sei ao certo por que ela está me dizendo isso.

— Era uma menina bem legal — comenta Paula. — Mal passava de um bebê. Uma garota bem legal. Eu também conhecia a mãe dela. A mãe era um horror. Foi ela quem expulsou a filha de casa.

Paula ainda está me encarando firme. Algo na sua expressão parece de certa forma acusador. O cigarro entra na sua boca. Toda vez que falo com Paula, me lembro de como ela estava num dia específico no ensino médio: cabeça bem erguida, conduzindo um bando de meninas populares por um corredor da escola, rindo sem parar de uma piada que alguém tinha feito. Mesmo agora, apesar do quanto as nossas vidas mudaram, sinto uma intimidação quando estou com ela.

— Você sabe alguma coisa sobre como ela morreu? — pergunto a Paula, que me encara por alguns instantes antes de responder.

— Não é isso que você deveria estar me dizendo? — revida ela, num tom neutro.

Mais uma vez, fico sem saber o que falar. Dessa vez não me ocorre nenhuma palavra.

— A policial é você, né? — diz Paula.

— A gente está trabalhando no caso — respondo.

— Claro — diz. Ela estreita os olhos para a Avenida. A julgar pela rapidez de seus movimentos, pelo bater dos dentes, ela está fissurada. Tem uma postura um pouco curvada, os braços cruzados em volta do corpo. Está enjoada.

— É claro que está, Mickey. Trabalhem mais, então.

Tenho experiência suficiente para saber que deveria deixá-la sozinha agora, deixá-la encontrar sua dose.

Antes de ir embora, porém, pergunto-lhe:

— Você pode olhar mais uma vez? A parte importante está no fim.

Paula revira os olhos, agitada, mas inclina a cabeça em direção à tela e aperta os olhos. Observa o homem atravessar a tela, então arranca o celular da minha mão. Ergue o rosto com os olhos arregalados.

— Reconhece o cara? — pergunto.

De repente reparo que as mãos dela estão tremendo.

— Você está de brincadeira comigo — diz ela.

— Conhece ele? — pergunto.

Paula começa a rir, mas sua risada tem um viés raivoso.

— Não me sacaneia — diz ela. — É só o que eu quero da vida, não ser sacaneada.

Balanço a cabeça.

— Não estou entendendo — digo.

Ela fecha os olhos, só por um instante. Dá um último trago, então joga o cigarro no chão. Pisa na guimba com a ponta do tênis.

Por fim, olha para mim com um ar de avaliação.

— Esse cara é um dos seus, Mick — diz ela. — Ele é policial.

ANTES

Exatamente com eu esperava, o ano de prisão de Kacey em Riverside a transformou.

Pergunte a qualquer um que já se desintoxicou na prisão como é, e então observe o rosto da pessoa enquanto ela se lembra: olhos fechados, semblante franzido, cantos da boca virados para baixo ao recordar a náusea e o desespero, ao recordar a sensação de que essa versão da vida talvez não valha a pena ser vivida. Kacey me disse que essa era a sua convicção durante o pior momento da sua abstinência: que ela deveria se matar. Usando os dentes, ela rasgou seus lençóis para formar longas tiras. Torceu as tiras juntas. Prendeu essa força improvisada numa luminária do teto e então, em pé em cima da pia, preparou-se para pular... mas alguma coisa a deteve; alguma força, disse ela, a lhe dizer que algo bom estava à sua espera, mas ela precisava ficar viva.

Tremendo, ela desceu da pia e decidiu, enfim, escrever uma carta para mim.

Na carta, pela primeira vez, ela me pedia desculpas: desculpas por ter quebrado tantas e tantas promessas, por ter abandonado todos nós, por ter traído a si mesma. Disse que sentia saudades de mim. Disse que eu era a única pessoa no mundo cuja opinião lhe importava. E ela não conseguia suportar ter me decepcionado tanto.

Eu respondi. Passamos um mês trocando cartas, uma correspondência que me lembrou nossa infância, quando escrevíamos bilhetes uma para a outra e deixávamos no buraco debaixo da tábua no piso do nosso quarto.

Logo decidi ir lhe fazer uma visita. Mal reconheci Kacey quando a vi. Ela estava com os olhos límpidos e sóbria. Seu rosto estava pálido de um jeito que não ficava em anos. Ela não tinha as bochechas coradas que os livros infantis descrevem como um sinal de boa saúde, e que hoje para mim são um sinônimo do vício. Comecei a encontrá-la regularmente. Toda vez que eu ia ao presídio, uma versão nova da minha irmã me cumprimentava. Um ano é tempo suficiente para o corpo começar a se readaptar à sobriedade, para o cérebro defeituoso começar a duras penas a funcionar, para

as cadeias de produção enferrujadas se porem em movimento e começarem a fabricar pequenas doses dos elementos químicos naturais que, durante anos, foram importados de modo artificial pelas veias.

Assim, vi Kacey ir passando de pessimista a deprimida, então a cansada e depois a zangada até, na minha última visita, ela se mostrar muito hesitantemente otimista. Parecia decidida. Sabia que tinha trabalho a fazer, e queria fazê-lo.

Na minha casa em Port Richmond, eu fazia planos. Tinha avaliado com cuidado todas as minhas alternativas, os prós e contras de oferecer a Kacey um lugar para morar quando ela saísse. Em relação a isso eu oscilava muito. Mudava de ideia a toda hora, com base principalmente na superstição, a cada vez que a visitava: eu *vou* lhe oferecer um lugar para morar se ela tiver encontrado um padrinho; *não vou* lhe oferecer um lugar para morar caso ela não exprima espontaneamente sua determinação de frequentar reuniões ao sair da prisão, sem que eu lhe peça.

Em todo caso, pensei, eu iria preparar a casa para a sua chegada. Então iria esperar para ver.

Atrás da casa havia um pequeno pátio de concreto, todo rachado, ressecado e estéril quando me mudei. No ano que Kacey passou na prisão, eu o devolvi à glória. Construí vasos de madeira e neles plantei ervas, tomates e pimentões. Comprei de segunda mão uma mesa e cadeiras de jardim, e acima deles suspendi luzinhas, e plantei uma hera que subiu pela cerca dos fundos.

Nesse ano também preparei o quarto dos fundos de um jeito que sabia que Kacey iria gostar. Pinte as paredes de um tom calmo de azul, sua cor preferida, comprei uma colcha azul-escura para a cama, encontrei uma cômoda bonita numa loja de segunda mão, e enfeitei as paredes com cartazes vagamente relacionados ao interesse de Kacey pelo tarô. No início da adolescência ela havia arrumado um baralho e aprendido sozinha a ler as cartas. Entre as imagens que escolhi para o quarto estavam a da Suma Sacerdotisa — sem dúvida eu esperava, em algum nível, que o olhar bondoso e decidido dessa figura fizesse Kacey se lembrar da própria dignidade,

sabedoria e valor — e outra do Mundo, do Sol e da Lua. Jamais teria escolhido essas imagens para mim. Eu não acredito em tarô, nem em astrologia, nem em nada desse tipo. Mas imaginei Kacey morando naquele quarto, e enquanto o arrumava senti uma espécie de prazer secreto ao pensar em mostrar tudo aquilo para ela.

Em minha última visita a Riverside, Kacey se mostrou tranquila e animada. Estava feliz por ser solta, mas adequadamente apreensiva, pensei, e pensando nas dificuldades que teria de enfrentar no mundo lá fora. Por vontade própria, ela jurou não se drogar mais, procurar reuniões diárias, encontrar um padrinho. Deixar para trás, por enquanto, os amigos e amigas que ainda estivessem usando.

Nesse dia eu decidi lhe perguntar formalmente se ela gostaria de morar comigo quando saísse da prisão, e ela, toda feliz, aceitou.

Não posso falar pela minha irmã, mas para mim os meses posteriores à sua soltura foram os melhores da minha vida.

Nós duas éramos enfim adultas e estávamos longe do olhar desconfiado de Gee. Sendo assim, podíamos fazer o que quiséssemos. Eu tinha 26 anos, Kacey 25. Nas minhas lembranças dessa época, é sempre final de primavera, o ar está morno e úmido, e nós estamos começando a nos aventurar na rua sem casaco. Não sei nem dizer quantos dias Kacey e eu passamos no pátio dos fundos dissecando nossa infância e conversando sobre nossos planos. Ela estava indo bem; seguia sem se drogar e nem sequer estava bebendo. Engordou um pouco; deixou os cabelos crescerem; em seu rosto, antigas marcas de feridas desapareceram; a pele ficou mais lisa. As cicatrizes que maculavam seus braços e pescoço, resquícios de abscessos, clarearam e sumiram. Ela arrumou trabalho num cinema independente perto de casa, e começou até a namorar outro bilheteiro de lá, um rapaz tímido e um pouco desengonçado chamado Timothy Carey, que ninguém nunca chamava de Tim e que não fazia ideia sobre o passado de Kacey. (Se ele quiser saber, dizia ela, pode me perguntar.) Seu emprego no cinema convinha a nós duas: depois de terminar minhas rondas, eu muitas vezes ia me

encontrar com ela e assistia ao filme que estivesse passando lá no dia.

Às vezes Simon também ia.

Foi por volta dessa época que ele e Kacey se acomodaram numa trégua frágil um com o outro.

Eles não tiveram muita escolha: a casa era obviamente minha, quem pagava as contas era eu, e ambos eram meus hóspedes.

Kacey e eu tivemos uma ou duas conversas francas sobre o tema.

— Eu não confio nele — disse ela certa vez — e nunca vou gostar dele, mas posso conviver com ele.

Em outra ocasião ela falou:

— Mickey, você é a melhor pessoa que eu conheço. Só não quero te ver magoada.

E uma terceira vez:

— Mickey, eu sei que você é adulta. Toma cuidado, só isso.

Ela muitas vezes perguntava por que eu não ia à casa dele.

— O filho de vez em quando aparece sem avisar — respondia eu. — Acho que o Simon não quer que eu conheça ele antes de a gente ficar noivo.

Ela me olhou de esguelha.

— Tem certeza de que é isso? — perguntou.

Mas nunca falou mais do que isso. E eu nunca respondi.

É claro que eu sentia, já nessa época, que o comportamento de Simon era um pouco estranho. Mas nesse momento da minha vida eu estava muito feliz, muito contente e muito calma. Várias vezes por semana, Simon batia na minha porta, geralmente sem avisar, entrava na casa, segurava meu rosto com as duas mãos e o beijava. Às vezes nós jantávamos, outras vezes íamos direto para o quarto, onde ele tirava a roupa que eu estivesse usando, o que no início fazia eu me sentir profundamente exposta e depois se tornou excitante para mim de um jeito que nunca mais me aconteceu, minha pele toda acesa por estar sendo olhada, meus olhos cravados nos de Simon, imaginando a mim mesma como ele me via. Eu pensava na menina que tinha passado tantas horas sonhando em

ser amada por alguém, e desejava poder lhe fazer uma visita e dizer: olha, olha só, vai ficar tudo bem.

Tentei com muito esforço ignorar o ruído surdo que zumbia ao longo de todo o meu dia, uma espécie de sino a soar continuamente um alerta. Eu me recusava a ouvir. Queria que tudo ficasse como estava. Tinha mais medo da verdade do que da mentira. A verdade mudaria as circunstâncias da minha vida. A mentira era estática. A mentira era a paz. Eu estava feliz com a mentira.

Seis meses se passaram assim. E então, num dia de outono, eu combinei de fazer um turno extra: controle de multidão num evento especial. Só que quando cheguei na delegacia o sargento Reynolds, que na época era o meu supervisor, me informou que os meus serviços na realidade não seriam necessários. Gente demais havia se inscrito, disse ele. E eu ainda era nova na polícia.

Saí da delegacia, na verdade até feliz. Estava um dia muito agradável, fresco e límpido, e eu decidi percorrer a pé todo o caminho da delegacia até Port Richmond em vez de pegar o ônibus. Estava bem-disposta. Parei no caminho e comprei umas flores, algo que não era absolutamente o meu costume. Eu nunca tinha comprado flores na vida. Senti-me boba segurando aquilo, consciente da incongruência que era uma policial uniformizada segurando um delicado buquê, e acabei carregando-as abaixadas junto à lateral do corpo como se estivesse tentando secá-las enquanto andava.

Ao chegar, encontrei a porta da minha casa destrancada. Eu sou meticulosa em relação a trancar a porta de qualquer casa em que more, pois já vi vários roubos acontecerem por simples descuido de algum morador, e já tinha dado uma ou duas broncas em Kacey por esquecer de trancar a porta desde que ela fora morar comigo.

Nesse dia, dei um suspiro, entrei e tranquei a porta, pensando que precisaria ter outra conversa com minha irmã mais tarde,

quando de repente ouvi movimentos no segundo andar. Kacey deveria estar no trabalho, pensei.

Ainda estava com minha arma, e mantive uma das mãos próximo a ela enquanto subia a escada. Na outra, continuava segurando o bobo buquê de flores.

Tentei não fazer barulho, mas a casa era antiga e meus passos faziam as tábuas do piso se moverem e rangerem. Conforme fui subindo, os barulhos lá em cima aumentaram: ouvi gavetas abrindo e fechando, em seguida murmúrios baixos.

Tomei uma decisão rápida. Deixei cair as flores. Saquei minha arma.

No alto da escada, abri a porta do quarto dos fundos bem devagar com um dos pés e, antes de conseguir ver quem estava do outro lado, falei:

— Não se mexa. Mãos para cima.

— Que diabo é isso? — disse um homem que não reconheci.

Ao seu lado estava Kacey.

Estavam os dois em pé lado a lado no centro do quarto, um lugar muito estranho para se estar, mas pude ver pela cama amarfanhada que eles tinham estado juntos em cima dela segundos antes.

Estavam ambos completamente vestidos; não pensei que estivessem fazendo nada de natureza íntima. Na verdade, tive a impressão de que o homem provavelmente era gay. Mas pela expressão de Kacey estava claro que ela era culpada de alguma coisa.

— Mick — disse ela. — Por que você não está no trabalho? Lentamente, abaixei minha arma.

— Eu deveria fazer a mesma pergunta a você — revidei.

— Eu me enganei em relação ao meu horário. Este é meu amigo Lou — disse ela, e olhou para o homem que ergueu debilmente uma das mãos.

Se isso tinha por objetivo me amolecer, não deu certo.

Porque num segundo eu soube: foi fácil ouvir na sua voz arrastada e ver no seu rosto afogueado os velhos sinais de que ela estava se drogando.

Não disse nada a ela. Em vez disso, fui até a cômoda e comecei a abrir gavetas. Mais para a parte de baixo, encontrei: seringas, tubos de borracha, isqueiros. Pequenos papelotes de papel-manteiga com carimbos radicais. Bem devagar, fechei a gaveta.

Quando tornei a me virar o amigo tinha sumido, e Kacey e eu estávamos sozinhas.

AGORA

Paula ainda está rindo. Agora está balançando a cabeça, de incredulidade e de repulsa.

— Me diz quem é — peço.

— O mesmo cana que vive aparecendo aqui e dizendo para as meninas pagarem um boquete ou ele leva elas presas — diz ela.

Então acrescenta:

— Me diz que esse é o seu suspeito. Me diz que esse é a porra do seu suspeito. Ai, meu Deus do céu, me diz que vocês estão atrás de um cana. Isso seria demais. Seria perfeito.

Falo mais depressa do que consigo pensar. Uma confusão profunda e inquietante se instalou dentro de mim.

— Não — digo. — É só uma pessoa com quem a gente quer falar.

A expressão de Paula muda.

— Você acha que eu sou burra — diz ela baixinho. — Porra, você acha que eu sou burra.

Ela se vira e se afasta mancando.

— Qual é a cara dele? — grito para ela.

Paula agora está de costas, mas ainda consigo ouvir o que ela está dizendo.

— Não me mete nisso — ela torna a dizer. Dá meia-volta por um instante, com uma expressão perigosa no olhar.

Então segue seu caminho.

— Paula — chamo. — Paula, você daria um depoimento?

Ela ri.

— Porra, de jeito nenhum — diz, de costas para mim e ficando cada vez menor conforme avança. — Ah, era só o que me faltava. Dar um depoimento. E entrar na lista negra de todo cana desta maldita cidade.

Ela dobra uma esquina e desaparece. E, pela primeira vez na minha carreira de policial, profissão da qual sempre me orgulhei, uma sensação nauseante toma conta de mim: a de que estou do lado errado de algo importante.

Ligo para Truman no caminho de volta para a delegacia. Quero o seu conselho. Quero saber também se ele sabe alguma coisa sobre o que Paula disse.

— Está tudo bem? — pergunta ele antes de mais nada.

— Você está ocupado? — pergunto.

— Não, não estou — responde ele. — O que houve?

— Já ouviu alguma coisa sobre um policial que usa um moletom com

Wildwood escrito?

Ele faz uma pausa.

— Acho que não — diz. — Pelo que me lembro, não. Por quê?

Ao fundo, ouço alguém falando, uma mulher. *Truman?*, ela está dizendo. *Truman, quem é?*

— Se você estiver ocupado... — torno a dizer.

— Não — diz ele.

— Mas então — digo. — Já ouviu falar em algum policial que...

— Faço uma pausa, tentando formular as palavras. — ... que exige *favores* de mulheres no nosso setor? Em troca de não as prender?

Truman fica calado um tempão.

— Já. Enfim... — diz ele. — Acho que todo mundo já ouviu histórias assim.

Eu não, penso. Até hoje. Não digo isso para ele.

Mais uma vez ouço a mesma voz ao fundo, agora séria: *Truman*.

Será que Truman tem uma namorada?

— Espera aí — pede ele, e ouço palavras abafadas, como se ele estivesse tapando o fone com as mãos, e então ele diz, novamente no fone. — Eu ligo de volta para você, tá?

— Tá bom — respondo, mas ele já desligou.

Não consigo encontrar o sargento Ahearn em sua sala quando volto à delegacia.

Na verdade, não consigo encontrar sargento nenhum. No entanto, essa é uma informação que eu preciso transmitir o mais depressa possível.

Passo alguns instantes parada na porta da sala de operações até o cabo Shah reparar em mim.

— Você viu o sargento Ahearn? — pergunto.

— Ele está fora — responde o cabo Shah, que, como de hábito, está mascando chiclete. Está tentando parar de fumar pelo que parece ser a 11ª vez, e portanto tem se mostrado irritadiço há uma semana. — Quer que eu diga que você está atrás dele? — pergunta.

— Vou ligar para ele e pronto — respondo. — Pode ficar com isto aqui? — pergunto, estendendo meu registro de atividades.

Troco de roupa e vou me sentar no meu carro particular no estacionamento. Acesso o número do sargento Ahearn. Digito, e a ligação cai na caixa postal.

— Sargento Ahearn, aqui é Michaela Fitzpatrick — digo. — Preciso conversar com você sobre uma coisa que aconteceu hoje na minha ronda. É urgente.

Deixo meu telefone, apesar de saber que ele já tem.

Saio com o carro do estacionamento e pego o caminho de casa.

Quando paro o carro junto da casa, a proprietária está em pé no quintal com as mãos nas cadeiras e os olhos erguidos para o céu. Meu carro está cheio de tralhas e lixo, e eu cumprimento a sra. Mahon ao saltar com um aceno rápido. Em seguida, abro a porta de trás e me curvo lá para dentro para pegar algumas coisas. Preferiria que a sra. Mahon entrasse. Ela está usando outro daqueles seus suéteres natalinos engraçados — esse tem uma guirlanda com enfeites tridimensionais —, cujo objetivo, imagino eu, é incentivar o início de algum tipo de conversa.

Recolho uma braçada de sacolas, embalagens e sapatos do chão do carro. Então me endireito e ando em direção ao quintal dos fundos.

Quando estou andando, a sra. Mahon me chama.

— Você ouviu sobre a neve? — pergunta ela. Paro e me viro por um instante.

— Que neve?

— Dizem que vai nevar quase meio metro hoje à noite — diz a sra. Mahon. — É um ciclone-bomba.

Ela diz isso com uma voz baixa e urgente, espiando por cima dos óculos, como se estivesse anunciando um tsunami vindo na nossa direção. Provavelmente não imagina que eu conheça esse termo. Eu conheço.

— É melhor eu ligar o noticiário — digo, com o máximo de seriedade de que sou capaz.

Estou falando isso para ser gentil. Desde que nos mudamos para o apartamento de cima, a sra. Mahon já fez previsões meteorológicas apocalípticas mais de dez vezes, entre elas uma ocasião em que nos fez cobrir nossas janelas com fita adesiva contra o que se previa ser uma chuva de granizo do tamanho de bolas de golfe. (Não foi.) Pessoas como a sra. Mahon congestionam os supermercados nas noites anteriores a temporais, compram leite e pão que nunca chegarão a consumir, enchem banheiras com uma água que, 48 horas depois, irão observar com tristeza desaparecer lentamente pelo ralo.

— Boa noite, sra. Mahon — digo.

A casa parece vazia quando abro a porta. A sala, pelo menos, está escura, a televisão desligada.

— Oi? — chamo. Ninguém responde.

Vou rapidamente até a parte de trás do apartamento. De repente, meu filho sai do banheiro para o corredor. Está usando seu acessório predileto: um boné do Phillies que seu pai lhe comprou um ano antes. Está com um dos dedos erguido em frente aos lábios.

— *Shhhh* — diz.

— Por quê? — pergunto eu.

— A Bethany está tirando um cochilo — diz ele.

Thomas aponta para a porta do seu quarto. E de fato, ali na sua cama está Bethany, estendida sobre o edredom de carro de corrida de Thomas, com uma das mãos encolhida sob a bochecha, os cabelos e a maquiagem impecáveis.

Bato a porta com força para fechá-la. Torno a abri-la. Do outro lado, Bethany está acordando lentamente, angelical, espreguiçando-

se sem nenhuma pressa. Uma linha vermelha perfeita divide sua bochecha direita ao meio: uma dobra na franha deixou sua marca.

— Ei — diz Bethany, despreocupada. Ela olha para o celular. — Desculpa — diz, talvez reparando enfim na minha expressão, que hesita em algum lugar próximo da incredulidade. — Fui dormir tarde ontem — acrescenta ela. — Precisava só de uma sonequinha rápida.

Só mais tarde — depois de uma conversa curta com Bethany sobre como, embora Thomas pareça maduro, ele na verdade tem só quatro anos e não pode ser deixado sozinho; depois de Bethany ter ido embora e transmitido sua mágoa por meio do seu silêncio e de uma série de olhares tristonhos; depois de eu ter preparado o jantar e o servido à mesa — é que eu me dou conta de que não cheguei a ligar o noticiário.

Quando o faço, descubro que subestimei a sra. Mahon. Ela estava certa: Cecily Tynan está prevendo de 15 a trinta centímetros de neve durante a noite, e mais ainda nas regiões norte e oeste da cidade.

— Não — digo baixinho. Policiais não têm folga em dia de neve. Além disso, graças a Bethany, não tenho mais folgas por motivos pessoais nem de saúde para tirar.

— Mamãe — diz Thomas, e espero para ser interrogada. Thomas é muito perspicaz, e não tenho dúvidas de que consegue sentir que algo não está certo. Mas ele não diz nada por um tempo, e fica sentado ao meu lado no sofá.

Está com a cabeça baixa.

— O que foi? — pergunto. — Qual é o problema, Thomas?

Passo um dos braços em volta dele. Sua pele está morna. Seus cabelos parecem palha de milho. Ele se afunda contra a lateral do meu corpo, e penso apenas por um instante em deitar ali com ele e puxá-lo em direção a mim, como fazia quando ele era bebê, com sua bochecha encostada no meu esterno. Existe alguma sensação mais agradável do que o peso de um bebê sobre o peito? Mas ele ultimamente faz questão de ser *grande*, um menino grande, e não tenho dúvida de que rapidamente iria se desvencilhar.

— Eu tenho sorte de ter você — digo a ele baixinho. — Sabia disso? Dizer isso em voz alta, ou mesmo reconhecer a gratidão que sinto por Thomas tantas vezes em meus pensamentos me parece ser um tipo de comentário agourento, um convite, uma janela aberta pela qual alguma criatura poderia entrar durante a noite e levá-lo embora.

— Thomas? — torno a dizer, e ele enfim me encara.

— Quando é o meu aniversário? — pergunta ele.

— Você já sabe essa resposta — eu digo.

— Mas é daqui a quanto tempo?

Pisco os olhos ao me dar conta.

— Daqui a uma semana — respondo. — Por que a pergunta?

Thomas olha para baixo outra vez.

— A Bethany hoje estava falando sobre aniversário e perguntou quando era o meu. Aí eu disse. E aí ela me perguntou se eu ia ter uma festa.

Em todos os anos anteriores, Simon o levou para fazer alguma coisa especial no dia do seu aniversário ou em algum dia próximo: no de quatro anos eles foram ao cinema; no de três, foram ao Franklin Institute; no de dois, do qual ele naturalmente não se lembra, foram ao Museu Please Touch. Neste ano eu pensei que deveria assumir a tarefa. Faríamos algo parecido, só nós dois. Mas Thomas está olhando para mim com um ar esperançoso. E imagino que organizar uma pequena festa com amigos não estaria fora de cogitação.

— Adivinha só — digo por fim. — Se você quiser uma festa, a gente provavelmente poderia organizar uma. Talvez até chamar alguns amigos da sua antiga escola.

Ele sorri.

— Sem promessas — digo. — Depende de quem vai poder.

Ele concorda.

— Quem você gostaria de convidar? — pergunto.

— A Carlotta e a Lila — diz ele, sem hesitar. Agora está quicando no sofá, com as pernas esticadas para a frente.

— Tá bom — eu digo. — Vou ligar para os pais delas, tá? O que você quer fazer com elas?

— Ir ao McDonald's — responde ele, decidido. — Aquele que tem o parquinho.

Faço uma pausa de um segundo apenas. Então digo:

— Vai ser ótimo.

Ele está se referindo ao de South Philadelphia, aquele ao qual Simon costumava levá-lo, o que tem um espaço infantil fechado. Faz mais de um ano que ele não vai lá. Fico surpresa que ainda se lembre.

Ele une as mãos com força e as leva até debaixo do queixo, do jeito que costuma fazer quando não consegue conter a animação.

— McDonald's — torna a dizer. — E eu posso comer o que quiser, né?

— Dentro dos limites — respondo.

Ele adormece no sofá não muito tempo depois disso, e eu o levo para a cama e o deito ali.

Sempre fui muito rígida com Thomas em relação a onde ele dorme. Ele tinha cólicas terríveis quando era bebê e muitas vezes chorava desconsolado por longos períodos, e ouvir esse som quase me rasgava ao meio. Sempre houve uma parte de mim, uma parte animal, selvagem, governada por alguma força que parece estar tentando sair da minha barriga rasgando-a com as garras, que anseia por Thomas, que sente por ele um anseio físico, que sempre que ele acorda durante a noite ameaça desfazer todo o trabalho que fiz ao longo da sua primeira infância. Mas os livros sobre treinamento de sono que li sempre foram muito claros em relação a um ponto: nunca deixe seu filho dormir na cama junto com você, diziam eles; não apenas isso vai pôr em risco a vida do seu filho, mas vai ser quase impossível de romper o hábito, e no fim das contas acabará resultando numa criança insegura e dependente, uma criança incapaz de se consolar sozinha, e que não está numa posição muito boa para interagir com o mundo.

Sendo assim, desde que ele tinha poucos meses de idade, Thomas sempre teve o seu quarto e eu o meu. Quando morávamos em Port Richmond, isso funcionava bem. As cólicas dele passaram, como eu sabia que passariam, e ele em pouco tempo começou a

dormir bem, profundamente, e nós dois acordávamos todo dia de manhã descansados e revigorados.

Mas quando viemos para este apartamento as coisas mudaram. Agora é cada vez mais frequente Thomas implorar para dormir no meu quarto. Às vezes chego a encontrá-lo encolhido no pé da minha cama depois de ter entrado de fininho enquanto eu dormia. Quando percebo que ele fez isso, ou nas vezes em que o pego em flagrante, sou firme com ele, levo-o de volta para a sua cama de carro de corrida, garanto-lhe que ele vai ficar bem e acendo a luz noturna que comprei para reconfortá-lo mais um pouco.

Em geral, tenho relativa confiança de estar certa em relação a isso. Apenas um episódio recente me faz hesitar na minha certeza. Tem várias semanas que aconteceu: eu acordei de manhã cedo com o barulho de um choramingo de um tipo que nunca tinha escutado antes. Aquilo vinha do pé da minha cama, e parecia mais um filhote de cachorro do que um menino. Então uma vozinha começou a entoar uma palavra em voz alta repetidas vezes: *Papai*, dizia a voz. *Papai, papai*.

Sem fazer barulho, levantei-me e fui de fininho até o pé da cama. Ali, num ninho de cobertores e travesseiros, estava o meu filho. Estava falando dormindo. Fiquei um tempo ali olhando para ele sem saber ao certo se deveria acordá-lo. Ele pedalava com as pernas violentamente, como um cão a perseguir coelhos num sonho. Na penumbra do quarto, eu mal podia distinguir sua expressão, que mudava depressa: ele sorria, depois enrugava a testa, e então suas sobrancelhas se uniram e seu queixo se franziu. Abaixei-me até perto dele, e só então reparei que ele estava chorando durante o sono; na verdade, a franha ao lado de seu rosto estava molhada de lágrimas. Pus uma das mãos na sua testa, depois no seu ombro.

— Thomas — falei. — Thomas. Está tudo bem.

Mas foi impossível acordá-lo, e então, só nessa noite, eu o trouxe para a minha cama comigo e pousei a mão muito de leve sobre a sua testa lisa, como minha mãe costumava fazer comigo, e fiquei acariciando suas sobrancelhas delicadamente até ele se acalmar.

Quando ele por fim pareceu confortável, levei-o de volta para a sua cama. E de manhã, quando ele relatou uma lembrança de ter me visto durante a noite, disse-lhe que tinha sido só um sonho.

No meio da noite, abro os olhos e descubro que estamos no meio da nevasca.

Pela janela do meu quarto, a neve cai com força no fecho de luz emitido pelo poste na entrada do acesso de carros da sra. Mahon.

Pela manhã, acordo com o alarme do meu telefone, apanho-o da mesinha de cabeceira e pressiono *cancelar*. E ali na tela, sem surpresa alguma, está uma mensagem de texto de Bethany enviada às seis da manhã:

A rua está um caos! Não vai dar pra ir :(

— Não — digo em voz alta. Levanto-me e vou até a janela. Uma grossa camada branca recobre tudo. — Não — torno a dizer.

Ouçó os passos de Thomas quando ele sobe o corredor em direção ao meu quarto. Ele bate na porta e então entra.

— O que foi? — pergunta ele.

— A Bethany não vai poder vir hoje — respondo. — Ficou presa na neve.

Ou, igualmente provável, está emburrada por causa da conversa que tivemos ontem.

— Que bom! — diz Thomas, e ocorre-me tarde demais que ele acha que isso significa que vou ficar em casa com ele.

— Não — digo. — Desculpa, Thomas. Eu não tenho mais folgas. Preciso ir trabalhar.

O rostinho dele desaba, e eu o seguro com as duas mãos.

— Desculpa — repito. — Eu vou compensar você. Prometo.

Sento-me na borda da cama outra vez e começo a pensar.

Thomas pousa seu pequeno queixo no meu ombro, leve como um passarinho.

— Para onde eu vou? — pergunta ele.

— Ainda não sei — respondo.

— Eu posso ir trabalhar com você — diz ele. — Posso andar no banco de trás.

Sorrio.

— Infelizmente isso não é permitido — digo.

Puxo-o para o meu colo. Juntos ficamos pensando no que fazer.

Com relutância, tento primeiro Gee. Ela já ficou com Thomas umas poucas vezes, em verdadeiras emergências. Mas não estou otimista. Dito e feito: ela não atende o telefone.

Em seguida tento Carla, a antiga babá de Thomas em tempo parcial.

Mas Carla agora trabalha numa seguradora em Center City, e me diz que infelizmente o seu escritório já abriu.

Ashley, penso. Último recurso. Ligo para o celular dela. Ninguém atende. Mando uma mensagem de texto.

Enquanto espero Ashley responder, sirvo o café da manhã para Thomas e olho pela janela. Continua a nevar. Antes de eu fazer qualquer coisa, é preciso desobstruir o acesso para sair com o carro.

— Calce suas botas — digo para meu filho.

Lá fora, o esforço melhora o meu humor. Eu costumava me exercitar regularmente quando morava em Port Richmond. Durante um breve intervalo, pratiquei CrossFit. Cheguei a entrar para um time de futebol misto. Dar uma boa suada três ou quatro vezes por semana sempre me manteve calma. Mas ultimamente não tenho tido tempo.

Entrego a Thomas uma pá de pedreiro e lhe peço para ajudar. Ele passa vinte minutos escavando o mesmo lugar, em seguida volta sua atenção para tentar construir castelos de areia com neve.

Resta-me talvez um metro e meio de acesso para limpar quando a sra. Mahon aparece na porta de casa.

— Você não precisa fazer isso — diz ela para mim. — Não é tarefa sua.

— Não tem problema.

— Eu posso pagar Chuck — diz a sra. Mahon. — Em geral faço isso.

Chuck é o filho adolescente do nosso vizinho de porta. Ele sempre aparece para ganhar uns trocados passando o rastelo, varrendo, ou, imagino eu, tirando neve com a pá quando é necessário.

Continuo a trabalhar.

— Bom, enfim — diz a sra. Mahon. — Obrigada.

— De nada — digo. Então tenho uma ideia. Verifico meu celular. Ashley ainda não respondeu.

— Sra. Mahon — digo. — A senhora tem planos para hoje?

Ela franze a testa.

— Eu nunca tenho planos, Mickey — responde ela.

Eu nunca, nem sequer uma vez, entrei na casa da sra. Mahon. Quando assinei o contrato, foi no apartamento de cima. Hoje, quando a sra. Mahon abre a porta para nós, fico surpresa. Por algum motivo imaginava algo na linha da casa de Gee, tralhas por toda parte, um tapete velho precisando ser trocado. Mas não: o lugar é mobiliado com parcimônia e está impecavelmente limpo. O piso é de madeira, a não ser onde está coberto por pequenos tapetes. A maioria dos móveis é de boa qualidade. O apartamento tem obras de arte moderna espalhadas por toda parte, grandes quadros abstratos texturizados com pincel. Não são ruins. Será que a própria sra. Mahon os pintou? Não consigo me imaginar perguntando isso, mas fico curiosa.

— Gostei dos seus quadros — comento.

— Obrigada — diz a sra. Mahon, mas sem entrar em detalhes.

— Eu sinto muito fazer isso — digo.

Thomas está em pé bem paradinho. Posso ver que ele está ao mesmo tempo intrigado e amedrontado. Inclina-se de leve para a direita e espicha o pescoço para ver o andar de cima. Imagino que o quarto da sra. Mahon fique lá.

Ponho a mão no bolso e pego a carteira. Abro-a e rezo para ter algum dinheiro para oferecer, mas tudo que consigo encontrar é uma nota de vinte dólares.

— Tome — digo, estendendo-a para a sra. Mahon. — Fique com isto. Eu saco mais quando estiver na rua hoje.

A sra. Mahon dispensa o dinheiro com um gesto.

— Não seja boba — diz ela num tom brusco.

— Por favor — peço. — Por favor, me deixe pagar. Estou me sentindo péssima.

— Eu insisto — diz a sra. Mahon. Ela está em pé com as costas muito eretas. Não vai se deixar convencer.

Estendo uma sacola que trouxe do nosso apartamento.

— Aqui tem uma muda de roupa e alguns livros e brinquedos — digo. — Pus também o almoço dele.

O que não digo: ele tem só quatro anos. Ainda faz xixi na calça às vezes. Tem muito medo de coisas assustadoras na TV, inclusive do noticiário. Olho para Thomas e sei que ele não iria gostar que eu dissesse essas coisas para a sra. Mahon.

— Você não precisava ter feito isso. Eu poderia ter preparado alguma coisa para ele. A menos que este rapazinho não goste de sanduíche de manteiga de amendoim — diz a sra. Mahon, virando-se para Thomas. — Você gosta de sanduíche de manteiga de amendoim? — pergunta-lhe ela.

Ele assente.

— Então está certo. Pelo visto, nós vamos ficar bem.

Ajoelho-me ao lado de Thomas. Dou-lhe um beijo na bochecha.

— Comporte-se muito, muito bem — digo a ele. — Você sabe o que é se comportar bem, né?

Thomas torna a assentir.

— Escutar — responde ele, apontando para uma das orelhas.

Ele agora está tentando ser corajoso. O que vai fazer ali o dia inteiro?

Anoto o número do meu celular num bloco ao lado do telefone fixo da sra. Mahon, muito embora ela já o tenha.

— Pode ligar a qualquer hora — digo. — Por qualquer motivo. Mesmo.

Então saio pela porta da frente me esforçando muito para não me virar e olhar para Thomas, cujo queixo estava tremendo muito de leve quando lhe dei o beijo de despedida; uma expressão que, eu sei, vai me assombrar enquanto eu estiver cumprindo meu turno feito um robô.

Faço o trajeto até o trabalho preocupada. O que foi que eu fiz? Com quem deixei Thomas? Eu mal conheço a sra. Mahon. Não sei o nome de ninguém da família dela, embora a tenha ouvido falar numa irmã. Não sei que tipo de plano de saúde a sra. Mahon tem. E se ela cair?, penso preocupada. E se não for gentil com Thomas?

Então lembro a mim mesma, como sempre, para não tratá-lo como se ele fosse um bebê. Ele tem quase cinco anos de idade, Michaela. E a cada dia que passa se torna mais capaz.

Na rua está mais quente do que ontem, e a neve parou de cair. Já está começando a derreter, formando poças nos lugares por onde os limpa-neves passaram. Se quisesse, Bethany com certeza poderia ter chegado na nossa casa.

O sargento Ahearn está conduzindo a chamada nessa manhã, e ao final dela vou até ele e pergunto se recebeu meu recado.

— Recado? — diz ele.

— Deixei um recado de voz para você ontem à noite — digo.

— Ah, sim. Eu recebi. O que houve? Você queria conversar?

Olho em volta para a área comum. Há pelo menos três agentes no raio de alcance da nossa voz.

— É uma informação meio sensível — aviso em voz baixa. O sargento Ahearn suspira.

— Bom, na minha sala agora tem um civil experimentando um colete à prova de balas para passar o dia com um agente numa viatura — diz ele. — Então, a menos que você queira me levar para o banheiro, é melhor falar comigo aqui.

Torno a olhar para os outros agentes. Dois deles se encaixam nas previsões de Nguyen: brancos, quarenta e poucos anos.

— Você tem vinte minutos para me encontrar hoje na hora do almoço? — pergunto.

— Tá bom — diz Ahearn. — No Scottie's?

É um restaurante frequentado por policiais. Por esse motivo prefiro evitá-lo, e também qualquer outro lugar em que possamos ver algum colega.

— Vamos nos encontrar no Bomber Café da Front Street — digo por fim.

Amanhã passa devagar. Por volta das dez, porém, algo chama minha atenção: um homem de casaco laranja em pé debaixo do ponto do El na esquina da Kensington com a Allegheny; um homem que está alerta e de braços cruzados. Num de seus braços está pendurada uma sacola de plástico.

Dock.

Encosto o carro a meio quarteirão de distância e passo um tempo observando-o.

Se ele vê a viatura, não reage à sua presença. De toda forma, está longe demais para saber que sou eu lá dentro. Desse ponto de observação, com o quebra-sol abaixado, vejo que os lábios dele se movem de leve toda vez que alguém passa. Acho provável que a palavra que ele está repetindo seja *apetrechos, apetrechos, apetrechos*: seringas limpas que podem ser compradas por bem pouco. Muitas pessoas ganham a vida modestamente dessa forma no bairro, justo o suficiente para manter seu vício. Alguns oferecem mais serviços: podem ajudar a pessoa a tomar o pico, em geral no pescoço, quando as outras veias promissoras já se esgotaram; com menos frequência, se a clínica gratuita estiver fechada ou for distante demais, eles podem tentar tratar infecções ou drenar abscessos, muitas vezes com resultados desastrosos.

Pego meu celular e procuro o número de Truman. Hesito um instante, mas minha curiosidade acaba levando a melhor.

Está ocupado?, escrevo para ele. Recordo a voz feminina ao fundo da ligação na última vez em que telefonei. Não quero lhe causar nenhum problema.

Muito rapidamente, ele responde. *E aí?*

Quer seguir uma pessoa?, pergunto.

Truman leva meia hora para chegar. Passo esse tempo sentada sem me mexer, tensa, rezando para Dock não ir embora da esquina, rezando para ninguém aceitar sua oferta de aplicar uma injeção de

droga. Para meu alívio, e muito provavelmente para o seu desespero, ninguém aceita.

Meu telefone finalmente toca. É Truman.

— Olha pra sua direita — diz ele.

Viro-me sutilmente. Levo alguns instantes para identificá-lo do outro lado da rua, mas acabo conseguindo. Ali está ele, Truman, vestido de modo muito diferente do que quando o vi na semana passada: ele hoje está de mochila e usando uma calça esportiva folgada, um casaco de gominhos, um gorro de lã e um cachecol enrolado em volta da boca e do nariz. Está também de óculos escuros. Apenas seu físico de corredor o denuncia.

— O que acha? — pergunta ele para mim. Está com os olhos fixos à frente, evitando cuidadosamente qualquer olhada em direção ao meu carro de polícia.

— Onde você arrumou essa roupa? — pergunto.

— Esquadrão de costumes — ele responde.

Truman trabalhou infiltrado por cerca de uma década quando tinha vinte e poucos anos, antes de eu o conhecer. Entorpecentes, principalmente.

— Está vendo o cavalheiro de casaco laranja? — pergunto.

Truman assente.

— É ele — digo.

Truman passa alguns instantes a observá-lo.

— Todo mundo tem um bico pra fazer, né? — diz ele.

Duas meninas passam por ele e o encaram.

— Então tá — diz Truman. — Estou na cola dele. Te ligo mais tarde.

Ele começa a caminhar em direção ao nosso alvo. Reconheço no seu andar uma sensação conhecida de determinação. Era a mesma atitude que ele sempre exibia durante os anos em que trabalhamos lado a lado.

Uma hora mais tarde, ainda não tive notícias de Truman e está na hora de encontrar o sargento Ahearn.

Mando uma mensagem de texto para lhe lembrar e saber se ele está pronto. Então mando minha localização por rádio, disfarçando um pouco e citando a loja de conveniência vizinha ao Bomber Café, e entro no estabelecimento.

O sargento Ahearn chegou antes de mim. Está sentado em frente a uma mesa olhando em volta com uma expressão cética. Sua postura é melhor do que a de qualquer um presente no café.

A mesa que ele escolheu fica perto do banheiro, afastada de todas as outras. Ele ergue os olhos ao me ver, mas não se levanta. Sento-me na sua frente.

— É aqui que você costuma vir? — pergunta ele.

— Na verdade, não — respondo. — Eu vim aqui uma vez. Só pensei que poderíamos ter um pouco de privacidade.

— É — diz Ahearn, arregalando os olhos. — É bem estiloso.

Ele está sendo sarcástico. Remexe-se na cadeira. Há um café sobre a mesa na sua frente. Ele não me pergunta se eu gostaria de ir pegar um.

— Então, o que está acontecendo? — pergunta.

Olho em volta rapidamente. Não há ninguém por perto.

Pego meu celular e acesso o vídeo que a Homicídios vem distribuindo. Inclino-me para a frente, dou play e viro o aparelho na direção do sargento Ahearn.

Enquanto o vídeo avança, falo com ele num sussurro.

— Passei o dia de ontem mostrando isso pelo bairro — digo.

— Por quê? — pergunta Ahearn antes de eu poder continuar. Fico calada alguns segundos.

— Por quê? — repito.

— É — diz Ahearn. — Por quê?

— Porque o investigador Nguyen mandou — começo.

Ahearn está balançando a cabeça.

— De quem você recebe ordens? Não é do investigador Nguyen — diz ele.

— Encontrar esse cara é trabalho *dele*. Não seu.

Abro e fecho a boca. Estou tentando não perder o fio da meada.

— Tá — digo. — Vou me lembrar disso. Mas o fato é que...

— A gente já tem coisa demais com que se preocupar todos os dias — diz Ahearn.

Será que ele vai me deixar terminar?

Aguardo um instante. Ahearn aguarda um instante.

— Entendo — digo. — Mas o fato é que alguém reconheceu o indivíduo que nos interessa ontem. Uma das frequentadoras lá da Avenida. Uma mulher que eu conheço bastante bem. Ela me disse... — Nesse ponto eu torno a olhar por cima do ombro e me inclino para a frente. — ... ela me disse que ele era policial.

Ahearn toma um gole de café.

Recosto-me na cadeira à espera de uma reação. Mas ele parece inabalado.

— Não duvido nada que ela tenha dito isso — diz por fim. — Ela deu o nome dele?

— Não — respondo. Não estou entendendo.

— Ela provavelmente não sabia — digo. — Falou que as mulheres do bairro o conhecem.

Baixo a voz para que só ele consiga escutar.

— Ela disse que ele... — começo.

Mais uma vez, não sei como me expressar. Os termos técnicos soam muito frios.

— ... que ele exige favores sexuais — continuo. — Que ameaça levá-las presas se elas disserem não.

Ahearn assente com calma.

— Escuta — digo. — Eu não quis procurar direto o investigador Nguyen para dar essa informação porque ela me pareceu meio sensível. Quis começar com meu supervisor.

Estará Ahearn sorrindo?

Imaginei-o tendo várias reações. Nenhuma delas foi essa. Ele tira a tampa do seu café e a pousa com cuidado sobre a mesa. Deixando a bebida esfriar. O vapor emana do copo tremeluzente.

— Você... — começo a perguntar. — Você já sabia sobre isso? Ahearn leva o café à boca e assopra um pouco antes de beber.

— Bem — diz ele para mim com um ar pensativo. — Eu não posso te dizer tudo. Mas posso dizer que nós estamos cientes dessas acusações.

— Cientes em que sentido? — pergunto.

Ele me encara com um olhar incisivo.

— No sentido de que já sabemos. O que você acha?

— E o que estão fazendo em relação a elas? — pergunto. Posso sentir quando acontece: o sangue está me subindo às faces e me trairdo. Sinto algo começar a ferver dentro da minha barriga.

— Mickey — diz Ahearn. Ele leva as mãos às têmporas e as esfrega. Parece estar decidindo se continua ou não. Então torna a falar: — Mickey, olha aqui. Digamos que você seja um miserável sem um tostão. Digamos que esteja lá na Avenida querendo trepar. Qual é um jeito de você conseguir isso de graça?

Hesito, só por um instante.

Ahearn está assentindo com a cabeça.

— Entendeu? — diz ele. — Você diz que é policial.

Não falo nada. Olho para o outro lado. É possível, admito, que isso aconteça de tempos em tempos. Mas Paula é esperta. Não consigo imaginá-la sendo enganada assim.

— Enfim — diz Ahearn. — Escuta. Vou passar a acusação para Nguyen e para a Corregedoria se isso fizer você se sentir melhor. Quem fez a acusação?

— Ela não quer depor oficialmente — digo eu.

— Entre mim e você, então — diz Ahearn. — Eu não posso chegar na Corregedoria com uma acusação anônima. Eles vão rir e me mandar pastar.

Mais uma vez, hesito.

— Ou então eu não preciso dizer nada — diz Ahearn. — Você decide.

— Em off? — pergunto.

— Em off.

— Paula Mulroneu — digo.

A definição da ética utilitária, conforme nos foi transmitida pela sra. Powell, é o bem maior para o maior número de pessoas. É isso que me passa pela cabeça quando entrego Paula.

O sargento Ahearn acena positivamente.

— Eu conheço esse nome — diz ele. — Já prendemos ela uma ou duas vezes, né?

— Ou três — digo eu. — Ou quatro.

Ahearn se levanta, ainda segurando seu café. Torna a tampar o copo. Espreguiça-se tranquilamente, dando-me a entender que o encontro acabou.

— Vou passar o recado — garante ele.

— Obrigada.

— E, Mickey — diz ele, encarando-me nos olhos. — Foco no seu trabalho, tá? Você trabalha no 24º Distrito. Não tem tempo para fazer muito mais do que isso.

De volta à viatura, mando um rádio avisando à Central que acabei de almoçar. Então fico sentada no carro, fumegando de raiva.

Se eu antes já não gostava do sargento Ahearn, agora sinto nojo dele. O jeito como ele falou comigo não se justifica. O jeito como ele ficou ali sentado, imperioso, meneando a cabeça como se já soubesse. Penso em todas as respostas possíveis que poderia ter dado. Então, sentindo-me impotente, checo meu celular.

Tem um recado de voz de Truman Dawes.

Ouçó o recado.

— Mick — diz ele. — Me liga assim que puder.

Minhas mãos começam a tremer. Ligo de volta. Enquanto espero ele atender, começo a dirigir em direção à Avenida.

— *Atende* — sussurro. — *Atende. Atende.*

Ele não atende. Torno a ligar. No último toque, ele atende.

— Mickey — diz. — Cadê você?

— Na esquina da Front com a Coral — respondo. — Seguindo sentido norte na Front.

— Encontro você na Emerald com a Cumberland — diz ele.

Já quase deixei passar a entrada para a Emerald, e dou uma guinada perigosa para conseguir virar. Acendo as luzes piscantes por um momento, o que faz dois carros ali perto pararem cantando pneus.

Quase não estou me reconhecendo ultimamente.

— Ela está bem? — pergunto para Truman.

— Não sei — diz ele.

Ele trocou de roupa quando eu o pego. A única coisa que reconheço é a mochila que está segurando, e que agora imagino conter as roupas com as quais estava disfarçado. Está outra vez de jeans, com a joelheira da perna agora visível; tirou o cachecol, os óculos escuros e até o casaco de gominhos.

Entra no carro e se abaixa com dificuldade para sentar no banco do carona. Olha em volta ao fechar a porta.

— Por que a gente não sai deste bairro? — diz ele.

Decerto é uma boa ideia. Torno a pegar a direção sudeste no sentido Fishtown.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Eu comprei uma seringa dele — começa Truman. — Falei que era do Condado de Bucks. Perguntei se ele podia me dizer onde comprar a parada.

Assinto. É o início de uma história conhecida: é assim que acontece metade das overdoses do distrito. As pessoas vêm de fora da cidade atrás de uma dose, e acabam conseguindo mais do que elas ou seus corpos conseguem aguentar. A maior parte da heroína vendida por aqui agora contém fentanil, uma substância potente e mortal, e está matando até os usuários mais experientes da droga.

— *Vem comigo*, disse ele — continua Truman. — E começou a andar pela avenida no sentido norte.

— Ele falou com você? — pergunto. — Disse alguma coisa sobre si mesmo?

— Ele perguntou: *Você não é cana, é?* — diz Truman. — Eu respondi: *Claro que não, porra, eu detesto cana*. Ele não falou mais nada.

Truman pigarreja e me olha de relance. Então continua.

— Ele me fez entrar numa viela que sai de uma ruazinha chamada Madison. De lá dá para entrar pela porta de trás de uma ou duas casas abandonadas. A gente agora está sozinho, e Dock começa a falar sobre o que tem para vender, começa a me dizer que é a parada mais pura que eu já meti nos canos. Pergunta quanto eu vou

querer, quanto tenho para gastar. Me diz que é ele o doutor, que se eu pagar pode me dar o pico. *Não precisa*, eu digo.

“Ele me encara com um olhar meio duro. *Tem certeza?*, pergunta. *Você pode usar aqui dentro se quiser*.

“A essa altura eu já estou começando a ficar nervoso e a pensar em jeitos de sair de lá. A pensar que ele sabe que eu sou cana. Quando eu trabalhava na Costumes tinha uma equipe de apoio, andava sempre com uma escuta, tinha um plano de fuga.

“*Eu me viro*, digo.

“Então dou um dinheiro para ele e ele pega. Me diz para ficar esperando ali. *Você não vai sair correndo com a grana, né?*, digo para ele.

“*Não*, me diz ele. *Se eu fizesse isso perderia o meu trabalho num minuto*. Então ele entra, afasta para o lado um pedaço de compensado que está fechando a porta, e desaparece.”

Interrompo Truman.

— Você viu o número da casa? — pergunto.

— Estava tentando descobrir — diz ele —, mas não consegui. É uma casa revestida de branco, e numa tábuca que está tampando uma das janelas dos fundos está pichado *BBB*. Três letras.

“Enfim”, diz Truman, “assim que ele desaparece eu vou até uma das janelas e tento dar uma olhada lá dentro. Estreito os olhos para espiar pelas frestas entre as tábuas. Só que lá dentro está escuro. Não consigo ver grande coisa. Acho que dá para distinguir pelo menos quatro pessoas, talvez mais. Cada uma está num estágio diferente de inconsciência. Uma parecia morta. Talvez estivesse mesmo”, diz Truman.

Já vi casas como essa mais vezes do que sou capaz de contar. Para mim elas parecem um dos círculos do inferno.

— Eu fico escutando — diz Truman — e lá dentro ouço o que parece alguém subindo uma escada a passos firmes. Um segundo depois, os passos tornam a descer, e de repente vejo o tal de Dock andando

na minha direção, em direção aos fundos da casa. Dou um pulo para trás, me viro e finjo estar cuidando da minha vida.

“*Toma, diz o cara. Tem certeza de que não quer que eu te dê o pico? Cinco pratas.*”

“*Não, respondo. Não precisa.*”

“*Ele me olha de cima a baixo. Não se pica perto da minha casa, diz ele. E testa a parada primeiro.*”

“*Eu agradeço e me viro para ir embora. Queria ter conseguido olhar de novo lá dentro. E pode ser que ele note a minha hesitação, porque diz: Está procurando alguma outra coisa?*”

“*Tipo o quê?, eu digo.*”

“*Uma garota, diz o filho da puta.*”

Sinto-me gelar. Truman me observa um pouco antes de prosseguir.

“— *Pode ser, eu disse.*”

“*E ele: Quer ver umas fotos? Eu tenho fotos.*”

“*Eu respondo que sim. Ele tira o celular do bolso e começa a passar fotos de meninas. E, Mick, eu vi a Kacey.*”

Eu meneio a cabeça. Sabia que isso iria acontecer.

— *Está vendo alguma coisa que te agrada?, pergunta o merda. Eu digo que sim. Mas que primeiro quero tomar o pico. Digo a ele que volto outra hora. Ele me dá o número do seu celular. Me liga quando precisar de alguma coisa, diz. Eu sou o cara, tá bom? Eu sou o doutor.*

Mantenho o olhar fixo à frente.

— *Você está bem? — pergunta Truman.*

Assinto. O que estou sentindo é um ódio que começa bem lá no fundo de mim.

— *Como ela estava? — pergunto a Truman, mas só depois de falar me dou conta de que foi baixo demais para ele escutar.*

Volto a fazer a pergunta.

— *Como assim? — diz Truman.*

— Na foto. Como ela estava?

Truman contrai o maxilar.

— Ela estava... — diz ele. — Não estava usando muita roupa. Estava muito magra. Os cabelos tingidos de ruivo berrante. Parecia que talvez tivesse apanhado. Um dos olhos estava inchado. Não consegui ver direito.

Mas viva, penso eu. Mas talvez ela esteja viva.

— E mais uma coisa — diz Truman. — Bem na hora em que eu estava indo embora, alguém apareceu na esquina. Um sujeito com cara de valentão, todo tatuado, que parecia ser amigo do Dock. Apontou direto para ele, feliz em vê-lo, e disse: *E aí, McClatchie? Como você está?*

— McClatchie — repito.

— É — diz Truman.

— Connor McClatchie — digo eu, recordando a foto do Facebook com a legenda *Connor Dock Famisall*.

Truman assente. Então meneia a cabeça em direção ao terminal de dados móveis no console central da viatura.

— Posso? — pergunta.

— Vai lá — digo eu para ele. Parece os velhos tempos: como se ele fosse meu parceiro, cuidando da papelada enquanto eu dirijo.

Como o login de Truman está desabilitado durante a sua licença médica, eu lhe passo o meu. Ele o usa e faz uma pesquisa na base de dados do CICF.

Fico tentando olhar enquanto dirijo, e quase bato de frente nos carros que vêm em sentido contrário.

— Caramba, Mick — diz Truman. — Encosta.

Mas eu não quero encostar. Não até estarmos longe o suficiente do bairro para Truman tampouco ser reconhecido. Continuo observando a rua à frente e olhando pelo retrovisor na expectativa de topar com algum colega. Ou com o sargento Ahearn.

— Lê em voz alta pra mim — peço.

Truman passa um tempo lendo em silêncio. Então diz:

— Tá, vamos lá. McClatchie, Connor. Nascido em 3 de março de 1991 na Filadélfia. Juvenil — diz ele, relanceando os olhos para mim.

— O que mais? — pergunto.

Ele assobia baixinho.

— O que foi? — pergunto. — Me fala.

— Tá legal — diz Truman. — Tem de tudo aqui, de assalto a mão armada a agressão e posse ilegal de arma de fogo. O cara foi preso três... não, espera aí, quatro... cinco vezes.

Ele faz outra pausa.

— E? — indago.

— Parece que teve uma acusação por promover a prostituição — diz Truman.

Cafetão. Na verdade isso é incomum: a maioria das mulheres de Kensington trabalha sozinha. Mas sempre existe uma exceção à regra.

Ele faz uma pausa.

— Ele também está sendo procurado — diz ele. — O que poderia ser útil de alguma forma.

— É, poderia — concordo.

Olho para o relógio no painel. Está quase no final do meu turno. Quase na hora de ir resgatar Thomas da sra. Mahon, e a sra. Mahon de Thomas. Também faz tempo demais que não atendo nenhum chamado.

— Cadê seu carro? — pergunto a Truman, e ele me diz.

Passo algum tempo sem dizer nada.

Então, finalmente, pergunto a ele:

— Você acha que ela estava naquela casa?

Truman passa um longo tempo pensando.

— Eu não sei — diz ele. — Talvez estivesse. Não a vi no andar de baixo. Mas tinha um segundo andar, e sei que alguma coisa estava acontecendo lá em cima.

Faço que sim.

— Mickey — diz Truman. — Não vai fazer nenhuma burrice.

— Não — digo eu. — Eu não faria isso.

Nessa hora o celular de Truman toca, e ele olha para a tela antes de me dizer para encostar, falando que vai saltar ali mesmo.

— Eu posso te levar até o seu carro.

— Aqui está bom — diz Truman. — Não é longe.

Ele parece ansioso para sair. O telefone continua tocando.

Quando está indo embora, ele dá uma batida, uma só, no teto da viatura.

Só então me dou conta de que não cheguei a lhe contar sobre meu encontro com Ahearn na hora do almoço. Se alguém poderia ter um conselho em relação a isso, é Truman... mas ele já atendeu sua ligação.

Passo um tempo observando-o enquanto ele se afasta.

Pergunto-me outra vez com quem ele está falando.

O dia finalmente termina. Passo o caminho inteiro de volta para casa preocupada com a maneira que Thomas passou o dia. Anseio pelo alívio de me reconectar com ele depois do tempo separados, uma dose rápida de dopamina que relaxa os ombros e desacelera a respiração.

Já está quase escuro quando chego em casa, e não são nem cinco da tarde. Desprezo dias assim, a escuridão da fase mais escura do inverno. É como se cada centelha de luz do sol fosse comestível, algo delicioso a ser engolido e armazenado para a noite fria e interminável.

A primeira coisa que percebo ao chegar é que não há luz nenhuma acesa na casa da sra. Mahon. Sinto a minha barriga se contrair só um pouquinho. Desço do carro e atravesso a neve trotando até a porta da frente. Toco a campainha. Sem esperar o suficiente, bato na porta também.

Pressiono o rosto no vidro na lateral da porta para tentar ver alguma coisa lá dentro. Onde eles estão? Estou pronta para derrubar a porta com um chute. Voltei ao meu modo de trabalho, com a mão junto à arma.

Estou a ponto de bater de novo quando a porta se abre. Do outro lado está a sra. Mahon, o recinto atrás dela na penumbra. Nem sinal de Thomas. Ela me encara e pisca os olhos através dos óculos grandalhões.

— O Thomas está aqui? — pergunto.

— Claro — responde ela. — Tudo bem com você? Meu Deus, essas batidas na porta. Você quase nos fez enfartar.

— Peço desculpas — eu digo. — Onde ele está?

E bem nesse instante ele aparece ao lado da sra. Mahon, com uma risca vermelha acima do lábio superior. Estava tomando alguma bebida açucarada. Está sorrindo.

— Espero que você não ache ruim, mas eu dei um Ki-Suco para ele tomar — diz a sra. Mahon. — Sempre tenho no armário para quando meus sobrinhos-netos vêm me visitar.

Desde a minha mudança, eu nunca vira os sobrinhos-netos da sra. Mahon.

— Não tem problema — digo. — É uma ocasião especial.

— A gente estava assistindo a um filme igual no cinema — diz Thomas com a voz aguda de empolgação.

— O que ele quis dizer foi que fizemos pipoca e apagamos a luz — explica a sra. Mahon. — Venha, assim você está deixando o ar frio entrar.

Lá dentro, enquanto Thomas está vestindo o casaco e calçando os sapatos, reparo numa fotografia pendurada na parede do hall: parece uma foto escolar, granulada e gasta. Há muitas fileiras de crianças, com idades que vão do jardim de infância ao início da adolescência. As duas fileiras de trás são freiras, todas de cardigã, de saia e usando hábitos simples, como as freiras da escola religiosa em que Kacey e eu estudamos. A foto é em preto e branco e difícil de datar. É difícil imaginar que a sra. Mahon algum dia tenha sido criança, mas a imagem diz outra coisa. Corro os olhos pelas crianças rapidamente para ver se consigo reconhecê-la, mas de repente ela toca meu cotovelo.

— Enquanto ele está se arrumando, preciso lhe dizer que aquele homem apareceu outra vez — diz ela baixinho.

Sinto um peso no coração.

— O Thomas viu? — pergunto.

— Não — responde a sra. Mahon. — Eu o reconheci através da janela, então disse para Thomas subir um instante para o segundo andar. E disse a ele que vocês não moravam mais aqui. Como você me pediu.

Alívio.

— Como ele reagiu? — pergunto.

— Pareceu decepcionado — diz a sra. Mahon.

— Tudo bem — digo. — Ele pode ficar decepcionado o quanto quiser. Ele acreditou na senhora?

— Parece que sim — disse a sra. Mahon. — Ele foi muito educado.

— Ele pode ser assim — digo.

A sra. Mahon contrai o maxilar e assente.

— Enfim, melhor assim — diz ela. — A maioria dos homens não presta.

Ela reflete por alguns instantes, então arremata:

— Um ou dois deles eu até tolero.

Quando entramos em casa, Thomas está cheio de histórias para contar.

— A sra. Mahon deixou eu ver *E.P.* — diz ele.

— O que é *E.P.*?

— Um filme. Um filme sobre um cara que anda numa bicicleta de criança.

— Um cara?

— Um monstro.

— *E.T.* — digo eu.

— E ele diz: *E.P. minha casa, telefone.* E a sra. Mahon me ensinou a fazer aquilo com o dedo, assim.

Ele estende o indicador na minha direção, e eu encosto meu dedo no seu.

— Assim — repete ele.

— Você gostou? — pergunto.

— Gostei. Ela me deixou ver, mesmo o filme dando medo — diz Thomas. Ele está empolgado por causa do filme, e provavelmente pelo excesso de açúcar.

— Você ficou com medo?

— Não. O *filme* dava medo. *Eu* não fiquei com medo.

— Que bom — digo eu. — Que bom que não ficou.

Mais tarde nessa noite, porém, depois de colocar Thomas na cama em seu quarto, sou acordada pelo ruído de pequenos passos e ele surge enrolado num cobertor, na verdade muito parecido com o protagonista do filme a que assistira durante o dia.

— Estou com medo — anuncia ele, solene.

— Tudo bem — digo eu.

— Eu menti porque estou com medo, sim.

— Tudo bem — torno a dizer.

Ele faz uma pausa, morde o lábio e baixa os olhos para o chão. Já sei o que vem agora.

— Thomas — digo, num tom de alerta.

— Posso dormir na sua cama? — pergunta ele, mas a sua voz tem um tom resignado. Ele já sabe a resposta.

Levanto-me e vou até ele. Pego-o pela mão e o conduzo pelo corredor de volta até o seu quarto.

— Você já tem quase cinco anos — digo a ele. — Está ficando muito grande. Pode ser corajoso para mim?

No corredor escuro, vejo-o assentir.

Eu o guio até dentro do seu quarto e acendo a luz noturna. Ele deita na cama, eu ajeito as cobertas por cima dele e ponho uma das mãos na sua cabeça.

— Adivinha só — digo. — Eu falei com a mãe da Carlotta e com a da Lila para convidar as duas para a sua festa de aniversário.

Ele não diz nada.

— Thomas? — chamo.

Ele não olha para mim. Hesito, só por um instante. Então penso em tudo que já li sobre como se ensina força e autossuficiência a uma criança, sobre como ensinar uma criança a ser segura e independente quando ela é pequena é essencial para garantir que ela venha a se tornar um cidadão e um adulto equilibrado.

— Elas disseram que sim — digo a ele.

Então lhe dou um beijo na testa e saio do quarto sem fazer barulho.

Na manhã seguinte, tenho de ir ao fórum dar meu testemunho. É a audiência do caso de agressão doméstica da semana passada. O réu é Robert Mulvey Jr.; pelo visto a esposa decidiu processá-lo, apesar da relutância inicial. Gloria Peters e eu seremos chamadas como testemunhas.

Seria um caso de rotina e um dia de rotina não fosse o profundo desconforto que sinto sempre que olho para Mulvey. O olhar dele é firme e cravado em mim, e toda vez que nossos olhos se cruzam, sempre contra a minha vontade, eu sei que o reconheço. Tento várias vezes atinar de onde, mas não consigo.

Não fico para ver se ele é condenado.

De volta à minha viatura, confiro compulsivamente o relógio no meu painel. Não sei muitas coisas sobre Connor McClatchie, mas uma das que sei é que todos os dias, por volta das 2h30 da tarde, ele está na loja do sr. Wright tomando um pico e se aquecendo. O que significa, é claro, que nesse horário ele está fora da casa.

Não vai fazer nenhuma burrice, disse-me Truman ontem. Mas seguir pistas não é burrice, creio eu. Na verdade isso parece apenas sensato.

São onze da manhã agora, ou seja, ainda tenho muitas horas de trabalho antes de poder fazer com segurança meu próprio reconhecimento do local. Esforço-me ao máximo para não me concentrar na hora. Mas não consigo evitar percorrer duas vezes a ruazinha chamada Madison — não vezes demais, não o suficiente para alertar ou alarmar ninguém — e esticar o pescoço para espiar a viela que Truman descreveu.

Se a disposição das ruas de Center City — todas simétricas e em ângulos retos — é uma prova das mentes equilibradas e racionais que planejaram Filadélfia, Kensington é a prova do que acontece quando a necessidade distorce a intenção. Aqui e ali, a paisagem é coalhada de pequenos parques, muitos dos quais têm formatos estranhos. Tirando a linha firme e reta de Front Street e a linha diagonal da avenida Kensington, as ruas restantes do bairro são todas vagamente tortas, levemente inclinadas em relação ao

firme equador das ruas de City Center como Vine, Market e South. As ruas de Kensington começam e terminam sem aviso; passam de uma a duas pistas de modo igualmente abrupto. Madison é diferente de East Madison; West Susquehanna passa abaixo de East Cumberland sem pedir desculpas. A maioria das pequenas ruas de Kensington é residencial; nelas, casas geminadas com fachada de tijolo e estuque se alinham umas depois das outras, exceto onde foram demolidas e deixaram para trás terrenos vazios que a mim parecem dentes faltando. Alguns quarteirões são relativamente bem cuidados e têm apenas uma ou duas casas abandonadas e fechadas por tábuas. Outros foram devastados pelos infortúnios de seus moradores; nesses quarteirões quase todas as casas parecem vazias.

Muitas das ruas laterais de Kensington são cortadas por vielas ainda menores, elas próprias margeadas pelos fundos de casas que parecem zangadas com os passantes, como se tivessem virado as costas só de birra. Essas vielas em geral não permitem o acesso de carros.

É uma delas que eu agora espio, à procura da casa com os três bês pichados que Truman descreveu.

Mas se uma casa assim existe, não está visível de onde eu me encontro.

Quando a hora se aproxima, estaciono minha viatura e entro na loja de Alonzo. Ele ergue os olhos e, ao julgar corretamente que não estou lá para comprar um café, aponta sem dizer nada para o armário onde guardou a minha muda de roupa.

— Obrigado, Alonzo — digo para ele; vou até o banheiro, e então, com o máximo de dignidade de que sou capaz, ressurjo trajando minha calça de moletom e minha camiseta pretas tamanho extragrande.

Não digo nada. Apenas meneio a cabeça, ponho meu uniforme e sua sacola de volta na prateleira, então desapareço porta afora. Dessa vez deixo meu rádio e minha arma também. Não tenho como esconder o coldre debaixo daquelas roupas à paisana.

Vou correndo até a Madison. Isso me ajuda a me manter aquecida. Verifico meu relógio: são 2h30 exatamente.

Diminuo o passo e começo a andar ao virar na rua, depois na viela perpendicular. Tento parecer casual, e muito provavelmente não consigo.

Ali está, bem no final: os fundos da casa em questão. Revestimento branco. Três bês pichados com Color Jet numa tábuia que fecha uma das duas janelas de trás. Um pedaço grande e apodrecido de compensado ocupa o lugar onde antes devia existir uma porta dos fundos. Pelo aspecto parece fácil de afastar, e imagino que seja assim que os moradores temporários da casa consigam entrar e sair.

Aproximo o rosto da tábuia que cobre a janela e tento em vão olhar lá para dentro por uma fresta, mas o interior está escuro demais para eu ver grande coisa. Hesito um instante, então bato rapidamente na prancha que cobre a porta. Se Dock atender, não tenho certeza do que vou fazer.

Espero um tempo. Depois mais um tempo. Torno a bater. Ninguém responde.

Por fim, empurro a placa de compensado para o lado e, com hesitação, entro na casa.

Ao entrar, sou recepcionada pelo cheiro habitual de todas as casas assim, e pelo frio cortante de uma estrutura escura no inverno. O frio interno, penso eu, é ainda mais intenso do que o frio do lado de fora. Nenhuma luz solar penetra a parte interna dessas casas abandonadas, não enquanto estão fechadas por tábuas. O ar é denso e brutal, como dentro de um freezer.

Dou dois passos e aguardo enquanto minha visão se adapta. As tábuas do piso rangem de modo precário. Na verdade tenho medo de pisar numa errada — ou numa ausente — e ir parar sumariamente no porão.

Desejo estar com meu cinturão da polícia, nem que fosse para ter acesso à minha lanterna. Em vez disso, seguro o celular e acesso o aplicativo da lanterna.

Giro o aparelho em volta de modo a iluminar todos os quatro cantos do cômodo em que estou. Compreendo, ao fazer isso, que a

minha expectativa é ver corpos humanos; não tenho certeza se corpos sem vida ou corpos vivos. Mas não vejo nem um tipo nem outro. Apenas uns poucos colchões no chão, cobertos por pilhas de papelão, sacos de lixo e cobertores, e por alguns montes de tecido — roupas, mais provavelmente — e outros objetos que não consigo identificar. Essa casa abandonada parece estar, pelo menos no momento, de fato abandonada.

Penso na descrição que Truman fez de seu encontro com Dock, e lembro de ele ter dito que, em determinado momento, Dock lhe pareceu desaparecer num andar de cima. Mas eu não vejo uma escada. Pelo menos não de imediato.

Vou avançando aos poucos e miro o telefone na parte da frente da casa, do lado oposto àquele pelo qual entrei. Vejo uma porta da frente e uma soleira estreita recortada numa parede que termina antes de um vestíbulo. A escada, percebo, deve ficar do outro lado dessa parede.

Meus olhos finalmente se adaptaram o bastante para eu conseguir andar com mais confiança, e de repente sou impelida para a frente por um sentimento de urgência renovado. Entre logo, penso eu, e saia logo.

Subo a escada depressa, evitando alguns degraus podres pelo caminho e segurando o corrimão áspero com a mão esquerda.

Ao chegar lá em cima, vejo um rosto humano me encarando de volta com os olhos arregalados.

Deixo cair meu celular com alarde e me dou conta, ao mesmo tempo, de que aquele rosto é o meu, refletido de volta para mim por um espelho embutido na parede.

Trêmula, pego o telefone do chão e inicio a antiga e conhecida rotina de espiar dentro de portas à procura da minha irmã.

Percebo que estou farejando o ar para detectar sinais de corpos em putrefação. Não é um cheiro que se esqueça com facilidade. Mas embora a casa tenha um cheiro horrível, observo com alívio que ali o odor característico e nauseante da morte humana está ausente.

Num banheiro faltam tanto a privada quanto a banheira: nos lugares onde eles ficavam há buracos abertos no chão.

Um quarto de dormir contém um sofá velho, uma pilha de revistas e algumas camisinhas usadas no chão.

Em outro há um colchão sem lençol no assoalho e um quadro-negro na parede com desenhos grosseiros feitos por mãos infantis. As janelas dos cômodos do andar de cima não estão fechadas por tábuas, e com a luz do dia que elas deixam entrar posso distinguir o que o artista retratou: uma espécie de linha de prédios, uma cidade de construções altas com inúmeras janelas representadas por minúsculos pontinhos. Fico olhando para aquilo, perguntando-me se o desenho foi feito antes de a casa ser abandonada, ou se uma criança poderia ter desenhado aquilo mais recentemente. Na borda de madeira abaixo do desenho há três cotocos de giz, e não consigo resistir: pego um deles e faço uma marquinha pequenina e discreta no canto inferior direito. Há anos não desenho num quadro-negro.

Estou recolocando o giz na borda quando ouço alguém entrar na casa lá embaixo.

Levo um susto. E o giz traça um arco lento da borda de madeira até o chão, onde aterrissa com um estalo inconfundível.

— Quem está aí em cima? — pergunta a pessoa. Um homem.

Atarantada, olho para a janela mais próxima. O quão gravemente eu me machucaria, penso, se a abrisse e pulasse lá embaixo do segundo andar?

Antes que eu possa decidir, ouço passos altos subindo a escada decididos e fico paralisada.

Agora queria estar com a minha arma.

Mantenho as mãos visíveis. Limpo a garganta com um pigarro, preparada para falar.

A pessoa se detém no patamar no alto da escada. Ao entrar naquele quarto eu fechei a porta atrás de mim, mas não passei o trinco. Quase posso sentir o gosto do meu coração batendo no peito. Ele soa anormalmente alto dentro de mim, como se estivesse tentando fugir pela minha garganta.

A porta do quarto se abre com um baque. Alguém a abriu com um chute.

No início eu não o reconheço.

Ele levou uma baita surra. Seu olho direito se fechou de tão inchado. Está todo preto e verde. O nariz parece fora de prumo. A orelha também está inchada, assim como o lábio superior.

Mas o corte de cabelo é conhecido, assim como o casaco laranja.

— Dock? — digo.

Agora estou tremendo. Meus joelhos batem um no outro. Perversamente, fico constrangida. Está frio aqui dentro, eu quero dizer. Estou tremendo de frio.

— Que porra você está fazendo aqui? — pergunta ele.

— Procurando você — respondo.

Estou improvisando.

Ele dá um passo à frente, devagar.

— Como me encontrou? — pergunta.

— Perguntei por aí — respondo. — Você sabe. Eu conheço gente aqui no bairro.

Ele emite um som que parece uma risada, mas dolorido. Leva uma das mãos à lateral do corpo. Pergunto-me se as suas costelas estão quebradas.

— Você está com que arma? — pergunta ele.

Hesito, só por alguns instantes. Há uma chance muito, muito pequena de eu talvez o convencer de que estou armada. E de isso talvez me permitir sair dali. Mas eu não sei se ele está, e portanto talvez seja besteira blefar.

— Nenhuma — respondo.

— Levanta as mãos — diz ele.

Depois que eu o faço, ele se aproxima de mim e ergue minha camiseta. Então baixa os olhos para o cós da minha calça. Apalpa meu corpo inteiro. Fico parada ali, sentindo-me impotente.

— Eu deveria te matar — diz ele baixinho.

— Como é? — eu digo.

— Deveria te matar pelo que a sua família fez comigo — diz ele. Fico totalmente parada.

— Não estou entendendo — digo.

— *Não estou entendendo* — repete Dock em tom de zombaria. Ele me imita.

— Uma coisa de que a Kacey sempre falava era como você era inteligente — diz ele. — Ela podia estar com raiva de você. Mas o jeito como falava de você daria para pensar que você é o Alfred Einstein.

Baixo os olhos para o chão. Fico calada. Mas é preciso toda minha força para não dizer *Albert*.

— Então eu não tenho certeza se acredito quando você diz que não está entendendo — continua Dock.

Mantenho os olhos no chão. Estou tentando antagonizá-lo o menos possível. Uma coisa que nos ensinaram na academia de polícia que eu achei útil, na verdade, foi como usar nosso corpo para transmitir o que não se pode dizer apenas com as palavras.

Dock aponta para o próprio rosto.

— Levanta o rosto — diz ele. — Olha pra mim. Isto aqui não foi uma briga limpa — diz ele. — Está te parecendo uma briga limpa? Se você encontrar o Bobby O'Brien, é melhor dizer pra ele ficar esperto.

Bobby.

Fecho os olhos. Lembro-me da estranha expressão que atravessou seu semblante ao ouvir o nome de Dock no dia de Ação de Graças.

— Peço sinceras desculpas se o meu primo fez isso — digo. — Você deveria saber que eu raramente falo com ele. A gente não é chegado.

Dock dá um muxoxo.

— Sei — diz ele.

— Não é mesmo — insisto. — Se ele fez isso com você, foi sozinho. Eu não tive nada a ver com isso.

Dock faz uma pausa e me avalia.

Muda um pouco de posição. Coça a cabeça.

— Por que eu acredito em você? — diz, por fim. — É estranho, mas eu acredito em você.

— Que bom — digo eu, erguendo a cabeça só um pouco. Olho para cima. Depois torno a abaixá-la.

— Hm — diz ele como se estivesse surpreso. — Mesmo assim, fala isso quando encontrar com ele. Diz pra ele não aparecer perto da avenida. Tem muita gente por lá do meu lado.

— Vou passar o recado — digo eu.

Ele torna a rir. Então faz uma careta.

— Abaixa as mãos — diz ele. — Seus braços devem estar ficando cansados. Mas, afinal, *o que* você veio fazer aqui?

— Procurar a Kacey — respondo.

Meus motivos para mentir se esgotaram.

Ele assente.

— Você ama ela? — pergunta ele.

Reteso o corpo.

— Ela é minha irmã — digo, cuidadosa. — E é também uma cidadã do distrito que eu patrulho.

Dock torna a rir, um pouco.

— Você é estranha — diz ele. Então emenda. — Escuta. Vai embora daqui. Eu não sei onde ela está. Estou te dizendo a verdade.

— Tá bom — digo eu. — Obrigada.

Não sei se ele está mesmo. O que sei é que quero sair inteira dali. Ainda posso sentir suas mãos no meu corpo. Isso me causa um arrepio, e me dá vontade de entrar no chuveiro.

Antes que ele mude de ideia, caminho em direção à porta e saio para o corredor. Mas quando estou prestes a descer a escada ele torna a me chamar.

— Mickey — diz.

Viro-me devagar. Dock agora está na contraluz, emoldurado pela janela, uma sombra. Não consigo ver sua expressão.

— Você deveria tomar mais cuidado — diz ele. — Tem um filho em quem pensar.

Meus músculos se contraem como em preparação para uma luta.

— O que você falou? — pergunto devagar.

— Eu falei que você tem um filho — diz ele. — Thomas, né?

Ele então se senta no colchão do canto e se abaixa dolorosamente até ficar deitado.

— É só isso — diz.

Ele fecha os olhos.
Eu vou embora.

A voz de Dock ao dizer o nome do meu filho, Thomas, fica ecoando nos meus ouvidos. Se a intenção tiver sido fazer uma ameaça, deu certo.

Fico sentada no carro pensando no meu próximo passo. É evidente, penso, que se meu primo Bobby for o responsável pela agressão a Dock, então ele sabe mais do que deu a entender no dia de Ação de Graças. No entanto, é evidente também que não está disposto a me contar nada a respeito.

Minha única chance, penso, é surpreendê-lo de alguma forma, ou conseguir informações sobre ele através de alguém.

Sem muito otimismo, mando uma mensagem de texto para minha prima Ashley.

Você sabe onde o Bobby está morando atualmente?

Enquanto espero ela responder, ligo para Truman. Ele atende na hora.

— Mickey — diz, quando acabo de falar. — Eu não acredito. Onde você estava com a cabeça?

Sinto a teimosia começar a me dominar.

— Truman, eu estava só me apoiando nos indícios para tomar uma decisão com base nas informações que recebi — digo. — Sabia que ele estaria fora daquela casa às duas e meia. Sabia que a casa precisava ser revistada em busca de pistas sobre o paradeiro da Kacey. Então tomei a decisão de fazer isso.

No telefone, quase posso ouvir Truman balançando a cabeça. Levando a mão às têmporas.

— Não, Mick — diz ele. — Não é assim que as coisas funcionam. Você poderia estar morta. Entende isso?

Ao ouvir Truman falar dessa forma, de modo tão direto, eu baqueio.

— Escuta — diz ele. — Você está envolvida demais nessa história. Nós dois estamos. Pelo menos já avisou à polícia que ela

sumiu?

Hesito.

— Eu tentei — digo. — Tentei falar com o Ahearn. Ele estava ocupado.

— Então fala com um investigador — diz Truman. — Um de verdade. Não um dos nossos. Fala com o DiPaolo.

Minha resistência a essa ideia aumenta a cada pedido que Truman me faz. Não consigo identificar exatamente por quê, mas um alarme distante soa na minha cabeça, e talvez conseguisse escutá-lo se eu conseguisse apenas fazer Truman parar de falar.

— Mickey, você agora precisa cair em si — diz Truman. — Esse cara sabe sobre o Thomas. Ele falou o nome do Thomas. Chega de brincadeira.

E finalmente o motivo da minha relutância se apresenta para mim. Visualizo a expressão incrédula de Paula Mulroneu ao me dizer as palavras que têm me assombrado desde que eu as escutei. *Esse cara é um dos seus*, disse ela. Um dos seus. Um dos seus. Então visualizo Ahearn ao receber essa informação. A rapidez com que ele a descartou.

E ele surge, enfim. O motivo pelo qual não contei a meus colegas sobre o desaparecimento da minha irmã: eu não tenho mais certeza se posso confiar neles.

Truman agora está calado. Eu estou calada. O único som entre nós dois é o da nossa respiração.

— Ei — diz ele por fim. — Você pode até não dar a mínima para a sua própria vida. Mas o Thomas dá. E eu dou.

Por reflexo, meu rosto fica vermelho. Não tenho o costume de ouvir afirmações tão diretas assim de Truman.

— Está me ouvindo? — diz ele.

Faço que sim com a cabeça. Então lembro que estou no telefone, pigarreio e digo que estou.

Assim que eu desligo, meu celular emite um bipe.

Mensagem de texto de Ashley.

Não.

Nessa noite, em casa, passo meia hora a mais lendo para Thomas no sofá. Escuto ele me contar as pequenas tribulações e sucessos do seu dia. Conto junto com ele em voz alta os dias que faltam para a comemoração do seu aniversário, feliz por saber que existe algo em sua vida que ele está aguardando ansiosamente.

CARLOTTA E LILA, Thomas começa a entoar assim que as vê do outro lado do McDonald's. CARLOTTA E LILA. CARLOTTA E LILA.

Tivemos de correr para chegar. Estamos quinze minutos atrasados para a festa do próprio Thomas. South Philadelphia fica a trinta minutos de Bensalem, e por algum motivo eu perdi a hora.

As meninas correm em direção a Thomas.

— Olá — digo para suas mães, e ambas dizem oi. A mãe de Lila me dá um abraço que aceito com o corpo retesado. Conheço as duas vagamente da época em que Thomas frequentava a Creche Spring Garden, mas tive de pesquisar seus primeiros nomes antes de lhes telefonar.

Elas são de tipos distintos. A mãe de Carlotta é mais velha do que eu, provavelmente na casa dos quarenta, tem os cabelos encaracolados e está usando uma parca de zíper e luvas sem dedos que parecem ter sido tricotadas em casa.

A mãe de Lila tem mais ou menos a minha idade, trinta e poucos anos. Tem uma franja e longos cabelos ondulados e está usando um casaco azul preso por um cinto, e ambos parecem tão lindos que tenho vontade de estender a mão e tocá-los. Nos pés está calçando botas de salto grosso, e nas orelhas usa brincos de ouro delicados que pendem quase até a gola. Ela parece trabalhar com moda. Parece ter um cheiro bom. Parece ter um blog.

Com minha calça e minha camisa social, eu provavelmente pareço uma garçoneite.

Ambas as mães, de modos distintos, têm cara de vir de boas famílias e de ter frequentado boas faculdades.

Ambas, percebo de modo nítido e tardio, têm cara de nunca na vida terem comido no McDonald's.

— Que *legal* — diz Lauren, a mãe de Lila. — As crianças estão adorando.

Mas Georgia, a mãe de Carlotta, parece um pouco preocupada. Ela observa os brinquedos como quem procura algum perigo.

— Eu não sabia que eles tinham um parquinho coberto — diz ela para mim.

— Pois é — digo eu. — É o que faz a diferença. É o único parquinho da cidade, e o Thomas adora. Mas eu sinto muito vocês terem precisado vir até aqui.

— Não tem problema nenhum — diz Lauren. — Não é difícil chegar aqui. Foi só a gente descer a Columbus e pronto. E aqui tem estacionamento — acrescenta ela. — Um luxo.

— Não tem problema nenhum — concorda Georgia após um instante.

Ficamos alguns instantes paradas sem dizer nada, vendo as crianças brincarem. Lila e Thomas subiram na escada que leva a uma casinha suspensa, e Carlotta está na piscina de bolas agitando loucamente as pernas e os braços, como se estivesse desenhando anjos na neve. Olho para a mãe de Carlotta, que pela expressão do seu rosto parece estar se perguntando com que frequência tudo aquilo é higienizado.

— Mas e aí, como vai o trabalho? — pergunta-me Lauren. Eu nunca falei com ninguém na escola de Thomas sobre o que faço da vida, mas imagino que as duas tenham me visto ir buscá-lo na escola de uniforme, quando eu não tinha tempo de trocar de roupa.

— Tudo bem — respondo. — Você sabe. Corrido.

Hesito. Quero lhes perguntar o que elas fazem da vida, mas parte de mim imagina que talvez elas não trabalhem, que talvez tenham dinheiro para pôr as filhas na creche pelos benefícios que isso pode trazer às crianças, não porque seu ganha-pão depende disso.

Ainda estou me esforçando para formular a pergunta quando Georgia diz:

— E quais as novidades sobre os tais assassinatos em Kensington?

— Ah — digo eu, surpresa. — Bom, tem uma pista. Mas nada certo ainda.

— Eles estão interligados? — pergunta Georgia.

— Parece que sim — respondo.

— Espero que vocês consigam resolver o caso — diz Georgia. — Não gosto da proximidade dessa história toda em relação à escola das crianças.

Faço uma pausa.

— Bom — digo. — Eu não acho que crianças em idade pré-escolar sejam o alvo dessa pessoa.

As duas mulheres me olham.

— Enfim, sim, eu também — digo. — Acho que estamos chegando perto de prender o cara. Não se preocupem.

Mais uma frase de falso reconforto. Mais silêncio. Cruzo os braços em volta do corpo e passo o peso de uma perna para a outra.

— Espero que esteja todo mundo bem — diz Georgia olhando para o relógio.

— Todo mundo quem? — pergunto. Sem entender.

— Quero dizer, espero que todo mundo consiga encontrar isto aqui direitinho. Eu mesma tive que dar umas voltas.

— Ah — digo, entendendo de repente. — É só a gente mesmo.

— Petit comité — diz Lauren. — Melhor assim.

— Só a gente? — repete Georgia, fazendo um círculo no ar com a mão.

Thomas se aproxima, já pronto com uma lista de coisas que quer pedir. Um milk-shake, nuggets de frango, um hambúrguer, batatas fritas e outro milk-shake. Lila e Carlotta estão atrás dele, prontas com seus respectivos pedidos. Fica claro que eles estavam tramando alguma coisa.

Mas Georgia se ajoelha e põe a mão no ombro da filha.

— Carlotta, a gente conversou sobre isso — diz ela. — A gente trouxe o nosso próprio almoço, lembra?

Carlotta arregala os olhos. Começa a balançar a cabeça para a frente e para trás, sem acreditar na injustiça que está prestes a ser cometida.

— Não — diz ela. — Não, eu preciso comer um hamburde. Preciso comer um hamburde com batata frita.

Georgia olha para nós rapidamente, então se levanta e conduz a filha, agora aos prantos, até três metros de distância, onde torna a se agachar e a falar com a menina num tom baixo e urgente.

Viro as costas para fingir que não estou vendo, ou que não ligo. Mas posso imaginar o que Georgia está dizendo a Carlotta: essa comida não é para a gente, meu amor. Essa não é uma comida saudável o suficiente ou nutritiva o suficiente para eu deixar você comer.

Imagino que ela tenha pensado que seria uma festa grande. Que elas poderiam se esgueirar sem serem vistas para ir comer sua comida saudável e cheia de nutrientes.

— O que houve com a Carlotta? — pergunta Thomas. E eu respondo:

— Não sei direito. Vamos deixar ela quieta um pouco.

Georgia agora está conduzindo Carlotta aos berros pelo braço para fora da lanchonete. Ela olha para trás na nossa direção e levanta um dedo esticado: *um minuto*.

— Mas ela vai voltar? — pergunta Thomas para mim, pondo as duas mãos nos meus braços cruzados e as mantendo ali, sem ter certeza.

— Eu acho que sim — respondo, mas o erro que cometi ao convidá-las para ir àquele lugar está começando a ficar claro para mim.

No fim das contas, é Lauren quem bate palmas e rompe o feitiço.

— Não sei vocês, pessoal, mas eu estou faminta por um Big Mac — diz ela.

Encaro-a.

— Eu amo Big Mac. Esse é o meu prazer secreto — diz ela para mim, muito séria, e minha vontade é dizer *obrigada, obrigada*.

— Eu também amo Big Mac — diz Thomas. — Esse também é o meu prazer secreto.

Depois de pedirmos, nós quatro — Lauren, Lila, Thomas e eu — encontramos uma mesa para seis e nos sentamos para comer. Georgia e Carlotta voltam, e Georgia furtivamente dirige a filha de volta ao parquinho coberto, onde ela ficará brincando sozinha até a refeição terminar.

Lauren está sentada na minha frente, e no início não sei ao certo o que lhe dizer. Nunca fui boa em puxar conversa, especialmente não com alguém como ela, que, imagino eu, não deve conhecer ninguém no mundo igual a mim ou à minha família. Sempre desconfiei que pessoas assim consideram pessoas como eu e a minha família de baixo nível, ou têm medo de nós, ou acham que causamos problema e preocupação demais para valer a pena. Todos nós com nossos muitos, muitos problemas, uma linha sem começo e sem fim.

Mas Lauren se mostra descontraída, segura o copo de refrigerante com a mão leve e relaxada, e faz piada com a filha quando a menina deixa cair ketchup na blusa.

— Essa merda acontece o tempo todo, né? — diz ela, revirando os olhos para mim. — Não imaginava que fosse essa maldição.

Outro aspecto no qual eu a julguei mal: Lauren tem um emprego de verdade, um que exige dela acordar e ir trabalhar todos os dias. É produtora na estação de rádio pública da Filadélfia. Formou-se em comunicação para rádio e TV, diz. Pensou que fosse ser repórter televisiva. (Ela certamente é bonita o suficiente.) Mas acabou produzindo matérias para o rádio.

— Até gosto mais — diz ela. — Não preciso acordar de madrugada para cobrir a cara de maquiagem como se fosse uma argamassa.

Passamos quinze minutos conversando com uma descontração notável, com nossos filhos ao nosso lado comendo todos contentes a comida que a mãe de Carlotta julgou inadequada para a filha. O rostinho de Thomas está iluminado de prazer e de animação, e suas mãos se movem depressa pela mesa para tocar seu Big Mac, em seguida suas batatas fritas, em seguida seu milk-shake. Ele está contando o que ganhou. Está tendo um aniversário feliz.

Só pouco tempo se passa quando vejo a expressão do meu filho mudar.

— Thomas? — indago.

Antes que eu consiga detê-lo, ele se levanta com um pulo e atravessa correndo o espaço entre nossa mesa e os caixas.

Fico em pé e me viro.

Ao fazê-lo, ouço Lauren perguntar:

— O Thomas conhece aquele homem?

É tarde demais: Thomas já envolveu com os braços as pernas do homem em questão, que eu só consigo ver de costas.

É Simon, claro. Eu já sabia que era Simon antes mesmo de me virar. Apesar de tudo, apesar do seu comportamento, do modo como ele tratou tanto a mim quanto ao meu filho, sinto-me por um instante atraída para ele. Reprimo um desejo infantil de correr até lá, de ir atrás de Thomas, de perdoar num instante todos os pecados dele.

Estou lutando contra esse impulso quando percebo, em pé ao lado de Simon, uma mulher. Ela tem os cabelos escuros e compridos, escorridos. É baixa de estatura.

Numa fração de segundo, minhas emoções se precipitam em direção à raiva. Vejo a cena se desenrolar do outro lado do recinto: vejo Simon se virar e baixar os olhos para Thomas, vejo-o encarar o menino com o rosto inexpressivo durante tempo demais, sem reconhecê-lo, sem reconhecer o próprio filho que não vê há um ano. E então, por fim, Simon compreende, e olha para a mulher antes de olhar de volta para Thomas, mais preocupado com os sentimentos dela do que com os da criança.

Thomas agora está aos pulos, braços estendidos para cima em direção ao seu alto e formoso pai. Reconheço a expressão de Thomas da última vez que ele viu Simon: adulação, adoração, orgulho. Rapidamente, ele olha para trás na direção de Lauren e Lila, e posso ler o que está pensando: ele quer mostrar Simon para elas. Quer apresentar suas amigas ao pai.

— Papai — ele está dizendo. — Papai. Papai.

Dou-me conta enjoada de que ele acha que o pai está ali para lhe fazer uma surpresa.

Thomas ainda não consegue imaginar que o pai não vai admitir que o conhece, que não vai baixar as mãos grandalhonas e levantar o filho até o peito do jeito que sempre costumava fazer.

Avanço até ele a passos largos. Quero tirá-lo de lá antes que ele entenda.

Quando faço isso, Thomas repara finalmente em mim e se vira, com o rosto ainda tomado de alegria, e diz:

— Mamãe, o papai veio no meu aniversário!

A mulher ao lado de Simon também se vira.

Vejo o seu rosto. Ela é tão jovem que poderia ser uma adolescente. É mignon e bonita, e tem dois piercings na bochecha que também denunciam sua idade.

E no colo está segurando um bebê, um bebê de uns oito ou nove meses, uma menininha de casaco rosa.

Simon está alternando o olhar num triângulo frenético entre nós três: entre mim, Thomas e a mulher ao seu lado.

Thomas agora já desistiu de ser pego no colo. Baixou as mãos para junto do corpo. Sua expressão está ruindo. Ele continua sem entender.

— Papai? — diz, uma última vez.

— Papai? — repete a mulher, encarando Simon.

Simon agora está concentrado em mim.

— Michaela — diz ele. — Esta é minha esposa Jeanine.

Num átimo, o último ano da minha vida é explicado.

Jeanine desaparece antes de Simon conseguir dizer mais uma palavra. Levando a bebê junto. Simon fica parado ali por alguns instantes, braços inertes, olhos pregados no chão. Thomas está parado perto dele, sem se mexer.

Por fim, Simon vai até a vitrine na entrada da lanchonete e fica olhando seu Cadillac escuro sair depressa demais do estacionamento, de ré.

Ocorre-me finalmente que preciso ir até Thomas. Pego-o no colo, mesmo ele sendo tão grande. Ele pousa a cabeça no meu ombro.

Não sei o que fazer a seguir. Minha vontade é berrar, gritar com Simon, bater nele uma vez, com força, na cara, por ter ignorado Thomas como fez. Por ter magoado Thomas tanto assim. No dia do seu aniversário, ainda por cima.

Só que eu não vou lhe dar essa satisfação. Em vez disso, levo Thomas até a mesa onde Lauren e Lila estão sentadas e digo para Lauren:

— Você se importaria em dar uma olhadinha no Thomas um instante?

— Claro — diz Lauren. — Fica com a gente, Thomas.

Então vou até Simon, que agora está no celular digitando furiosamente, e fico parada na sua frente sem dizer nada. Ele finalmente ergue os olhos. Guarda o telefone.

— Olha... — começa, mas eu balanço a cabeça.

— Não — eu digo. — Eu não quero ouvir nada de você.

Simon dá um suspiro.

— Michaela — diz ele.

— Fica longe da gente e pronto — digo eu. — Só isso. Eu não preciso de nada de você a não ser que fique longe.

Ele parece não entender.

— Foi *você* quem foi me procurar — diz ele.

— Oi?

— No trabalho. Foi *você* quem foi me procurar. Lembra?

Estou balançando a cabeça.

— Não sei como *você* arrumou nosso endereço, mas as suas visitas não são bem-vindas — digo eu.

Ele cruza os braços.

— Mick — diz. — Eu não faço ideia de onde *você* mora.

E pela primeira vez em anos eu acredito nele.

Ele vai embora. Decerto para tentar consertar as coisas com Jeanine, para se reconcentrar na sua nova vida. Por um pedido meu,

ele não se despede de Thomas, e Thomas desata a soluçar. Melhor assim, penso. Uma ruptura clara. Um Band-Aid arrancado. Não faz sentido prolongar um adeus permanente.

A festa acabou.

— Eu sinto muito — digo rapidamente a Lauren e Georgia. Entrego às suas filhas os saquinhos de brindes que comprei na loja de 1,99.

Georgia, que não viu o que aconteceu, está me olhando com um ar confuso. Lauren me olha com empatia. Ela vai contar para Georgia, acho eu. Vai repassar a fofoca. A situação sem dúvida ficou bem nítida.

Thomas passa a volta para casa inteira chorando.

— Eu sinto muito — digo para ele. — Sinto muito mesmo, Thomas. Sei que é difícil de entender agora, mas realmente é melhor assim. O mundo é um lugar duro — arremato, depois de algum tempo.

Mas minhas palavras não parecem consolá-lo.

Sou distraída de minhas tentativas de reconfortá-lo por uma sensação de profundo incômodo que está tomando conta de mim em resposta à seguinte pergunta: se Simon não é o homem que tem feito visitas à minha casa... então quem é?

Estou tão perdida em pensamentos que quando meu telefone toca dou uma guinada com o carro e Thomas solta um ganido.

Atendo.

— Agente Fitzpatrick? — diz uma voz. Feminina, mais velha.

— Sim — respondo.

— Aqui é Denise Chambers, da divisão de Corregedoria do DPF — diz a pessoa.

— Certo — digo eu.

— O sargento Ahearn nos passou algumas informações que gostaríamos de averiguar. Precisamos marcar um horário para nos encontrarmos.

Segunda-feira é o dia que escolhemos. Fico ao mesmo tempo surpresa e aliviada. Talvez, contra todas as expectativas, Ahearn esteja fazendo a coisa certa.

Em casa, acomodo Thomas em frente à televisão, então desço correndo até a porta da frente da sra. Mahon. Bato na porta.

Quando atende, ela está piscando, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo.

— Sra. Mahon — digo eu, intrigada. — A senhora poderia me dar mais alguma informação sobre o homem que tem vindo aqui procurar pela gente?

— Que tipo de informação — diz a sra. Mahon.

— Bem — digo eu. — Idade? Raça? Altura? Peso? Cor dos olhos? Cor dos cabelos? Algum outro traço característico?

A sra. Mahon ajeita os óculos. Pensativa.

— Vejamos — diz ela. — A idade era difícil de determinar. O estilo de vestir era bem jovem, mas o rosto parecia mais velho.

— Mais velho quanto?

— Sou ruim nisso — diz a sra. Mahon. — Estimar idade. Não faço ideia. Trinta e poucos anos? Quarenta e poucos? Ele era alto, como eu falei. Bonito. Traços bem-proporcionados.

— Raça? — pergunto.

— Branco.

— Barba, bigode?

— Nada marcante — diz a sra. Mahon. — Ah — diz ela. — Ele tinha uma espécie de tatuagem, acho eu. Alguma coisa escrita no pescoço, logo abaixo da orelha. Muito pequena. Não consegui ver o que dizia.

— Como ele estava vestido?

— Suéter de moletom — diz a sra. Mahon. — Do tipo com capuz e zíper.

Faço um movimento de recuo. Muita gente usa suéter desse tipo, lembro a mim mesma.

— Das duas vezes? — pergunto.

— Acho que sim.

— O suéter tinha alguma coisa escrita? — pergunto.

— Não me lembro — diz a sra. Mahon.
— Tem certeza? — pergunto.
— Absoluta — diz a sra. Mahon.
— Está bem — digo depois de algum tempo. — Obrigada. Caso se lembre de mais alguma coisa me avise. E, sra. Mahon...
— Sim?
— Se ele algum dia voltar, peça para deixar recado. E por favor me ligue na hora.

A sra. Mahon olha para mim, avaliando a situação. Fico preocupada que ela se incomode com esses pedidos. Afinal, ela não quer “encrenca”; sempre fez questão de enfatizar isso para mim.

Mas tudo que ela responde é:

— Farei isso.

Então fecha a porta devagar.

Roundhouse, a “casa redonda”, não é o nome oficial da sede do Departamento de Polícia da Filadélfia, mas é a única forma como já a ouvi ser chamada.

O prédio é naturalmente redondo em alguns lugares, de estilo brutalista, e feito de uma espécie de concreto cinza-amarelado que escurece na chuva. Há boatos de que vai ser esvaziado em breve, e faz sentido: o DPF está ficando sem espaço. O prédio hoje tem um ar datado e severo. Mas não consigo imaginar a Roundhouse não sendo o lar do DPF, assim como não consigo imaginar os Trilhos não sendo o lar das pessoas que os frequentam. Na semana anterior, a Conrail e a prefeitura finalmente começaram a pavimentar a área. Mas o caos sempre irá prevalecer, mesmo quando seu lar for tirado.

Lá dentro, reconheço dois agentes no lobby e os cumprimento com um meneio de cabeça. Eles me olham com expressões esquisitas: *O que você está fazendo aqui?*, diz a expressão deles. Eu preferiria não ter sido vista. Encontros com a Corregedoria sempre dão margem a fofocas, e às vezes à desconfiança.

Denise Chambers é simpática, cinquenta e poucos anos, gorda, com cabelos grisalhos e óculos de armação azul. Ela me recebe em sua

sala e me pede para sentar na sua frente numa cadeira de aspecto novo que faz eu ficar da altura de uma criança.

— Está frio lá fora? — pergunta Chambers, indicando com a cabeça o outro lado da janela e o ar rarefeito do inverno. Estamos a vários andares de altura. Dali posso ver Franklin Square, com seu carrossel imóvel.

— Não está tão ruim — respondo. — Eu não ligo para o frio.

Faço uma pausa e aguardo enquanto Chambers termina algo em seu computador. Ela então se vira.

— A senhora sabe por que a chamei aqui? — pergunta, indo direto ao assunto. Na sua pergunta ouço um débil eco do modo como me dirijo a suspeitos na rua: *A senhora sabe por que eu a prendi? O senhor sabe por que o mandei encostar?*

Pela primeira vez, uma centelha de dúvida me transpassa.

— A senhora disse que o sargento Ahearn lhe passou algumas informações — digo.

Chambers me avalia. Para ver o que eu sei.

— Sim — diz ela devagar.

— O que ele lhe disse?

Chambers suspira, une as mãos sobre a mesa na sua frente.

— Olhe — diz ela. — Essa é uma parte difícil do meu trabalho, mas eu tenho a obrigação de lhe dizer que a senhora está sob investigação interna.

A reação sai antes de eu conseguir me conter.

— Eu? — pergunto, incrédula, apontando para o meu próprio peito. — *Eu* estou sob investigação?

Chambers assente. Tenho uma súbita lembrança do alerta de Truman para eu arrumar alguns aliados no distrito. *Política, Mick.*

— Por quê? — indago.

Chambers estica os dedos e vai enumerando itens enquanto fala.

— Na terça-feira da semana passada, a senhora foi vista com um passageiro não autorizado na sua viatura. Foi vista também fora do seu setor designado. Na quarta e na quinta, foi vista sem seu rádio e sem uniforme durante o seu turno. Na sexta, passou um intervalo de duas horas sem atender nenhum chamado. De modo

geral, sua produtividade neste outono caiu cerca de vinte por cento. A senhora também fez pesquisas sobre dois civis no CICF com frequência e sem motivo. Por fim, temos razões para acreditar que a senhora vem subornando um comerciante do seu distrito.

— Quem? — pergunto, sem acreditar.

— Alonzo Villanueva — diz ela. — E acreditamos que a senhora vem mantendo uma muda de roupas à paisana na loja dele para atividades não autorizadas no horário do expediente. E que, em pelo menos uma ocasião, a senhora guardou sua arma oficial na loja dele, sem segurança.

Fico calada.

Tudo que Chambers está dizendo é tecnicamente verdade. Mesmo assim, fico chocada. É também constrangedor saber que tenho sido vigiada; repasso minhas lembranças da semana anterior e penso no que disse, no que fiz a bordo de uma viatura de polícia. Penso se eles reuniram informações por gravações de áudio ou vídeo, ou apenas mandando alguém da Corregedoria me seguir nos meus turnos. Tudo é possível.

— Posso saber o que acarretou essa investigação? — pergunto.

— Infelizmente isso eu não posso lhe dizer — responde Chambers.

Mas eu sei.

Foi Ahearn, sem dúvida alguma. Ele nunca gostou de mim. É verdade que a minha produtividade caiu drasticamente desde que Truman saiu de licença, e meus registros de atividade sem dúvida refletem isso. Às vezes esse fato por si só pode gerar um monitoramento interno, um pedido de vigilância. Mas também acho que além disso ele vem procurando há anos um jeito de se livrar de mim.

— O sargento Ahearn lhe disse mais alguma coisa? — pergunto.

— Ele lhe contou sobre Paula Mulroney? Contou sobre a acusação que ela fez contra pelo menos um agente?

Chambers hesita.

— Ele mencionou algo assim, sim — diz ela.

E de repente eu entendo: Ahearn distorceu a informação. Minimizou o que eu disse. Disse a Chambers que eu fazia uma

reclamação, mas que eu não era digna de confiança.

— E o que a senhora vai fazer em relação a isso? — pergunto.
— O investigador Nguyen foi informado?

— Foi — diz Chambers. — Ele está verificando.

— Olhe aqui — digo eu, agora um pouco descompensada. — Ahearn nunca gostou de mim. Eu não sou amiga dele. Mas eu sou sincera, e estou lhe dizendo que um dos nossos agentes, pelo menos um, foi acusado de usar seu poder para exigir sexo de mulheres que não estão em situação de dizer não.

Faz-se um breve silêncio no recinto.

— E também — continuo, agora com mais coragem — que essa pessoa foi vista em vídeo seguindo uma das nossas vítimas.

O olhar de Chambers hesita por um segundo. A realidade do nosso gênero, duas agentes mulheres, uma mais velha, outra mais nova, sentadas de frente uma para a outra de um lado e outro de uma mesa, paira no ar entre nós apenas por um instante, como fumaça.

— Ele lhe contou essa parte? — pergunto. — Ou deixou de fora? Mas Denise Chambers não diz mais nada.

Saio da Roundhouse com uma papelada na mão. Os documentos me informam sobre meus direitos e responsabilidades durante a suspensão em que fui posta enquanto durar a investigação.

Pelo menos não vou precisar mais me preocupar com quem vai ficar com Thomas nos dias de neve. Pelo menos tem isso.

No lobby, mantenho os olhos fixos no chão.

A única pessoa com quem quero falar agora é Truman.

Entro no carro e pego meu celular. Estou prestes a ligar para ele quando um pensamento me ocorre. Se é paranoia ou não, não sei dizer. Mas se a Corregedoria sabia tanta coisa assim sobre mim, não parece fora de cogitação eles terem recebido permissão também para grampear meu celular, ou então meu carro particular. Ergo os olhos para o teto, para minha luz de cima, para o banco de trás, para o assento elevado de Thomas no meio do banco. Não sei que

ações eles têm o direito de fazer. E não quero causar problemas para Truman; ele já fez o suficiente.

Guardo meu telefone, saio com o carro e sigo às cegas em direção a Mount Airy.

Sinto-me constrangida por ir à casa de Truman sem telefonar antes para avisar, mas não sei o que mais posso fazer. Torço para não surpreendê-lo num momento inoportuno. Não paro de me lembrar da voz de mulher ao fundo da minha ligação para ele. *Quem é?*, disse a mulher. *Truman, quem é?*

O carro de Truman, um Nissan Sentra limpo e reluzente, está parado em frente a casa. Os carros particulares de Truman são sempre impecáveis. Nenhum sinal de comida, poeira ou sujeira nem por dentro, nem por fora. Principalmente depois que Thomas nasceu, meu carro vive sempre cheio: cheio de brinquedos de criança, migalhas e garrafas d'água, cheio de sacolas de compras, embalagens de alimentos, moedas e lanchinhos.

Estaciono de novo na rua e vou até a entrada de Truman. Hesito antes de bater: dúvidas, dúvidas.

Estou ali parada com a mão erguida, tentando decidir, quando a porta da frente se abre de supetão. Do outro lado está uma senhora muito baixinha, com menos de 1,50 metro de altura.

— Está vendendo o quê? — pergunta. — Seja lá o que for, eu não quero.

— Nada — respondo, surpresa. — Me desculpe. O Truman está em casa?

A mulher arqueia as sobrancelhas para mim, mas não se mexe nem diz mais nada.

Avalio minhas alternativas. A mulher na minha frente poderia ter qualquer idade entre sessenta e oitenta anos. Parece um pouco uma velha hippie. Na cabeça está usando uma bandana, e veste uma camiseta que diz *Virginia Is for Lovers*. Seria essa, poderia ser essa a mãe de Truman? Sei que ele tem mãe, que ela é viva, e que ele a ama. Sei que ela já foi diretora de uma escola de ensino infantil. Mas

pelas últimas notícias que tive ela estava aposentada e morando nas montanhas Pocono.

Tento espiar atrás dela, dentro da casa, mas a mulher fecha a porta de leve, como para impedir minha visão.

Torno a tentar.

— Eu sou amiga do Truman — digo. — Estava só querendo falar com ele.

— Truman — diz a mulher, como quem vasculha a própria memória. — Truman.

É nessa hora que, finalmente, o próprio Truman surge dos fundos da casa com uma toalha na cintura, meio que saltitando para chegar à porta. Está com vergonha de ser visto assim, eu sei: o Truman sempre bem-arrumado, que eu raramente vi usando outra coisa que não um uniforme, mesmo depois do trabalho.

— Ma — diz ele. — Essa é minha amiga Mickey.

A mulher assente desconfiada, olhando alternadamente para mim e para ele.

— Tá bom — diz ela. Mas não faz movimento algum para me deixar entrar.

— Espera só um instantinho, Mick — diz Truman, e tira a mãe delicadamente do caminho. — Só um segundo. — Ele fecha a porta. No instante antes de fazer isso, seu olhar cruza o meu.

Cinco minutos mais tarde, nós três estamos sentados na sala pouco à vontade. Truman agora está vestido e sentado numa cadeira com as costas rígidas, a perna direita estendida em cima de um pufe na sua frente. Estamos todos tomando chá. A mãe de Truman olha para a xícara em suas mãos.

— Pode beber, Ma — diz Truman. — Já está frio o suficiente.

Ele olha para mim.

— Minha mãe está morando aqui agora já faz um tempo — diz ele. Hesita e relanceia os olhos na direção da mãe para ver se ela está escutando. — Ela teve uma queda — diz. — E tem esquecido as coisas — acrescenta, depressa e baixinho.

— Eu estou bem aqui, filho — diz a sra. Dawes, erguendo os olhos num movimento brusco. — Estou bem aqui nesta sala junto com você. Não estou esquecendo nada.

— Desculpe, Ma — diz Truman. — Por que não vamos lá para o quintal? — diz ele para mim.

Eu o sigo, e fico observando suas costas seguras e largas enquanto ele segue na frente. Quantas vezes o observei desse ângulo, subindo na frente a escada de alguma casa, seguindo na frente em cenas de crime, seguindo na frente enquanto atendíamos um chamado após o outro? Me protegendo de certa forma do pior, da primeira visão de um cadáver ou de algum horrendo ferimento. Nossa história em comum significa que eu sinto um estranho reconforto ao segui-lo.

Está um gelo no quintal dos fundos. Pequenos arbustos, marrons agora no inverno, margeiam uma cerca de madeira marrom. Ao falar, podemos ver nossa respiração.

— Desculpa pela minha mãe — diz Truman. — Ela é...

Ele hesita, procurando a palavra.

— Protetora — diz, enfim.

— Não se preocupa — digo eu, pensando, mas não dizendo, que estou com um pouco de inveja. Que seria bom ter alguém na minha vida que fosse protetor dessa forma em relação a mim.

No quintal dos fundos, relato a Truman a história de meu encontro com Denise Chambers e seus resultados surpreendentes. Enquanto eu falo, ele exhibe uma expressão afetuosa e preocupada. Vou despejando as palavras cada vez mais depressa.

— Não — diz ele. — Sério?

— Sério. Eu fui suspensa.

Ele faz uma pausa.

— Alguma informação nova sobre a Kacey? — pergunta.

— Nada — respondo.

Truman fica em silêncio por muito tempo, e morde os lábios como se estivesse debatendo dizer ou não alguma coisa. Por fim, torna a falar.

— E o Cleare? — pergunta.

Encaro-o.

— Como assim o *Cleare*? — pergunto eu.

Truman passa um tempo me encarando.

— Ah, Mick. Para com isso — diz então.

Quando ele diz isso, posso sentir tudo desmoronar à minha volta, alguma farsa grande e dura, um muro defensivo que ergui anos atrás e no qual confiava, junto ao senso de discrição e respeito de Truman, para me proteger de qualquer pergunta direta.

De repente, constato que fiquei sem voz.

Eu raramente choro. Não chorei nem por causa de Simon. Fiquei brava, sim; soquei a geladeira. Gritei para o nada. Bati em almofadas. Não chorei.

Agora balanço a cabeça. Uma lágrima quente escorre pela minha bochecha e eu a enxugo com raiva.

— Porra — digo.

Não acho sequer que algum dia tenha dito um palavrão na frente de Truman.

— Ei — diz ele. Sua voz sai rouca. Ele não sabe o que fazer. Nós dois nunca nos tocamos, a não ser durante a imobilização de algum criminoso no chão. — Ei — ele torna a dizer, e por fim estende uma das mãos e a põe no meu ombro. Mas não tenta me abraçar. Fico grata por isso. Já me sinto humilhada o suficiente desse jeito.

— Tudo bem? — pergunta ele.

— Tudo — respondo, ríspida. — Como você soube sobre o Simon? — pergunto.

— Desculpa, Mick — diz Truman. — É meio que um segredo de polichinelo. Muita gente sabe. O DPF é pequeno.

— Bom — digo eu.

Tento então me recompor. Ergo os olhos para o céu frio e cinza até minhas lágrimas congelarem. Então fungo e limpo o nariz uma vez, de modo brusco, usando a mão enluvada.

— As coisas começaram entre a gente quando eu era muito nova — digo eu, meio que me explicando e me desculpando.

— Não me diga — diz Truman.

Desvio o rosto. Fico toda vermelha; o mesmo velho e terrível sinal que sempre me entrega. Minha perdição no trabalho.

— Ei — diz Truman. — Ei. Do que você precisa sentir vergonha? O babaca é ele. Você era uma criança.

Mas as suas palavras só servem para fazer eu me sentir pior. Desagrada-me a ideia de que eu sou uma “vítima”, seja qual for o sentido dado a essa palavra. Desagrada-me a atenção, a solidariedade, os tons de voz cochichados que essa ideia provoca. De modo geral, eu preferiria que nunca se falasse de mim, ninguém, de qualquer modo que fosse. E pensar nos meus colegas do DPF fofocando sobre mim e Simon, revirando os olhos e sorvendo seu café ruidosamente enquanto se acotovelavam bem-humorados, me faz querer sumir para dentro da terra dura do quintal dos fundos de Truman.

Truman continua a me olhar, medindo suas palavras, avaliando o peso do que quer dizer. Leva as mãos à cintura. Baixa os olhos para o chão.

— Você sabe que ele tem fama — diz ele com hesitação.

— O Simon?

Ele assente.

— Não quero fazer você se sentir mal nem dizer o que não devo — diz ele. — Mas você não é a única. Dizem por aí que ele teve outras meninas da LAP como alvo. Parece que havia um padrão, mas ninguém nunca confessou nem fez nenhuma queixa formal. Ele foi suspenso por um tempo depois de fofocas suficientes, mas ninguém nunca conseguiu acusá-lo de nada firme.

Abro a boca. Hesito. Existem tantas outras coisas em relação a ele que você não sabe, quero dizer. Mas fico calada. É tudo constrangedor demais. O pai do meu filho.

Truman e eu nos entreolhamos.

— Quais eram as idades das vítimas? — pergunta ele. — Em Kensington.

— Da primeira não se sabe — respondo. — A segunda tinha dezessete anos. A terceira dezoito. A quarta tinha vinte.

— Mickey — diz Truman. — Você ainda tem aquele vídeo no seu celular?

Assinto. Não quero assistir. Sinto a minha barriga contraída.

Em silêncio, Truman estende a mão, e por fim acesso o vídeo na tela. Assistimos os dois juntos. A imagem está mais granulada do que nunca, uma ilusão de ótica. A figura que atravessa a tela no início parece não ter forma definida, o rosto inescrutável. Apesar disso, pela sua altura, pelo jeito de andar, eu posso imaginar Simon.

— O que você acha? — pergunto, sem querer fazer eu própria a afirmação.

Truman encolhe os ombros.

— Pode ser — diz ele. — Você conhece ele melhor do que eu. Eu sempre mantive distância. Ele é um filho da mãe. Sem querer ofender — diz, erguendo os olhos para mim.

Assistimos ao vídeo outras tantas vezes.

E então, por fim, Truman faz o inventário de nossas provas.

— Escuta — diz ele. — A boa notícia é que você está livre amanhã. Eu estou livre amanhã. Que provas a gente tem até agora? Quem são nossos suspeitos?

— Connor McClatchie — digo eu. — E o Simon, eu acho.

— A gente se divide — diz Truman. — Eu fico com McClatchie. Não quero você chegando perto dele depois do que ele te falou. Você fica com o Simon — completa ele.

Combinamos de trocar de carro, uma vez que Simon conhece o meu. Vou deixar meu carro em Mount Airy e voltar para casa em Bensalem no de Truman. Peço desculpas antecipadas pela bagunça.

Antes de eu ir embora, Truman põe a mão no meu ombro mais uma vez.

— A gente vai encontrar a Kacey — diz ele. — Eu realmente acredito que vai, sabe?

É estranho passar meu primeiro dia de suspensão fazendo trabalho policial. Ao acordar de manhã, visto um suéter escuro e um boné de beisebol liso. Ao me ver, Thomas faz uma cara desconfiada.

— Por que está usando isso? — pergunta ele. — Cadê suas coisas?

— Que coisas?

— Sua mochila — diz ele. — Seu cinturão.

— Eu hoje estou de folga — digo.

Ainda não decidi exatamente o que dizer a Thomas, e preciso ganhar um pouco mais de tempo até decidir. Como não sei quanto tempo vai durar minha suspensão, não posso dizer a ele que estou de férias.

— A Bethany não! — diz Thomas. Mas ele sabe que não tem jeito.

— A Bethany sim.

Depois de Bethany chegar e assumir, quinze minutos atrasada como de costume, pego o carro e sigo em direção a South Philadelphia.

Houve um tempo em que eu frequentemente era passageira no carro particular de Simon. Na verdade, se tentar, ainda consigo me imaginar dentro dele: o carro recendia a couro e levemente a cigarro, que Simon só fumava de vez em quando, mas em geral em dias bonitos, quando podia andar com o vidro abaixado. Ele mantinha o carro limpo e o encerava nos finais de semana. O Caddy, era como sempre o chamava, com afeto. Gostava de carros; seu pai tinha lhe ensinado sobre eles antes de morrer, dizia.

Agora, ao ver o carro em sua vaga em frente à sede da Investigadores Sul, recorro contra minha própria vontade as muitas vezes que trocamos intimidades dentro daquele carro. Com a mesma rapidez, mudo o rumo dos pensamentos.

Estaciono o carro de Truman não muito longe dali. Abaixo os dois quebra-sóis. Como preciso ficar alerta, trouxe um audiolivro para escutar; assim posso ficar olhando para a porta do prédio. Trouxe também alguma comida e água. Esta última vou racionar com todo cuidado para evitar ter de ir ao banheiro.

A porta da frente passa a manhã inteira abrindo e fechando, deixando entrar vários funcionários, a maioria dos quais não reconheço. Uma ou duas vezes penso ver Simon de relance, apenas para descobrir que é alguém parecido.

Às onze da manhã, porém, eu o vejo: ele sai do prédio e, após olhar para a esquerda, vira à direita em direção ao seu carro. Está usando um sobretudo elegante. Uma calça social cinza e sapatos pretos lustrados estão visíveis por baixo dela. Os cabelos estão penteados para trás com gel. É um visual típico seu desde que virou investigador.

Na mesma hora fico em alerta total. Como a rua em que estamos é relativamente tranquila, vou esperar Simon sair para dar a partida no carro de Truman.

Vou atrás dele. Ele pode estar a serviço, penso, indo entrevistar alguém na Divisão Sul, um suspeito, vítima ou testemunha. Ou pode simplesmente estar saindo cedo para almoçar. Ele começa seguindo no sentido norte pela rua 24. Na Jackson, porém, de repente faz um giro de cento e oitenta graus e passa a seguir no sentido sul.

Ele dobra à direita na Passyunk. E de repente me pego entrando na autoestrada atrás dele.

Acho que já no caminho sei para onde estamos indo, mas aquilo me pega de surpresa mesmo assim, o jeito como as coisas acontecem exatamente como você previu. A inevitabilidade daquele instante.

Ele pega a saída para a 676 Leste, em seguida a saída da 95 para a Allegheny.

Eu poderia praticamente fechar os olhos, e mesmo assim continuar dirigindo o resto do caminho.

O bairro está movimentado hoje, e ocorre-me que é começo de mês. Os contracheques entraram. Os clientes estão nas ruas. À minha direita, uma jovem alterada joga a bolsa no chão e em seguida se agacha, aos prantos.

A um quarteirão da avenida, Simon encosta de modo abrupto e estaciona. Sou forçada a passar de carro por ele de modo a não alertá-lo quanto à minha presença. Continuo olhando pelo retrovisor, e quase sou abalroada por um carro que sai de uma pequena rua à minha direita. Dobro à direita na avenida e estaciono assim que encontro uma vaga: em frente a uma cantina para pessoas em

situação de rua, nesse dia em que há trinta ou quarenta pessoas na fila esperando as portas se abrirem. Salto do carro. Espio a lateral do prédio em frente ao qual estou para ver se Simon está andando na minha direção.

Não está.

Posso ver dali que o seu Cadillac está vazio. Isso significa que ele saiu a pé numa de três direções, todas elas para longe de mim.

Vou trotando até seu carro.

O que ele está fazendo em Kensington a essa hora do dia? Ele trabalha em South Philadelphia. Todos os seus casos são lá. É possível, improvável, mas possível, que esteja trabalhando infiltrado. Mas, se fosse o caso, ele teria se vestido com menos elegância nesse dia.

Quando chego ao carro de Simon, olho na rua lateral localizada mais perto, em seguida troto até chegar a outra rua lateral a meio quarteirão de distância. Mas não o vejo em nenhuma das duas. Sigo em frente, agora correndo, ganhando ritmo e olhando em cada pequena rua lateral pela qual passo à procura de seu sobretudo cinza, examinando casas em busca de portas abertas. Cinco minutos se passam.

Eu o perdi, penso.

Por fim, paro numa rua lateral chamada Clementine, um dos quarteirões de Kensington relativamente bem cuidados, apenas uma ou duas casas abandonadas, as demais bem conservadas. No meio do quarteirão, levo as mãos aos quadris, sem fôlego, decepcionada por ter perdido minha chance. Truman provavelmente não o teria perdido, penso. Seus anos de treinamento na delegacia de costumes o tornaram bom em seguir pessoas.

Ao erguer os olhos, vejo que estou em frente a uma casa que por algum motivo me parece conhecida.

Será que já efetuei uma prisão ali? Será que fiz uma verificação de beneficiário de algum auxílio?

Por fim, acabo focando na silhueta de metal de um cavalo e carruagem que enfeita tantas portas externas nessa região da Filadélfia. Reparo que o cavalo não tem as patas dianteiras. E, de

repente, tenho dezessete anos outra vez, e estou esperando em frente a essa porta com Paula Mulroney tentando entrar, tentando chegar à minha irmã.

Fecho os olhos apenas por um instante, só o suficiente para me forçar a voltar àquele momento: um momento no qual a questão de se Kacey está viva ainda não foi respondida, mas a resposta a ela vai acabar sendo *sim*. Um momento no qual, embora na hora eu não soubesse, estava prestes a encontrar a minha irmã e levá-la para casa.

O barulho da porta da frente se abrindo para dentro me faz abrir os olhos.

Uma mulher está me encarando. Não consigo me lembrar se é a mesma mulher que me abriu a porta todos aqueles anos antes; na minha lembrança, aquela mulher tinha cabelos pretos, e os cabelos dessa são inteiramente grisalhos. Mas já faz bem mais de uma década. Poderia ser ela.

— Tudo bem com você? — pergunta a mulher.

Eu meneio a cabeça.

— Precisa de alguma coisa? — pergunta ela.

Não quero desperdiçar meu dinheiro; não tenho muito sobrando ultimamente. Mas temo que a mulher fique desconfiada se eu não fizer isso. Talvez ela também tenha informações que eu possa usar.

Talvez ela ainda conheça Kacey.

De modo que digo sim, e ela abre a porta externa com a silhueta de metal, e então de repente estou de volta à primeira casa em que minha irmã já morreu.

Na última vez em que eu estive ali, quase não havia móvel nenhum. Havia pessoas nas sombras para onde quer que eu olhasse.

Hoje a casa está quentinha e surpreendentemente bem conservada. Paira no ar o cheiro de algo como macarrão. Há quadros na parede: Jesus, Jesus, Maria, um cartaz do Eagles autografado por alguém cuja assinatura eu não consigo ler. Há

tapetes soltos limpos no chão e vários móveis, de aspecto barato, mas novo.

— Sente-se — diz a mulher, indicando uma cadeira com um gesto.

Fico momentaneamente confusa. Já estou com meu pedido inventado pronto: tantos Percocets quanto a nota de vinte no meu bolso puder comprar. Três, talvez, dependendo da dose. Um, se a mulher desconfiar que sou uma amadora. Penso que vou sair e jogá-los na sarjeta. Vou basicamente gastar vinte dólares por qualquer informação que aquela mulher possa me dar.

Mantenho as mãos no bolso para aquecê-las enquanto ela desaparece por um tempo curto na cozinha e em seguida reaparece segurando um copo d'água com as mãos. Ela me entrega o copo.

— Beba isso — diz. — Você não parece bem.

Faço o que ela diz. Então aguardo. Sinto que houve algum mal-entendido.

— Como ficou sabendo sobre mim? — pergunta a mulher.

Demoro a responder.

— Um amigo — digo.

— Que amigo?

Hesito, tentando decidir.

— Matt — respondo.

Uma aposta segura de nome nesse bairro.

— Você é amiga do Matty B.? — diz a mulher. — Eu adoro o Matty B.!

Faço que sim com a cabeça.

— Beba isso — ela torna a dizer. Obediente, tomo um gole. — Está limpa hoje? — pergunta ela.

— Estou — digo. É a primeira coisa verdadeira que sai da minha boca desde que entrei ali. Estou começando a me sentir mal.

A mulher então estende o braço e põe a mão no meu ombro.

— Parabéns, meu bem — diz ela. — Estou orgulhosa de você.

— Obrigada — digo eu.

— Há quantos dias?

Só então reparo na gravura de *Doze Passos* emoldurada na parede atrás da cabeça dela, pequena o suficiente para sobressair

apenas para alguém que a estivesse procurando. No quadro ao lado, a cabeça de Jesus está inclinada ligeiramente na sua direção, como se ele estivesse contemplando os passos junto com o observador. Pergunto-me se isso é proposital.

Tusso na mão fechada.

— Hã. — digo. — Três.

A mulher assente, séria.

— Que ótimo — diz ela. Olha para mim. — Aposto que é a primeira vez que você se limpa.

— Como a senhora sabe? — pergunto.

— Você não parece muito cansada — ela diz. — Quem está tentando há anos só parece mais cansado. Como eu — diz ela, e ri.

Mas eu me sinto cansada. Sinto-me cansada desde que Thomas nasceu. Sinto-me ultrapassada pelos acontecimentos desde a mudança para Bensalem. E sinto-me exausta desde que Kacey sumiu. Mas sei do que ela está falando: já vi essas mesmas pessoas às quais a mulher está se referindo, pessoas que param e voltam a usar durante uma década, duas, mais. Quando estão limpas, elas muitas vezes têm a aparência de quem simplesmente quer ir se deitar e ficar lá um pouco.

— Enfim — diz a mulher. — Você tem ido às reuniões? Tem um lugar para ficar?

Ela olha de relance para a escada.

— Tem seis pessoas aqui comigo agora, senão eu te daria uma cama. Na verdade, deixa eu pensar — diz ela. — Espera aqui um instante.

A mulher marcha até o pé da escada e grita lá para cima.

— TEDDY — grita ela. — TED.

— Tudo bem — digo. — Eu tenho um lugar para ficar.

A mulher está balançando a cabeça.

— Não — diz ela —, a gente pode receber você aqui.

Um homem grita para baixo da escada.

— O que foi, Rita?

— Sério — insisto. — Eu tenho um bom lugar para ficar. A casa da minha avó. Ninguém está usando.

A mulher, Rita, me olha com um ar desconfiado.

Ainda olhando para mim, fala na direção da escada.

— Quando você vai para West Chester?

— Hã — diz o invisível Ted. — Sexta-feira?

— Pronto — diz Rita para mim. — Você pode vir para cá na sexta se quiser. Quem sabe na quinta à noite, se não se importar em dormir no sofá.

Começo a balançar a cabeça, e Rita diz:

— Eu sei, eu sei, você já tem onde ficar. Só guarda isso na cabeça — diz ela. Então sua expressão muda. — Eu não vou cobrar nada de você, meu bem — diz ela. — É com isso que está preocupada? Ah, não, eu faço isso por mim mesma. Passar o bem adiante, esse tipo de coisa. A única coisa que eu peço é para você trazer comida para dividir quando puder, papel higiênico, papel toalha, esse tipo de coisa. E se eu achar que você está usando de novo ponho você para fora.

— Tá — eu digo.

Estou começando a me sentir horrível por estar enganando aquela mulher.

Ela me encara.

— Você fala de um jeito engraçado — diz. — É daqui da região?

Faço que sim com a cabeça.

— De onde?

— De Fishtown — respondo.

— Ah — diz ela.

Tudo em que consigo pensar é como ir embora com elegância. Mas ainda não tive oportunidade de perguntar a ela sobre Kacey.

— Toma, vou deixar meu telefone com você — diz Rita. — Você tem celular?

Pego o aparelho no bolso. Rita recita os números do seu telefone e eu o gravo. Enquanto estou olhando para a tela, entra uma mensagem de texto de Truman.

Cadê você?

Perto da K com A, escrevo de volta.

Então acesso uma foto de Kacey e seguro o telefone para Rita ver.

— O que é isso? — pergunta ela.

— Estou só perguntando para pessoas do bairro se elas a viram por aí — respondo. — Sou irmã dela, e faz um tempo que ela está sumida.

— Ah, meu bem, eu sinto muito ouvir isso — diz Rita.

Ela pega o celular da minha mão e o segura longe do rosto com o braço esticado para tentar focalizar. Então o traz um pouco mais para perto. Seu cenho se franze.

— Essa é a sua irmã? — indaga ela, erguendo os olhos para mim.

— É — respondo. — A senhora conhece?

Num segundo, uma nuvem cobre o rosto de Rita. Ela está calculando alguma coisa, entendendo alguma coisa, fazendo conexões que eu não consigo compreender.

— Sai da minha casa, porra — diz ela para mim de repente. Está apontando para a porta. — Fora.

Não recebo nenhuma explicação adicional. Quando estou descendo os degraus da frente, a porta já bateu atrás de mim. Viro-me uma vez a fim de olhar a silhueta do cavalo e da carruagem antes de apressar o passo e me dirigir de volta para onde o carro de Truman está estacionado.

Posso ver minha respiração. Encolho o queixo para dentro do casaco. Meus olhos lacrimejam.

Fico atenta a outros sinais de Simon. Não dou sorte.

Truman me manda outra mensagem.

Em quanto tempo você consegue chegar na Kensington com a Somerset?

2 min, respondo.

Instantes depois, entra outra mensagem.

K e Leigh agora, diz ele.

Ele está em movimento. Não quer parar. Quer despistar qualquer um que o esteja seguindo.

Na verdade é mais fácil eu ir a pé do que entrar no carro e dirigir. Chego lá antes de Truman e espero um pouco na esquina. Queria ter

alguma coisa quente para beber. O frio cravou suas garras em mim e não consigo parar de tremer.

Sobressalto-me ao ouvir Truman dizer meu nome.

— Vem — diz ele. — Eu parei perto daqui. Vamos conversar no seu carro.

Lá dentro, sento-me no banco do motorista e digo a Truman para começar a falar.

Eu quero e não quero ouvir o que ele descobriu. Olho para ele de soslaio. Ele está sério. Está pensando em como me contar alguma coisa; tenho certeza.

— Truman — digo. — Fala logo.

— Eu fui a casa na Madison — começa ele. — A do grafite dos três bês. Bati na tampa de compensado da porta dos fundos. Um minuto depois, McClatchie apareceu. Estava com uma cara péssima, totalmente chapado. Meio que batendo cabeça, sabe? O que tá bom, eu acho que talvez acabe facilitando as coisas para mim. Ele está com a guarda baixa.

“*Quem é você?*”, pergunta ele.

“*Te mandei uma mensagem sobre uma menina*”, respondo.

“Reparo que ele está muito doidão. Mal consegue segurar a cabeça.

“*Tá*”, diz ele.

“Aguardo. *Então, qual vai ser?*”, pergunto. *Tem uma menina para mim ou não?*

“E ele responde: *Tenho. Entra.*

“Então eu sigo o cara para dentro da tal casa condenada. Lá dentro tem uma penca de gente desacordada, e uma ou duas se picando. Ninguém diz nada para mim.

“McClatchie se encosta numa parede, apaga por alguns segundos e quase pega no sono. Estou congelando. A casa tem cheiro de merda, e o cara parece ter esquecido que eu estou ali. Então digo para ele: *Ei. Ei.*

“Ele acorda um pouco.

“*Cadê seu celular? Me mostra as meninas de novo.*

“Ele finalmente tira o celular do bolso, acessa umas fotos e me passa o aparelho. Começo a passar as fotos e reconheço várias das meninas que estavam ali na última vez em que ele me mostrou. Mas Kacey não.

“Olho para ele. Então sei, naquele instante, que se eu perguntar sobre a Kacey ele vai me sacar. Vai me ligar a você.

“Mas o que tenho a perder, penso? Além do mais, pensei que tinha uma pequena chance de ele estar tão chapado que nem sequer conseguiria ligar os pontos.

“Então pergunto: *Cadê a ruiva? Vi uma ruiva aqui da última vez.*

“E McClatchie diz, muito devagar: *Ah, é a Connie.*

“*Eu quero essa,* digo.

“E ele: *A Connie está fora de combate.*

“Então ele levanta a cabeça e olha para mim, e juro que parece um gavião mirando em alguma presa. A expressão inteira dele muda. Ele me encara. Seus olhos entram totalmente em foco.

“Dois caras do outro lado do recinto ressuscitam, levantam as cabeças do chão e começam a olhar para mim como se eu estivesse causando problemas, e de repente o clima ali começa a mudar.

“*Por quê?*, pergunta McClatchie. *Por que você quer tanto ela?*

“*Sei lá, cara,* respondo. *Eu gosto de ruivas.*

“Já estou dando ré para sair da casa. Continuo de frente para ele, para o caso de ele estar armado.

“Ele vem vindo para cima de mim. Agora todo empertigado. Parecendo mais alerta. *Quem te mandou aqui?*, está perguntando. *A irmã dela? Você é cana?*

“Foi nessa hora que eu me virei e saí correndo. Descobri que o meu joelho está funcionando bastante bem agora.

“Mas pude ouvi-lo gritando atrás de mim até chegar ao final do quarteirão.

“*Você é cana?*, ele estava dizendo. *Você é cana?’*

Truman olha para mim e coça a bochecha.

Estou com a sensação de que tem água fria se espalhando por minhas veias e artérias.

— O que isso quer dizer, *fora de combate?* — pergunto.

Nenhum de nós dois sabe responder.

Agora é a minha vez de lhe contar sobre Simon.

— Ele pegou o carro e veio direto para Kensington — digo. — Nem sequer hesitou. Simplesmente entrou no carro e veio direto para cá. Eu o perdi quando ele saiu a pé.

— Não brinca — diz Truman.

— Ele não tem o que fazer neste bairro — digo eu. — Ele é da Investigadores Sul.

Abruptamente, entro num estacionamento. Uma pequena e triste sequência de lojas surge à nossa frente: restaurante chinês, lavanderia automática, loja de ferragens com a cortina abaixada, um Dunkin' Donuts. Abaixo meu quebra-sol, não quero ser vista por ninguém saindo desses estabelecimentos. Alguém entra no carro ao lado do meu. Mantenho os olhos baixos.

— Acho que está na hora — diz Truman.

— Na hora de quê?

— A gente precisa falar com o Mike DiPaolo sobre isso — diz ele.

Mas eu já estou balançando a cabeça.

— Nem pensar — digo.

— Mickey, vamos lá — diz Truman. — Ele é boa pessoa. Eu conheço o cara desde que a gente era criança.

— Como você sabe? — pergunto.

Ele me olha.

— Quais são suas alternativas? — pergunta.

— A gente continuar sozinho — respondo.

— E depois? — diz Truman. — Digamos que você descubra quem é o assassino. O que vai fazer, pegar o cara sozinho? Ir presa pelo resto da vida? Não. Tem uma hora, Mickey...

Ele deixa a frase em suspenso.

— Você confia mesmo nele — digo eu.

Truman pensa um pouco. Então diz:

— Ele nunca roubava no esporte.

— Como é que é?

— Quando a gente era pequeno. Ele nunca roubava no placar — diz Truman. — Eu confio nele — acrescenta, para esclarecer melhor.

— E você? — pergunto. — Tem certeza de que quer seu nome ligado a essa história? Você pode estar arriscando seu emprego. A gente não tem respeitado os protocolos exatamente.

— Mickey. Eu não vou voltar — diz ele.

— Por que não? — pergunto.

— Porque eu não quero — responde taxativo. — Olha aqui. Eu me dou bem com as pessoas. Não faço marola. As pessoas gostam de mim. É fácil demais, entende? É fácil esquecer que o sistema está viciado. Não estou falando só da Filadélfia. Não estou falando só desses homicídios em especial. Estou falando da coisa toda. Do sistema todo. Poder demais nas mãos erradas. Está tudo fora do lugar.

Ele faz uma pausa. Inspira.

— Eu não consigo dormir — diz. — Entende o que estou dizendo? Gente morrendo. Não só as mulheres. Gente inocente. Gente desarmada. Eu não consigo dormir.

Isso provavelmente é o mais perto que Truman chegará de revelar sua posição política.

Passo um tempo em silêncio.

— Eu posso sair agora — diz ele. — Receber minha pensão. Arrumar outro emprego se quiser. Ir para a cama à noite com a cabeça mais tranquila. Tem gente morrendo — ele torna a dizer. — Gente morrendo por toda parte.

— Eu entendo — digo.

E, cada vez mais, eu concordo.

Truman liga para Mike DiPaolo enquanto vamos no meu carro até o seu.

— Tenho uma pergunta para te fazer — diz Truman. — Provavelmente não é coisa para você falar no trabalho. Consegue me encontrar no Duke's hoje à noite?

O Duke's é um bar em Juniata, perto de onde os dois cresceram. É o bar preferido de Truman, um estabelecimento que existe no bairro há décadas. Ele conhece todos os barmen. Só estive lá uma vez, num aniversário de Truman com um grupo de outros agentes. Mas, tirando essa vez, nunca. Não é um lugar que policiais frequentem, o que faz dele um bom lugar de encontro quando se quer falar sobre assuntos de trabalho.

Não consigo ouvir a resposta de DiPaolo, mas pelo visto a sugestão funciona para ele.

— Oito horas? — diz Truman. — Ótimo — diz em seguida. Ele desliga.

— Acha que pode chegar a essa hora? — pergunta ele para mim. E eu respondo:

— Vou dar um jeito.

Felizmente, de modo surpreendente, Bethany segura essa para mim. Ela pode ficar até mais tarde, diz. Sem problemas.

Quando chego, o Duke's está calmo e vazio. Paredes revestidas de madeira, iluminação fraca, uma mesa de bilhar nos fundos. É um dos poucos lugares da Filadélfia onde ainda se pode fumar e, embora ninguém esteja exercendo esse direito no momento, o ambiente ainda recende a tabaco velho.

Truman está sentado numa mesa embutida de canto, afastado de todo mundo. DiPaolo ainda não chegou. Há uma Corona na mesa à sua frente; é o único tipo de bebida alcoólica que eu já o vi tomar. Seu único vício não refinado. Ele já quase terminou a cerveja. Pergunto se quer outra.

— Claro — diz ele, e peço duas no bar. Uma para ele, outra para mim. Eu nunca fui muito de beber; quando Simon e eu estávamos juntos, até bebia com ele de vez em quando. Agora tento me lembrar da última vez em que tomei qualquer bebida alcoólica. Talvez há um ano. Nessa noite, a cerveja cai maravilhosamente bem.

DiPaolo entra no bar. Ele tem a mesma idade de Truman, pouco mais de cinquenta. Mas enquanto Truman poderia passar por alguém uma década mais novo, em DiPaolo a idade pesa, e seu

andar também é pesado. Ele é barrigudo e tem um ar cansado, um eterno rabugento simpático que de vez em quando se solta para valer. Na festa de aniversário de Truman naquele mesmo bar, DiPaolo ficou bêbado, pôs "Livin' on a Prayer" do Bon Jovi para tocar no jukebox, em seguida puxou um coro para todo mundo cantar. Eu gosto dele.

— Pela sua cara você precisava disso — diz ele para mim agora, apontando para a Corona e sem dizer oi.

— Precisava mesmo — digo eu. — Quer uma?

— Está de brincadeira comigo — diz ele. — Por acaso a gente está na praia? Um Jameson com gelo — diz ele para o barman. — E mais uma Corona para a senhora. Como vai, Pete?

Nós três nos acomodamos: Truman e eu de um lado da mesa, DiPaolo do outro. Truman lhe agradece por ter vindo, de modo um tanto formal, e DiPaolo sorri.

— Eu sei que lá vem coisa boa — diz ele. — Em que tipo de encrenca vocês dois estão metidos?

Truman olha para mim, e eu olho para DiPaolo por alguns instantes. Tempo demais. O sorriso no rosto dele se apaga.

— O que foi? — diz ele.

— Você conhece Simon Cleare? — pergunto.

Ele estuda meu rosto antes de baixar os olhos para o seu Jameson e tomar um gole. Sem fazer careta.

— Conheço — diz ele. — Conheço, sim.

— O quão bem? — pergunto.

DiPaolo encolhe os ombros.

— Um pouco — diz. — Encontrei com ele em algumas reuniões do departamento inteiro. Mas ele é da Sul — diz ele. — Então não significa que eu o veja todo dia.

Meço minhas palavras. É importante ficar calma, acho eu.

— Ele tem algum motivo para estar em Kensington durante o expediente? — pergunto. — Que você saiba.

DiPaolo me encara intensamente.

— Por quê? — pergunta ele.

Recosto-me no assento.

— Vi ele lá hoje — digo. — No meio do dia.

DiPaolo dá um suspiro. Olha para Truman tentando cruzar olhares, mas Truman não retribui. Então torna a se virar para mim.

— Se isso for algum tipo de... — Ele ergue as duas mãos no ar e traça círculos. — Se for algum tipo de briga de namorados, eu não posso mesmo me envolver.

Demoro para responder.

— Como assim? — pergunto.

— Olha — diz DiPaolo. — Eu não quero me meter onde não sou chamado. Mas todo mundo sabe sobre você e o Simon Cleare. E eu só não quero... — diz ele.

Não termina a frase. Dá um suspiro.

— Eu não sei por que ele estava em Kensington — diz —, mas ele pode ter tido os seus motivos, sabe?

Espero a raiva assentar antes de responder.

— Isso não tem nada a ver comigo — digo. — Estou tentando passar informações que você talvez possa usar no caso dos assassinatos de Kensington. Porque ninguém mais quer escutar.

— O que isso quer dizer? — pergunta DiPaolo.

— Não sei o quanto disso você já sabe — digo. Tomo um grande gole, então começo.

Conto-lhe sobre Paula Mulrone, e sobre a acusação que Paula fez. Conto a DiPaolo sobre Kacey, digo que ela está sumida. Sinto que não estou fazendo muito sentido, e de vez em quando olho para DiPaolo para verificar sua expressão, mas é difícil interpretá-la.

— Eu comecei dizendo isso ao sargento Ahearn — digo. — Voltei direto para a delegacia e falei para ele que precisava conversar. Senti que era uma informação que ele precisava ter, e quis respeitar o procedimento. Ele disse que estava ciente das acusações e que iria transmiti-las a quem de direito.

Faço uma pausa.

— Mas eu não sei se ele fez isso — digo. — E poucos dias depois de eu dizer a ele o que tinha escutado, recebi uma ligação da Corregedoria pedindo um encontro. Quando fui lá, eles disseram que eu estava sendo investigada. E me suspenderam.

Ao dizer isso em voz alta pela primeira vez, tudo assim de uma vez, levo um choque repentino com a injustiça de tudo aquilo.

A expressão de DiPaolo permanece neutra. Não faço ideia de quanto do que eu disse ele já sabia. Ele é bom no que faz.

— Tá bom — diz ele, por fim.

Aguardo.

— O que estou dizendo é que talvez seja alguém da corporação que está matando essas mulheres — digo eu. — O Simon é da corporação. E eu acabo de vê-lo num bairro que ele sempre me disse odiar.

DiPaolo aguarda. Aquilo lhe parece uma conclusão forçada. Posso perceber.

— Mais alguma coisa? — pergunta ele.

— Ele gosta de meninas novas — digo. — E ele não é... ético. Em se tratando dos seus relacionamentos.

DiPaolo mantém o rosto imóvel.

De repente me dou conta de como tudo isso parece loucura. Os fatos não estão a meu favor. Sei que estou agindo movida por um palpite, uma desconfiança, um instinto que não se traduz para o mundo exterior. Mesmo assim, quando digo tudo em voz alta minha convicção aumenta.

Estou olhando para baixo, para a mesa, mas pela visão periférica percebo DiPaolo olhar para Truman. Tentando mais uma vez avaliar o que ele pensa. DiPaolo pigarreja. Sei o que isso parece. Aqui estou eu, suspensa por motivos pouco nítidos, fazendo acusações bastante sérias contra alguém que já namorei com muito poucas provas. Ele deve pensar que eu sou louca. Uma ex-namorada louca.

— Eu não sou louca — digo, embora saiba que é inútil. Olho para Truman. — Diz para ele que eu não sou louca.

De repente me dou conta de que estou ficando bêbada. Estou no final da minha segunda cerveja.

— Ninguém está dizendo isso, Mick — diz Truman. Então balança a cabeça para mim de modo igualmente sutil. *Pare de falar.*

DiPaolo põe a mão na mesa.

— Olha, Mickey — diz ele. — Eu entendo o que você está querendo dizer, tá? Mas você precisa esquecer essa história, tá bom?

Contra minha vontade, deixo escapar um som não muito educado.

— *Ha* — digo.

DiPaolo olha para mim com uma expressão controlada.

— Você não sabe da missa a metade — diz ele.

— Em que sentido? — pergunto.

— Não tenho liberdade para dizer. Mas confia em mim.

Ele se levanta. Prepara-se para ir embora.

— Eu vou procurar a imprensa — digo de repente. — Tenho uma amiga que é jornalista numa estação de rádio da cidade. Ela vai ficar muito interessada numa história sobre corrupção policial em Kensington.

Penso em Lauren Spright. Imagino sua expressão caso me ouvisse chamá-la de amiga. Ela provavelmente riria de mim.

DiPaolo mantém o rosto impassível. Por baixo da mesa, Truman pousa a mão no meu joelho e aperta, uma vez só. *Pare*.

— É mesmo? — indaga DiPaolo.

— É — digo eu, ao mesmo tempo que Truman diz:

— Mick.

— Então vai lá — diz DiPaolo. — Faz isso. Sabe o que ela vai dizer?

Fico calada.

— Ela vai dizer que a gente pegou o cara — diz DiPaolo. — Porque desde as 4h35 da tarde de hoje isso é verdade. E mais ou menos às... — ele olha para o relógio em seu pulso. — Uns dez minutos atrás, um comunicado de imprensa foi distribuído para veículos de mídia local e nacional dizendo isso — continua.

Sinto minha boca se abrir.

— Mas se você quiser falar com ela sobre corrupção policial, fica à vontade — diz DiPaolo. — Talvez queira começar dizendo a ela por que foi suspensa.

Ele toma um último gole do seu Jameson. Dessa vez faz careta.

Não quero lhe dar a satisfação da pergunta. Mas não consigo me segurar.

— Quem é? — pergunto.

— Robert Mulvey Jr. — responde DiPaolo. — Na verdade eu acho que vocês dois se conhecem.

Assim que DiPaolo vai embora, pego meu celular. Não consigo olhar para Truman. Ele também não diz nada. Está sem dúvida constrangido por causa do meu comportamento.

Entro no site de várias estações de notícias locais, uma depois da outra. Recarrego as páginas várias vezes.

Minutos depois, a matéria aparece.

Detido suspeito pelos homicídios de Kensington, diz a manchete.

Robert Mulvey Jr. me encara do meu celular, sua foto oficial da polícia quase tão ameaçadora quanto a sua expressão na última vez em que o vi, na audiência.

Segundo a matéria, Mulvey foi preso hoje pelos assassinatos depois que uma denúncia anônima o colocou na cena do primeiro crime. Imagens de vídeo de um comércio próximo confirmaram sua presença lá. E uma base de dados de DNA da polícia do estado o vinculou à segunda e à terceira vítimas também.

Ergo os olhos depressa.

— Foi isso então — digo.

— Isso o quê? — pergunta Truman.

As primeiras palavras que ele diz em muito tempo.

— Foi por isso que eu o reconheci — digo. — Eu sabia que o tinha reconhecido. Vi ele nos trilhos da Gurney Street quando encontramos o corpo da primeira vítima. Eu disse: O senhor não deveria estar aqui. Ele me ignorou.

Lembro-me dele. Espectral e desafiador, com uma expressão estranha no rosto, recuando para o meio do mato.

Olho finalmente para Truman. Sua expressão está séria.

— Qual é o problema comigo? — digo. — O que foi que eu fiz?

Por fim, Truman solta uma expiração.

— Ai, Mick — diz ele. — Eu entendo. Acredita em mim, entendo mesmo. A sua irmã sumiu. Você está preocupada. É difícil raciocinar

direito.

— Ela deve estar rindo de mim — digo eu. — A Kacey. Provavelmente está por aí com algum namorado novo. Provavelmente está rindo de mim agora. Pensando que eu estou procurando por ela e rindo.

Estou balançando a cabeça. Talvez esteja mais decepcionada comigo mesma do que nunca. Por não ter feito eu própria a ligação com Mulvey. Por não o ter reconhecido quando ele reconheceu a mim, quando praticamente estava me provocando na minha cara. Por ter deixado minhas emoções atralharem os indícios concretos.

Sempre achei que eu daria uma boa investigadora. Acho que as últimas semanas me provaram definitivamente que nesse quesito eu estava equivocada.

Peço mais uma Corona. Então lembro do pedido de DiPaolo e peço um shot de Jameson, depois um segundo, depois um terceiro.

— Quer um? — pergunto para Truman, mas ele recusa.

— Vai devagar, Mickey — diz Truman, mas eu não quero ir devagar. Quero ir mais depressa, passar depressa por esse momento da minha vida e sair do outro lado.

— Tá bom — digo eu, contrita. Posso sentir a língua ficar mais pesada dentro da minha boca. Cheguei ali dirigindo, mas sei que não deveria voltar para casa de carro. Quero encostar a cabeça na mesa e dormir.

Ele hesita por algum tempo.

— A culpa é minha — diz, por fim. — Fui eu quem coloquei essa ideia na sua cabeça. Eu nunca gostei do cara. E tem tantos boatos sobre ele que eu só pensei que...

Ele não termina a frase.

— É fácil se deixar levar, sabe? — diz Truman. — Depois do que ele fez com você. Eu nunca gostei desse cara — repete ele.

Nós dois passamos um tempo em silêncio.

— Isso ainda não explica o que ele estava fazendo lá — digo eu por fim.

Ele dá de ombros.

— Vai ver ele estava infiltrado — diz. — Esse negócio acabou virando um caso de grande exposição. Todo mundo está fazendo a sua parte. Vai ver eles estão mandando caras que acham que serão rostos novos no bairro.

Faço que não com a cabeça.

— Ele é investigador — digo. — Não é da Costumes.

— Vai saber — diz Truman. — Nem você nem eu estamos exatamente por dentro das coisas no momento.

Olho para ele sob a luz forte do lustre pendurado numa corrente acima da nossa mesa. É um lustre Tiffany. Louis Comfort Tiffany, fato interessante, passou algum tempo aqui na Pensilvânia ao frequentar a academia militar de West Chester. Só que o lustre acima de nós não parece de boa fabricação. Parece uma luz de interrogatório num velho filme de detetive. E ocorre-me que o meu trabalho engolfou por inteiro a minha vida, que tudo que eu faço, penso e vejo está filtrado pela lente do meu trabalho. Meu trabalho, que eu talvez não tenha mais quando DiPaolo mandar avisar a Corregedoria sobre o que eu ando fazendo. Começo a rir.

— Não dá para fugir — digo. — Realmente não dá para fugir.

Truman não parece saber do que estou falando. Está olhando para mim com um ar preocupado. Na verdade sua expressão é quase de afeto. Como se ele pudesse estender a mão e tocar a lateral do meu rosto.

— Você vai ficar bem, Mickey? — pergunta ele. — Estou preocupado com você.

— Eu vou ficar ótima — respondo.

Continuo a rir, agora um pouco descontrolada.

— Vamos — diz Truman. — Vou te dar uma carona para casa.

Tropeço só um pouquinho quando estou saindo pela porta. Truman me segura pela cintura e mantém o braço ali enquanto percorremos a calçada em direção ao carro. Tenho consciência da sua força, da sua mão no meu flanco. Reteso os músculos ali. Tenho consciência do aroma muito tênue do que suponho ser seu sabão de lavar roupa. Isso é o mais perto que já cheguei de Truman, e não é

desagradável. Na verdade é agradável. Muito agradável ter outra pessoa me segurando. Passo o braço em volta dele também, e encosto a cabeça na sua.

Ele está estacionado na rua a um quarteirão do Duke's. Me conduz até o lado do carona, e fico parada de frente para ele diante da porta enquanto ele dá dois cliques num botão da sua chave. O carro emite dois bipes. O ruído ecoa pela rua silenciosa.

Ele se inclina pela minha frente para acionar a maçaneta. Não me movo.

— Mick, eu vou abrir essa porta para você — diz ele.

Olho para o seu rosto. E de repente compreendo algo novo em relação ao mundo, e em relação a Truman e a mim. Parece-me tão óbvio nesse momento que eu rio, só por um instante: ele esteve ali o tempo todo, bem ao meu lado por quase uma década. Como eu nunca percebi? Truman respira no mesmo ritmo da minha respiração. Agora acelerado. Nós dois.

Dou-lhe um beijo no rosto.

— Mick — diz Truman. Põe uma das mãos no meu ombro.

Levo a mão ao seu rosto como o imaginei mais cedo fazendo comigo.

— Ei — diz Truman. Mas não se afasta.

Dou-lhe um beijo na boca. Ele fica ali, só por um instante. Retribuindo. Mas então recua.

— Não — diz Truman. — Isso não está certo, Mickey.

Ele dá uns dois passos para trás e abre um espaço entre nós.

— Não está certo, Mick — repete ele.

— Está, sim — digo eu. — Está certo, sim.

Ele contrai o maxilar.

— Olha, eu estou saindo com uma pessoa — diz ele.

— Quem? — pergunto, sem pensar.

Mas já sei a resposta antes que ele fale. Penso na fotografia na mesa de apoio de Truman, uma família feliz. Suas lindas filhas. Sua linda esposa. Penso na mãe de Truman, cética ao abrir a porta para mim. *Protetora*, disse ele.

Truman hesita.

— É a Sheila, Mickey — diz ele por fim. — A gente está voltando. Está tentando fazer as coisas darem certo.

Ficamos os dois calados no trajeto para casa. Não digo nada nem quando desço do carro.

Bethany me observa quando entro no apartamento com um olhar de avaliação. Esforço-me muito para não chegar perto demais dela, mas tenho certeza de que, quando a pago, ela consegue sentir o cheiro do meu hálito.

Acordo sentindo mais vergonha do que jamais senti na vida. Lembranças me voltam à mente, primeiro devagar, depois depressa. Cubro o rosto com as mãos.

— Não — digo. — Não, não, não, não, não.

Thomas, que pelo visto entrou de fininho no meu quarto durante a noite, acorda no pé da cama.

— O que foi, mamãe? — pergunta ele.

Olho na sua direção.

— Eu esqueci uma coisa — digo.

Como de costume, Bethany está atrasada. Enquanto espero ela chegar, permito a mim mesma me entregar a uma fantasia particularmente deliciosa: talvez eu a mande embora assim que ela entrar pela porta. Estou suspensa, mesmo, e portanto na verdade no momento não preciso dos seus serviços. Mas duas coisas me impedem de dar vazão a esse impulso: a primeira é que hoje preciso ir a Juniata pegar meu carro, e preferiria não ter de explicar para Thomas como ele foi parar lá. A segunda é que, supondo que eu consiga meu emprego de volta, vou precisar de alguém para cuidar do meu filho, e encontrar rapidamente uma segunda pessoa com a agenda flexível de Bethany parece complicado, para não dizer impossível.

Quando ela finalmente chega, portanto, eu finjo estar saindo para trabalhar. E ela de fato se desculpa, pela primeira vez desde

que nos conhecemos, por estar chegando tarde. Não se maquiou nesse dia, diferentemente dos outros, e sem maquiagem parece muito jovem.

Sou pega de surpresa pela sua sinceridade.

— Bom — digo. — Não tem problema. Não se preocupe. O Thomas pode assistir a um desenho hoje — acrescento. — Você pode decidir em que momento.

Descubro que um táxi do meu apartamento em Bensalem até Juniata custa US\$38,02, sem contar a gorjeta. Fato que nunca precisei saber.

Depois que o táxi me deixa lá, entro no meu carro e saio dirigindo.

Dou-me conta de que o dia é meu, para fazer o que eu quiser. Faz muito tempo que eu não tenho esse luxo. Faz muito tempo que eu não me sinto tão sem objetivo, sem trabalho, sem filho para cuidar, sem nenhuma missão autoimposta.

Percorro Kensington, a área do 24º Distrito. De folga, posso me dar ao luxo de reparar em coisas no bairro nas quais nunca reparo quando estou trabalhando: o modo como determinados terrenos pequenos e vazios foram convertidos por vizinhos em parquinhos improvisados, com balanços de segunda mão doados enferrujando num canto e cestas de basquete precárias presas a grades de ferro. As lojas de aparelhos eletrônicos usados que expõem suas mercadorias na calçada, máquinas de lavar e geladeiras amassadas e com um aspecto cansado, soldados em pé enfileirados.

Dessa vez não estou na minha viatura, e as mulheres por quem passo nem sequer olham para mim. Um menino jovem num triciclo motorizado para ao meu lado no sinal, depois me ultrapassa quando o sinal fica verde.

Sinto o súbito impulso de ver minha antiga casa em Port Richmond, e sigo nessa direção. A casa agora pertence a um jovem mauricinho de vinte e poucos anos (ou, para ser mais exata, aos seus pais, segundo os documentos que assinei). Então sigo em

direção a Fishtown, onde passo em frente à casa de Gee, a casa na qual cresci. Nesse dia ela parece desabitada. Escura por dentro.

Chega a hora de voltar para casa. Ao passar em frente ao Bomber Café, porém, decido por impulso dar uma entradinha. Estou sem uniforme hoje, e quando entro ninguém sequer pisca. Por um instante, permito-me imaginar uma vida diferente para mim e para Thomas, na qual iríamos ali nos finais de semana para ler o jornal. Na qual eu teria tempo de lhe ensinar tudo que lhe desperta curiosidade, de lhe proporcionar uma existência leve e tranquila, de lhe comprar um muffin de cinco dólares bem grande da vitrine na minha frente, ou as frutas frescas com iogurte numa tigela de cerâmica azul que o rapaz no balcão está agora entregando a um cliente. Imagino-me conhecendo esse rapaz, conhecendo todas as pessoas que trabalham ali. Imagino-me indo a outros restaurantes também nos meus dias de folga, vários deles, e passando horas sentada em cada um. Levando um caderno de desenhos, quem sabe, e desenhando o espaço à minha volta. Eu antes gostava de desenhar.

Estou na fila pensando no que vou pedir quando alguém chama meu nome mais atrás.

— Mickey? — diz a pessoa. Uma mulher. — É você?

Na mesma hora fico tensa. Não gosto da sensação de ser pega desprevenida. De ser observada quando não estou preparada para ser vista.

Viro-me sem sair do lugar e vejo que a voz veio de Lauren Spright, a mãe de Lila. Ela hoje está usando um gorro de crochê soltinho e um moletom todo estampado de estrelas.

— Oi! — diz Lauren. — Que bom te encontrar. Fiquei pensando em como você estava desde...

Ela se interrompe, pensando em como formular a frase.

— Desde a festa — diz.

— Ah — digo eu. Passo o peso do corpo de uma perna para a outra. Ponho as mãos nos bolsos da calça. — É, me desculpa por aquilo — digo. — Foi um vexame.

— Como o Thomas está? — pergunta Lauren.

— Ele está bem — respondo, depressa demais. Não é da sua conta, é o que quero dizer. Mas sinto algo de genuíno em Lauren: sua preocupação não é nem superficial, nem fofoqueira.

— Que bom — diz Lauren. Sincera. — Escuta — diz ela. — Vocês querem ir na nossa casa um dia? A Lila fala no Thomas diariamente. Seria legal juntar os dois outra vez.

— Pois não? — diz o rapaz atrás do balcão, impaciente. Não tinha me dado conta de que havia chegado ao começo da fila.

— Tá bom — digo para Lauren. — Sim. Seria ótimo.

Lauren está recuando para me deixar pedir.

— Eu ligo para você — diz ela.

Café em mãos, sigo no sentido sul pela Frankford, depois sentido norte pela avenida Delaware. Então, surpreendendo a mim mesma, dobro no estacionamento que margeia o píer que Simon e eu costumávamos frequentar. A beira do rio mudou desde aquela época: hoje o Cassino SugarHouse se assoma ao sul. Novos estacionamentos pipocaram por perto, e novos prédios de condomínios dão para o rio.

Mas o píer continua o mesmo: ainda decrépito, coalhado de lixo, praticamente abandonado. O mesmo grupo de árvores, agora desfolhadas pelo inverno, ainda oculta a visão da água.

Estaciono e salto do carro. Caminho entre as árvores sem folhas, afasto galhos, passo por cima do mato. No píer de madeira, ponho as mãos nos quadris. Penso em Simon. Penso em mim mesma sentada ali, dezoito anos de idade, meia vida atrás. Penso em que tipo de homem, que tipo de pessoa se esforçaria tanto para conquistar o afeto de uma criança. Porque no fim das contas era isso que eu era.

À uma da tarde estou cansada, provavelmente de ressaca, e começando a ficar enjoada. Vou dispensar Bethany mais cedo. Dar-lhe a tarde de folga. Saio do estacionamento, entro na 95 e sigo no sentido norte.

Quando abro a porta do apartamento está tudo em silêncio. De vez em quando Thomas ainda tira um cochilo à tarde por volta desse horário, embora isso seja cada vez mais raro.

Tiro o casaco e o penduro num gancho. Espio a cozinha ao passar. Está cheia de louça suja do café da manhã e do almoço, e Bethany não está visível em lugar nenhum. Inspiro fundo. Expiro. Essa é outra conversa que eu venho querendo ter com ela: *Se você pudesse ir arrumando as coisas ao longo do dia...*

Então digo a mim mesma: Escolha suas batalhas.

Desço o corredor. A porta de Thomas está fechada. Se ele estiver dormindo, não quero acordá-lo.

A porta do banheiro também está fechada. Fico parada alguns instantes do lado de fora, à escuta. Trinta segundos se passam e não ouço nenhuma água correndo, nenhum barulho lá dentro.

Por fim, com delicadeza, bato na porta.

— *Bethany?* — sussurro.

Tento a maçaneta por fim, e abro uma nesga da porta.

— *Bethany?* — repito.

Por fim, abro a porta de par em par. Não há ninguém lá dentro.

Giro nos calcanhares. Abro a porta do outro lado do corredor. O quarto de Thomas. A cama dele está desfeita, mas vazia.

Então chamo:

— Olá? — digo. — Thomas? Bethany?

O apartamento continua em silêncio.

Corro até meu próprio quarto, então me viro e corro de volta até a frente do apartamento, enlouquecida atrás de um bilhete, de alguma pista sobre onde eles possam estar.

O carro de Bethany estava parado em frente a casa. E está frio demais para eles terem saído a pé, acho eu — não que Bethany algum dia tenha sido chegada em caminhar, mesmo o tempo estando bom.

Corro até o lado de fora e torno a descer a escada dos fundos sem me importar em vestir um casaco. Pulo por cima do patamar, dou um giro de cento e oitenta graus no pé da escada e contorno a casa depressa. O vento corta através do meu suéter.

Olho dentro do carro de Bethany ao passar. Mas ele também está vazio. Reparo que o elevador de assento que comprei para Thomas ainda não foi instalado.

Esmurro a porta da frente da sra. Mahon. Então toco também a campainha.

Tenho pensamentos desconexos e horríveis. Imagino o corpo do meu próprio filho estendido e sem vida, uma versão das muitas vítimas que já encontrei durante meus anos na polícia. Por algum motivo só vi uma criança morta, uma menina de seis anos atropelada em Spring Garden. Chorei. A imagem dela nunca me saiu da cabeça.

Toco a campainha outra vez.

A sra. Mahon enfim atende, piscando através dos óculos grandes, vestida com um roupão de banho marrom atalhado e com chinelos nos pés.

— Está tudo bem, Mickey? — pergunta ela ao ver minha expressão.

— Não estou encontrando o Thomas — digo. — Deixei ele com a babá hoje de manhã, e agora eles sumiram. Não tem nenhum bilhete.

O rosto da sra. Mahon empalidece.

— Ah, não — diz ela. — Ah, não, eu não vi os dois hoje.

Ela espia pela porta da frente.

— O carro dela ainda está aqui, não está? — diz.

Mas eu já saí correndo. Contorno a casa outra vez e torno a subir correndo até o apartamento, onde pego meu celular e ligo para Bethany, que não atende, em seguida lhe mando uma mensagem de texto.

Cadê vocês?, escrevo. Me liga por favor. Estou em casa.

É então que as palavras de Connor McClatchie surgem na minha mente como um alarme de incêndio. *Você tem um filho*, disse-me ele. *Thomas, não é?*

Demoro dez segundos para avaliar minhas alternativas.

No fim das contas, ligo para a emergência.

Eu nunca interagi com a polícia de Bensalem. É um departamento pequeno, mas muito profissional. Em minutos, a casa vira uma cena de crime. Dois agentes de patrulha são os primeiros a chegar, um rapaz jovem e uma mulher mais velha, e eles me interrogam rapidamente.

No andar de baixo, a sra. Mahon está sendo interrogada em separado.

É estranho estar trabalhando com um departamento de polícia fora da Filadélfia. Parece-me razoável pensar que o fato de eu própria ser policial poderia ser útil para mim nesse momento, e no entanto não consigo pensar em ninguém a quem pudesse recorrer. Todos os contatos que eu tenho — Mike DiPaolo, Ahearn, Simon, agora até Truman — me parecem perdidos, por diferentes motivos. Até mesmo minha própria família está perdida para mim. Não consigo pensar em absolutamente ninguém para quem ligar, e num segundo a profundidade da minha solidão se torna real. O mundo se fecha à minha volta, um pouco mais apertado, um pouco mais apertado, até minha respiração ficar rasa e acelerada.

— Calma — diz a policial mulher com delicadeza, reparando. — Calma. Respire fundo.

Nunca em toda minha vida estive desse lado de um interrogatório. Faço o que ela diz.

— O que a senhora sabe sobre essa babá? — pergunta a policial.

— O nome dela é Bethany Sarnow — respondo. — Acho que tem vinte e um anos. É maquiadora nas horas vagas. De vez em quando faz aulas num curso técnico. On-line, acho eu.

A policial assente.

— Tá — diz ela. — Sabe o endereço da casa dela?

Minha mente é um branco.

— Não — respondo. — Na verdade não sei.

Eu pago Bethany em dinheiro vivo. Por fora. Duas vezes por mês.

— Tá — diz a policial. — E os amigos e parentes dela? Consegue pensar em alguém com quem entrar em contato?

Mais uma vez faço que não com a cabeça. Recriminando a mim mesma. Eu tive exatamente uma referência para Bethany, sua instrutora na academia de maquiagem, e nem mesmo ela sou muito empolgada, para ser sincera comigo mesma.

— Estou preocupada com uma coisa — digo, sentindo a garganta travar. — Uma coisa em especial.

— O que seria? — pergunta a policial. Seu parceiro, o rapaz jovem, agora se juntou a ela após dar uma olhada superficial no apartamento. Sei como o lugar deve lhe parecer: vagabundo, malconservado, bagunçado. Não o tipo de lugar no qual se recebe convidados.

— Minha irmã também sumiu — digo eu. — Pelo menos eu não sei onde ela está. E tem pessoas que sabem que eu estou procurando por ela e talvez não estejam felizes com esse fato. Além disso, eu sou agente de patrulha no 24º Distrito do DPF, mas estou sob investigação no momento. Mas é por causa de um mal-entendido. Ou talvez tenha sido armação.

Os agentes trocam um olhar rápido, mas que não me escapa. Já estive no lugar deles. Sei como devo estar soando.

— Não, não — digo. — Não é isso. Eu sou agente. Sou policial. Só que estou suspensa agora porque...

Não termino a frase. Pare de falar, penso. Apenas pare de falar. Também ouço Truman dizendo isso no meu ouvido.

— Porque...? — diz o rapaz. Ele coça o nariz.

— Deixa para lá — digo eu. — Não é importante. Só estou preocupada com um possível rapto.

A policial torna a mudar de posição.

— O que a faz pensar que seu filho pode ter sido raptado? — pergunta. — Está preocupada com alguém em especial?

— Sim — respondo. — Connor McClatchie. Mas tem outras possibilidades também.

O policial desce o corredor para ir mandar um rádio para a central. Não consigo ouvir exatamente o que ele diz. A mulher continua a me interrogar, e aos poucos mais e mais pessoas vão chegando.

Nesse exato momento, alguém começa a esmurrar horrivelmente a porta.

Pelo vidro da lateral eu vejo o rosto da sra. Mahon, seus cabelos revoltos, a expressão inescrutável.

— Me deixem entrar — ela está dizendo através da porta.

— Eles voltaram — diz a sra. Mahon quando abro a porta. Está olhando diretamente para mim, ignorando todas as outras pessoas presentes.

É preciso todo meu esforço para não desabar de joelhos no chão, segurar a cabeça com as mãos e cair no choro.

— Onde eles estão? — pergunto.

— No acesso de carros — diz a sra. Mahon. — Tem um homem com eles.

Saio correndo porta afora, ignorando o policial que diz:

— Só um instante, senhora, por favor.

Desço a escada voando, seguida mais lentamente pela sra. Mahon, dou a volta na casa, e ali está Thomas, com um ar sério, um pouco afastado, junto a uma investigadora agachada ao seu lado com o rosto a poucos centímetros do seu, conversando com ele.

Vou até Thomas. Pego-o no colo. Ele enterra o rosto no meu pescoço.

Corro os olhos em volta.

Ali está Bethany, aos prantos. Ao seu lado está um rapaz que não reconheço. Ele foi algemado. Tem o rosto vermelho e uma expressão enfurecida.

Mais tarde descobrirei que aquele é o namorado de Bethany. Que os dois acharam boa ideia ir ao shopping, levar Thomas com eles no carro do namorado sem estarem equipados com uma cadeirinha, um carro no qual o banco de trás nem sequer tem cintos de segurança que funcionam. Os dois acharam boa ideia fazer isso sem deixar nem mesmo um bilhete ou mandar uma mensagem de texto. (*Pensei que você fosse ficar brava*, dirá Bethany para mim, e eu

direi: *Correto.*) Em meia hora mandarei Bethany embora, e Bethany me pedirá, sem qualquer ironia ou compunção, uma referência.

Por enquanto, porém, fecho os olhos. Sei que há pessoas falando comigo, mas não consigo escutá-las. Escuto apenas a respiração do meu filho, não sinto nada exceto as batidas do meu próprio coração, e nenhum cheiro a não ser, à minha volta, o do ar limpo do inverno.

Mais tarde nessa noite, outra batida em minha porta faz eu me sobressaltar.

Vejo novamente o rosto da sra. Mahon me olhando por entre as cortinas de renda que cobrem a janela, tão perto do vidro que sua respiração o embaça.

Estou cansada. Agora quero apenas descansar, me aconchegar no sofá junto a Thomas e ficar vendo televisão.

Mas ao ver a sra. Mahon, Thomas dá um pulo, animado.

— Oi! — grita ele. Desde o dia que passou com ela quando nevou, ele tem demonstrado uma reverência especial pela sra. Mahon, e acenado animadamente para ela toda vez que nos cruzamos.

Então corre até a porta e a abre para ela, e eu digo:

— Entre.

A rajada de ar frio que entra no apartamento faz uma porta nos fundos bater.

A sra. Mahon vem trazendo nas mãos dois objetos: um é uma garrafa embrulhada em papel pardo, outro, um objeto retangular embrulhado em papel de presente com motivos natalinos. Há uma pequena protuberância no centro do segundo.

— Vim só ver como vocês estão — diz ela. — Depois do que aconteceu. E trazer estas coisas.

Com uma postura rígida, ela estende a garrafa na minha direção e o presente na direção de Thomas. Seu discurso é formal e ela parece nervosa.

— É muita gentileza sua — digo eu. — Não precisava.

Mas seguro a garrafa nas mãos.

— É só limonada — diz a sra. Mahon antes de eu conseguir abri-la. — Eu faço para mim mesma. Coloco em garrafas e deixo na geladeira. Se estiver azeda demais você pode adoçar — diz ela. — Eu gosto azedinha.

— Eu também — digo. — Muito obrigada.

Thomas então abre o seu embrulho. Quando o papel é retirado vejo que é um tabuleiro de xadrez e um saco plástico com as peças. E por um instante fraquejo.

Quem olha para mim é Thomas, não a sra. Mahon.

— O que foi? — pergunta ele.

— É um xadrez — digo baixinho.

— Já fez? — diz Thomas.

— Xadrez — diz a sra. Mahon. — É um jogo. O melhor jogo do mundo.

Thomas agora está tirando delicadamente todas as peças do saco, por ordem de tamanho: primeiro os reis, depois as rainhas, depois os bispos, depois os cavalos, depois as torres, depois os peões. A sra. Mahon vai dizendo os nomes das peças conforme elas aparecem. Eu me reteso ao escutar essas palavras. Não as ouvia em voz alta desde a minha adolescência. Desde Simon.

Thomas pega os bispos e ergue um deles para a sra. Mahon.

— Este daqui é mau? — pergunta.

A peça de fato tem um ar ameaçador: opaca, sem olhos, a fenda do chapéu parecendo um cenho franzido.

— Elas são más e boas ao mesmo tempo, todas as peças — responde a sra. Mahon. — Depende.

Thomas olha para ela, em seguida para mim.

— Mamãe — diz ele. — A sra. Mahon pode jantar com a gente?

Eu estava querendo passar uma noite tranquila em casa com meu filho. Mas agora, é claro, não há alternativa senão dizer sim.

— Claro — respondo. — Janta conosco, sra. Mahon?

— Com prazer — diz ela. — Mas você precisa saber que eu sou vegetariana.

A sra. Mahon é cheia de surpresas.

Vasculho meus armários, minha geladeira e meu congelador. Não há quase nada para servir. Por fim, decido que posso lhe

oferecer espaguete com molho de tomate pronto, já um pouco passado da data de validade. Para completar a refeição, brócolis congelado.

Infelizmente a conversa não flui com facilidade, e sirvo o jantar assim que posso.

Nós três nos sentamos ao redor da minha pequena mesa. Deixo a sra. Mahon na cabeceira, e sirvo sua tigela de massa primeiro. Thomas e eu nos sentamos de frente um para o outro. Nós três tomamos copos da limonada que ela trouxe. A bebida tem hortelã fresca, que a sra. Mahon diz cultivar em casa. O gosto parece um lembrete já muito atrasado de que existe uma estação chamada verão. Thomas termina a sua em três goladas.

Longos silêncios entre garfadas preenchem o espaço, e então percebo que Thomas começa a ficar nervoso. Ele quer que as adultas do recinto se deem bem.

Pigarreio.

— A senhora sempre morou em Bensalem? — pergunto por fim.

— Ah, não — responde ela. — Não. Eu fui criada em Nova Jersey.

— Entendi — digo. — É um estado muito bonito.

— É mesmo um estado muito bonito — concorda a sra. Mahon.

— Eu fui criada numa fazenda. Não tem muita gente que pensa em fazendas quando pensa em Nova Jersey. Mas eu sim.

Todos nós então recomeçamos a comer. A sra. Mahon fica com um grande pingo de molho de espaguete no seu suéter de renas, e eu me sinto de certa forma responsável. Rezo para ela não reparar, nem agora nem mais tarde, para aquilo não lhe causar constrangimento.

Thomas olha para mim. Eu olho para Thomas.

— O que a trouxe para esta região? — pergunto à sra. Mahon.

— As irmãs de São José — responde ela.

Faço que sim com a cabeça. Estou recordando a fotografia de turma na parede da casa dela, aquela na qual reparei quando fui buscar Thomas no final daquele dia em que nevou.

— A senhora estudou numa escola dessas freiras? — pergunto.

— Não — responde ela. — Eu fui uma delas.

— Foi uma delas — repito.

— Sim — diz ela.

— Freira.

— Por vinte anos.

Por que a senhora foi embora, eu quero lhe perguntar, mas sinto que isso talvez seja grosseiro.

Depois do jantar, Thomas vai até o tabuleiro de xadrez que a sra. Mahon trouxe para ele e começa a posicionar as peças.

— Venha cá — diz a sra. Mahon, dando um tapinha no sofá, e lhe ensina onde ficam todas as peças e como elas se movimentam.

Enquanto eles jogam, tiro a mesa e depois lavo a louça devagar, à mão. Meus ombros relaxam, e de repente me dou conta de que passei meses com eles encostados nas orelhas. Sinto o relaxamento específico de quem compreende que outra pessoa está cuidando bem do seu filho. Um instante de introspecção pura e tranquila, sem o peso de qualquer culpa.

Depois deixo Thomas me ensinar o que acabou de aprender, fingindo que não sei. Então Thomas e a sra. Mahon jogam uma partida. A sra. Mahon o aconselha em cada decisão — *Tem certeza de que quer fazer isso?*, e *Volte com essa peça*, e *Espere, espere, pense um pouco* — até por fim, e de modo inteiramente falso, Thomas poder dizer: *Xeque-mate*.

Ele comemora com as mãozinhas para cima na posição de *touchdown* que seu pai um dia lhe ensinou.

— Ganhei! — diz Thomas.

— Com ajuda — digo eu.

— Uma vitória justa — diz a sra. Mahon.

Mais tarde, a sra. Mahon fica esperando no sofá enquanto levo Thomas até a cama. A pedido dele, deixo uma luz fraca acesa no canto e lhe entrego um compêndio de super-heróis que lhe dei de presente no seu último aniversário.

— Eu te amo — diz Thomas.

Fico dura. Não é uma frase que eu use com frequência. Com certeza Thomas deve saber o quanto eu o amo pelos meus atos, pelo modo como cuido dele, pelas diversas maneiras como me dedico a ele e ao seu bem-estar. Nunca confiei nas palavras, sobretudo naquelas usadas para descrever emoções internas, e algo nessa expressão me parece artificial. Falso. A única pessoa que já me disse isso em toda minha vida, que eu me lembre, foi Simon. E, bem, basta ver como isso acabou.

— Onde você aprendeu isso? — pergunto.

— Na televisão — diz Thomas.

— Eu também te amo — digo.

— Eu te amo mais — torna a dizer ele.

— Tá, chega — digo eu. — Vai dormir. — Mas estou sorrindo.

Na sala, a sra. Mahon está cochilando de leve. Pigarreio alto várias vezes, e ela se senta sobressaltada.

— Ai, ai — diz. — Que dia longo.

Leva as mãos aos joelhos como se fosse levantar, então olha para mim e muda de ideia.

— Mickey — diz ela. — Estive pensando em falar com você, sabe? Eu teria prazer em ficar com o Thomas de vez em quando. Ele é um bom menino. E sei que você está passando por um momento difícil.

Balanço a cabeça.

— Não precisa — digo.

Mas a sra. Mahon está me olhando com uma expressão firme e calma que me diz que está falando sério, e que não quer ouvir desculpas. Ela de repente me faz pensar em algumas das freiras mais severas da primeira escola de ensino fundamental em que estudei.

— Ele precisa de constância — diz a sra. Mahon. — Não parece estar tendo muita no momento.

Pela primeira vez nessa noite, fico incomodada. Ali está ela: a sra. Mahon que eu esperava, aquela que vive me dizendo como empacotar minhas compras e como cuidar do meu filho.

Ela começa a falar outra vez, mas eu a interrompo.

— Nós estamos bem, obrigada — digo. — Está tudo sob controle.

Um silêncio se instala no recinto. A sra. Mahon baixa os olhos para o tabuleiro de xadrez. Levanta-se com dificuldade e alisa a calça.

— Vou deixar você sozinha agora — diz ela. — Obrigada pelo jantar.

Quando ela está abrindo a porta, surpreendo a mim mesma.

— Por que a senhora largou a ordem? — pergunto. Fiquei pensando nisso desde que a sra. Mahon comentou a respeito. E pelo visto nós agora estamos entrando em temas pessoais.

— Eu me apaixonei — ela simplesmente diz.

— Por quem? — pergunto.

Ela torna a fechar a porta devagar.

— Por Patrick Mahon — diz. — Um assistente social. Uma pessoa muito boa.

— Como a senhora se chamava antes de virar sra. Mahon? — pergunto.

Ela sorri. Olha para baixo. Anda até o sofá e, com esforço, senta-se. Vou me sentar ao seu lado.

— Eu nasci Cecilia Kenney — responde ela. — Depois virei irmã Katherine Caritas. Depois virei Cecilia Mahon. E sou até hoje — diz.

— Como conheceu Patrick Mahon? — pergunto.

— Ele trabalhava no hospital de São José, que a nossa ordem ajudava a administrar — diz ela. — Orientava famílias que apareciam com filhos doentes. Famílias pobres, sabe? — diz ela. — Ou famílias que não falavam inglês, ou cujos pais eram suspeitos de abuso ou negligência. Esses eram os casos mais difíceis — diz ela. — Ele trabalhava de sol a sol no hospital. Eu o conheci quando fui encarregada de cuidar dos bebês na UTI neonatal. Me formei em enfermagem. Muitas de nós irmãs éramos enfermeiras.

Ela faz uma pausa.

— Nós nos apaixonamos — ela torna a dizer. — Eu saí da ordem. Nos casamos. Eu tinha quarenta anos.

— Foi muita coragem sua — digo, depois de uma pausa.

Mas a sra. Mahon balança a cabeça.

— Coragem não — diz ela. — Eu fui covarde, isso sim. Mas não me arrependo.

Tenho medo de perguntar o que aconteceu com ele. Com Patrick.

— Ele morreu faz cinco anos — diz a sra. Mahon. — Se você estiver curiosa. Nós moramos juntos por vinte e cinco anos, aqui nesta casa debaixo da sua. Aqui era o estúdio dele — diz ela, indicando com um gesto o apartamento em volta. — Ele pintava, sabe? Pintava e esculpia.

— Eu sinto muito — digo. — Sinto muito pela sua perda.

Ela encolhe os ombros.

— Assim é a vida — diz ela.

— Aqueles lá embaixo são os quadros dele? — pergunto.

Ela assente. Toca uma torre com o dedo e a move duas casas para a frente. Duas casas para trás. Me olha por cima da armação dos óculos.

— São muito bonitos — eu digo. — Gostei dos quadros.

— Mickey, você tem família? — pergunta ela.

— Mais ou menos — respondo.

— Como assim? — pergunta a sra. Mahon.

Então eu lhe conto. Por algum motivo, há menos coisas em jogo com a sra. Mahon. Conto-lhe sobre Kacey e Simon. Conto-lhe sobre Gee. Sobre minha mãe e meu pai. Sobre meus numerosos primos que moram ao mesmo tempo perto e longe. Que me conhecem e não me conhecem. Conto-lhe tudo que sempre temi que fosse afastar as pessoas. Os fardos que carrego e que são quase excessivos para qualquer um suportar.

A sra. Mahon não se mexe enquanto falo, e mantém o olhar focado, a postura alerta. Sinto-me mais ouvida do que jamais me senti.

Tenho uma lembrança de ter feito minha primeira confissão aos seis anos de idade, antes de fazer a Primeira Comunhão: do terror que senti, de Gee me dizendo para ficar quieta, para me acalmar, para calar a boca e inventar alguma coisa; e depois de ser empurrada para dentro de um pequeno cubículo para confessar a

uma voz desencarnada meus pecados inexistentes. Na provação desse ato. Na vergonha.

Essa versão da confissão teria sido muito mais adequada, penso. Toda criança de seis anos deveria ter uma sra. Mahon com quem conversar num sofá confortável.

Ao final da minha história, sinto-me tão tranquila, tão maravilhosamente compreendida que é quase como se tivesse adentrado uma outra dimensão. Há muitos anos não me sinto tão calma.

— Sra. Mahon — digo. — A senhora ainda acredita em Deus?

É uma pergunta boba, frívola, algo que nunca perguntei a ninguém com exceção de Kacey, quando era mais nova, e de Simon.

Mas a sra. Mahon assente devagar.

— Acredito — diz ela. — Acredito piamente em Deus e na obra das Irmãs. A maior tragédia da minha vida foi ter deixado o convento. Mas a maior alegria da minha vida foi ter me casado com Patrick.

Ela move a mão e olha primeiro para a palma, depois para as costas.

— Dois lados da mesma história — diz.

Faço como ela e inspeciono minha mão. As costas são duras, castigadas pelo tempo, irritadas pelo frio da estação. Isso acontece todo inverno com quem trabalha na rua. A palma é sensível e macia.

— Eu não sou mais enfermeira, mas ainda faço trabalho voluntário no hospital de São José, sabe? — diz a sra. Mahon. — Desde que Patrick morreu. Vou lá semanalmente, duas vezes por semana. Vou ninar os bebês — diz ela.

— Vai o quê?

— Os bebês que nascem de mães viciadas — diz ela. — Cada vez mais bebês nesta cidade estão nascendo de mães que nunca pararam de se drogar. E depois eles somem. As mães e os pais, quero dizer. Voltam para a rua assim que o bebê nasce. Ou então em alguns casos são proibidos de visitar. Então os bebês entram em abstinência e precisam que alguém os pegue no colo — diz ela. — Ficar no colo diminui sua dor.

Passo tanto tempo em silêncio que a sra. Mahon põe a mão no meu ombro.

— Está tudo bem? — pergunta ela.

Assinto.

— Poderia fazer bem para você ir lá de vez em quando — diz ela. — Você teria interesse?

Não digo nada.

Estou pensando na minha própria mãe. Estou pensando em Kacey quando era bebê.

— Às vezes ajudar os outros distrai a mente dos próprios problemas — diz a sra. Mahon. — Pelo menos eu acho isso.

— Não acho que eu conseguiria — digo.

A sra. Mahon me olha com uma expressão avaliadora.

— Está bem — diz ela. — Me avise se algum dia mudar de ideia.

Fico uma semana em casa com Thomas, todos os dias. Não passo tanto tempo em casa com ele desde a minha licença-maternidade. Fico feliz por ter esse tempo com ele. Dou-me conta de que já faz muito tempo que não lhe dedico dias inteiros, e isso parece fazê-lo desabrochar. Nós lemos livros e jogamos jogos. Eu o levo ao aquário de Camden e ao Franklin Institute. Ensino-lhe todas as pequenas coisas que sei sobre a cidade.

Além disso, recentemente tomei uma decisão. Agora, quando ele entra no meu quarto durante a noite, eu não o mando embora. Deixo-o entrar na cama e finjo não perceber. De manhã, ao acordar, fico olhando para ele: para seu rosto de menino num facho de luz do sol, que vem mudando a cada dia; para seus cabelos desarrumados de sono; e para suas mãozinhas unidas debaixo do seu travesseiro ou cruzadas por cima do peito, ou então erguidas acima da cabeça num gesto de rendição.

Como o Natal está chegando, eu o levo a um terreno que vende árvores e compro duas: uma pequena para nós dois, e uma um pouquinho maior para a sra. Mahon, que deixo encostada na sua porta com um bilhete dizendo que estamos lá em cima se ela precisar de ajuda.

E ela diz que precisa.

Todos os dias penso em me desculpar com Truman. Mas minha vergonha me impede de pegar o telefone. Sendo assim, também me vejo isolada da minha fonte de informações sobre a corporação. Não tenho qualquer notícia dele, nem qualquer notícia de Mike DiPaolo. Não há ninguém a quem eu possa pedir uma atualização.

Toda manhã penso que vou receber uma ligação de Denise Chambers me chamando para comparecer. Suponho que eu vá ser demitida. Mas todos os dias transcorrem sem incidentes.

O dia de Natal é gélido e ensolarado. O gelo tomou conta do meu para-brisa com seus tentáculos sinuosos, e ponho Thomas no banco de trás antes de cuidar do problema com um raspador. A sra. Mahon foi passar o dia com a irmã.

Thomas então pergunta do banco de trás:

— Para onde a gente está indo?

— Para a casa da Gee — respondo.

— Por quê?

— A gente sempre visita a Gee no Natal — digo.

Não é exatamente verdade: nós sempre visitamos Gee *por volta* do Natal, porque tipicamente no dia em si eu sempre tive de trabalhar, ou seja, tive de deixar Thomas com Carla, a sua antiga babá. Sempre disse a mim mesma que ele é pequeno demais para perceber. No ano passado não tenho certeza se isso foi mesmo verdade. Por sorte, este ano não tenho nenhuma obrigação desse tipo durante meu interminável período de suspensão. Rumamos para a casa de Gee levando dois pequenos presentes que Thomas e eu escolhemos para ela no shopping center King of Prussia.

Não que eu esteja com saudades dela. É que estou sentindo falta do conceito de família em geral, suponho. No dia em que Thomas sumiu, o fato de não ter ninguém para quem ligar pedindo ajuda me perturbou profundamente. E eu pensei comigo mesma: Michaela, é responsabilidade sua criar uma rede maior de amigos e

parentes do que a que você tem hoje. Se não por você, pelo menos por Thomas.

Assim, liguei ontem para Gee e avisei que iríamos visitá-la. Ela no início soou relutante e protestou que sua casa estava uma bagunça, que ela não tivera oportunidade de comprar nada para Thomas por causa dos muitos turnos que vinha fazendo perto dos feriados, e em seguida se conformou.

— Gee — falei. — Você não precisa se preocupar com isso. O Thomas tem pedido para ver você. Só isso.

Ela fez uma pausa.

— Tem mesmo? — perguntou.

Na sua voz pude escutar o mais ténue dos sorrisos.

— Bom — disse ela. — Então tá.

— Que tal à tarde? — perguntei. — Lá pelas quatro?

— Tudo bem — disse Gee, e então desligou sem se despedir, algo que para ela é padrão.

Hoje de manhã, Thomas e eu passamos um tempo tranquilo juntos. Fiz waffles para ele, uma de suas comidas preferidas. Dei-lhe quatro presentes para desembulhar: um boneco Transformer que bate na sua cintura; um ukulele (ele tem me dito que quer aprender a tocar violão); uma coletânea dos *Contos de Grimm*, os mesmos que eu também adorava quando criança; e um par de tênis do Homem-Aranha que acende.

Ele agora está calçando o último presente, e fico ouvindo leves pancadas no banco de trás que me indicam que ele está batendo os calcanhares um no outro para ver o resultado. Quando olho pelo retrovisor, vejo que está olhando pela janela, o rosto acinzentado pela luz fraca do inverno.

Saio na Girard e pego o caminho para Fishtown. As ruas estão tranquilas. No dia de Natal, todos estão ou nos subúrbios, ou então recolhidos em suas casas.

Viro na Belgrade, a rua da minha infância, e estaciono com facilidade. Deixo Thomas saltar e seguro sua mão enquanto andamos.

Aperto a campainha uma vez e espero. Ela emite o mesmo som que vem emitindo há trinta anos: um toque seguido por um chiado eletrônico. Nunca foi consertada.

Depois que um tempo suficiente transcorre, pego minha própria chave — várias vezes ao longo dos anos Gee mandou trocar a fechadura para impedir Kacey de roubar qualquer coisa, mas sempre se certificou de que eu tivesse uma cópia atualizada — e a ponho na fechadura.

Logo antes de eu a girar, Gee abre a porta bruscamente e pisca os olhos por causa do sol. Ela tomou algum cuidado com a aparência: os cabelos curtos tingidos de castanho estão bem penteados, e ela está usando um suéter vermelho e uma calça jeans no lugar do seu traje habitual, suéter de moletom e legging. Pôs brincos nas orelhas cujo objetivo é parecer pequenos enfeites esféricos de Natal, vermelhos e azuis. Não acho que eu algum dia tenha visto Gee usar qualquer coisa exceto bolinhas de prata, daquelas que se usa aos nove anos de idade após furar as orelhas num quiosque de shopping.

— Desculpem — diz Gee, afastando-se de lado para podermos entrar. — Eu estava no banheiro.

Faz frio lá dentro. Pelo visto Gee continua deixando a calefação no mínimo para economizar na conta de gás. Thomas começa a tremer. Posso ouvir seus dentes baterem.

Mas posso ver também que Gee dedicou algum esforço a casa: há uma árvore de Natal no canto, pequena e mirrada (Comprei ontem na esquina, diz Gee, a última que tinha); e sobre o parapeito da lareira que nunca funcionou três caixinhas de música. As caixinhas têm em cima um urso dançante, uma boneca bailarina e um Papai Noel que move os braços e pernas enquanto gira numa base redonda. Kacey e eu as adorávamos e as fazíamos girar várias vezes por dia, com frequência as três ao mesmo tempo, o que produzia uma barulhada terrível que Gee detestava. Thomas também é atraído por elas, e vai até lá e pega a do urso que começa a examinar, inspecionando as engrenagens. Reparo que ele já tem altura suficiente para alcançar o parapeito.

— Posso? — pergunto, parada junto a um interruptor de luz.

— Vai — diz Gee. — Eu ia mesmo fazer isso.

Aciono o interruptor, e o fio de luzinhas da árvore de Natal se acende.

Quase lhe pergunto também se posso aumentar um pouco a calefação, mas em vez disso opto por simplesmente ficar de casaco. Vou deixar Thomas com o dele também.

Entrego a Gee um pão de cranberry que comprei numa padaria de Bensalem ontem, e ela o pega sem dizer nada e o leva até a cozinha. Ouço a porta da geladeira abrir e fechar. Até onde minha memória alcança, Gee vem travando uma guerra contra os camundongos que sazonalmente aparecem e somem da sua casa, e isso significa nunca, jamais deixar comida em cima da bancada.

Ela volta para a sala, e de repente reparo em como ficou pequena ao longo dos anos. Ela sempre foi miúda — Kacey e eu éramos bem mais altas do que ela a partir de mais ou menos os dez anos —, mas agora parece uma criança, muito magra, talvez magra demais. Ainda se move depressa, sempre nervosa, as mãos sempre em busca de algo que não consigo muito bem identificar, passando da mandíbula para a cintura e depois para dentro dos bolsos da calça, então de novo para fora. Ela vai até a árvore e lá pega dois embrulhos feitos às pressas, um para Thomas, o outro para mim.

— Toma — diz.

— Vamos sentar? — pergunto.

— Como quiserem — diz Gee.

Thomas e eu nos sentamos no sofá, ainda o mesmo da minha infância, puído nas costuras, e eu o deixo abrir seu presente primeiro. A caixa é grande e sem jeito, e preciso segurá-la para ele enquanto ele tira o papel.

É uma Super Soaker, uma pistola d'água néon com uma bomba que faz as vezes de gatilho. Tenho certeza de que Gee a comprou numa liquidação, fora do Natal. Eu nunca teria comprado uma coisa dessas para ele. Nunca o deixei ter nenhum brinquedo em forma de arma. Mantenho a expressão neutra.

Thomas a inspeciona em silêncio.

— Você adorava isso quando era pequena — diz Gee para mim de repente.

Não acho que seja verdade. Não tenho lembrança de algum dia ter usado uma pistola d'água.

— Ah, é?

Gee concorda.

— Os vizinhos tinham uma — diz ela. — Passavam o dia brincando com ela, todo verão. Nossa, como você queria pegar aquela pistola. Ficava na janela olhando para eles. Ninguém tirava você de lá.

Agora sei a que ela está se referindo. Mas o que eu ficava olhando eram as crianças, não a pistola. Ficava olhando para elas e registrando cada uma de suas pequenas ações e interações, todos os seus maneirismos, para poder roubá-los e usá-los eu mesma.

— Como é que se diz? — falo para Thomas.

— Obrigado, Gee-Mãe — diz Thomas.

— Obrigada — repito eu um segundo depois.

Meu presente para Gee é um porta-retrato com a palavra *Família* escrita na moldura, e no qual eu pus a última foto escolar que tenho de Thomas, agora tirada já há mais de um ano. O presente de Thomas para Gee é um broche em formato de borboleta. O presente de Gee para mim é um suéter azul bem clarinho, que ela diz que viu na Thriftway e pensou que ficaria bem em mim.

— Paguei um bom dinheiro nele também — diz Gee. — Mesmo com o meu desconto. É de cashmere.

Gee então liga a televisão em alguma coisa de que Thomas vai gostar, e eu a acompanho até a cozinha para ajudá-la a servir a comida.

É então que reparo que uma das vidraças da janela dos fundos está quebrada. Uma folha de plástico filme foi pregada mal e parcamente por cima com fita adesiva, mas o vento entra mesmo assim.

Vou até lá e inspeciono a vidraça. Não há vidro no chão. Nenhuma indicação de que tenha sido um acontecimento recente. Mesmo assim, o fato de a vidraça ser a mais próxima da maçaneta me deixa intrigada.

— Gee, o que houve? — pergunto.

Ela olha para mim e para a porta.

— Nada — diz ela. — Bati aí com um cabo de vassoura por acidente.

Fico calada alguns instantes. Encosto um dedo no plástico filme. Acompanho suas bordas.

— Tem certeza? Porque... — começo, mas Gee me interrompe.

— Tenho — diz ela. — Vem aqui me ajudar com isso.

Gee está mentindo. Eu sei que ela está mentindo. Sua insistência, seu tom abrupto, sua ansiedade para mudar de assunto me dizem isso. Não sei por que ela está mentindo. Mas sei também que não devo pressioná-la. Não ainda.

Em vez disso, ajudo-a a servir queijo e biscoitos, ajudo-a a preparar enroladinhos de pepperoni com queijo, em seguida peço licença e digo que esqueci uma coisa no carro.

— Eu já volto — digo para Thomas ao passar por ele.

Na televisão, a versão em stop motion de *Rudolph, a rena do nariz vermelho* está passando bem baixinho.

Lá fora, fico parada em frente a casa e a inspeciono. Entre a casa de Gee e a do vizinho há um beco pelo qual ambos tiram o lixo. Ele conduz a seus pequenos pátios dos fundos de concreto. E desses pátios se chega às portas dos fundos das casas.

Uma porta pintada de azul, em geral com um trinco passado por trás, impede qualquer intruso de entrar no beco. Mas a porta é velha e frágil e a madeira está rachando. Ponho a mão nela e a empurro.

A porta cede fácil. Passo para o outro lado. O trinco, que nunca foi muito seguro, foi arrancado dos parafusos. Como se alguém tivesse aberto a porta com um chute.

Um formigamento que me diz que estou prestes a descobrir algo importante começa na base do meu pescoço. Meu nariz coça de

adrenalina.

Torno a entrar na casa. Torno a entrar na cozinha.

— Gee — digo. — Eu reparei numa coisa.

Ela se vira para mim. Seu rosto tem uma expressão de desafio e de culpa.

— No quê? — pergunta.

— A porta do beco — respondo eu.

— Pois é — diz ela. — Tentei arrumar alguém ontem para consertar quando você ligou. Ninguém aceitou. Véspera de Natal.

— Quem foi que chutou a porta? — pergunto devagar.

Gee dá um suspiro.

— Tá — diz ela, resignada. — Tá bom. Tá bom.

— A gente brigou — diz Gee. — Eu e a Kacey. Brigou feio. Ela apareceu aqui para pedir dinheiro e eu disse a ela, de uma vez por todas, que para mim não dava mais. Ela ficou possessa.

— Quando foi isso? — pergunto.

Gee olha para o teto.

— Dois meses atrás — diz ela. — Talvez mais. Eu não sei.

— Por que você mentiu para mim? — pergunto. — Quando perguntei se você tinha visto minha irmã recentemente.

Ela aponta para mim.

— Você já tem coisa suficiente com que se preocupar — diz ela.

— Eu sei como você se envolve. É mais mole com a sua irmã do que eu. Não conseguiria dizer não para ela como eu consigo.

Estou balançando a cabeça.

— Gee — eu digo. — Você sabe como eu ando preocupada? Ouviu falar dos assassinatos. Devia saber que eu estava preocupada com a Kacey.

Gee dá de ombros.

— Acho que uma preocupação pequena agora é melhor que uma grande depois — diz ela.

Viro a cabeça para o outro lado.

— Enfim — continua ela. — No dia seguinte, eu chego em casa e alguém tinha arrombado a minha porta. Não acho que tenha sido

coincidência. Você acha?

— Você chamou a polícia? — pergunto, e Gee ri, uma risada nada gentil.

— Por que eu faria isso se você é da polícia? — rebate ela.

Ela se cala por alguns instantes. Então diz:

— Além do mais, eu não sei o que ela levou daqui. Não consigo entender. Não saberia o que dizer se desse queixa.

Uma teoria está começando a se formar na minha mente.

— Já olhei a casa inteira — diz Gee. — Tinha dinheiro. Tinha a TV. Tinha joias. Tinha a prataria.

Ela prossegue, enumerando os itens da lista mental que possui de seus poucos bens, até depois de eu sair da cozinha em direção à escada.

— Aonde você vai? — pergunta ela, mas já não posso mais vê-la.

— Ao banheiro — respondo.

No alto da escada, em vez de seguir para o banheiro, eu entro no quarto da minha infância, o quarto que Kacey e eu dividíamos. Há anos não entro ali. Não tenho motivo para entrar ali quando visito Gee; mantenho minhas visitas curtas e formais e fico principalmente no térreo, só subindo para usar o banheiro quando necessário.

Reparo que Gee removeu qualquer vestígio de nós duas do quarto. Tudo que há ali agora é a cama de casal que dividíamos quando crianças, e até mesmo ela foi remodelada e ostenta uma colcha de calicô que parece feita de poliéster. Não há nenhuma outra mobília no quarto. Nem mesmo um armário. Nem mesmo um abajur.

No canto, fico de quatro no chão e ergo a borda do carpete. Debaixo dele fica a tábua solta, e debaixo dela nosso esconderijo de crianças. Nosso lugar para bilhetes e objetos preciosos. Nosso lugar sagrado, o mesmo que Kacey mais tarde cooptou para guardar seus apetrechos quando a escuridão começou a se insinuar na sua vida.

Talvez Kacey não tenha arrombado a casa para levar alguma coisa, penso, mas sim para deixar.

Prendendo a respiração, levanto a tábua do piso.

Ponho as mãos lá dentro. Minhas mãos tocam papel. Retiro alguns.

No início não entendo o que estou vendo. É um cheque de 583 dólares do estado da Pensilvânia, com data de 1º de fevereiro de 1991. Examino o resto. Parece haver um por mês durante uma década, com valores que vão aumentando aos poucos.

E mais: três documentos processados pelo Departamento de Serviços Sociais da Pensilvânia em nome de Daniel Fitzpatrick. Nosso pai. Os beneficiários do acordo estão listados: Michaela e Kacey Fitzpatrick. A pensão alimentícia será paga a Nancy O'Brien, diz o documento. Nossa responsável. Nossa avó Gee.

Como Gee sempre teve uma caixa postal, nós nunca recebíamos correspondência em casa. Agora de repente entendo por quê.

Torno a pôr a mão no buraco. Tem mais coisa. Dezenas de cartões de Natal e aniversário. Dezenas de cartas. Cartões de Halloween. De Dia dos Namorados. Todos assinados *Com amor, Papai*. Alguns fazem referência a dinheiro, a notas de dólar anexas e, é de supor, extraídas por Gee.

O mais recente que consigo encontrar é de 2006, quando eu tinha vinte e um anos e Kacey dezoito.

A compreensão me vem com um baque nas entranhas: isso foi depois que eu imaginei que ele tinha morrido.

Desço a escada, ainda segurando numa das mãos os papéis e cartões. Thomas ergue os olhos para mim quando passo por ele na sala.

— Fica aqui — eu lhe digo.

Na cozinha, Gee está com uma cerveja na mão. Apoiada numa bancada. Olha para mim, pálida, resignada. Acho que já sabe que eu descobri alguma coisa nova. Suas roupas, que me agradaram na primeira vez em que as vi, agora se tornaram tristes para mim, uma triste tentativa de disfarçar muitos anos de erros.

Por alguns segundos não digo nada. Mas a expectativa faz tremer um pouco a mão que está segurando as provas que reuni.

— O que é isso? — pergunta ela. — O que você está segurando aí?

Ela está olhando para os documentos.

Vou até onde Gee está em pé e ponho o maço de papéis sobre a bancada com um gesto veemente. Em pé ao seu lado, reparo que sou bem mais alta. aguardo, mas Gee não pega os documentos.

— Eu achei isto aqui — digo.

— Não gasta o seu tempo procurando a sua irmã — diz Gee. — Quando a Kacey some é porque quer. Não gasta o seu tempo — ela torna a dizer.

— Dá uma olhada — digo eu.

— Eu sei o que são — diz Gee. — Estou vendo muito bem.

— Por que você mentiu para a gente?

— Eu nunca menti para vocês.

Eu rio.

— Não sei qual conta você está fazendo — digo. — Você passou todos os dias da sua vida reclamando de pensão alimentícia.

Gee me encara com um olhar incisivo.

— Ele abandonou vocês — diz ela apenas. — Fez minha filha se viciar naquela merda, e quando ela morreu, foi embora. Quem criou vocês fui eu. Fui eu quem segurei a barra quando todo mundo deixou vocês para trás. Cem ou duzentos dólares por mês não mudam isso.

— Ele está vivo? — pergunto.

— Como é que eu vou saber? — rebate ela.

— Gee — digo eu. — Ficar com a gente estragou a sua vida?

Ela dá um muxoxo.

— Deixa de ser dramática — diz.

— Eu não estou sendo dramática — digo. — Estou falando sério.

A gente estragou sua vida?

Gee dá de ombros.

— Acho que a minha vida se estragou quando a minha filha morreu — diz ela. — Minha única filha. Eu acho que foi isso.

— Mas a gente era criança — eu digo. — Kacey era só um bebê. Não foi culpa nossa ela ter morrido.

Gee vira a cabeça com um tranco.

— Eu sei — diz ela. — Você acha que eu não sei?

Ela aponta de repente para a geladeira.

— Olha ali — diz ela. — O que tem ali? Olha lá.

Durante anos, a frente da geladeira parecia uma colagem. Há papéis amarelados com cantos virados colados por toda a superfície: bilhetes de nossos professores, o único boletim de notas boas que Kacey tirou na vida, fotografias de escola. Um cartão que Thomas fez para ela no Natal anterior.

— Eu sempre cuidei de vocês — diz Gee. — Cuidei de você, cuidei da Kacey. Vocês são a minha família.

— Mas você não amou a gente — digo eu.

— É claro que amei — diz Gee. Ela quase grita. Então se acalma. — Mas as palavras não valem nada — diz. — Eu cuidei de vocês com o que eu fiz. Gastei minha vida com vocês. Cada contracheque. Eu gastei com vocês.

Aguardo.

— Eu era suave — digo. — E você me tornou dura.

Gee concorda.

— Que bom — diz ela. — O mundo é um lugar duro. Eu sabia que isso também era uma coisa que precisava ensinar a vocês.

— E ensinou mesmo — digo eu.

Ela olha para o outro lado.

— Que bom — repete. — Era isso que eu queria.

Não tenho mais nada para falar.

— Gee — digo, mudando de tom e imprimindo à voz um pouco da doçura à qual ela muito ocasionalmente reagia quando éramos crianças. — Por favor. Você tem alguma ideia de para onde a Kacey pode ter ido?

— Deixa ela em paz — diz Gee. Seu semblante endureceu e virou algo impenetrável. — Deixa ela em paz, vai ser melhor para você.

— Eu vou fazer o que eu quiser — digo.

Nunca, em toda minha vida falei assim com Gee.

Ela fica um longo tempo sem dizer nada, como se tivesse levado um tapa.

Então me encara com um olhar duro.

— Ela está com menino — diz ela por fim.

A expressão é tão antiquada que por um segundo tento fazê-la significar alguma outra coisa. Qualquer outra coisa. Com que menino, quero perguntar.

— Foi por isso que a gente brigou — diz Gee. — Agora você sabe. Melhor ficar sabendo por mim.

Gee está me observando, medindo a minha reação. Mantenho o rosto imóvel.

Ela então olha para trás de mim, por cima do meu ombro, e eu acompanho seu olhar. Atrás de mim, Thomas entrou na cozinha sem fazer barulho. Está parado, com uma cara preocupada.

— Olha o seu bebê aí — diz Gee.

ANTES

Deixem-me dizer o seguinte. Eu tentei, o quanto pude, viver minha vida de modo honrado.

A ideia de viver *honradamente* ditou meu comportamento tanto do ponto de vista profissional quanto pessoal. Quase sempre, orgulha-me dizer que permaneci fiel à minha noção daquilo que é correto e justo.

Apesar disso, assim como todo mundo, eu tomei uma ou duas decisões no passado que, hoje, reconheço que poderia reconsiderar.

A história da primeira dessas decisões começa por volta da época em que Kacey teve a recaída quando estava morando comigo em Port Richmond.

Rapidamente, eu lhe disse para ir embora.

A ideia de Kacey morar comigo sempre esteve condicionada ao fato de ela estar limpa. Quando ela entrou pela minha porta, eu lhe disse que não haveria uma segunda chance. E sempre soube que, para que ela acreditasse em mim em relação a isso, eu teria de saber, no fundo do meu coração, que iria agir assim.

Portanto, quando cheguei em casa e a encontrei usando, e quando encontrei todos os indícios do seu uso numa das gavetas da sua cômoda, ela não me disse nada, nem eu disse nada a ela. Ela apenas arrumou suas coisas em silêncio, enquanto eu chorava no porão da minha casa torcendo para ela não me escutar.

Eu tinha amado tanto tê-la ali comigo.

Ela foi embora sem dizer nada.

Na primeira vez em que vi minha irmã trabalhando, não entendi muito bem qual era a sua intenção.

Aconteceu num dia de manhã pouco depois que ela saiu de casa. Eu estava numa ronda, e um chamado prioritário entrou e me tirou do meu distrito no sentido nordeste, em direção à Frankford. Truman estava comigo nesse dia, dirigindo, enquanto eu ia no carona.

Ao passar pela parte alta da avenida Kensington, vi de relance uma mulher em pé na calçada de short e camiseta, com a bolsa pendurada no ombro. Um segundo depois, pensei: aquela era Kacey. Mas aconteceu tão depressa que pareceu uma miragem. Seria mesmo Kacey? Não pude ter certeza. Virei-me para trás no banco para vê-la outra vez, mas ela já estava fora do meu campo de visão.

— Está tudo bem? — perguntou Truman, e eu lhe respondi que sim.

— Só pensei ter visto alguém que eu conhecia — falei.

A essa altura, Truman nunca encontrara a minha irmã.

Na volta do chamado, pedi a Truman para me deixar dirigir, e propositadamente guiei nossa viatura pelo mesmo cruzamento.

Sim: era Kacey. Ela estava com os joelhos dobrados. Doidona. Estava inclinada agora para dentro da janela de um carro cujo motorista foi embora ao reparar na nossa viatura, tentando adotar um ar blasé e quase levando junto o braço de Kacey. Ela se endireitou abruptamente e cambaleou alguns passos para trás, contrariada. Ajeitou a bolsa no ombro. Cruzou os braços na frente do corpo, desanimada.

Eu estava dirigindo tão devagar que Truman mais uma vez perguntou se eu estava bem.

Dessa vez eu não respondi.

Não tinha planejado fazer isso, mas quando o carro estava bem em frente à minha irmã eu parei bem ali, no meio da rua. Ninguém buzinou. Ninguém buziniaria para um carro de polícia.

— Mickey? — disse Truman. — Mickey, o que você está fazendo?

Uma longa fila de carros foi se formando atrás de nós. Vários carros mais atrás, alguém acionou enfim a buzina, sem conseguir ver o que estava atrapalhando.

E foi isso que por fim fez Kacey olhar para cima. Ela me viu. Endireitou a postura.

Passamos um longo tempo nos entreolhando. Na verdade, o tempo pareceu diminuir de velocidade e então parar. O que foi transmitido entre nós duas nesse intervalo foi uma tristeza

insuportável, a certeza de que nada jamais seria como antes, o desmoronamento de todas as ideias que jamais tivéramos quando crianças sobre a vida melhor que um dia iríamos criar uma para a outra.

De dentro do carro, eu levantei a mão e encostei no vidro um dedo apontado na sua direção. Truman se inclinou para a frente para ver do meu lado do carro.

Kacey estava com seu pior aspecto nesse dia, mal como eu nunca a vi: já excessivamente magra, com a pele cheia de pontinhos vermelhos onde havia se coçado, cabelos imundos, maquiagem borrada.

— Você conhece? — perguntou Truman. Mas na sua voz não havia nenhum tom de zombaria, nenhuma repulsa. Na verdade, escutei na pergunta que ele fez uma grande ternura, uma prontidão para acolhê-la caso ela fosse alguma amiga ou parente minha. Sim, Truman, pensei. Eu conheço.

— Aquela é a minha irmã mais nova — falei.

Nessa noite, fiquei inconsolável. Liguei para Simon várias vezes, mas ele não atendeu.

Por fim, ele atendeu com uma voz irritada, como sempre acontecia quando não queria ser contatado.

— Qual é a emergência? — perguntou.

Eu pedia muito pouca coisa para Simon. Sempre hesitava em parecer demasiado carente ou desesperada. Mas nessa noite estava perdida.

— Estou precisando de você — falei.

Ele me disse que passaria na minha casa em breve.

Uma hora depois, quando ele chegou, contei-lhe o que tinha visto.

É preciso reconhecer que ele foi extremamente atencioso ao me escutar, e extremamente generoso ao oferecer conselhos.

— É melhor você não fazer isso — disse-me ele quando eu contei que a tinha excluído por completo da minha vida.

Eu respondi que era, sim. Que eu precisava fazer isso.

Ele balançou a cabeça.

— Não — falou. — Na verdade não precisa, não. Deixa que eu falo com ela.

Estávamos sentados lado a lado no sofá. Ele estava com a perna cruzada, tornozelo sobre joelho, de modo que visto de cima seu corpo teria parecido um quatro. Distraidamente, tocou o local na panturrilha onde a letra X estava tatuada.

— Uma última tentativa — disse ele. — Você deve isso a ela. E a si mesma. Não acho que ficaria feliz consigo mesma se não tentasse uma última vez. Eu posso ajudar.

Por fim, sentindo-me cansada, cedi.

— Eu tenho um histórico disso — disse ele. — Não esquece que eu tenho um histórico disso. Às vezes é preciso ouvir de alguém que já esteve lá.

Em uma semana, Simon já localizara Kacey na casa abandonada que ela estava ocupando com amigos. Tinha lançado mão de suas habilidades de investigador, disse-me ele; conforme a expressão que usou, acionara alguns de seus contatos no terreno.

Ela no início resistiu, ele me disse, mas ele foi persistente.

A cada dia que interagia com ela, ele vinha me contar: Kacey estava mal hoje. Kacey hoje estava bem. Levei Kacey para almoçar. Certifiquei-me de que ela comesse alguma coisa.

Ele passou um mês narrando sua experiência de contato com ela. E aquilo fez eu me sentir melhor, me sentir cuidada, saber que alguma outra pessoa no mundo estava se preocupando com ela dessa forma. Alguma outra pessoa estava me ajudando a carregar a responsabilidade que eu sentia me ter sido atribuída aos quatro anos de idade. Simon ainda me parecia muito capaz, muito confiável, muito *adulto*, de algum modo não quantificável.

— Por que você está fazendo isso? — perguntei a ele uma vez, maravilhada com a sua generosidade.

E ele me respondeu:

— Eu sempre gostei de ajudar os outros.

Depois de uns dois meses, algo assim, um dia ele me ligou e disse:

— Mickey, preciso falar com você.

Eu soube na mesma hora que aquilo soava ruim.

— Me diz logo — falei.

Mas ele insistiu.

Foi até minha casa em Port Richmond. Sentou-se ao meu lado no sofá. Então, segurando minhas mãos, falou:

— Mickey, escuta. Eu não quero assustar você, mas a Kacey está muito mal. Eu acho que ela está delirando. Começou a dizer coisas que para mim não fazem sentido. Não sei se são só as drogas ou se é outra coisa. De toda forma, é algo com que se preocupar.

Franzi o cenho.

— O que ela está dizendo? — perguntei.

Ele suspirou.

— Não consigo nem entender — disse ele. — Sei que ela está brava com alguma coisa, mas não sei dizer o que é.

Algo no que ele dizia me soou estranho.

— Bom — falei. — Que palavras ela está usando?

Essa me pareceu uma pergunta razoável, mas apesar disso Simon pareceu se irritar.

— Confia em mim, tá? — disse ele. — Ela está fora de si.

— Tá bom — falei. — O que a gente vai fazer?

— Eu vou tentar conseguir ajuda para ela — disse Simon. — Conheço um pessoal no serviço social que talvez consiga ajudá-la se conseguirmos arrumar um diagnóstico de psicose, ou algo assim. O primeiro passo é fazer eles avaliarem ela.

Ele olhou para mim.

— Sim? Não? — perguntou.

— Tá bom — disse eu outra vez.

Nessa noite não consegui dormir. Fiquei deitada na cama acordada, contando as horas até meu turno começar de manhã. Ocorreu-me que eu não tinha visto minha irmã na rua durante todo o tempo em

que Simon vinha me dando notícias suas, fato que eu considerei um sinal de progresso.

Era uma da manhã e eu começaria o trabalho às oito. Porém, ao constatar que nem toda a auto-hipnose do mundo seria capaz de me convencer a dormir, enfim desisti de lutar e levantei da cama.

Vesti uma roupa. Achei a foto mais recente de Kacey que tinha. Saí de casa, entrei no meu carro e fui para Kensington.

Com base em determinadas coisas que Simon me dissera, eu tinha uma vaga ideia de onde Kacey poderia estar.

Então fui para a esquina mais próxima e comecei a perguntar.

De madrugada Kensington em geral é bastante movimentado, e nunca mais do que nas madrugadas quentes e agradáveis próximas do solstício de verão como aquela. Era início de maio, e as poucas árvores de flor do bairro estavam em plena floração, acenando ao vento com seus galhos brancos e pesados. Iluminadas pelos postes de rua, elas pareciam espectros, flores buscando o sol na hora mais escura da noite.

Chorosa, mostrei a foto de Kacey para várias pessoas que estavam ali na rua.

Na mesma hora alguém a reconheceu, um homem que encarei com desconfiança, perguntando-me se ele seria um dos seus clientes.

— É, eu conheço ela sim — disse ele. — O que você quer com ela? — perguntou então.

Como não queria lhe contar mais do que precisava, eu disse apenas:

— Ela é minha amiga. Sabe onde ela está morando ultimamente?

Ele hesitou.

Em Kensington, embora muitas vezes todo mundo pareça conhecer e saber tudo sobre todo mundo, é difícil fazer alguém falar. Para a maioria é uma questão de praticidade: por que se meter quando não é necessário? Por que chamar problemas? *Mantenha meu nome fora da sua boca* é um refrão frequente, que poderia ser gravado no braço do bairro caso algum existisse. Além do mais, era

possível que aquele homem se lembrasse do meu rosto por ter me visto ali no bairro de uniforme. Talvez tenha pensado que eu estivesse infiltrada, e que tivesse um mandado de prisão contra ela.

Felizmente existe um jeito relativamente fácil de fazer as pessoas falarem, e ele é verde.

Uma nota de cinco — o preço do papelote mais barato de heroína — teria muito provavelmente dado conta do recado, mas eu fora até lá preparada com uma de vinte, que lhe ofereci se ele pudesse me levar até onde ela estava.

Eu tinha também uma arma escondida nas costas, por baixo da camiseta, para caso ele tentasse tirar o dinheiro de mim. Isso eu não lhe falei.

O homem olhou para a esquerda e para a direita. Não gostei da pinta dele. Senti que estava tão fissurado por um pico que faria qualquer coisa. Uma pessoa nesse estado está tensa feito uma mola. Sua mente em geral está desconectada de qualquer código de ética natural que ela possa ter em outro momento.

O homem me fez percorrer duas ruas — cada vez mais para longe de testemunhas — e eu mantive o corpo contraído e preparado, pronto para tirar minha arma do coldre se fosse preciso. Fui andando vários passos atrás para poder ficar de olho nele e olhar em volta.

Por fim, ele parou em frente a uma casa.

Ela não me pareceu abandonada. Não havia tábuas tampando as janelas. Nenhuma pichação na fachada. Na verdade, dois vasos na frente estavam bem cuidados, e gerânios vermelhos brotavam da terra dentro deles.

— Ela tem ficado aqui — disse meu guia, e estendeu a mão para o dinheiro. Fiz que não com a cabeça.

— Como eu sei que ela está aí? — falei. — Não posso te pagar até saber.

— Ah, cara — disse ele. — Sério? Eu me sinto muito grosseiro batendo a esta hora da noite.

Mas ele suspirou, e obedeceu, e eu na verdade me senti mal por tê-lo subestimado.

Ele bateu duas vezes na porta, primeiro de leve, depois com firmeza.

A mulher que veio atender depois de uns cinco minutos de batidas não era Kacey. Ela parecia irritada e piscou os olhos para nós de modo sonolento, mas tinha um bom aspecto e não parecia alterada. Estava usando uma calça de pijama e uma camiseta. Eu não a reconheci.

— Porra, Jeremy — disse ela para o homem. — O que foi?

Ele apontou com o polegar para mim.

— Ela está procurando a Connie — falou.

Pude ver dentro da casa: era bem cuidada, arrumada, com um tapete limpo no chão. O interior recendia a alho e cebola frescos, como se alguém tivesse preparado recentemente uma refeição saudável.

Após alguns instantes reparei que a mulher estava me encarando, contrariada. Ela estalou os dedos para mim.

— Oi? — falou. — Posso ajudar?

Virei-me de modo a ficar de costas para a mulher. Entreguei o dinheiro para Jeremy do modo mais sutil que fui capaz. Ele foi embora. Então tornei a encará-la.

— É a minha irmã — falei. — Ela está aí?

Com relutância, a mulher se afastou, abrindo passagem.

Encontrei Kacey dormindo numa cama de solteiro num quarto limpo. Ela respirava de leve. Sempre tinha tido o sono pesado, desde quando dividíamos a cama quando crianças; não me espantou ela ter continuado a dormir enquanto Jeremy esmurrava a porta.

— Obrigada — falei para a mulher, imaginando que ela fosse embora. Mas ela ficou esperando ali, sem se mexer, com uma das sobrancelhas arqueada. Ia ficar para avaliar a reação de Kacey à minha presença, compreendi. Queria ter certeza de que eu era bem-vinda. E tive certeza de que estava preparada para intervir caso eu não fosse. Seu rosto tinha uma expressão dura, decidida, expressão comum a muitas das mulheres com as quais fui criada, entre elas Kacey, entre elas Gee. Ao longo dos anos eu fabriquei uma réplica

dessa expressão para usar quando estou trabalhando, mas ela ainda não me vem de modo natural.

Coloquei a mão no ombro de Kacey e a sacudi delicadamente, então com firmeza.

— Kacey — falei. — Acorda. Kacey. Sou eu, Mickey.

Quando ela por fim abriu os olhos, sua expressão mudou rapidamente de desorientação para incompreensão, para surpresa, para vergonha.

Então, com igual rapidez, seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele te contou — disse ela.

Não respondi nada. Ainda não sabia ao certo o que ela estava querendo dizer.

Ela se sentou e baixou a cabeça nas mãos. Sua colega de casa mudou levemente de posição pelo que pude perceber pela minha visão periférica.

— Mickey, eu sinto muito mesmo — dizia Kacey, repetidamente. — Sinto muito mesmo. Sinto muito mesmo.

Pressenti, já naquele instante, que estávamos as duas numa encruzilhada. O mapa de nossa vida se estendia à nossa frente, e pude ver com bastante clareza os vários caminhos que poderia escolher seguir, e os modos como essa escolha poderia afetar minha irmã.

Em retrospecto, claro, o caminho que escolhi foi errado.

Desonroso, até.

— Eu estou grávida — disse Kacey. — É do Simon — disse Kacey. — Foi numa fase ruim pra mim — disse Kacey. — Eu não sabia o que estava fazendo. Ele se aproveitou de mim. — Estou tentando encaretar desde então — disse Kacey.

E eu disse:

— Não.

Foi essa a primeira palavra que saiu de mim. Senti no meu corpo a mesma tontura que às vezes me acometia quando criança, e quis fazê-la parar, então falei outra vez:

— Não.

Ao pronunciar a palavra, senti que uma decisão tinha sido tomada por mim. Era difícil voltar atrás. Se pudesse, eu teria tapado as orelhas com as mãos.

Eu deveria ter ido embora. Deveria ter pensado por mais tempo.

— Mickey — falou Kacey.

Virei o rosto para o outro lado com um movimento abrupto.

— Mick, eu sinto muito mesmo — disse Kacey. — Me desculpa. Se eu pudesse voltar atrás eu voltaria.

Hoje, quando penso na lista das piores coisas que já fiz e falei para Kacey, em primeiro lugar está a mentira que um dia lhe contei, com raiva, sobre a nossa mãe: que nossa mãe me dissera que me amava mais do que a ela. Era uma fantasia de criança, a faca mais afiada que eu podia brandir, um momento de crueldade real no meio de uma rixa em tudo o mais corriqueira entre irmãs. A reação de Kacey, o lamento horrível que saiu de dentro dela, me fez sentir remorso suficiente para jurar a mim mesma nunca mais dizer nada tão cruel.

E no entanto, nessa noite eu disse.

— Você está mentindo — falei, com calma.

Ela por alguns segundos pareceu não entender.

— Não estou, não — falou.

— Enfim — disse eu. — Como é que você pode saber?

— Não estou entendendo — disse Kacey.

— Quem é o pai — disse eu. — Como é que você pode saber?

Por um instante pareceu que ela fosse me bater. Reconheci o punho fechado, o braço contraído da sua infância, quando ela brigava regularmente. Mas não: ela absorveu o choque das minhas palavras em silêncio, depois olhou para o outro lado.

— Sai daqui — falou.

Sua colega de casa, uma mulher que eu nunca tinha visto antes, repetiu as palavras para mim apontando para a porta. Ocorre-me agora que nesse dia sua lealdade para com minha irmã, a lealdade daquela relativa estranha, daquela pessoa que eu não conhecia, foi maior do que a minha.

Eu tornei tudo muito fácil para Simon. Nem sequer exigi que ele me negasse. Em vez disso, quando ele foi me encontrar no dia seguinte, eu lhe disse que concordava com a sua avaliação e que era imperativo encontrarmos ajuda para Kacey.

— Ela me disse que estava grávida — falei. — E que era de você.

Ele ficou calado.

— Acredita? — falei.

— Eu te disse — falou ele.

— Ela está grávida mesmo? — perguntei.

— Pode ser — disse Simon. — Acho que a gente vai ter de esperar para ver.

Na primavera e no verão eu de fato a vi, cada vez mais. Ela voltou para as ruas com força total. Eu a encontrava trabalhando durante os meus turnos.

E vi que, mais cedo ou mais tarde, a gravidez estava começando a aparecer.

Se ela estava limpa quando eu a vi na casa com os gerânios na frente, agora muito claramente estava usando. Tinha os olhos vidrados e vermelhos. A pele cheia de marcas vermelhas. A barriga era a única coisa protuberante no seu corpo, que tirando isso estava emaciado. Fico triste em dizer que isso não parecia desencorajar seus clientes. Muitas vezes eu os via parando o carro justamente por tê-la escolhido. Às vezes dando meia-volta com o carro.

— Eu não consigo ver isso — falei para Simon uma ou duas vezes.

Estava pensando no bebê, e no bem-estar dele, e estava pensando na nossa mãe e nas escolhas que ela havia feito.

Comecei a pesquisar advogados.

A primeira delas me disse que uma guarda de terceiros não estava fora de cogitação. Isso acontecia com frequência em casos em que um ou ambos os genitores eram viciados. Ela pessoalmente cuidara

de vários casos só naquele ano. Mas, mesmo que a guarda fosse tirada da mãe, disse ela, a mãe precisaria testemunhar dizendo não saber quem era o pai. Caso ela citasse um pai, ele também precisaria assinar documentos concordando em entregar a criança.

— E se a mãe estiver delirando? E se ela falsamente nomear um pai, mas não for verdade?

— Bem — disse a advogada; Sara Jimenez era o seu nome. — Nesse caso a maioria dos juízes recomendaria um exame de DNA.

Eu disse isso a Simon, que não falou nada.

Na verdade, durante todo aquele ano ele havia ficado suspeitosamente calado toda vez que o tema de Kacey surgia. Parou de vê-la, parou de tentar ajudá-la. Quando eu a mencionava, ele mudava de assunto.

Mas quando eu lhe disse enfim que seria preciso um exame de DNA para desmentir a afirmação de Kacey, e quando a sua única resposta foi mais silêncio, comecei finalmente a reconhecer em voz alta o que suponho que já soubesse desde o início.

A essa altura, claro, já era tarde para desdizer o que eu tinha dito para minha irmã.

Thomas Holme Fitzpatrick nasceu no dia 3 de dezembro de 2012 no Centro Médico Einstein. É claro que Thomas não foi o primeiro nome que ele recebeu. Kacey o batizou de Daniel em homenagem ao nosso pai. Mas eu soube na mesma hora que esse não poderia ser o nome dele.

Eu não estava presente no parto. Mas soube depois que Kacey deu entrada no hospital sonolenta e alterada, claramente drogada. E sei que minutos depois de nascer Thomas foi tirado da mãe e posto sob os cuidados das enfermeiras da UTI neonatal para elas poderem monitorá-lo em busca de sinais de abstinência que, em poucas horas, ele começou a exibir.

Na minha casa em Port Richmond, eu estava pronta para recebê-lo, para acolhê-lo na vida melhor que vinha planejando havia meses. Tinha transformado um dos quartos da minha casa, na

verdade o antigo quarto de Kacey, num tranquilo quarto de bebê. Decorei-o em tons de amarelo-claro, uma cor solar que torci para ser o presságio de uma vida alegre para o meu filho recém-nascido. Emoldurei citações favoritas de livros que amava e as pendurei nas paredes. Fui a livrarias e comprei para ele os livros que eu lera quando criança. Iria lê-los todos para ele, pensei, quantas vezes ele quisesse e outras mais. Eu nunca diria não, pensei.

A essa altura Simon e eu já tínhamos parado de nos falar, mas tínhamos chegado a um acordo. Ele abriria mão dos direitos em relação a Thomas, mas queria continuar na vida do menino. (Por quê?, perguntei, e ele disse que sempre se orgulhava de terminar o que havia começado.) Eu lhe disse que tudo bem, se ele bancasse a educação de Thomas. Nada mais: apenas o dinheiro de que eu precisava para garantir a ele uma educação respeitável.

Tudo isso foi combinado de boca.

No nosso acordo havia duas ameaças implícitas, um cuidadoso equilíbrio que nós orquestramos e que sustentávamos: eu mantinha suspensa a ameaça de contar para os superiores de Simon sobre o início do nosso relacionamento. Ele mantinha suspensa a ameaça de pedir a guarda de Thomas.

Éramos cordiais um com o outro, mas raramente nos falávamos. Depois de Thomas nascer, uma vez por mês chegava um cheque para ele: o valor da mensalidade na Creche Spring Garden, e nada mais.

Em troca, uma vez por mês, Simon levava Thomas para algum passeio, algo a que ele no início resistia mas que depois, conforme foi ficando mais velho, começou a aguardar com ansiedade cada vez maior, algo por que começava a esperar com semanas de antecedência e cuja história depois passava semanas narrando.

A pessoa excluída desse arranjo, naturalmente, era Kacey.

Ela não abriu mão de Thomas de modo voluntário. Quis ficar com ele. No seu quarto de hospital, prometeu vezes sem conta que iria se limpar. Mas o índice de síndrome de abstinência neonatal de Thomas ao nascer foi muito alto, e sua desintoxicação dos muitos narcóticos presentes no corpo da mãe foi severa. Como minha

advogada e eu imaginávamos que fosse acontecer, o bebê foi entregue aos cuidados do Departamento de Serviços de Saúde da Filadélfia, onde permaneceu durante a noite enquanto era avaliado e enquanto eles localizavam seus parentes mais próximos. No dia seguinte eles ligaram para Gee, e então ligaram para mim.

Gee me disse que eu era louca de me envolver.

— Você não sabe o que está fazendo — disse ela. — Não sabe como é difícil criar uma criança sozinha.

Mas eu já tinha decidido.

— Sim — disse eu à assistente social. — Eu tenho um lugar para ele.

Meu plano era pleitear a guarda integral do menino. Com minha advogada, decidi não requisitar uma anulação total dos direitos parentais de Kacey. Deixei a porta aberta, sempre, para ela começar uma reabilitação, para começar a ver Thomas. Mas, segundo instruções minhas, minha advogada impôs uma condição: Kacey só poderia ver o filho quando começasse a se submeter a exames toxicológicos ordenados pelo tribunal.

Ela nunca conseguiu. Apesar do que dizia, apesar das suas muitas tentativas de recuperar o direito de visitação, ela foi reprovada em todos os exames que fez.

Assim sendo, ela nunca teve autorização para ver Thomas, e eu mantive a guarda integral. O tribunal julgou esse arranjo o melhor para a criança, uma decisão fácil para qualquer juiz que se preze.

E imagino que seja exatamente isso que eu ofereço: respeitabilidade. Decência. Sobriedade. Um lar estável. Uma carreira. Uma chance de educação para o filho de Kacey, agora meu.

Eu disse ao DPF e a Truman que tinha adotado um filho.

Ninguém perguntou nada.

Até mesmo Truman, com quem eu já formava uma dupla havia cinco anos, disse apenas parabéns. Ele me comprou um presente: uma linda bolsa de livros e roupas, escolhidos com tanto cuidado

que deve ter levado um tempão para juntar. Eu lhe escrevi um bilhete agradecendo e mandei para a sua casa pelo correio.

A política de licença parental do DPF não é generosa. Para começar, é sem vencimentos. Mas eles dão seis meses de licença para os novos pais e mães, o que é melhor do que nada. Com a pequena quantia que tinha economizado, calculei que podia tirar três meses e uma semana. Depois disso, poria Thomas na creche.

Esses primeiros meses da vida de Thomas foram alguns dos mais difíceis da minha. Não recomendo tentar cuidar de recém-nascido nenhum durante meses a fio sozinha e sem qualquer ajuda, seja familiar ou remunerada, quanto mais um recém-nascido em abstinência de um regime de uso diário de narcóticos tão ativo quanto o de Kacey. Mas foi o que eu fiz.

No hospital, tinham lhe dado morfina.

Ele teve alta com uma receita de fenobarbital.

Como nenhum dos dois o poupava totalmente da dor da abstinência, eu ficava olhando com empatia o seu corpinho tremer e às vezes se convulsionar, e punha a mão no seu peito para senti-lo subir e descer mais depressa do que eu às vezes julgava possível, e escutava aflita seu choro às vezes incessante. Ele vomitava tanto depois das mamadeiras que cada trinta gramas que ganhava era uma pequena vitória. Muitas vezes era impossível consolá-lo.

Mesmo assim eu o pegava no colo, e, nos breves instantes de paz que surgiam como se fossem oásis quando eu pensava que não conseguiria mais continuar, eu me apaixonei pelo bebê, e vi seus olhos acesos se abrirem devagar, assombrados, para observar seu pequeno mundo. Incentivei-o em cada conquista física, nas vogais que saíam de sua boca com fluidez, depois em cada nova consoante pronunciada.

Quem é capaz de explicar, com palavras apenas, a ternura imensa e desarmante de segurar o próprio filho no colo? A sensação animal desse ato: a cabeça macia do bebê, a pele novinha do bebê (que realça o quão gasta a sua já é), a pequena mão subindo até seu rosto à procura de uma família. Os pequenos toques rápidos, leves como mariposas, que aterrissam na sua face e no seu peito.

A maior tristeza que eu já senti em toda minha vida foi numa tarde em que estava lhe dando a mamadeira. Estava sentada na cama, com Thomas no colo, e ao olhar para o meu filho, para as macias e minúsculas mechas de cabelo no seu couro cabeludo, para o braço rechonchudo feito num desenho animado, agora dividido no pulso e no cotovelo, uma súbita tempestade de incredulidade e tristeza explodiu dentro de mim, e eu abri a boca e, tenho vergonha de confessar, chorei aos berros.

Porque pela primeira vez entendi a escolha que a minha própria mãe tinha feito ao nos deixar, se não de modo proposital, pelo menos pelos seus atos, pelo seu descuido, pela inconstância com que buscava uma dose. Entendi que ela havia me segurado no colo, segurado nós duas, e nos olhado como eu estava agora olhando para Thomas. Havia nos segurado desse modo, e mesmo assim decidido me deixar, nos deixar.

Nesse momento eu fiz uma promessa a mim mesma, uma promessa que se tornou o princípio que norteia minha vida: eu iria proteger meu filho do destino que tinha se abatido sobre Kacey e sobre mim.

A luta de Thomas durou quase um ano. Eu olhava para ele e sentia minha raiva por Kacey me subir pela garganta. Como ela podia ter feito aquilo, pensava comigo mesma. Como qualquer um podia.

As noites se misturavam aos dias, depois viravam noite de novo. Eu muitas vezes esquecia de comer e de ir ao banheiro.

Gee foi a única pessoa, além de Simon, a quem revelei os detalhes da nossa combinação. E embora no início ela tenha sido assídua nas visitas, logo começou a aparecer com menos frequência.

A única vez que comentei como vinha sendo difícil desde que Thomas nascera, ela olhou para mim e falou:

— Imagine dois dele.

Nunca mais reclamei.

Esses meses me fizeram determinar uma coisa com certeza. Eu jamais deixaria o começo da vida de Thomas ser um entrave. Jamais

o deixaria usar a própria história como uma muleta. Na verdade, prometi a mim mesma que nem sequer lhe contaria até ele estar pronto para receber a informação sem deixar que ela afetasse negativamente a sua percepção de si mesmo.

Por esse motivo, Thomas hoje acredita que eu sou sua mãe biológica.

Pensei que Kacey fosse voltar para a rua e esquecer.

Pensei que ela ficaria brava comigo, mas que rapidamente seguiria em frente: a rotina de procurar, encontrar e procurar uma dose é imersiva e hipnótica, e é difícil emergir por tempo suficiente dessa nuvem para se importar.

No entanto, diversas vezes durante minha licença-maternidade, olhei pela minha janela do segundo andar e vi Kacey lá fora, sentada no degrau da frente da casa do outro lado da rua ou então no meio-fio, com as pernas esticadas para a frente, desanimada. Ela virava o rosto para cima e estreitava os olhos para a casa, e seu olhar percorria rapidamente a fachada de janela em janela tentando, imagino eu, ver o seu filho. O meu filho.

Uma ou duas vezes ela chegou até a tocar a campainha.

Eu nunca atendi.

Nessas ocasiões, eu me certificava de que os cômodos dentro da casa estivessem escuros, dava uma mamadeira para Thomas de modo que ele não chorasse, e ficava bem longe da porta enquanto ela a esmurrava, enquanto tocava a campainha sem parar, chamando o filho aos berros.

Uma vez, já no final da licença, saí com Thomas num carregador que costumava usar preso ao meu corpo. Pretendia ir a pé até a loja da esquina. Como sempre, tinha olhado pela janela antes de sair para garantir que minha irmã não estava presente.

Mas dez metros depois de sair de casa ouvi passos de alguém se aproximando depressa e me virei, amparando a cabeça de Thomas num gesto de proteção, e ali estava Kacey, com um olhar

desvairado e os cabelos desgrenhados, um fantasma enfurecido. Imagino que ela estivesse escondida.

— Por favor, Mick — dizia ela. — Por favor, me deixa ver ele. Eu só queria ver que ele está bem. Nunca mais vou pedir.

Não sei o que deu em mim. Eu deveria ter dito não.

Em vez disso, após hesitar, virei-me de frente para ela sem dizer nada e a deixei olhar para o rosto pequenino de Thomas. Ele estava dormindo. Sua bochecha estava encostada entre os meus seios. Ele era, ainda é, um menino lindo.

Kacey sorriu, só um pouquinho. Começou a chorar, o que lhe deu um ar ainda mais desvairado. Enxugou o nariz com as costas da mão. Uma vizinha passou e olhou para nós duas com olhos esbugalhados. Ela então tentou cruzar olhares comigo para garantir que eu estava bem, imaginando, tenho certeza, que eu estava sendo importunada por uma desconhecida maluca. Não retribuí seu olhar.

Num gesto hesitante, Kacey estendeu uma das mãos como se fosse tocar a testa de Thomas numa bênção, mas eu me retraí instintivamente com um tranco.

— Por favor — ela tornou a dizer.

Eram as últimas palavras que ela iria me dizer nos próximos cinco anos, tirando nossos encontros ocasionais enquanto eu estava trabalhando.

Fiz que não com a cabeça. Fui embora. Ela ficou parada atrás de mim, imóvel e desolada feito uma casa abandonada.

Até hoje, às vezes tenho pesadelos em que Kacey aparece para pegar Thomas de volta.

Nesses sonhos Kacey está bem, um retrato de saúde, e seu comportamento é exuberante e alegre, como quando ela era criança, e ela está muito bonita, e Thomas corre para ela por um lugar lotado de gente, em geral uma loja, ou então uma escola, ou às vezes uma igreja, e lhe diz: *Eu senti sua falta*, ou às vezes *Eu estava esperando você*, ou às vezes apenas *Mãe*. De modo muito simples. Reivindicando-a também. Nomeando um objeto, afirmando um fato. *Mãe*.

AGORA

— Olha aí o seu bebê — diz Gee na cozinha. E na sua voz eu ouço um quê de reprimenda. — Você já tem ele — diz Gee. — Não precisa se preocupar com outro.

— Para de falar — digo eu.

Atrás de mim, ouço Thomas dar um levíssimo arquejo, ele que nunca me escutou dizer coisas tão pouco educadas em toda a sua vida.

Olho para o ambiente à minha volta, e, de repente, acho difícil acreditar que foi ali que passei os primeiros vinte e um anos da minha vida. Naquela casa fria e pouco acolhedora. Naquela casa que não é lugar para crianças. Nessa hora, todas as partes de mim começam a mandar um sinal simultâneo: saia daqui, saia daqui, saia daqui. Tire Thomas daqui. Nunca mais volte a esta casa, a esta mulher.

Sem dizer nada, toco Thomas no ombro e faço sinal para ele de que temos de ir embora. Ele pega a Super Soaker e eu quase lhe digo para deixá-la ali, mas na última hora mudo de ideia.

Quando estamos saindo pela porta, as palavras de Gee ecoam na minha mente. *O mundo é um lugar duro. O mundo é um lugar duro.* Ela nos dizia isso o tempo todo quando éramos crianças. E me dou conta de repente de que essas também são as palavras que uso com Thomas quando lhe explico todas as dificuldades que ele precisou enfrentar esse ano.

Atrás de nós, Gee está falando alto quase no outro extremo do quarteirão.

— Deixa ela em paz — diz ela uma última vez. — Deixa ela em paz, vai ser melhor para você.

Thomas e eu passamos um tempo sentados no carro. Ele está pensativo e preocupado. Já sabe o suficiente para perceber que alguma coisa estranha está acontecendo.

Na minha mão direita está um dos cartões de aniversário que meu pai nos mandou. Eu o peguei antes de sair. Aquele dali é para Kacey. No canto superior esquerdo do envelope há um endereço em Wilmington, Delaware.

Preciso de alguém para ficar com Thomas um pouco. No momento, a pessoa com quem me sinto mais segura para deixá-lo é a sra. Mahon.

Uma vez no carro, ligo para o fixo dela e rezo para que já tenha voltado da casa da irmã.

A sra. Mahon atende depressa, como se estivesse esperando junto ao telefone.

— É a Mickey — digo eu.

E pergunto se posso aceitar sua sugestão de ajuda, e prometo explicar tudo à noite.

— Claro — diz a sra. Mahon. — Bata aqui quando chegar.

Ao desligar, reparo que Thomas está calado. Quando olho para o banco de trás, vejo que ele começou a chorar.

— O que houve? — pergunto. — Thomas, o que houve?

— Você vai me deixar com a sra. Mahon outra vez — diz ele.

— Só um pouquinho.

Viro-me no banco da frente e o encaro. Ele parece muito velho e muito jovem ao mesmo tempo. Viu coisas demais ultimamente.

— Mas é Natal — diz ele. — Eu quero que você me ajude a brincar com os meus novos brinquedos.

— A sra. Mahon pode ajudar você com isso — digo eu. E ele diz:

— Não. Eu quero você.

Do banco da frente, estendo a mão para trás, seguro seu tênis e aperto. O pé relaxa sob a minha mão. Ele dá um breve sorriso.

— Thomas — digo. — Eu prometo ficar com você amanhã, e todos os dias depois disso. Tá bom? Sei que tem sido um inverno difícil. Eu prometo que as coisas logo vão melhorar.

Ele não olha para mim.

— Vamos fazer alguma coisa legal com a Lila em breve — digo. — Não seria legal? Eu posso falar com a mãe dela.

Ele enfim sorri. Limpa uma lágrima da bochecha.

— Tá bom — diz.
— Não seria legal? — eu torno a dizer.
Ele assente, corajoso.

O tempo que passei sem ver meu pai é maior do que o tempo que o conheci. Eu tinha dez anos de idade quando ele desapareceu da nossa vida. Kacey tinha oito.

Após deixar Thomas na casa da sra. Mahon, ponho no GPS o endereço que tenho do meu pai em Wilmington e começo a dirigir.

O envelope no banco do carona tem mais de uma década de idade. Sei que é possível meu pai não morar mais naquele endereço. Mas, como não tenho outras pistas, aquela é a que preciso seguir.

Na minha lembrança ele é alto e bem magro, como eu. Tem uma voz grave, vagarosa, e está usando um jeans folgado, uma camisa do Allen Iverson e um boné de beisebol com a aba para trás. Na época ele devia ter vinte e nove anos de idade, mais jovem nessa lembrança do que eu sou agora.

Por eu ser obstinadamente leal à minha mãe, e porque Gee sempre dera a entender que meu pai era culpado pela sua morte, eu o odiava. Não o abraçava. Não confiava nele.

Kacey sim. Kacey nunca queria acreditar no que as pessoas diziam sobre ele, inclusive eu. Ficava muito mais abalada do que eu quando nosso pai não aparecia. Quando ele dava as caras, ela grudava nele e o ficava seguindo de cômodo em cômodo sem nunca se afastar dele mais de meio metro, falando daquele seu jeito incontrolável, ofegante e cheio de arquejos, exigindo sua atenção. Eu ficava mais calada. Observando.

Na última vez em que o vi, ele nos levou ao Zoológico da Filadélfia. Aquilo era para ser um presente para nós duas; nunca tínhamos ido lá. Soubemos com semanas de antecedência que ele iria nos levar. Eu disse para Kacey não ter muita esperança.

Ele apareceu, mas o que eu mais me lembro desse dia era que ele estava usando um *pager* que não parava de tocar, e que toda vez

que isso acontecia ele parecia ficar nervoso. Vimos algumas girafas, depois vimos alguns gorilas, e depois ele falou que tínhamos de ir.

— Mas a gente acabou de chegar — disse Kacey, uma fera. — A gente ainda nem viu as tartarugas.

Nosso pai não pareceu entender.

Eu sabia por que Kacey queria ver as tartarugas: era porque o nosso vizinho Jimmy Donaghy tinha gozado da sua cara por ela nunca ter visto uma. Uma coisa arbitrária, uma crueldade casual, apenas um jeito fácil de provocar Kacey. Não me lembro de como a coisa surgiu entre os dois, mas era isso: Kacey queria ver uma tartaruga para poder dizer a Jimmy Donaghy que tinha visto uma.

— Ah, Kace — disse o nosso pai. — Nem sei se tem tartaruga aqui.

— Tem sim — retrucou, enfática. — Com certeza tem.

Nosso pai olhou em volta.

— Bom, eu não tenho ideia de onde elas ficam, e a gente precisa ir embora.

O *pager* não parava de tocar. Ele olhou para o aparelho.

O trajeto de carro até em casa foi silencioso. Dessa vez deixei Kacey ir na frente. Nosso pai nos deixou na casa de Gee e ela abriu a porta para nós com a boca contraída, como se já esperasse aquilo.

— Que rápido — falou, com um tom de superioridade.

Uma semana mais tarde, um pacote apareceu na nossa porta. Dentro dele havia dois bichos de pelúcia: uma tartaruga para Kacey, um gorila para mim. Não cuidei bem do meu e o perdi quase imediatamente. Kacey guardou o seu e o levava consigo para todo lugar, inclusive para a escola. Até onde sei, pode ser que o tenha até hoje.

Depois disso nós nunca mais soubemos dele. Gee também agiu como se tampouco soubesse. Dizia-nos com frequência que deveria realmente pôr ele na justiça para cobrar a pensão, mas que não tinha tempo nem dinheiro para uma coisa dessas. Estava ocupada demais tentando manter um teto acima das nossas cabeças para sair atrás do inútil do nosso pai em troca dos centavos que ele conseguiria nos pagar, dizia.

Depois que ele sumiu, passamos os anos da nossa adolescência evitando mencioná-lo. Não queríamos que Gee começasse a falar nele. Ela nunca mais iria parar. Uma ou duas vezes escutamos boatos de vizinhos ou parentes em relação ao seu paradeiro: Wilmington, Delaware, era esse o consenso. Ele havia engravidado outra garota lá. Duas outras. Tinha seis outros filhos, escutei certa vez. Estava preso, eu escutava com frequência.

Ele tinha morrido, escutei mais tarde.

Quando escutei isso, procurei-o na internet. E encontrei: a certidão de óbito de um certo Daniel Fitzpatrick, da Filadélfia, nascido no mesmo ano que o nosso pai. Mas eu não sabia a sua data de nascimento nem perguntei para Gee, que provavelmente também não devia saber.

Mesmo assim, supus que fosse ele.

Nunca contei para Kacey. Comecei a contar, muitas vezes, mas não aguentei lhe dar essa notícia. Acho que de certa forma eu acreditava que nosso pai fosse uma das poucas brasas de bondade acesas que existiam na vida de Kacey, uma esperança secreta e perene, sempre fora de alcance. Em outras palavras, algo pelo qual viver. Alguém para deixar orgulhoso. Eu não queria tirar isso dela. Não queria que essa luzinha se apagasse.

Meu GPS me conduz até uma pequena casa: a metade da direita de uma casa geminada de tijolos em frente ao cemitério de Riverview. É uma estrutura de aspecto bem decente, e está em bom estado. As duas metades estão decoradas para o Natal. A da direita tem luzinhas em formato de velas nas janelas e uma árvore de plástico na entrada. São sete da noite agora, e já escureceu há horas.

Estaciono na rua a cinquenta metros da casa e desligo o motor. Assim que apago os faróis, a rua fica um breu. A única luz vem das janelas das casas e de suas decorações de Natal.

Fico um tempo sentada. Viro-me para trás para olhar a casa. Viro-me para a frente. Torno a me virar para trás.

Será que meu pai mora dentro daquela casa? É difícil para mim conciliar minha última lembrança dele com o que imagino sobre o

morador do número 1025B da Riverview Drive.

Cinco minutos depois, salto do carro e fecho a porta, tomando cuidado para não batê-la. Ando por cima dos pedaços de gelo espalhados pela rua e escorrego uma vez. Quando a escuridão se torna avassaladora e começo a sentir a presença do cemitério atrás de mim, apresso o passo.

Subo os quatro degraus em frente a casa. Toco a campainha, então dou vários passos para trás e fico esperando na beira dos degraus. Penso em todas as outras vezes na minha vida, na minha carreira, em que bati na porta de casas cujos moradores não estavam me esperando. Por costume, mantenho as mãos junto ao corpo, visíveis para quem quer que venha abrir a porta.

Um leve farfalhar vem da janela à minha direita: uma cortina sendo afastada de lado e em seguida solta de volta no lugar.

Segundos depois uma menina vem abrir, uma jovem adolescente. É bem magra, tem cabelos pretos encaracolados e usa óculos. Minha impressão imediata é que ela é tímida e estudiosa, talvez um pouco nervosa com desconhecidos. Ela me olha de cima a baixo.

Não diz nada. Espera eu falar.

De repente parece absurdo supor que meu pai ainda more num endereço que foi seu tanto tempo atrás. Na minha experiência, quem permaneceu enraizada no mesmo lugar foi a geração de Gee, em que todos ainda moram nas casas em que foram criados. A geração de nossos pais é móvel.

De modo que é com uma certa dose de constrangimento que começo a falar.

— Oi — digo à menina. — Desculpe incomodar. Eu queria saber se o Daniel Fitzpatrick mora aqui.

A menina franze o cenho de leve. Hesita. Adota um ar preocupado.

— Está tudo bem — digo eu.

Ela deve ter uns treze, catorze anos.

— Não é nada urgente — digo eu. — Eu só queria quem sabe falar com ele, coisa rápida. Se ele morar aqui.

Se ele estiver vivo, penso. Mas não digo.

— Um instante — diz a menina. Ela torna a entrar na casa, mas deixa a porta da frente aberta.

Será possível essa ser a filha do meu pai?, penso eu. Minha meia-irmã? Algo na sua boca me lembra muito vagamente a boca de Kacey.

Inclino-me um pouco para a frente para espiar o interior da casa, olho em volta. Tudo parece arrumado. Na minha frente há uma escada, e à minha direita uma sala. Os móveis são antigos, mas bem cuidados. Um cachorro pequeno, algum tipo de terrier, aparece e fareja meus pés, bufa uma ou duas vezes. Empurro-o de leve com o pé para garantir que ele não vai tentar fugir. Em outro cômodo, um rádio está ligado. Uma música pop natalina toca baixinho.

A menina fica lá dentro por muito tempo, tempo suficiente para eu me perguntar se deveria ter ido atrás dela. O ar frio continua entrando na casa. Começo a soprar as mãos para me aquecer quando vejo alguém descendo a escada na minha frente. Pés descalços, em seguida pernas cobertas por uma calça de moletom cinza.

É um homem em algum lugar da casa dos cinquenta, de cabelos escuros.

É o meu pai.

— Michaela? — diz ele. — É você?

Assinto.

— Que bom que você me encontrou — diz ele. — Eu estava te procurando.

Ele olha para trás de si, enfia os pés dentro de sapatos, em seguida pega umas chaves sobre uma mesinha ao lado da porta. Sai para a entrada e fecha a porta atrás de si.

— Vamos dar uma volta de carro — diz ele.

Hesito por um instante. De certa forma, ele foi redimido na minha mente pelo que descobri na casa de Gee. No entanto, ainda não conheço seus motivos. E ainda não sei onde minha irmã está.

Talvez ele note a minha hesitação.

— Ou você pode dirigir — diz ele. — Você decide. Está de carro?
— Estou — respondo.

Nós entramos.

— Eu pensei que você tivesse morrido — digo, antes mesmo que ele prenda o cinto de segurança.

Ele ri um pouco ao ouvir isso.

— Acho que morto eu não estou — diz. Toca as costas de uma das mãos com o dedo da outra. — Não — repete. — Ainda não.

Sinto-me constrangida na sua companhia por motivos que não consigo explicar. De repente me pergunto que impressão eu devo transmitir depois de tantos anos de ausência. Quero que ele pense bem de mim, e com a mesma rapidez sinto raiva de mim mesma por dar importância a isso.

Digo a mim mesma que só vou falar depois que ele falar.

Por fim, ele começa.

Meu pai me conta que vem procurando nós duas, eu e Kacey, há muito tempo.

Diz que ficou limpo em 2005.

A essa altura nós duas já éramos adultas, e ele imaginou, segundo diz, que nós o odiássemos, já que nunca respondemos a nenhuma das suas cartas ou cartões.

Durante anos, ele permitiu que essa fosse a sua desculpa para não nos procurar.

— Aí minha filha Jessie... — diz ele, mas para. — Minha outra filha, quero dizer — retoma ele. — A Jessie. Ela tem 12 anos. Esse ano ela começou a me perguntar sobre vocês duas, por que eu não via vocês. Acho que ela queria conhecer as meias-irmãs. E percebi que talvez tempo suficiente tivesse passado para que vocês estivessem prontas para falar comigo outra vez. Eu sei que agi errado em vários quesitos — diz ele. — Sei que essa culpa é minha. Mas eu estava limpo, então pensei que valia a pena tentar. Eu sempre me senti mal por causa do jeito como as coisas correram com vocês duas. Mas a essa altura não tinha a menor ideia de onde

encontrar vocês, e sabia que a sua avó não me ajudaria. Então contratei um conhecido meu, ex-policia! que trabalha como detetive particular. Em geral chamado por gente querendo pegar o marido ou a mulher no flagra, mas você sabe. Ele cumpre o que promete.

— Ele encontrou vocês duas — diz meu pai. — E bem depressa. Encontrou Kacey onde ela estava morando em Kensington, e encontrou você em Bensalem. Então ele voltou e me contou o que viu. Me deu os dois endereços. Me disse que agora era comigo.

Meu pai pousa um cotovelo no braço do assento. Posso ver que ele está nervoso. Limpa a garganta com um pigarro várias vezes seguidas. Tosse educadamente com a mão na frente da boca. Continua.

— Primeiro fui procurar Kacey — diz ele — porque meu amigo me disse que ela estava muito mal. Fiquei preocupado. Isso foi três, quatro meses atrás. Fui encontrá-la num lugar em que ela estava ficando, uma casa abandonada qualquer. Ela mal me reconheceu. Eu nunca a teria reconhecido.

— Tivemos uma longa conversa — diz ele. — Fizemos planos para ela vir ficar comigo. “Eu só preciso de mais um dia”, disse ela. *Escuta*, eu disse. *Eu também sou viciado. Sei o que isso significa.* Não me agrada ouvir isso. Dito e feito: no dia seguinte, fui buscá-la e não consegui encontrá-la.

— Depois disso — diz ele — fui visitar você no endereço de Bensalem que meu amigo tinha me dado. Uma senhora simpática me atendeu e disse que você não estava, sem dar nenhuma outra informação. Perguntou se eu queria deixar algum recado.

Nessa hora eu olho para meu pai no banco do carona. Recordo a descrição da sra. Mahon do visitante que foi procurá-la duas vezes em Bensalem. Sim: acho que meu pai se parece mesmo com Simon, pelo menos de um modo bem genérico. De toda forma, ele se encaixa na mesma descrição. É alto como Simon; tem os cabelos escuros. E logo abaixo da orelha esquerda há de fato uma tatuagem, exatamente como a sra. Mahon disse. No escuro não consigo ver o que é.

Ele prossegue.

— Então eu pensei que não iria — diz ele. — Eu tentei. Com as minhas duas filhas. Disse a mim mesmo que ia tentar novamente em breve, mas a vida se meteu no caminho, você sabe. Um mês acabou passando.

“Então, do nada, a Kacey apareceu na minha porta”, diz ele. “Não quis me dizer onde estava nem como chegou ali. Estava com o pulso quebrado, mas não quis me dizer como aconteceu.”

“E ela me disse que estava grávida”, diz ele. “Que queria ficar com a criança. Que queria se limpar.”

Estou dirigindo a esmo, virando aleatoriamente à direita e à esquerda, sem saber direito para onde estou indo. Nem que me pagassem conseguiria encontrar o caminho de volta para a casa.

Meu pai limpa a garganta.

— Como você pode imaginar, foi bastante coisa para processar — diz ele. — Mas eu pensei: essa é a minha chance de compensar o que eu fiz de errado no passado. Além do mais, eu já passei pela mesma coisa — diz ele. — Sei como é se desintoxicar. Sei como é tentar ficar limpo. Ainda frequento reuniões duas ou três vezes por semana — diz ele. — Pensei que poderia levá-la comigo. Arrumar um padrinho para ela e tal. Dar uma força, acho eu.

“Eu agora também tenho um bom emprego”, diz ele. “Tirei meu diploma na ITT Tech um tempo atrás. Hoje trabalho com TI. Ganho um bom dinheiro. Posso ajudar a pagar um plano de saúde para ela e para o bebê.”

Pela visão periférica eu percebo que ele olha para mim, avaliando minha reação. Será que ele quer que eu sinta orgulho dele? Não estou sentindo, ainda não.

— Enfim — diz ele. — A Kacey disse que já usava menos. Disse que estava tomando Suboxone quando conseguia encontrar. Eu a levei ao médico, que disse que a recomendação para quem está grávida e usando é começar a tomar metadona e não parar. Então o médico a ajudou a entrar num programa de manutenção de metadona. Ela tem ido desde então.

— Quer dizer que ela está com você — digo eu por fim.

- Ela está comigo — diz meu pai. — Está lá naquela casa.
- Ela está viva — eu digo.
- Está viva.

Fico calada por muito tempo.

- Posso encontrar com ela? — finalmente pergunto.

É a vez dele de ficar calado.

- O problema é que eu não sei se ela quer ver você — diz ele.
- Ela me falou sobre o filho dela — diz ele, e eu me retraio.

O meu filho, penso eu. Meu filho.

— Assim que chegou na minha casa ela me contou sobre isso, e disse que não queria contato nenhum com você — diz ele. — Mas é engraçado — diz. — Quanto mais tempo ela passa sóbria, mais fala de você.

- Não parece que ela está sóbria — eu digo.

É uma coisa amarga de se dizer.

Ele assente. Vejo o seu rosto, destacado na contraluz da claridade tênue do outro lado da janela do carro. Atrás dele, os postes da rua vão passando.

— Eu entendo você — diz ele, suave. — Muita gente acha que tomar metadona não é a mesma coisa que estar sóbrio.

Ele não diz mais nada.

- Mas você sim — digo, por fim.

Ele encolhe os ombros.

— Não sei — responde. — Eu não sei o que eu acho. Já faz um tempo que não tomo mais metadona. Mas sei que no começo eu precisei. Nunca teria levado adiante a desintoxicação sem ela.

Depois disso nenhum de nós dois fala mais nada.

Eu sigo dirigindo. Agora estou numa rua maior, avançando em linha reta. Sem virar. E, de repente, à minha frente, vejo um cintilar de água e me dou conta de que encontrei o Delaware outra vez. O mesmo rio escuro que me acompanha desde o nascimento.

— É melhor você virar à direita aqui — diz meu pai. — Senão vai acabar debaixo d'água.

Em vez disso, eu encosto e paro o carro. Os faróis iluminam a escuridão. Eu os apago.

Ela tem falado cada vez mais de você — diz meu pai. — Está sentindo a sua falta. Ela precisa da família.

— Ha — faço eu.

É o ruído que produzo sempre que me sinto pouco à vontade, percebo. Zombando de um assunto sério.

— Depois que a Kacey apareceu, fui a Bensalem tentar te achar uma segunda vez — diz ele. — Mas dessa vez a mesma senhora me disse que você tinha se mudado.

Concordo.

— Pensei que eu tivesse te perdido outra vez — diz meu pai.

— Eu falei para ela dizer isso — digo eu. — Pensei que você fosse outra pessoa.

Abruptamente, acendo a luz do teto do carro e olho para ele.

— O que foi? — pergunta ele. Encara-me de volta, e a claridade súbita o faz piscar.

Eu o estou examinando para tentar discernir a tatuagem abaixo da orelha.

L.O.F., está escrito numa cursiva rebuscada.

Levo um segundo para entender. São as iniciais da nossa mãe.

Ele vê para onde estou olhando, encosta um dedo na tatuagem e pressiona com cuidado, como se ela fosse um machucado. Então se vira para o outro lado.

— Aposto que você sente falta dela — diz. — Eu também sinto.

São nove da noite quando finalmente deixo meu pai de volta em casa. Não combinamos nada. Ele agora tem meu número de telefone e eu o dele. Isso vai bastar até tanto Kacey quanto eu sabermos o que estamos sentindo em relação a um potencial reencontro.

Meu pai diz que vai falar com ela. Tentar convencê-la.

— Vocês precisam uma da outra — diz ele.

— Não precisa convencer a Kacey de nada — digo eu, rígida. — Se ela não quiser me ver, tudo bem.

— Tá bom — diz meu pai. — Tudo bem. Entendido.

Mas posso perceber, pelo seu tom de voz, que ele não acredita em mim.

Depois que eu o deixo em casa, fico esperando um tempo, olhando enquanto ele sobe correndo os degraus. As persianas da casa foram erguidas e posso ver lá dentro. Cada janela iluminada contém em seu interior a possibilidade de que Kacey vá passar por ali.

Mas ela não passa, e não passa, e eu por fim ligo o carro e vou embora.

Após um longo dia fora de casa, a bateria do meu celular está completamente descarregada, o que aumenta minha sensação de desconforto. Não gosto de ficar sem contato com Thomas.

Não há ninguém na estrada. Está nevando de leve. Uma grande lua amarela paira no céu. Tento imaginar Thomas e a sra. Mahon, e tento dizer a mim mesma que eles estão abrigados e confortáveis, assistindo na televisão a alguma coisa relacionada ao Natal. Talvez Thomas ainda esteja acordado quando eu chegar em casa, penso. Isso fará eu me sentir melhor, menos culpada por ter saído, se eu ao menos puder lhe dizer boa noite.

Quando estaciono o carro e subo a escada dos fundos, vejo uma débil luz tremeluzente pela janela ao lado da porta. Giro a chave o mais silenciosamente possível, para o caso de Thomas já estar dormindo. Mas a porta para a dois centímetros do batente. Empurro-a com mais aflição. Algo a está prendendo.

Pela janela na parte superior da porta, vejo o rosto redondo e preocupado da sra. Mahon. Ela também olha por um instante por cima do meu ombro, como para se certificar de que eu não fui seguida.

— Mickey? — diz ela do outro lado da porta. — É você?

— O que está acontecendo? — pergunto. — Sou eu. Vocês estão bem? Cadê o Thomas?

— Espere aí — diz ela. — Espere só um instante.

Um ruído de arranhado soa quando ela arrasta alguma coisa para longe.

Por fim, a porta se abre, e ao entrar no apartamento corro os olhos rapidamente pelo recinto à procura do meu filho.

— Cadê o Thomas? — torno a perguntar.

— Dormindo no quarto — responde a sra. Mahon. — Graças a Deus você chegou — diz ela então. — Vieram procurar você.

— Quem? — pergunto.

— A polícia — diz a sra. Mahon. — A polícia apareceu aqui mais ou menos uma hora atrás e tocou sua campainha. O Thomas ficou apavorado, pobrezinho. Eu fiquei apavorada, Mickey. Quando eles apareceram na sua porta achei que fossem me dizer que você tinha morrido. Eles disseram que tinham tentado te ligar, mas não conseguiram falar. Aí vieram te procurar em casa.

— Minha bateria acabou — digo. — Quem era? Que agente?

A sra. Mahon leva a mão ao bolso e pega um cartão. Entrega-o para mim. *Investigador Davis Nguyen*, está escrito.

— Tinha um outro também — diz ela. — Outro homem. Não lembro o nome dele.

— DiPaolo? — pergunto.

— Esse mesmo — diz a sra. Mahon.

— O que eles queriam? — pergunto.

Vou até o canto da sala, onde deixo um carregador sobre uma mesa lateral, e ponho o telefone para carregar.

— Isso eles não me disseram — responde a sra. Mahon. — Só disseram para você ligar para eles quando chegasse.

— Está bem — digo. — Obrigada, sra. Mahon.

— Mas fiquei pensando se teria alguma coisa a ver com a notícia — diz a sra. Mahon.

— Que notícia?

A sra. Mahon inclina a cabeça em direção à televisão e eu acompanho seu olhar. Não é um filme de Natal que está passando ao fundo: uma correspondente está em pé em Cumberland Street

perto de um terreno vazio que foi isolado com fita. A mesma neve leve que está caindo em Bensalem cai também lá.

Assassinato no dia de Natal, diz uma legenda abaixo do rosto pálido da repórter. Ela está abrigada numa parca roxa. No microfone, está dizendo: "Duas semanas atrás, o Departamento de Polícia da Filadélfia garantia ao público haver detido um suspeito. Mas hoje especula-se que esse homicídio pode estar ligado à série de homicídios ocorrida em Kensington no início deste mês."

A sra. Mahon está balançando a cabeça e emitindo pequenos ruídos de reprovação.

— Coitada da moça — diz ela.

— Quem? — indago. — Eles deram o nome da vítima?

— Não — diz a sra. Mahon. — Ainda não. Só disseram que era mulher.

— Mais alguma coisa? — pergunto.

— Disseram que ela foi encontrada hoje por volta do meio-dia. Parece que fazia pouco tempo que ela morrera.

Ainda estou segurando o celular numa das mãos. Por fim ele fica suficientemente carregado e ganha vida sob o meu comando.

— Sra. Mahon — digo eu. — A senhora se importaria de ficar aqui um instante enquanto eu faço esta ligação? Não quero mandá-la embora se eles forem precisar que eu vá à delegacia.

— Era isso que eu estava pensando — diz a sra. Mahon. — Eu não me importaria nem um pouco.

É para DiPaolo que eu ligo, não para Nguyen. Conheço DiPaolo melhor.

Ele atende na mesma hora, com uma voz alerta. Está em algum lugar ao ar livre; posso ouvir o tráfego ao fundo.

— É Mickey Fitzpatrick — digo. — Soube que você passou na minha casa.

— Que bom que você ligou — diz ele. — Onde está agora?

— Em casa — respondo.

— E onde está seu filho? — pergunta DiPaolo.

Começo a responder, então mudo de ideia.

— Por quê? — pergunto.

— A gente só queria garantir que sabemos onde vocês dois estão.

— Ele está bem — digo eu. — Está dormindo.

Mas de repente sinto a necessidade de ir checar isso pessoalmente. Enquanto estou falando com DiPaolo, vou depressa até o quarto de Thomas e abro a porta.

Ali está ele.

Ele embolou todas as cobertas para formar um ninho no centro da cama. Está bem agarrado com elas. Tem o maxilar contraído. Sem fazer barulho, torno a fechar a porta.

— Tá bom — diz DiPaolo.

— O que está acontecendo? — pergunto. — O Mulvey continua preso?

DiPaolo passa alguns segundos respirando.

— Continuava — diz ele. — Até hoje.

— O que houve? — pergunto.

— Ele tem um álibi — diz ele por fim. — Arrumou um amigo limpo que diz que passou dois dias direto com Mulvey por volta da época em que Christina Walker foi morta, e Mulvey está alegando que o motivo para o seu DNA ter sido encontrado em duas das meninas que morreram foi porque ele era cliente delas. Nada além disso. Os dois, tanto Mulvey quanto o amigo, juram que não as mataram. Ele arrumou um advogado. Tivemos de soltá-lo.

— A que horas ele foi solto? — pergunto. — Estava detido na hora do assassinato de hoje?

Não sei qual eu quero que seja a resposta.

— Estava — diz DiPaolo.

Na sua voz eu ouço que há mais alguma coisa que ele quer dizer.

— Escuta — diz DiPaolo. — Vou mandar uma viatura para aí. Um novato do 9º Distrito. Ele vai passar a noite de hoje estacionado em frente à sua casa, tá? Não se espanta quando o vir lá.

— Por quê? — pergunto.

DiPaolo faz uma pausa. Ao fundo, ouço uma sirene passar. Ele tosse uma vez, duas.

— Por quê, Mike? — pergunto.

— É só por precaução — diz ele. — Provavelmente uma reação exagerada. Mas sabe o nome que você me deu quando a gente se encontrou no Duke's... a mulher que você disse que tinha feito uma acusação para você contra alguém do DPF?

— Paula — digo eu. — Paula Mulroney.

DiPaolo fica calado. Esperando eu ligar os pontos.

— Ela foi a vítima de hoje — diz ele por fim.

Digo à sra. Mahon para passar a noite na minha cama. Eu vou dormir no sofá, no cômodo mais perto da porta da frente, onde qualquer um que entre vai topar comigo primeiro.

Quero todos nós debaixo do mesmo teto.

Tudo que digo à sra. Mahon sobre a viatura que sobe silenciosamente o nosso acesso de carros coberto de neve e estaciona ali é que meus colegas estão sendo extracuidadosos por causa de uma informação que eu passei para eles.

— Não é nada com que se preocupar — digo, e a sra. Mahon retruca:

— Eu tenho cara de quem se preocupa com muita coisa?

Mas sei que ela está apenas querendo parecer corajosa, assim como eu estou. E enquanto a sra. Mahon está usando o banheiro eu desço o corredor sem fazer barulho e tiro minha arma do cofre.

Agora não consigo dormir. Fico pensando na viatura em frente a casa, me perguntando por que, se DiPaolo tem medo de Paula ter sido morta para silenciá-la, um agente da DPF foi designado para nos proteger. Eu me sentiria mais segura com um agente da polícia do estado, alguém de fora. É verdade: DiPaolo fez questão de me dizer que estava designando um novato para ficar de guarda, alguém de outro distrito, e portanto, era de supor, alguém sem muitos vínculos com o 24º Distrito. Mesmo assim, fico deitada acordada no sofá até as quatro da manhã, observando o segundo ponteiro do relógio de parede avançar sob a luz mortífera da lâmpada

lá de fora. Sombras lançadas pelas persianas oblíquas dividem a claridade. Eu entraria na cama com Thomas, se não tivesse medo de que isso o fizesse acordar. Quero estar perto dele, saber que o estou protegendo, saber que ele está bem do meu lado no mundo.

Outro sentimento começa lentamente a sobressair, unindo forças com minha preocupação: é tristeza, uma tristeza terrível por Paula, que ainda posso ver perfeitamente como uma adolescente de dezoito anos de língua ferina e riso solto. Alguém que sempre defendeu Kacey, do mesmo jeito que Kacey sempre defendeu a mim. Acho que eu sempre gostei de saber que Paula estava lá, de olho na minha irmã, de olho em todas as outras mulheres de Kensington.

Por fim, e pior de tudo, vem a culpa. Se a pessoa que estamos buscando for do DPF; e se eu tiver sido a primeira a dizer o nome de Paula Mulrone para Ahearn, depois para Chambers, e depois para DiPaolo, então sim. É possível que eu seja a responsável indireta pela sua morte.

Fecho os olhos. Seguro a cabeça com as mãos.

Em off?, disse eu para Ahearn.

Em off, disse ele para mim.

Na manhã seguinte, o DPF ainda não liberou o nome de Paula para a imprensa.

Passo um tempinho procurando informações sobre ela na internet. Não demoro a encontrar uma página do Facebook criada por amigos em sua homenagem.

Nela encontro informações sobre uma missa em seu tributo. Vai ser na Sagrado Redentor, na próxima quinta-feira.

Não há velório. As implicações disso se delineiam para mim de modo incômodo.

Pretendo ir a essa missa.

Passo o dia inteiro à espera de mais informações sobre as circunstâncias da morte dela. Quero assistir ao noticiário para ver se eles prenderam alguém, mas não quero assustar Thomas. Em vez

disso, fico escutando uma estação de rádio da cidade no meu celular e com um velho par de fones de ouvido que encontro numa caixa no armário. Fico andando de fone pelo apartamento, lavando roupa e arrumando a bagunça, enquanto Thomas constrói um labirinto complexo com seus trilhos de trem de madeira.

— O que você está escutando? — pergunta ele várias vezes.

— As notícias — respondo.

A viatura em frente a casa foi embora, mas de tanto em tanto uma outra desce a rua devagar e passa em frente à nossa casa. Posso vê-la da janela do meu quarto. Às vezes acho isso reconfortante; em outros momentos acho ameaçador, um mau presságio, algo predatório. Tento manter Thomas afastado, mas ele é bastante observador e sabe que tem alguma coisa acontecendo.

A estação que estou ouvindo é a rádio pública da cidade onde Lauren Spright trabalha. Ao final de um programa de uma hora, ouço o apresentador dizer o nome dela.

Lembro-me de repente do nosso encontro no Bomber Café e da sua proposta de organizar um encontro entre Lila e Thomas. Ocorre-me, na verdade, que eu poderia perguntar a Lauren se ela poderia fazer isso durante a missa de quinta-feira para Paula. A Creche Spring Garden está fechada na semana entre o Natal e o Ano-Novo, ou seja, pode ser que Lauren também esteja em casa.

Torno a me refugiar no quarto, ligo para ela e deixo recado, dizendo-lhe que preciso ir a uma missa de falecimento e perguntando se essa seria uma boa ocasião para Thomas ir à sua casa. Um minuto depois, ela me liga de volta.

— Desculpa — diz. — Não reconheci seu número. Está ótimo assim. Eu ando procurando coisas para a Lila fazer. Esse recesso não acaba nunca.

Lauren dá uma risada curta, então para.

— Eu sinto muito pela sua amiga — diz ela.

— Obrigada — digo. — Ela não era... não era uma amiga próxima — retruco. — Era amiga da minha irmã, mais do que minha.

— Mesmo assim — diz Lauren. — Era amiga da família. Ninguém gosta quando alguém morre jovem.

— Não — digo. — É verdade.

A missa em homenagem a Paula tem pouca gente, apesar do fato de o DPF finalmente ter divulgado seu nome. Chego dez minutos depois do horário marcado e me acomodo numa fileira mais para os fundos da igreja, ajoelhando-me por hábito antes de me sentar.

Tenho dois motivos para estar ali: o primeiro é prestar homenagem. Não tenho certeza se acredito ou não numa vida após a morte, mas acredito sim em tentar fazer o que é certo ao longo da vida, e se ainda não sei com certeza se o fato de ter mencionado o nome de Paula para o DPF levou diretamente à sua morte, o que sei é que isso foi, no mínimo, uma traição da sua confiança. Portanto, estou ali para me redimir.

O segundo motivo: sinto que é possível eu entreouvir algo útil enquanto estiver ali, ouvir alguma teoria sobre a causa da morte dela.

Nessa manhã vesti uma calça e uma camisa pretas e me dei conta, de repente, de que estava parecida com Gee em seu uniforme de trabalho. Então troco de camisa e ponho uma cinza, e deixo o rosto o mais simples e discreto possível.

Agora, do meu lugar no fundo, posso ver que as primeiras fileiras de ambos os lados da igreja estão cheias, mas o restante do espaço está vazio. Reconheço a maioria das pessoas presentes, ou do meu trabalho no 24º Distrito, ou então do ensino médio. Todas me parecem estar hoje em graus variados de sobriedade. Um punhado de homens está sentado reunido, um deles tossindo acintosamente, outro cabeceando. Há uma dúzia de mulheres, algumas das quais eu sei que já detive.

A paróquia, Sagrado Redentor, é a mesma que frequentávamos quando crianças, vinculada à primeira escola de ensino fundamental em que estudamos. É uma grande igreja de pedra, fresca no verão até mesmo sem ar-condicionado e fria no inverno, como está nesse dia. Tenho muitas lembranças dessa igreja: fiz minha Primeira Comunhão ali, depois Kacey fez a dela dois anos mais tarde, usando o mesmo vestido. Ainda posso vê-la, vestida como uma noiva em miniatura, tentando se lembrar de andar devagar.

Sei que não é impossível a própria Kacey estar ali. Ela com certeza a essa altura já ficou sabendo da morte de Paula, e achei que talvez pudesse decidir aparecer. Mas não a vejo em lugar nenhum. Ainda não. De vez em quando, viro-me para trás e olho para a porta.

A missa começa. O padre — padre Steven, que está na igreja há tanto tempo que também conduziu a missa da nossa mãe — fala depressa, entoando o rito. Imagino morbidamente que a quantidade de missas de falecimento naquele bairro tenha aumentado nas duas últimas décadas. Padre Steven parece bastante acostumado àquele papel.

De onde estou, posso ver o perfil da mãe de Paula na primeira fila do lado oposto ao meu. Ela está de calça jeans e tênis. Não tira a jaqueta de gominhos mas a mantém em volta do corpo, uma camada adicional de proteção. Está com os braços cruzados ao redor do corpo de um jeito estranho, de modo que as palmas de suas mãos estão viradas para o teto. Ela olha para as mãos como se estivesse ninando a lembrança da filha, recordando o peso e o calor da bebê Paula. Perguntando-se o que deu errado.

Fran Mulroney, o irmão mais velho de Paula, faz uma elegia que discorre principalmente sobre a raiva que ele próprio sente do assassino. *Quem fez isso*, diz ele várias vezes, balançando a cabeça para a frente e para trás do jeito mais ameaçador que consegue numa igreja. Padre Steven pigarreia. Por volta do final, Fran dá uma pista da raiva que sente de Paula por estar na situação em que estava. Recorda o senso de humor da irmã, a criança doce que ela foi. Eu simplesmente não sei o que aconteceu, diz ele várias vezes.

— Queria que ela tivesse tomado decisões melhores — diz a pessoa que apresentou todo mundo à sua volta aos comprimidos que acabariam selando o seu destino.

A missa termina. Uma fila de cumprimentos está se formando no fundo da igreja. Fran Mulroney, a mãe e uma terceira pessoa, um avô talvez, estão em pé na frente da fila, perto das portas principais.

Kacey não apareceu.

Desço discretamente um corredor lateral e me posiciono na fila atrás de um grupo de mulheres que reconheço do meu trabalho no 24º Distrito. São amigas de Paula, e eram também amigas da minha irmã.

Baixo os olhos para meu celular tentando exibir uma atitude casual, para o caso de elas se virarem e me verem. A maioria me reconheceria, imagino eu, apesar de eu hoje não estar de uniforme.

Elas estão quase cochichando, mas posso ouvir pedacinhos do que dizem, uma palavra de vez em quando que me dá uma indicação quanto às suas opiniões.

— Aquele escroto — diz uma, e a outra repete:

— Aquele escroto.

No início eu penso que elas estão se referindo a Fran Mulroney. Pelo menos estão olhando na direção dele. Mas então o teor da conversa se modifica um pouco. Em determinado momento, escuto distintamente a palavra *cana*. Em outro, escuto *cara errado*. *Fiança*, escuto. Posso ver principalmente a parte de trás da cabeça delas, mas de vez em quando uma delas se vira para outra e inclina a cabeça para sussurrar alguma coisa, e posso ver de relance seu rosto e sua expressão, num quarto de giro.

De repente, uma delas, que está na frente do grupo e se vira para trás para escutar alguma coisa que a amiga está dizendo, me vê e congela.

— Aí — diz ela para a amiga. — Aí. Cala a boca.

Todas as quatro, ao ver para onde ela está olhando, se viram na minha direção. Mantenho os olhos no celular e finjo não reparar. Mas pela visão periférica percebo que ninguém está se virando para a frente outra vez.

A mulher mais próxima de mim é baixa e tem uma aparência forte. Está usando uma calça jeans roxa. Ela aponta o dedo em cheio na minha direção, quase tocando meu peito, de modo que sou obrigada a olhar para cima.

— Você tem mesmo uma puta de uma coragem de aparecer aqui — diz ela.

Seus cabelos estão puxados para trás e presos num rabo de cavalo. Ela está usando brincos que chegam quase à gola da roupa.

— Não entendi, desculpe — digo eu.

— Deveria pedir desculpas mesmo — diz outra mulher.

Todas as quatro estão agora avançando na minha direção de modo ameaçador, com as mãos nos bolsos e o queixo empinado para a frente.

— Sai daqui, porra — diz a mulher de jeans roxo.

— Eu não estou entendendo — digo eu.

Ela dá um muxoxo.

— Você por acaso é burra? — pergunta ela.

Eu nunca gostei dessa palavra. Franzo o cenho.

A mulher agora está estalando os dedos na minha cara.

— Oi? — diz ela. — Oi? Vai pra casa. Sai daqui.

Um movimento repentino atrás de minhas agressoras chama minha atenção. Alguém está entrando na igreja e se movendo na direção oposta à das pessoas que saem.

No início não a reconheço.

Seus cabelos estão castanho-claros, mais próximos da cor natural do que já vi desde que ela era criança. Ela tem a tez pálida. Está de óculos. Nunca a vi de óculos antes.

Kacey. Minha irmã.

Apesar da aparência saudável, ela também parece cansada e está atrasada, com a barriga a despontar debaixo de um casaco aberto. Por baixo do casaco está usando uma camisa branca e uma calça de moletom cinza. Talvez a única calça que caiba nela no momento, penso eu. Ela agora está serpenteando pela fila de cumprimentos.

A mulher de jeans roxo olha para trás em direção às amigas, e então, sem dizer nada, duas delas vêm na minha direção e me seguram pelos dois cotovelos.

— Não fala nada, porra — murmura uma delas no meu ouvido.

— Tenha respeito. Você está num funeral.

Mas instintivamente meu treinamento de policial assume a dianteira, e giro o corpo com força suficiente para derrubar uma delas de quatro no chão. A outra me solta.

— Ah, não — diz a que continua de pé. — Ela não fez isso.
Levanto as mãos.

— Escutem — digo. — Está havendo um mal-entendido aqui.
De repente, Kacey está do meu lado.

— Ei — diz ela, olhando não para mim, mas para as quatro mulheres. — Ei. O que está acontecendo?

— Essa piranha acabou de encostar a mão em mim — diz a mulher que foi derrubada no chão, esquecendo, imagino eu, quem na verdade encostou a mão em quem primeiro.

Kacey não olha para mim.

— Ela sente muito — diz ela, referindo-se a mim. — Mickey, pede desculpa pra elas.

— Eu não... — começo, e Kacey me dá uma cotovelada forte.

— Fala, Mickey. Pede desculpa.

— Me desculpem — digo eu.

A mulher de jeans roxo está olhando não para meus olhos, mas sim para minha testa, como se ali houvesse um alvo pintado.

Ela se vira para Kacey. Balança a cabeça.

— Sem querer te desrespeitar, Kacey — diz ela. — Sem querer te desrespeitar, eu sei que ela é sua irmã. Mas você deveria abrir o olho. Não sabe tudo sobre ela.

Kacey fica calada por alguns segundos, olhando alternadamente para mim e para essa mulher, e então, como se uma decisão houvesse se encaixado no lugar dentro do seu cérebro, ela ignora a mulher, põe a mão no meu ombro de modo brusco e me guia para fora da igreja, passando por Fran e pela mãe dele, que nos observam sem entender. Penso subitamente em Kacey criança, saindo vezes sem conta em minha defesa, apenas esperando alguém tentar me agredir.

Um coro de vaias nos acompanha para fora da igreja, escada abaixo e até a rua.

Lá de dentro, a mulher ainda grita para Kacey mais uma vez:

— *Abre o olho.*

Durante um tempo a minha irmã não me diz nada. Ando em direção ao meu carro, estacionado logo depois de uma esquina, e ela segue andando ao meu lado, respirando pesado.

Também não sei o que dizer para ela.

— Kacey — digo, por fim. — Obrigada.

— Não — diz ela, depressa demais. — Não faz isso.

Já estamos no carro e eu paro, constrangida, sem saber ao certo como prosseguir.

Ela me encara diretamente nos olhos pela primeira vez.

— O pai falou que você foi me procurar — diz ela.

— Eu não fui... — começo. Estou prestes a negar. *Eu não fui procurar você.*

Em vez disso, digo:

— Eu estava preocupada.

Ela cruza os braços em volta do corpo num gesto defensivo, acima do ventre. Não responde nada.

— Mickey — diz ela por fim. — Do que elas estavam falando? Aquelas meninas?

— Não faço ideia — respondo.

— Tem certeza? — pergunta ela. — Tem alguma coisa que você queira dizer?

Engulo em seco. Penso em Paula. Na minha traição da resposta de Paula quando lhe pedi para fazer uma denúncia. *De jeito nenhum, porra, disse ela. E entrar na mira de todo cana desta maldita cidade.*

— Não — digo eu. — Kacey, eu não sei do que elas estão falando.

Ela assente enquanto me avalia. Por muito tempo, ficamos caladas. Na rua, um bando de crianças passa em motocicletas tunadas, empinando, e Kacey só torna a falar quando o barulho passa.

— Eu confio em você — diz Kacey.

Kacey recusa uma carona.

— Peguei o carro do pai — diz ela. — Ele está me esperando em casa.

Então eu a acompanho até o carro dele, em seguida me despeço no meio-fio, sentindo-me tão atormentada pela culpa que minha barriga dói.

Está na hora de ir buscar Thomas na casa de Lauren Spright em Northern Liberties. Ela me convida para entrar. A casa em si é grande e moderna, situada em frente a um parque que jovens de má reputação costumavam frequentar quando eu era pequena. Na época em que aquele bairro ainda era nosso.

A cozinha, que parece ter sido feita para um programa no canal Food Network, fica no térreo, num grande espaço aberto com uma porta de vidro de correr que dá para um pátio. Lá fora há uma árvore de Natal, uma árvore de verdade, coberta de luzinhas brancas. Nunca vi uma coisa dessas antes: uma árvore de Natal plantada no pátio dos fundos de uma casa. Isso me agrada.

— As crianças estão lá em cima — diz Lauren. — O que você quer beber? Quer um café?

— Claro — respondo. Ainda estou abalada com o que aconteceu na missa de Paula. Segurar algo pequeno e quente nas mãos seria agradável.

— Como foi o funeral? — pergunta Lauren.

Demoro a responder.

— Estranho, na verdade — respondo.

— Como assim?

Lauren está despejando água quente direto sobre café em pó dentro de um cilindro de vidro alto. Ela põe por cima uma tampa com uma espécie de haste no meio e a deixa ali parada. Nunca vi café ser preparado assim antes. Não faço perguntas.

— É uma história comprida — eu digo.

— Eu estou com tempo — diz Lauren.

Do andar de cima vem o barulho de algo caindo, seguido por uma pausa, e então por risadinhas abafadas.

— Talvez — diz Lauren.

Examino-a. Na verdade é tentador despejar tudo que sei para Lauren, que é uma boa ouvinte e parece ter uma vida organizada e feliz. Lauren Spright e os seus parecem estar com tudo sob controle. Parte de mim pensa ao olhar para ela: *Eu poderia ter tido isso*. Poderia ter tido outra carreira, outra casa, outra vida. Quando começamos a nos envolver, Simon e eu falávamos sobre criar uma vida juntos quando seu filho Gabriel crescesse. Quero contar a Lauren sobre todos os planos que eu tinha. Quero que ela saiba que eu fui boa aluna. Quero despejar os fatos da minha vida dentro do receptáculo aberto e simpático de Lauren Spright, cujo rosto largo e bonito está virado para mim de modo acolhedor, cujo nome em si soa como algo inocente e encantado.

Mas não o faço. Ouço no meu ouvido a voz de Gee me dizendo: *Você não pode confiar neles*. Ela nunca disse quem eram *eles*, mas tenho certeza de que Lauren Spright se encaixa na descrição. Por mais errada que Gee estivesse em relação a todo o resto, há uma grande parte de mim, talvez eu inteira, que ainda concorda com ela nesse quesito.

Nessa noite, depois de eu pôr Thomas na cama, meu celular toca.

Olho para a tela.

Dan Fitzpatrick, está escrito. Quando meu pai me deu seu número, não consegui me forçar a salvá-lo com o nome Pai. Nada tão íntimo.

Atendo.

Ele no início não diz nada, e eu então escuto uma respiração suave que reconheço como a de outra pessoa.

— Kacey? — indago.

— Oi — diz ela.

— Você está bem?

— Escuta — diz ela depois de outra pausa. — Eu vou te contar uma coisa importante. E cabe a você decidir acreditar ou não em mim.

— Tá — digo.

— Eu sei que você nem sempre acreditou em mim no passado — diz Kacey.

Fecho os olhos.

— Eu hoje perguntei por aí — diz Kacey. — Liguei para uns amigos. Tentei descobrir o que as pessoas estavam dizendo sobre você.

— Tá — eu torno a dizer.

Aguardo.

— Você está com o Truman Dawes? — pergunta ela.

— Como assim? — pergunto eu.

Ouvir o nome dele assim, de modo tão repentino, é perturbador. Não tenho notícias dele desde que tentei desajeitadamente beijá-lo. Por culpa e constrangimento, venho tentando evitar pensar nele.

— Agora, quero dizer — diz Kacey. — Se ele está com você. No mesmo carro. No mesmo recinto.

— Não — respondo. — Eu estou em casa.

Kacey fica calada.

— Por quê? — pergunto. — Kacey?

— Eles acham que é ele — diz minha irmã. — Acham que foi ele quem matou Paula e as outras. E acham que você sabe.

Todas as partes de mim se rebelam.

Não, penso.

Não pode ser verdade. Não é possível. Minha compreensão fundamental de Truman não me permite acreditar no que acabei de ouvir.

Abro e fecho a boca. Respiro.

Do outro lado da linha, ouço Kacey respirar também. Esperando eu responder. Medindo, na minha longa pausa, o quanto eu confio nela.

Penso na última vez em que duvidei dela: em como acreditei na palavra de Simon e não na sua; no quão profundamente errada eu estava. Nos modos como essa única palavra, *não*, afetou o curso de nossas vidas.

Então, em vez disso, eu digo a ela:

— Obrigada.
— Obrigada? — diz Kacey.
— Por me contar.
Então desligo o telefone.

Uma dissonância agitada e desconfortável borbulha dentro de mim. Minha crença em meus próprios instintos entra em conflito com minha crença nas palavras de Kacey. A única solução me parece ser encarar a afirmação de Kacey como uma teoria que precisa ser provada, ou desmentida, com provas.

Apressada, desço a escada e bato na porta da sra. Mahon.

Quando ela aparece, já estou de casaco e segurando a bolsa.

— Eu sei — diz ela antes de eu conseguir dizer qualquer coisa.
— Vá fazer o que precisa. Eu fico com Thomas lá em cima. Durmo lá se for preciso.

— Eu sinto muito — digo. — Sinto muito mesmo, sra. Mahon. Eu vou lhe pagar.

— Mickey — diz ela. — Eu não me sentia tão útil assim desde que Patrick morreu.

— Tá bom — digo eu. — Obrigada. Obrigada.

Então, com uma careta, eu lhe peço uma outra coisa. Acho que nunca pedi tanta coisa para ninguém em toda minha vida.

— O que a senhora acharia se trocássemos de carro? — pergunto. — Se importaria se eu pegasse o seu emprestado um pouco?

A essa altura a sra. Mahon está rindo.

— O que você precisar, Mickey — diz ela. Tira as chaves do gancho na sua entrada, e eu lhe entrego as minhas.

— Ele pega velocidade rápido — diz a sra. Mahon. — Só para você saber.

— Obrigada — torno a dizer, e a sra. Mahon descarta o agradecimento com um aceno.

Então me segue até o andar de cima. Senta-se no sofá e tira um livro da bolsa.

Vou até o armário e tateio pela última prateleira de cima em direção ao cofre onde guardo minha arma, uma Glock funcional com

cabo de doze centímetros. Nunca senti qualquer desejo de ter uma segunda arma pessoal antes de hoje. Hoje desejo algo menor, mais compacto, algo que pudesse carregar com facilidade sem ser visto.

Em vez disso, preciso pôr meu cinturão e encaixar nele a arma grandalhona. Tenho um casaco grande o suficiente para esconder tudo isso, mas, mesmo assim, o volume fica grande.

Quando volto para a sala, a sra. Mahon ergue os olhos do seu livro.

— Sra. Mahon — eu digo —, não abra a porta para ninguém.

— Eu nunca abro — ela diz.

— Nem para a polícia — completo.

A sra. Mahon de repente parece preocupada.

— O que está acontecendo? — pergunta ela.

— Estou tentando entender — respondo.

Saio com o carro tão depressa que os pneus do Kia da sra. Mahon cantam. De fato, o carro pega velocidade depressa. Preciso lembrar que não estou trabalhando, que não estou numa viatura. A última coisa de que preciso é ser parada pela polícia. Diminuo para uma velocidade mais aceitável.

A essa hora da noite, dirigindo levemente acima do limite de velocidade, levo apenas uma hora para chegar à casa de Truman em Mount Airy.

Estaciono na sua rua, a meio quarteirão da sua casa, e desço do carro sem fazer barulho.

São onze da noite agora. A maioria das casas está escura. Mas a de Truman ainda tem luz no interior, e da rua posso ver suas estantes e os muitos volumes que elas contêm. Não vejo Truman. Ando até sua entrada sem ser vista.

Agora na ponta dos pés, subo os degraus e espio por uma janela. Tanto Truman quanto a mãe estão na sala acesa, Truman lendo, sua mãe cochilando na poltrona.

Encaro-o com atenção. Ele parece muito interessado no que quer que esteja lendo; não consigo ver o que é. Está deitado no sofá, descalço, e usa um dos pés para coçar o outro.

Ele diz alguma coisa para a mãe que não consigo captar. Talvez *Vá para a cama, mãe. Acorde, hora de ir para a cama.*

Seu olhar então se move da mãe para a janela. Por um segundo, ele parece estar olhando em cheio para mim. Abaixo-me até o chão. Fico encolhida ali, com as costas apoiadas na parede da casa. Mas a porta da frente não se abre, e minha respiração finalmente volta ao normal.

Eventualmente, torno a me esgueirar escada abaixo, sempre abaixada. Sigo em direção ao carro da sra. Mahon. Entro.

Desse posto de observação, fico olhando a casa.

Cinco minutos se passam. Dez. Então, por fim, Truman se levanta do sofá. Na janela, sua silhueta está destacada pela luminária atrás dele. Ele atravessa a sala. Reparo que ainda manca de leve ao andar.

É nessa hora que a primeira centelha de dúvida me causa um peso na barriga. E uma pergunta me ocorre que talvez eu devesse ter me feito desde o início. O ataque que fez Truman ser posto de licença médica foi aleatório, como ele levou todo mundo a acreditar?

Ou terá o seu agressor sido motivado por alguma outra coisa?

Mais perguntas me ocorrem, uma depois da outra.

Ele estava me dizendo a verdade em relação a visitar Dock? Foi procurá-lo duas vezes, e em ambas me relatou seu dia. Mas na verdade eu não tenho provas de que nenhuma dessas visitas de fato aconteceu.

Seria alguma dessas coisas verdade?

Abruptamente, as luzes na casa de Truman se apagam.

É então que um último pensamento me ocorre e me deixa enjoada. Um pensamento que não consigo afastar. Foi Truman o primeiro a me sugerir que Simon poderia ser o culpado. Em pé do outro lado da sua casa, no quintal dos fundos, ele me pediu para fazer essa suposição com ele. E depois me deixou na mão quando DiPaolo me falou que eu estava maluca.

Está ficando frio agora. Consigo ver minha respiração. De tanto em tanto tempo ligo o carro, ponho a calefação, depois torno a desligá-

lo. Ligo o rádio.

Meu objetivo: ficar acordada até Truman Dawes sair de casa. E então segui-lo, da mesma forma que segui Simon instada por Truman.

Às 7h30, acordo sobressaltada. Estou gelada, com tanto frio que não consigo sentir os dedos das mãos nem os dos pés. Esfrego as mãos depressa uma na outra. Esforço-me para mover as articulações enrijecidas. Giro a chave na ignição e deixo o motor ligado por um tempo, esperando ele esquentar.

Fico aliviada ao ver que o carro de Truman continua em frente à sua casa.

O sangue vai retornando lentamente às minhas mãos e aos meus pés, que latejam quando isso acontece. O carro agora está quente o suficiente para ligar a calefação no máximo, e faço isso.

Verifico meu celular. Nenhum recado, nenhuma ligação.

Sei que vou ficar com fome em breve, e preciso ir ao banheiro também. Olho para a casa de Truman e faço um cálculo. Tem uma loja de conveniência a apenas cinco minutos daqui. Se eu for até lá, há uma chance de perdê-lo, mas pode ser que eu tenha um longo dia pela frente e duvido que consiga me segurar.

Num impulso, saio com o carro e sigo em direção à loja de conveniência, ainda dirigindo só um pouquinho acima do limite.

Quando chego de volta à rua de Truman, um pouco antes das oito — bexiga aliviada, água, café, café da manhã e almoço comprados —, seu carro está saindo de ré. Encosto, pensando, nervosa, que ele pode passar bem ao meu lado e me ver dentro do carro. Mas ele segue na direção oposta, e alguns instantes depois eu me afasto do meio-fio e vou atrás dele.

O Kia da sra. Mahon é um sedã branco bem genérico, nada que vá parecer conhecido para Truman. Desejo mais uma vez ter tido alguma experiência como infiltrada. Sem ela, faço o melhor que posso para dirigir pelo instinto: sigo-o a alguns carros de distância, rezando para pegar os mesmos sinais fechados que ele. Uma vez

furo um vermelho para continuar na sua cola. Um motorista próximo dá uma buzina de quem não acreditou naquilo e me mostra o dedo. *Desculpe*, articulo sem som.

Truman segue a avenida Germantown no sentido sudeste por vários quilômetros. Todos os caminhos levam a Kensington, penso eu. Sei para onde ele está indo e não fico surpresa, mas uma sensação de mau presságio cresce dentro de mim.

Eu não quero saber a verdade.

Ele não faz nenhuma parada. Dirige devagar, passeando, sem pressa. É preciso toda minha força de vontade para fazer o mesmo, para me conter e não ultrapassá-lo. Quando estávamos no carro juntos, Truman costumava gozar da minha cara por eu ser um demônio da velocidade, por dirigir de modo inconsequente.

Chegando à Allegheny, ele dobra à esquerda. Eu dobro também. Ele segue a Allegheny no sentido leste, e então estaciona de modo abrupto logo antes da avenida Kensington.

Passo por ele e estaciono um pouco mais adiante. Foco observando-o pelo retrovisor, depois pelos espelhos laterais, sem me virar.

Ele salta do carro.

Está andando devagar, talvez por causa do joelho. Dobra uma esquina e entra na Kensington.

É só quando ele sai do meu campo de visão que desço do carro da sra. Mahon com um pulo e corro na direção da avenida. Não quero perdê-lo de vista.

Fico aliviada ao ver as costas de Truman quando viro na mesma esquina que ele, mas agora estou perto demais. Meu casaco tem capuz, e cubro a cabeça com ele e me encosto num muro por um instante, tentando abrir alguma distância entre nós dois sem despertar suspeita. Decerto não estou conseguindo.

Olho para Truman de lado enquanto ele se afasta devagar. A uns trinta metros de onde estou, ele vira à esquerda e abre a porta de uma loja. Antes de entrar, olha para a direita e para a esquerda, então desaparece lá dentro. E eu finalmente me dou conta de onde estamos, e de para onde Truman está indo.

A vitrine da loja do sr. Wright não mudou em nada desde a primeira vez que entramos lá. A plaquinha na qual está escrito *Material* ainda está caída de lado. As mesmas bonecas de plástico me encaram com seus olhos mortos; os mesmos pratos, tigelas e talheres empoeirados estão arrumados da mesma forma no mesmo suporte. A vitrine na verdade está tão abarrotada que não consigo ver o interior da loja, e por esse motivo estou agora parada do lado de fora, sem saber o que fazer.

Se eu o seguir até lá dentro, pode ser que revele cedo demais meus objetivos. Ele vai ter a oportunidade de inventar alguma desculpa para estar em Kensington.

Se eu esperar ele tornar a sair, posso correr o risco de perder informações importantes, posso deixar passar alguma transação sobre a qual deveria saber.

Faço um trato comigo mesma: vou esperar dez minutos. Se ele não sair em dez minutos, digo a mim mesma que vou entrar.

Posiciono-me a uns dez metros da porta da frente, então verifico a hora no celular. Torno a guardá-lo no bolso. Começo a contar.

Menos da metade do tempo que me dei passou quando Truman reaparece. Ele agora está arrastando algo atrás de si.

É uma grande mala preta de rodinhas.

Pelo modo como a está manobrando, parece haver algo pesado lá dentro.

Ele segue pela Avenida no sentido sul, e mais uma vez começo a segui-lo. Dessa vez ele vira à esquerda na Cambria, e percorre mais algumas dezenas de metros antes de entrar numa viela onde acho que nunca estive. Não há pedestres nessas ruazinhas, e fico com medo de Truman se virar a qualquer momento e me ver trinta metros mais atrás. Tento caminhar o mais silenciosamente possível. Tento flutuar, para ele não ouvir meus passos.

Quando chego à viela na qual Truman entrou, não o vejo. Mas ouço alguma coisa: uma porta batendo.

Há apenas seis estruturas na minha frente, e duas delas são cascas ocas e sem telhado. As outras quatro me parecem abandonadas, porém intactas.

Aproximo-me da lateral de uma delas, pronta para me esgueirar para dentro de um terreno vazio caso alguém saia. Passo um tempo escutando, tentando ouvir algum outro barulho que possa revelar a localização de Truman. Mas tudo que consigo escutar é minha própria respiração, meu próprio sangue a correr dentro dos meus ouvidos. Tirando isso, o tráfego da avenida. O metrô de superfície correndo sobre os trilhos.

Avanço. Espio pelas janelas fechadas por tábuas de cada casa, uma depois da outra. Não vejo nada nas primeiras duas à minha esquerda. Quando espio por entre duas tábuas que estão tampando uma janela na terceira casa, vejo de relance um movimento, uma silhueta escura atravessar o recinto. Levo as mãos às laterais dos olhos para tentar escurecer o mundo externo de modo a ver melhor o que está acontecendo.

Tudo lá dentro está parado.

Então escuto uma voz. A voz de Truman, bem baixinha.

Não consigo ouvir exatamente o que ele diz, mas posso ver que está falando com alguém no chão. Truman se abaixa, e então não consigo mais vê-lo nem ver o que ele está fazendo.

Penso em Kacey. Em tudo que ela suportou durante uma década nessas ruas. Penso em Paula. Antes de mudar de ideia, saco minha arma e abro a porta destrancada da casa com um puxão.

Passo pela porta de lado, tentando me transformar num alvo pequeno, como fui ensinada.

Como sempre acontece, meus olhos demoram a se adaptar ao ambiente escuro da casa. Uma silhueta, Truman, levanta a cabeça de modo abrupto.

— Não se mexe — digo, apontando a arma para o seu peito. — Não se mexe. Mãos para cima.

Ele obedece. Sua silhueta ergue os braços.

Olho em volta atarantada. Há uma segunda pessoa no recinto. No escuro não consigo distinguir nenhuma característica específica. Ela está deitada no chão, entre as pernas de Truman.

A mala de Truman está fechada e deitada no chão ao lado dele. Mantenho a arma apontada para ele.

— Quem está no chão? — pergunto.

— Mickey — diz Truman.

— Quem é? Ela está ferida? — pergunto. — Me fala.

Mas posso ouvir minha voz ficando mais fraca, perdendo autoridade.

Truman finalmente fala.

— Que diabo você está fazendo aqui? — pergunta ele baixinho.

— Estou só... — digo eu, mas hesito, e então constato que não consigo terminar.

— Guarda sua arma, Mickey — diz Truman.

Com um gesto da Glock, indico a mala no chão.

— O que tem aí dentro? — pergunto.

— Eu te mostro — diz Truman. — Eu abro e te mostro.

A mulher aos seus pés não se moveu um centímetro. Truman se agacha ao lado da mala.

— Vou só pegar meu celular, tá bom?

Bem devagar, ele põe a mão no bolso da frente e pega o celular. Mira a lanterna do aparelho na mala e abre o zíper. Ergue a tampa da mala.

No início não consigo ver o que tem lá dentro. Dou dois passos para a frente e olho mais de perto. O que vejo são suéteres de moletom, luvas, gorros, meias de lã. Esquentadores de mão e de pé, daqueles do tipo químico que duram oito ou dez horas. Barrinhas energéticas. Barras de chocolate. Garrafas d'água. E, acondicionados na rede na parte interna da tampa da mala, cerca de uma dúzia de doses de spray nasal Narcan.

— Não estou entendendo — digo.

Na visão periférica, a figura caída no chão se mexe de leve. Recuo, e miro a arma nela por um instante antes de virá-la novamente para Truman.

— Ele ainda está consciente — diz Truman. — Mas a gente não deveria esperar muito mais.

— Como assim, *e/e*? — eu digo.

Truman vira o celular aceso na direção da figura. E de repente eu percebo meu erro.

— Quem é esse? — pergunto.

— O nome dele é Carter, acho eu — responde Truman. — Pelo menos foi o nome que ele me deu.

Bem devagar, com uma sensação cada vez maior de vergonha, ando na direção da pessoa caída no chão. Não é uma mulher. É um menino, um menino jovem, dezesseis anos, por aí, a mesma idade que Kacey tinha da primeira vez em que a vi nesse estado. É muito magro, afro-americano, e está vestido vagamente de punk, com delineador nos olhos, tentando muito aparentar uma idade maior do que tem. A magreza infantil de seu corpo o denuncia.

Ele tornou a ficar completamente imóvel.

— Ah, não — digo.

Truman não diz nada.

— Ah, não — repito eu.

— Quer aplicar você a dose, ou aplico eu? — pergunta Truman num tom neutro, fazendo um gesto na direção do Narcan dentro da sua mala.

Mais tarde, na rua, ficamos esperando juntos a ambulância chegar.

A vítima, Carter, ressuscitou e está sentada no chão, aos prantos, desolada.

— Eu não preciso de ambulância — geme ele, mas de nada adianta. — Preciso ir embora. — As mangas de sua roupa descem até cobrir os dedos; ele as segura ali. Tento pôr a mão no seu ombro, e ele se desvencilha.

— Não se mexe — diz Truman, ríspido, e o menino escuta, resignado enfim.

Truman está um pouco afastado, sem olhar para mim.

Tento várias vezes falar, pensar na melhor maneira de me desculpar. Por hoje. Pelo que aconteceu no Duke's. De modo geral.

Mas nenhuma palavra me vem à mente.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto, por fim.

Truman passa um longo tempo me olhando antes de responder. Como se estivesse tentando decidir se eu mereço uma explicação.

Por fim, ele fala. Diz que já há algum tempo vem trabalhando como voluntário com o sr. Wright. Todos os dias em que consegue ir a Kensington, ele passa na loja do sr. Wright e pega uma mala que o sr. Wright encheu de material, e então percorre o bairro fazendo o que pode para ajudar. Dando comida e material para as pessoas. Administrando Narcan quando necessário. É algo que o sr. Wright vem fazendo há uma década, diz ele, desde que os filhos morreram. Só que agora o sr. Wright está ficando mais velho, com menos mobilidade, e alguém precisa assumir o seu lugar.

— Que bacana da sua parte — digo eu, um comentário inútil. Minha voz sai fraca. Mas meu coração está afundando no peito. Peça desculpas, penso. Peça desculpas, Mickey.

Mas um novo pensamento está me ocorrendo e me distrai.

— A agressão — digo, num tom que se assemelha à tristeza. — O cara que te agrediu.

— O que tem?

— Não foi aleatório — digo. — Foi?

Ele olha para o quarteirão adiante.

— As pessoas não gostam que eu venha bisbilhotar por aqui — diz ele.

— Você conhecia ele?

— Tinha tirado ele de cima da namorada um dia ou dois antes. Encontrei ele enchendo ela de porrada. Tirei ele de cima dela.

— Por que não me falou nada? — pergunto.

Ele me olha com um ar impaciente.

— Como é que eu ia explicar o que estava fazendo numa casa invadida fora do expediente? — rebate ele. — Para você ou para qualquer outra pessoa?

Não tenho uma boa resposta. Olho para o outro lado.

— E aí? — pergunta Truman por fim.

— E aí o quê?

— Sua vez — diz ele. Sua boca é uma linha. Não há calor nenhum na sua voz.

— Eu estava te seguindo — digo.

Sinto-me impotente e resignada. No momento não tenho condições de lhe dizer nada a não ser a verdade. Meus olhos estão cravados nas rachaduras da calçada, nas pequenas ervas daninhas e pedrinhas que foram parar dentro de cada reentrância.

— Por quê? — pergunta ele baixinho.

Solto o ar.

— Disseram que você era o cara — digo.

— Quem disse?

— As amigas da Kacey.

Truman assente.

— E você acreditou nelas.

— Não — respondo.

Truman ri, mas sua voz está dura.

— Ah — diz ele. — Mas, mesmo assim, olha a gente aqui.

Não digo nada. Fico olhando para o chão mais um pouco.

— Foi uma coincidência infeliz — começo a dizer, mas Truman me interrompe.

— Por que você fala assim? — pergunta Truman. — Mickey. Por que você fala assim?

Uma pergunta interessante, de fato. Penso um pouco. A sra. Powell costumava nos dizer que as pessoas nos julgariam com base na nossa construção gramatical. *Não é justo, dizia ela, mas é verdade. Na sua construção gramatical e no seu sotaque. Perguntem a si mesmos: como vocês querem ser percebidos pelo mundo?*, dizia a sra. Powell.

— Eu tive uma professora... — começo, e Truman corta:

— A sra. Powell. Eu sei, a sra. Powell. Mickey, você tem trinta e três anos de idade — diz ele.

— E daí? — rebato.

Ele não responde.

— E daí? — torno a perguntar, levantando a cabeça. Só então vejo que Truman não está mais do meu lado. Olho para a minha

direita e vejo apenas suas costas, um calcanhar erguido quando ele desaparece por uma esquina no final do quarteirão.

De repente me dou conta do tempo que faz desde que verifiquei meu celular. Quando o faço, vejo que tenho três chamadas perdidas.

Todas elas são do meu próprio telefone fixo.

Tenho também uma mensagem de voz.

Não escuto a mensagem. Ligo direto para casa.

— Sra. Mahon, sou eu, Mickey — digo. — Está tudo bem? É o Thomas?

— Ah, já está tudo bem — diz a sra. Mahon. — É que o Thomas parece estar meio doentinho.

— O que ele tem? — pergunto.

— Bem — diz a sra. Mahon. — Infelizmente ele vomitou um pouco.

— Ah, não — digo. — Eu sinto muito, sra. Mahon.

— Não se preocupe — diz ela. — Eu usei minha formação de enfermeira. Mas ele já parece estar um pouco melhor. Está comendo cream crackers agora. Talvez você queira trazer alguma bebida hidratante quando vier para casa.

— Chego em quarenta e cinco minutos — digo eu.

No caminho, ligo para o meu pai.

— Preciso falar com a Kacey — digo.

Um segundo mais tarde, minha irmã está na linha.

— Espera aí — diz ela.

Ao fundo, posso ouvir seus passos enquanto ela anda até algum lugar. Provavelmente em busca de privacidade.

Uma porta se fecha.

— Pode falar — diz Kacey.

Faço-lhe um resumo rápido do meu dia.

— Eu realmente não acho que possa ser Truman — digo no final. — Independentemente do que as suas amigas estão dizendo.

Kacey faz uma pausa e pondera a questão.

— Por que elas iriam mentir? — pergunta ela. — Por que iriam mentir em relação a uma coisa dessas? Não faz sentido. Todo

mundo no bairro acha a mesma coisa.

Uma ideia está começando a me ocorrer. A mesma antiga sensação: a de segurar uma peça de quebra-cabeça que sei que vai se encaixar com precisão.

— Kacey — digo eu. — Kacey. Quais foram as palavras exatas delas?

— Nossa, Mick, sei lá — diz Kacey.

— Por favor, tenta se lembrar — digo. — Você lembra de alguma coisa?

Kacey solta o ar.

— Algo como... — diz ela. — Algo como: *Todo mundo em Kensington sabe sobre o parceiro da sua irmã. Você acha que a sua irmã também não sabe?*

Eu me calo.

— O que foi? — pergunta Kacey.

— O Truman não é mais meu parceiro desde a primavera passada — digo eu.

— Não? — diz Kacey. — Quem é?

A enorme quantidade de informações que sei sobre Eddie Lafferty agora me parece, de modo muito improvável, uma bênção.

Nós só fomos parceiros durante um mês, e eu passei esse mês principalmente o escutando falar sobre si mesmo, sem parar, no banco do carona.

Mas nos últimos tempos não tive notícia absolutamente nenhuma dele.

Depois que pedi a Ahearn para não nos pôr mais para trabalhar juntos, eu de modo geral o evitei. E desde a minha suspensão tenho estado ainda mais por fora das coisas.

A pessoa com quem mais quero conversar sobre isso é Truman. No momento, infelizmente, acho que ele não é uma opção.

Em vez disso, digo o nome de Lafferty para Kacey e ela fica calada por um longo tempo.

— Soa conhecido — diz ela. — Tenho a sensação de já ter escutado esse nome antes. Me dá um segundo — diz ela. — Me dá

só um segundo.

Mas quando eu respondo descubro que ela já desligou na minha cara.

Em casa, Thomas está deitado no sofá com um copo d'água em cima da mesa à sua frente. Está assistindo a um programa na TV. Parece pálido, mas tirando isso está bem.

— Eu vomitei — diz ele.

— Eu soube — digo eu.

Levo uma das mãos à sua testa para ver se ele está com febre. A pele está fresca.

— Quantas vezes? — pergunto.

Ele ergue uma das mãos de modo dramático, com todos os cinco dedos esticados. Então ergue a outra mão também. Dez.

Sutilmente, do outro lado da sala, a sra. Mahon faz que não com a cabeça.

— Ele já melhorou — diz ela. — Não é, Thomas?

— Não — diz ele.

Está olhando para mim, preocupado.

— Ainda estou enjoado — diz ele.

A sra. Mahon abre a boca. Fecha. Então meneia a cabeça em direção aos fundos do apartamento.

Vou atrás dela.

No meu quarto, a sra. Mahon fecha a porta suavemente.

— Detesto me meter — diz ela. — Mas não sei de que outra forma dizer isso. Eu acho que o Thomas talvez esteja preocupado com você.

— Como assim? — pergunto.

A sra. Mahon hesita.

— Eu acho que ele está bem — diz ela. — Ele de fato vomitou, uma vez só, no começo da manhã. Mas desde então acho que está fingindo. Ele corre para o banheiro, abre a torneira, faz uns barulhos e dá a descarga. Aí sai e diz que passou mal. Eu percebi depois de algumas vezes. Acho que ele talvez só precise de um pouco de atenção — diz a sra. Mahon.

— Eu passei a semana inteira em casa com ele — digo. — A semana inteira, até ontem.

— As crianças percebem tudo — diz a sra. Mahon. — Acho que ele está percebendo que alguma coisa não está certa com você. Talvez ache que você está correndo perigo.

— Ha — faço eu.

— Ele vai ficar bem — diz a sra. Mahon. — É um bom menino. Muito educado.

— Obrigada — digo eu.

A sra. Mahon sorri.

— Bem — diz ela. — Eu vou indo. Assim vocês põem a conversa em dia.

— Obrigada — torno a dizer.

Sigo as instruções. Passo o dia com Thomas, aconchegada no sofá. Ele se encosta em mim agradecido. Fico esperando Kacey me ligar de volta. Ela nunca liga.

Na hora de dormir, ele pega no sono em cima de mim e continuo com ele no colo. Como se estivesse pressionando um ferimento. Para não deixá-lo sangrar. Seu corpinho amolece e relaxa. Eu não solto. Deveria pesquisar sobre Lafferty. Deveria ligar para alguém. Deveria fazer o meu trabalho, penso. Em vez disso, fico segurando meu filho no colo e fitando o milagre que é o seu rosto, uma versão menor do rosto de Kacey, uma constelação de tecidos em perfeita organização.

— Não vai para lugar nenhum — diz ele de repente ao acordar sobressaltado.

— Não vou, não — digo eu. — Eu prometo.

Às nove horas da noite, ouço o som característico de um carro em frente a casa. Não creio que a sra. Mahon tenha saído de casa desde que desceu, e com certeza não estou esperando ninguém.

Com toda delicadeza, tentando não acordar Thomas, contorço-me para sair de baixo dele e fico em pé.

Apago todas as luzes do meu apartamento. Deixo apenas a luz de fora, para poder ver melhor qualquer um que por acaso se aproxime. Passo o trinco na porta.

Então olho para Thomas apagado no sofá. Não gosto de ele estar tão perto da porta da frente. Abruptamente, eu o pego no colo, o levo para o quarto e o ponho na cama.

Quero-o fora de vista.

De volta à escuridão da sala, fico parada, sem me mexer, à escuta. Instantes depois, ouço passos subindo devagar minha escada de madeira. Em frente à minha porta, o visitante para. Não bate.

Queria estar com a minha arma. Cogito ir tirá-la do cofre.

Em vez disso, avanço agachada até a porta da frente, então me ajoelho ao lado dela. Ergo a cabeça até a janela e afasto meio centímetro a barra da cortina de *voile*.

É Kacey.

Fico em pé e destranco a porta. Abro uma fresta. O ar frio de fora bate no meu rosto.

— *O que você está fazendo aqui?* — sussurro.

— Preciso te mostrar uma coisa — diz ela. — Não dá para esperar.

Afasto-me de lado desajeitadamente, acendo as luzes e a deixo entrar no apartamento. Ela olha em volta com um ar de aprovação.

— Que bacana — diz, gentil.

— É bom — digo eu.

Faço uma pausa. Ela faz uma pausa.

— Como você achou isto aqui? — pergunto.

— O pai me deu o endereço.

Olho para ela.

— Você contou para ele o que está acontecendo? — pergunto.

Ela assente, séria.

— Eu conto tudo para ele — diz. — É o único jeito de ficar careta que eu conheço. Honestidade total. Senão eu começo a mentir sobre pequenas coisas, e aí...

Ela não completa a frase. Transforma a mão em um aviõzinho e faz a mímica de uma queda.

— Na verdade, posso ligar para ele? — pergunta. — Prometi que ligaria quando chegasse aqui.

Ao terminar, ela se vira para mim e diz:

— Você tem um notebook?

No meu quarto, sentamo-nos lado a lado na cama. Kacey está segurando o computador.

Ela o maneja com desenvoltura. Abre o Facebook e, no campo de pesquisa, digita *Edward Lafferty*.

Juntas ficamos olhando para a tela. Dos sete Edward Lafferty que surgem nos resultados, um parece ser ele. Ali está ele, de óculos escuros, com a cabeça calva exposta. Está sorrindo e com o braço passado em volta de um cão que parece ser um mestiço de pit bull, e do qual me lembro de ele ter falado.

Antes que eu possa identificá-lo, Kacey encosta um dedo no seu rosto na tela.

— É ele — diz.

Não é uma pergunta.

Faço que sim com a cabeça. É ele.

— Ele é amigo do Connor — diz ela. — Já encontrei ele antes — diz ela.

Connor. Levo um segundo para entender.

— Do Dock? — pergunto, sem pensar, e Kacey diz:

— Como você conhece esse nome?

— Eu conheço esse nome porque estava te procurando e cruzei com ele — respondo. — Infelizmente.

Kacey assente.

— É — diz ela. — É, ele é barra-pesada.

— *Barra-pesada?* — repito. — É uma descrição possível.

Kacey de repente se contorce, se endireita na cama e leva as duas mãos à barriga.

— Ah — diz, suavemente.

- O que houve? — pergunto.
- Ela está chutando — diz Kacey.
- Ela — digo eu.

Kacey encolhe os ombros. Parece desejar não ter dito nada. Mais uma vez abraça a barriga. Protegendo-a.

- Talvez seja melhor eu começar do começo — diz ela.

— No verão passado — diz Kacey — eu comecei a sair com um cara. Connor. Era esse o nome dele. As pessoas chamam ele de Dock, mas eu nunca chamei. Ele foi legal comigo. Fazia muito tempo que eu não tinha um namorado. Ele vinha de uma boa família. Nunca conheci, mas ele me contava histórias sobre eles. Disse que sentia falta deles. Que a gente ia se limpar juntos, ele me disse, e eu também queria isso.

“É claro que nunca aconteceu. A gente parava de usar, aí um de nós dois tinha uma recaída, eu ou ele, e puxava o outro para baixo junto.”

— A verdade é que você não quer estar sozinho — diz ela. — Esteja doidão ou careta, seja como for, você quer que a pessoa que ama esteja lá com você também. Então a gente não conseguia ficar careta.

— Em setembro — diz Kacey — eu percebi que fazia um tempo que a minha menstruação não vinha. Não sabia quanto tempo, porque não estava mantendo controle desse tipo de coisa. Eu tentava usar camisinha antes de começar a namorar o Connor, mas depois a gente deu bobeira, sabe? Acontece. Então de repente percebi que já fazia um tempo, fui à clínica gratuita e fiz um teste de gravidez. Eles fizeram um ultrassom lá mesmo. E tinha uma forma dentro de mim, deu para ver na tela. Era a segunda vez na minha vida que eu via uma coisa assim. *Esse é o seu bebê*, me disseram.

Kacey está começando a chorar. Enxuga o nariz na manga da roupa. Ajeita o cabelo atrás das orelhas com as duas mãos, igualzinho fazia

quando era criança. Sinto uma ânsia repentina de reconfortá-la. Não o faço.

— Eles me disseram que eu estava de onze semanas — diz Kacey. — Isso foi em setembro. Me perguntaram se eu estava bebendo ou usando alguma droga. Eu fui sincera com eles. Respondi que sim, que estava usando heroína, que estava tomando remédios. Que estava bebendo. Sim para tudo.

“Então a enfermeira, uma enfermeira muito legal, disse que ia me encaminhar para um tratamento com metadona, que o protocolo recomendado era começar a tomar metadona, porque se eu parasse de cara isso poderia ter um efeito muito ruim para o bebê. Você sabe. Eu já tinha ouvido isso antes. Tenho outras amigas da avenida que engravidaram enquanto ainda estavam usando, então isso não era novidade para mim. Mas, mesmo assim, eu me senti... eu me senti horrível, Mick, porque... porque se eu algum dia engravidasse de novo queria fazer tudo do jeito certo. A gente conversava sobre isso às vezes, o Connor e eu, sobre ter um filho depois que a gente se limpasse. Era uma coisa legal de pensar. Mas eu nunca mais queria ter outro bebê tirado de mim”, diz Kacey, olhando para mim. “Sabia que isso iria me matar”, diz ela.

— Dei a notícia para o Connor — diz Kacey. — Ele ficou feliz, feliz de verdade. Eu comecei a frequentar a clínica, e ele ia comigo. Pela primeira vez, estávamos os dois realmente motivados.

“Durante duas semanas, fui à clínica todos os dias. O Connor também. A gente achou um lugar decente para ficar, abandonado mas limpo, e aquecido o suficiente para que não fosse um problema passar a noite lá. A gente sabia que tinha de arrumar alguma coisa melhor quando esfriasse, mas por enquanto estava feliz.

“Um dia, fui à clínica no nosso horário de sempre e o Connor ia me encontrar lá, mas ele não estava. Então tomei minha dose e voltei para onde a gente estava morando, e encontrei ele doidão.

“Foi nessa hora que eu soube que tinha que mudar. Eu rezei”, diz ela. “Não sou religiosa, mas nessa noite rezei pedindo ajuda a Deus.”

— No dia seguinte o pai apareceu na porta — diz ela. — Como se fosse um sinal — diz. — Ou uma resposta. Louco, né? O Connor não estava. O pai se ofereceu para me levar para Wilmington naquela hora mesmo, sem fazer pergunta nenhuma, mas eu não podia fazer isso com o Connor. Ele era o melhor cara que eu já tinha conhecido na vida. Eu sei que você vai me achar maluca, mas na época eu achava mesmo isso.

“Falei para o pai que eu precisava de um dia. Um dia só. Disse a ele para ir me buscar no dia seguinte, e que eu estaria pronta. Deu para ver que ele não acreditou em mim.”

— O Connor voltou de sei lá onde estava — diz Kacey. — Esperei ele ficar acordado o suficiente para falar comigo, e disse a ele que ia passar um tempo fora, que precisava me afastar dele para poder melhorar, para poder ficar limpa para o bebê. Não disse para onde estava indo. Ele não reagiu bem. A gente teve uma briga horrorosa. Ele me bateu, me esganou, disse que ia me matar. Me empurrou com tanta força que eu quebrei o pulso.

“Eu fui embora. Passei essa noite num parque, e a noite seguinte também. Não encontrei o pai.

“Deixei de tomar duas doses. Fiquei com vergonha demais para aparecer espancada na clínica. Eles te fazem perguntas, fazem você conversar com uma assistente social.

“Comecei a ter tremores. A me sentir mal. Sabia que estava entrando em abstinência. Então pensei: se eu conseguir encontrar Suboxone na rua, poderia me tratar sozinha por um tempo e ir diminuindo.”

Ela faz uma longa pausa. Está olhando para o chão. Passa tanto tempo calada que me pergunto se está dormindo. Então recomeça a falar.

— Eu voltei na mesma hora — diz Kacey. — Na mesma hora, como se nunca tivesse parado de usar. Passei o tempo todo dormindo ao relento, dormindo na rua, drogada sem parar. Pegava clientes na avenida.

— Depois de uns dias, pra mim deu — diz Kacey. — Eu caí em mim.

Mais uma vez ela se cala.

— O que você fez? — pergunto. — Para onde você foi?

— Eu nunca deixei de ficar em contato com a Ashley — diz Kacey. — Acho que você sabe disso. Ela vive querendo saber de mim, vive me procurando. Às vezes até me dá dinheiro — diz Kacey. — Então fui falar com ela. Apareci na casa dela, e ela me aceitou.

Balanço a cabeça, sem acreditar.

— A Ashley sabia? — pergunto. — Ela esteve com você? Sabia que você estava viva? E não me contou?

Mas Kacey está com o cenho franzido.

— A culpa é minha — diz ela. — Eu fiz ela jurar. Disse que a única pessoa para quem ela nunca podia contar era você.

— Então ela mentiu para mim também — digo.

— Mickey, ela me salvou — diz Kacey. — Me deu comida, me deu banho. Me deu uma cama na sua casa. Ela ou Ron me levavam à clínica para o tratamento com metadona duas vezes por dia. Eles cuidaram de mim. Ela me falava sobre a gravidez o tempo todo, me deixou animada para conhecer o bebê.

“Você sabe que ela agora é religiosa, que frequenta a igreja, ela e o Ron. Eles estão criando os filhos na igreja. E ela me apoiou muito, me levou à igreja com eles aos domingos. Eles até me deram um trabalho lá, fazer faxina no subsolo e nos banheiros. Me pagavam em comida que eu levava para a casa da Ashley. Todo mundo lá foi legal. Eu me senti realmente em casa. Todo mundo lá também sabia sobre o bebê, e eles viviam dizendo que sentiam orgulho de mim, que eu estava fazendo a coisa certa. Senti que eles me respeitavam. Era legal quando eu estava lá na igreja. Era quase como se eu fosse uma heroína para eles.

“Só que eu estava com medo, Mick. Toda noite, quando ia dormir, eu pensava na neném, e no mal que eu já tinha feito a ela. Tive medo de ter machucado ela. Senti vergonha. Eu me detestei. A

cada dose de metadona tomada, eu me detestava mais. Eu sei o que é parar de usar. Já sei isso há quinze anos, e agora estou crescida.”

Ela sorve uma inspiração rápida.

— Pensei no Thomas — disse ela. — Não conseguia parar de pensar no Thomas.

É a primeira vez na minha lembrança em que ela usa o nome que eu dei a ele.

Kacey agora está chorando muito, e sua voz está entrecortada e aguda. Fico onde estou, olhando para minha irmã.

Finalmente ela se acalma um pouco. Retoma.

— A festa de aniversário da tia Lynn foi no início de novembro — diz Kacey.

— Não vai me dizer que você estava lá — digo eu.

Kacey não parece entender. Ela franze o cenho.

— Por quê? — pergunta.

— Eu estive com eles duas semanas depois disso — eu digo. — No dia de Ação de Graças. Todo mundo sabia que eu estava atrás de você — digo. — Todos os O’Brien sabiam. Por que eles mentiram para mim?

Kacey inspira, uma inspiração profunda. Está medindo as próprias palavras. Decidindo se diz ou não alguma coisa. Eu ainda sou capaz de ler sua expressão.

— Olha, eles não confiam em você — diz ela.

Eu rio uma vez só, um riso áspero.

— Em mim? — digo. — É *em mim* que eles não confiam? Essa é a maior inversão que eu já escutei na vida.

— Você não aparece nunca — diz Kacey. — Trabalha na polícia. E...
— começa ela, mas se detém. Segura o soco.

— E o quê? — pergunto eu.

— Fala — digo eu.

— E todo mundo sabe que você pegou o Thomas.

Eu rio.

— É isso que eles dizem?

— É a verdade — diz Kacey. — Independentemente das circunstâncias. Eles sabem que você pegou o Thomas.

Penso na expressão de seus rostos naquele dia na casa de Ashley. De todos os O'Brien. Esquivas, formais, esquisitas. Rígidas quando eu me aproximava deles. Todos sabiam sobre Kacey. Ninguém demonstrou nada. Uma humilhação vagarosa se irradia do centro do meu peito para fora, uma sensação que reconheço da infância, tão potente que quase me faz chorar. É essa a sensação que estar perto dos O'Brien sempre me causou. A de que sou uma forasteira, de que fui encontrada por aí e não pertencço à família.

Levanto-me abruptamente e ando até o outro lado do quarto. Não viro o rosto para minha irmã.

— Eu também sou da família deles — digo por fim.

Ouço Kacey respirar. Pensando no que dizer agora. Quando ela fala, sua voz é delicada.

— Acho que nenhum deles sabia que você se importava — diz ela.

Limpo a garganta. Chega disso, penso. Chega.

— O Bobby estava lá? — pergunto.

— Onde?

— Na festa da Lynn.

Viro-me para encará-la. Ela assente.

— O Bobby estava — diz.

— E como estava o seu rosto?

Ela faz uma careta. Talvez eu tenha sido direta demais.

— Você quer dizer... Se eu ainda estava com cara de quem tinha apanhado? Sim. Estava. Falei para ele que tinha sido um ex. Não falei quem.

— Então está explicado — digo eu.

— O quê?

— Eu disse para o Bobby que você estava namorando um cara chamado Dock. Ele deve ter somado dois e dois. Porque parece que o Bobby resolveu tomar as próprias providências depois disso.

Kacey reprime um sorriso.

— Está de brincadeira — diz ela. — O Bobby fez isso por mim?

Dou de ombros. Não aprovo a reação dela, a satisfação.

— Eu sempre gostei do Bobby — diz Kacey.

— Eu não — digo eu.

Durante todo o tempo da nossa conversa, Kacey estava sentada na cama. Ela então se deita de lado desajeitadamente. Com a cabeça em cima de travesseiros. Está cansada.

— O que aconteceu na festa? — pergunto enfim. — No aniversário da Lynn?

— A Ashley me perguntou o que eu achava de convidar a Gee — diz Kacey. — A Lynn e a Gee se veem, você sabe. Tinha anos que eu não via a Gee, mas falei tá, tudo bem, por que não. Um dos passos é pedir desculpas, e eu tenho muito por que me desculpar e pensei que poderia começar com a Gee.

“Nessa noite, na festa da Lynn, a Gee estava ótima. Quero dizer, estava mal-humorada, estava ela mesma, mas foi bem legal comigo. Disse que eu estava com uma cara boa. Perguntou o que eu andava fazendo. Eu disse que estava fazendo manutenção com metadona, mas que tirando isso estava limpa. Ela me deu os parabéns. Me disse para continuar tentando. *Só não vai cagar a porra toda*, disse ela, porque a Gee é a Gee.

“No final da noite, eu tinha decidido contar para ela sobre o bebê. Ela acabaria sabendo mesmo, pensei. Melhor dar logo a notícia. Saí da casa com ela e fiquei com ela esperando o ônibus.

“*Gee, eu preciso te contar uma coisa*, falei.

“Ela se virou para mim com uma cara de horror absoluto.

“*Ah, não, diz ela. Por favor, me diz que não vai dizer o que eu acho que vai dizer.*

“Comecei a ficar nervosa. Minhas mãos tremiam, eu suava.

“*O que você acha que eu vou dizer?*, perguntei.

“Gee agora está de olhos fechados. Não para de dizer: *não, não.*

“*Eu estou grávida*, falei.

“E na verdade a Gee começa a chorar. Você já viu ela chorar na sua vida, Mickey? Eu nunca tinha visto ela chorar. Ela segura o rosto com as mãos. Eu não sei o que fazer. Ponho a mão nas costas dela.

“Mas assim que a toco ela se vira e empurra minha mão para longe. Ela surtou, Mickey. Começou a gritar muito alto. Pensei que fosse me bater. Ela disse que não me aguentava mais. Falou: *Quem vai ser a mãe desse neném quando você recomeçar aquela mesma merda de sempre?* Me disse que estava farta de cuidar dos bebês dos outros. E que você também estava. Me disse que você já tinha problemas suficientes sem ter de pegar outro bastardinho meu para criar. Usou essa palavra. *Bastardinho.*

Kacey faz uma pausa de um segundo enquanto espera eu reagir antes de continuar.

— Ela disse: *Não vou ficar olhando você fazer com esse bebê o que a sua mãe fez com você.*

— Você ouviu o que eu disse? — pergunta-me Kacey.

Assinto.

— Não — diz Kacey. — Não. Você entendeu?

— Entendi o quê?

— Eu sabia que você não ia reparar, Mick. Mas eu sempre tive essa dúvida. Com você, foi o que a Gee falou. Não com você e com a Mickey. Não com vocês. Não com nós duas. Comigo.

“Perguntei a ela: *Como assim comigo?* E ela disse que a mamãe se drogava quando estava grávida de mim.

“*Mas da Mickey não?*, perguntei.

“Mick, eu juro pra você que ela sorriu.

“*Da Mickey não*, me disse ela, como esse estivesse satisfeita por estar me dizendo isso. *A Lisa começou com essa merda depois que a Mickey nasceu.*”

Aguardo um instante para deixar a informação assentar.

Então digo:

— Ah, Kacey. Ela pode ter mentido para você. Podia estar tentando te assustar. Não acho que ela seria incapaz de fazer isso.

Mas a questão fica ali pairando entre nós duas.

Kacey balança a cabeça.

— Eu quis acreditar — diz ela. — Que ela estava mentindo.

“Fiquei pensando nisso enquanto me afastava da Gee. Ela continuou a gritar comigo. Dizia: *Eu tenho pena desse bebê. Tenho pena dessa criança.*

“Passei a noite inteira pensando nisso. Não consegui dormir.

“A Ashley não sabia o que tinha acontecido entre mim e a Gee. Ela não sabia de nada. Na manhã seguinte, eu deixei um recado para a Ashley dizendo que estava bem. Aí saí da casa antes de todo mundo acordar.

“Fui de ônibus até Fishtown. Fui até a casa da Gee. Calculei que ela estaria no trabalho. Estava certa. Bati algumas vezes, mas ela não atendeu.

“Eu não tenho a chave da casa dela há anos, mas você sabe que com um chute bem forte a porta do beco abre, então eu arrebentei o cadeado e entrei pelo beco até os fundos da casa. Verifiquei a porta dos fundos, e estava trancada. Quebrei o vidro e entrei.

“Eu sei que foi errado. Não estou nem aí.

“Desci até o porão. Só queria saber se o que ela dissera era verdade. Agora era importante para mim saber.

“Sabe aquele arquivo que a Gee tem no porão? Ali, na gaveta de baixo, tinha uma pasta chamada *Meninas*.

“Peguei a pasta. Tinha uma porção de documentos dentro. A sua certidão de nascimento, Michaela Fitzpatrick, uma foto de você no hospital, seu peso e tamanho ao nascer, essas coisas, e alguns papéis certificando que você era saudável. E só.

“Os meus eram diferentes. Minha certidão de nascimento estava lá também, igualzinha à sua. Mas os meus documentos de alta pareciam um manual de instruções. *Cuidados com o recém-nascido dependente químico*. Eles diziam que eu poderia me mostrar mais irritada do que outros recém-nascidos. Que poderia chorar mais. Havia uma receita de fenobarbital. Então eu acho que estou usando desde que nasci.”

Eu conheço essa papelada, tenho vontade de dizer. Recebi um pacote parecido quando assumi a guarda de Thomas.

Fico calada.

Kacey continua.

— Continuei vasculhando o arquivo. E encontrei outras coisas também. Encontrei uma pasta inteira chamada *Dan Fitzpatrick* — diz

Kacey.

Assinto.

— Essa parte você já sabe — diz Kacey.

Torno a assentir.

— Você encontrou tudo. Os cartões e os cheques.

— Encontrei — respondo.

— Que bom — diz Kacey.

Ela faz uma pausa e pensa um pouco.

— Acho que eu deixei lá de propósito — diz. — Acho que pensei que lá você pudesse encontrar, se estivesse me procurando.

— Eu precisava ir embora. Precisava sair daquela casa. Peguei toda a papelada do hospital onde nasci, e peguei um dos cartões do pai. Um cartão de aniversário que ele me mandou quando eu fiz dezesseis anos.

“Deixei a casa da Gee uma zona. Não tentei esconder dela que tinha mexido nas suas coisas. Eu não estava nem aí. Saí de novo pelo beco e fui embora. Fui andando até a Girard e a subida para a 95 Sul, estiquei o dedo e pedi carona até o endereço do remetente do cartão que tinha levado. Nem sabia se ele ainda morava lá. Mas eu estava desesperada.

“Isso foi no início de novembro. Estou na casa dele desde então. Ele está cuidando de mim”, diz Kacey. “Se certificando de que eu tenho tudo de que preciso. Se certificando de que a neném vai ter uma boa casa quando nascer.”

Ela olha para mim, e pela primeira vez registro a presença do medo em seu semblante.

— A gente vai ter tudo de que precisar — diz ela.

E eu respondo:

— Kacey, eu acredito em você.

Kacey não pede isso. Mas de repente me ocorre que eu deveria levá-la para ver Thomas.

Sem fazer barulho, andamos as duas até o quarto dele. Sem fazer barulho, eu abro a porta. A luz débil do corredor entra no quarto. Com essa luz podemos distinguir a forma dele sobre a cama, uma paisagem de cobertas, lençóis, travesseiros, e, encolhido debaixo deles, o meu filho.

Kacey olha para mim, pedindo permissão, e eu concordo.

Ela vai até o pé da cama dele e se ajoelha ali. Leva as mãos aos joelhos e fica olhando para ele. Fica assim um tempão.

Quando éramos pequenas nós tínhamos cinco livros em casa. Um deles era a Bíblia. Um era um livro sobre a história do Phillies. Dois eram livros de Nancy Drew que pertenciam a Gee quando ela era pequena. E um era um antigo compêndio dos Contos de Grimm, profusamente ilustrado e assustador, cheio de bruxas e florestas. O mesmo que eu dei de Natal para Thomas este ano.

Nesse livro, a história de que eu mais gostava era a do Flautista de Hamelin. Ele me assustava, o jeito como surgia do nada e atraía as crianças para longe. Assustava-me também a impotência dos pais, o modo como a cidade os deixava desamparados e o modo como eles, por sua vez, deixavam desamparados os próprios filhos.

Para onde iam aquelas crianças?, perguntava-me. Como seria sua vida depois de elas irem embora? Será que elas se machucavam? Será que fazia frio? Será que elas sentiam saudades das famílias?

Penso nessa história todos os dias desde que trabalho na polícia. Imagino a droga como o Flautista. Imagino o transe que ela provoca; posso ver esse transe com bastante clareza todos os dias em que trabalho, todo mundo andando por aí encantado, enfeitado, vidrado. Imagino a cidade de Hamelin depois que a história termina, depois de as crianças, a música e o Flautista terem ido embora. Posso ouvi-lo, ouvir o terrível silêncio da cidade.

Agora, observando Kacey ajoelhada ao pé da cama, pedindo perdão, vejo a possibilidade, muito tênue, de um dia ela voltar.

Então olho para Thomas e sou lembrada, como sempre, do risco onipresente da partida, da perda definitiva. Ela paira feito uma ameaça, uma melodia débil e aguda que só as crianças são capazes de escutar.

Kacey e eu voltamos para o meu quarto e para o meu notebook em cima da cama.

Ela torna a apontar para Eddie Lafferty.

— Esse cara aparecia o tempo todo quando eu estava morando com o Connor — diz ela. — Foi antes de eu encaretar. É tudo meio uma névoa. Mas eu lembro dele porque ele conversava comigo. Era simpático. Conversava comigo e ficava meio que me manjando. Pensei que ele talvez estivesse a fim de sair com alguém, mas ele nunca me pediu nada. Ele e Connor em geral iam juntos a algum lugar. Não sei o que eles iam fazer. Eu achava que ele só estivesse lá para ficar doidão. O Connor era traficante. Ainda é, imagino.

— Tenta lembrar mais — peço eu.

Kacey ergue os olhos para o teto, então os baixa para o chão.

— Eu não consigo — diz ela.

— Tenta outra vez — digo eu.

— Tem muita coisa na minha vida que eu não lembro — diz Kacey.

Nós duas passamos um tempo caladas.

— A gente poderia perguntar direto para ele — diz Kacey de repente.

Encaro-a, incrédula.

— Para o Connor? — pergunto. — Para o Dock? Você quer pedir ajuda para o Dock depois do que ele te fez?

— É — diz Kacey. — Sei que é difícil de acreditar, mas ele foi um cara bem legal. Pelo menos me tratou melhor do que qualquer outro cara já me tratou.

— Kacey — eu digo. — Ele agrediu você.

Ela faz uma pausa para refletir sobre isso.

— Mas eu aposto que conseguiria fazer ele falar — diz, por fim. Eu agora estou balançando a cabeça.

— De jeito nenhum — digo.

Kacey olha para o outro lado.

— De manhã a gente resolve isso — digo eu. — Nós duas precisamos dormir.

Kacey faz que sim com a cabeça.

— Tá — diz ela. — Acho que eu vou andando.

Mas ela não se mexe. Nem eu.

— Você se importa se eu tirar só um cochilo? — pergunta ela.

Apago a luz. Nós duas nos deitamos sem jeito na cama uma ao lado da outra. O quarto está em silêncio.

— Mickey — diz Kacey de repente. Levo um susto.

— O que foi? — respondo depressa demais. — O quê?

— Obrigada por cuidar do Thomas — diz ela. — Eu nunca falei isso.

Faço uma pausa. Constrangida.

— De nada — respondo.

— Que engraçado — diz ela.

— Engraçado o quê? — pergunto.

— Todo o tempo que você passou tentando me encontrar, eu estava tentando me esconder de você — diz ela.

— Engraçado é uma definição possível — digo eu depois de algum tempo.

Mas pela sua respiração percebo que ela já está dormindo.

Faz dezesseis anos, metade das nossas vidas, desde que dormíamos uma ao lado da outra no quarto dos fundos da casa de Gee. Visualizo nós duas, na época meras crianças, contando histórias uma para a outra para conseguir dormir, ou então lendo livros, ou então encarando no escuro o teto abobadado que raramente possuía uma lâmpada que funcionasse. Lá embaixo, a voz rouca de nossa avó reclamava ao telefone, ou então entoava para si mesma um cântico de raiva sobre as más ações de alguém. *Põe as mãos nas minhas costas*, dizia Kacey, e eu obedecia, recordando com ternura a sensação da mão da minha mãe sobre a minha pele. Em retrospecto, acredito ser possível que eu estivesse tentando instilar

nela alguma noção de autoestima; ser o veículo pelo qual se derramava postumamente o amor de nossa mãe; imunizá-la contra as muitas agruras do mundo. Nessa posição, eu com a mão nas suas costas, nós pegávamos no sono. Acima de nós havia uma laje plana selada com piche, mal-adaptada ao inverno. Além dela, o céu noturno sobre a Filadélfia. Além do céu, nós não sabíamos dizer.

Quando acordo está sol lá fora e meu celular está tocando.

Kacey não está ao meu lado.

Sento-me na cama.

Pego o telefone com as duas mãos. É o meu pai.

— Michaela? — pergunta ele. — A Kacey está com você?

Olho em todos os lugares. Nada de Kacey. Olho por uma das janelas. Seu carro não está em frente a casa.

— Vai ver ela está a caminho da sua casa — digo eu.

Mas ficamos os dois calados. Sabemos quais são as chances disso.

— Eu vou encontrar a Kacey — digo. — Acho que sei onde ela está.

Então me lembro de Thomas.

Eu prometi para ele. Disse na noite passada que iria ficar com ele. Penso nele como a sra. Mahon o descreveu ontem, correndo para o banheiro, abrindo a torneira e fingindo passar mal numa tentativa equivocada de trazer a mãe para casa, e meu coração quase se despedaça.

Então penso na minha irmã, que talvez esteja neste exato momento pondo em risco a própria vida, e a vida do seu bebê que ainda não nasceu, para proteger outras pessoas. E penso nessas outras pessoas, incontáveis outras mulheres nas ruas de Kensington, cujas vidas também estão em risco enquanto Eddie Lafferty estiver solto por aí.

De repente, de modo surpreendente, sou confrontada contra minha própria vontade por uma estranha e rápida empatia em

relação a Gee, e ao esforço que ela fez para nos proporcionar uma estrutura estável. Como deve ter sido para ela trabalhar tanto, pergunto-me, e temer constantemente qualquer dia em que as nossas escolas não abrissem?

Eu penso. E penso mais.

E por fim decido que o que está acontecendo hoje parece maior do que apenas nós dois, maior do que apenas as necessidades da nossa pequena família. Há vidas em jogo, digo a mim mesma, então tomo coragem e ligo para a sra. Mahon.

Quando ela chega, entro no quarto para me despedir do meu filho.

Ele ainda está dormindo. Passo um tempo a observá-lo. Então me sento ao seu lado. Ele abre os olhos. Torna a fechá-los com força.

— Thomas — digo eu, e ele diz:

— Não vai embora.

— Thomas — repito. — Eu preciso ir fazer uma coisa. A sra. Mahon está aqui com você.

Ele começa a chorar. Seus olhos ainda estão fechados com força.

— Não — diz ele. Balança a cabeça. — Eu estou doente — diz. — Ainda estou muito doente. Eu acho que vou vomitar.

— Eu sinto muito — digo. — Eu tenho de ir. Não iria se não fosse realmente importante. Você sabe isso, não sabe?

Ele não diz nada. Está parado agora e respirando de leve, como se estivesse fingindo dormir.

— Eu prometo voltar logo — digo. — Prometo explicar um dia. O motivo pelo qual tenho saído tanto. Quando você for grande, tá? Eu vou te dizer.

Ele se vira. Está de costas. Não quer olhar para mim.

Eu o beijo. Ponho a mão nos seus cabelos e a deixo ali por alguns instantes. Então me levanto. E se eu estiver errada?, penso. E se estiver tomando a decisão errada?

— Eu te amo — digo eu.

Saio de casa.

Ao chegar em Kensington, estaciono numa rua lateral não muito longe da moradia improvisada de Connor McClatchie.

Caminho rapidamente pela Madison na direção leste. Então entro na viela que vai dar nos fundos da casa com os três bês pichados.

Ao dobrar a esquina, sou recebida por um pequeno grupo a meio caminho entre mim e o final da viela. São três homens: dois de roupa de operário da construção civil, com botas e capacetes. Um de sobretudo escuro e jeans de boa qualidade.

Posso ver a casa diante da qual eles estão em pé: é a de McClatchie.

Não sei o que esses homens estão fazendo ali. Ando na direção deles um pouco menos decidida do que poucos segundos antes.

Eles reparam na minha presença. Interrompem sua conversa e se viram para mim.

— Posso ajudar com alguma coisa? — pergunta o de sobretudo. Simpático. Fala com um sotaque da Filadélfia carregado, como se fosse ali do bairro. Mas parece ter melhorado de vida recentemente.

— Eu estava... — começo. Mas não sei direito como continuar. — Estou procurando a minha irmã — digo. — Acho que ela pode estar aí dentro.

Meneio a cabeça em direção à casa branca em frente a qual estamos.

— Não tem irmã nenhuma aqui — diz o homem num tom alegre. Ele não faz ideia do quanto essa frase se tornou familiar para mim. — Enfim, é melhor não ter — diz ele. — A gente vai começar a demolir amanhã. Acabamos de fazer a última vistoria.

De fato, a porta da casa está aberta.

— Ei, a senhora está bem? — pergunta um dos operários depois que passo tempo suficiente calada.

— Estou — respondo, vaga. Viro-me, torno a encarar a Madison Street e ponho as mãos nos quadris, sem saber ao certo o que fazer agora. Atrás de mim, os homens retomam sua conversa. Eles vão construir um condomínio. Que em breve será habitado, talvez, pelas Lauren Spright da vida, cujos filhos tomarão cafés no Bomber. A

cidade está mudando de um jeito impossível de conter. Os deslocados, os viciados, mudam, se reordenam e encontram outros lugares para se picar, e só às vezes melhoram.

É então que meu celular emite um bipe.

Tiro-o do bolso e o inspeciono.

Na tela há uma mensagem: *catedral na Ontario*.

O remetente, cujo número está gravado no meu aparelho desde novembro sem nunca ter sido usado, desde a primeira vez que o encontrei na loja do sr. Wright, é *Dock*. Connor McClatchie.

A catedral na Ontario tecnicamente se chama Nossa Senhora da Consolação. Mas, desde que eu era pequena, seu tamanho e sua grandiosidade faziam todo mundo chamá-la apenas de a catedral. Só entrei lá uma vez, quando tinha uns doze anos. Uma amiga de Kacey nos levou lá depois de dormir na nossa casa. É um lugar imenso: materiais trazidos da Europa, sempre nos disseram, e o interior de pé-direito alto construído para lembrar às pessoas a existência de Deus. Ela foi fechada vários anos atrás. Li sobre isso no jornal; na época não dei nenhuma importância. É uma das muitas igrejas a terem fechado recentemente na Filadélfia.

A catedral fica a um curto trajeto de onde meu carro está estacionado. Entro nele e sigo para lá.

Ao encostar, olho com atenção para a catedral pela primeira vez em algum tempo. Como ela tecnicamente faz parte do 25º, tenho poucos motivos para passar por ali durante minhas rondas. Não lembra em nada o aspecto que tinha no seu auge. A maior parte das janelas agora está quebrada. As portas da frente ostentam placas de *interditado*. A torre de um campanário se ergue no lado leste da igreja, mas lá dentro não há sino. Pergunto-me quem o terá levado.

Estaciono e subo os degraus da frente. Tento todas as portas, mas estão trancadas. Dou a volta pela lateral do prédio e encontro uma das portas de trás entreaberta, com uma corda a impedir o

acesso de modo ineficaz. Sem fazer barulho, abaixo-me para passar por ela e entro.

Assim que estou lá dentro ouço murmúrios baixos, e por instinto paro para escutar e ver se consigo identificar a voz forte e rouca de Kacey. Mas todas as vozes que ouço me soam desconhecidas. Ninguém está falando alto, mas suas palavras ecoam com força apesar do chão de lajotas quebradas nas paredes e nos tetos altos. Frases sussurradas flutuam pelo ar frio na minha direção.

É só que. Eu falei. No outro dia. Até que.

Dois cheiros pairam: um deles eu reconheço de anos frequentando a igreja, o cheiro de papel fino dos livros sagrados, o veludo empoeirado das almofadas que revestem os genuflexórios. Esse é um cheiro acolhedor, um cheiro bom, cheiro de bazar natalino, de presépio, de sinal da cruz. O outro é o cheiro característico de um lugar invadido pelos sem-teto, por pessoas de poucos recursos e sem outro lugar para onde ir. Conheço bem esse segundo cheiro. Precisos como alfinetes, dois fachos de luz bem definidos vindos de buracos no teto perfuram a área principal da igreja. Nave, é como se diz. A palavra me volta depressa, e junto com ela a imagem de irmã Josepha, minha professora preferida do fundamental, desenhando uma planta baixa com as partes de uma igreja. *Nave. Altar. Abside. Capela. Batistério.* E a minha preferida: *sacrário*. Lembro-me de todas elas.

A luz na igreja vai aos poucos se tornando difusa. Começo a ver pessoas nos bancos. Estão sentadas pacientemente, como se aguardassem o início de uma missa. Algumas dormem. Outras estão se mexendo. Outras estão em pé. Algumas estão sentadas nas cadeiras semelhantes a tronos reservadas para o coro. Deve haver vinte ou trinta pessoas dentro dessa igreja. Talvez mais.

O choro penetrante de um bebê atravessa o recinto, e todos se calam. Alguns segundos depois, os murmúrios retomam. Sou distraída momentaneamente pelo desejo de encontrar e tirar aquela criança dali, de pegá-la no colo, ir embora e nunca mais voltar.

Uma mulher passa por mim a caminho de algum lugar e me dá um susto.

— Cuidado aí — diz ela, e eu digo:

— Desculpa. — Então emendo: — Posso perguntar uma coisa?

A mulher para, de costas para mim, então fica assim por alguns segundos antes de se virar.

— Você viu a Kacey? — pergunto. — Ou a Connie? Ou o Dock?

Ainda estamos na parte mais escura da igreja, e mal consigo distinguir o rosto dessa mulher. Mas posso ver seu corpo. Vejo como ela congela quando eu digo esses nomes. Olha para mim, me avaliando.

— Olha lá em cima — diz a mulher, por fim. E aponta para uma porta que foi retirada das dobradiças. Está encostada numa parede à direita de uma reentrância escura. Depois dela consigo distinguir vagamente uma escada.

Conforme subo os degraus, as vozes no ambiente principal da catedral diminuem. Não sei para onde estou indo, mas o ar vai ficando mais frio à medida que avanço. Pego o telefone e o uso para iluminar o degrau na minha frente. De vez em quando, vejo pequenos movimentos à direita e à esquerda dos meus pés. Camundongos, ou então baratas, ou quem sabe apenas quatro anos de poeira acumulada.

A escada forrada por um carpete apodrecido me permite avançar em silêncio. Conto os degraus conforme subo. Vinte. Quarenta. Passo por um patamar. Passo por uma porta trancada. Tento abri-la várias vezes e dou um tranco usando o ombro para ter certeza, mas a porta não cede.

Sessenta degraus depois, uma luz débil começa a iluminar a escada. À minha esquerda há uma porta dupla com duas aberturas na parte superior que, suponho, antes deviam conter vitrais, já que é isso que jaz agora estilhaçado a meus pés. Do outro lado da porta, ouço vozes.

Tento a maçaneta. Ela gira.

Quando abro, o mais silenciosamente possível, a primeira pessoa que vejo é Kacey.

Ela está encostada num guarda-corpo na altura da cintura, e atrás dela se estende o espaço aberto da catedral. Vejo que está em pé na tribuna do coro; eles provavelmente subiram até ali para poder ter privacidade.

Connor McClatchie está falando com ela. Vejo seu rosto de perfil; ele não parece reparar em mim. Há também outra silhueta, um homem, acho eu, igualmente de costas para mim.

Cruzo olhares com minha irmã.

Sei que o outro homem é Eddie Lafferty antes de ele se virar. Vejo sua cabeça calva, sua postura, sua estatura. Recordo como ele tinha as costas levemente corcundas. Problema de coluna, como me disse.

Estou com a mão na minha arma. Antes de conseguir pensar, eu a saco. Estendo-a na minha frente.

— As mãos — digo, em alto e bom som. — Me mostra as suas mãos.

Reconheço que estou usando minha voz de trabalho, a cadência específica que tomei emprestada de Kacey, de Paula, de todas as meninas com quem fui criada, uma dureza que lhes foi útil na escola, no trabalho e na vida. E ocorre-me subitamente que essa voz talvez tampouco seja natural para elas. Que elas também talvez a tenham adotado devido a outro tipo de necessidade.

Os dois homens se viram para mim. Lafferty e McClatchie.

Posso ver que Lafferty leva um segundo para me situar. Estou sem uniforme e fora de contexto. Não tomei banho e tenho um aspecto desgrenhado, com os cabelos puxados para trás formando um coque baixo. Estou cansada e sob pressão.

— Eita — diz Lafferty. Ele sorri, ou pelo menos tenta. Obediente, levanta as mãos. — É a Mickey essa daí? — pergunta.

— Põe as mãos para cima — digo para McClatchie, que finalmente obedece.

— Se afasta dela — digo para McClatchie, meneando a cabeça em direção a Kacey.

A proximidade dele não me agrada, a menos de dois metros da minha irmã, que por sua vez está encostada num parapeito. Não sei qual a altura até a nave lá embaixo, mas sei que não a quero caindo dali. Lá embaixo ainda se ouve o murmúrio de passos, tossidos e vozes, agora desconexas, que ecoam de modo indecifrável.

— Para onde? — pergunta McClatchie, seco. Está ainda mais magro do que da última vez em que o vi.

— Perto daquela parede ali — respondo, e faço um gesto com a cabeça para a direita.

Ele vai até lá. Apoia as costas na parede. Põe um dos pés para cima.

Eddie Lafferty continua sorrindo para mim, um sorriso doentio, como se estivesse em busca de alguma explicação engraçada, de um motivo para estarmos todos nós ali juntos.

— Você está infiltrada também? — é tudo que ele consegue dizer.

Não respondo nada. Não quero encará-lo nos olhos. Tampouco quero tirar os olhos dele por um segundo que seja. Não sei ao certo em quem devo focar: se em McClatchie ou em Lafferty. Kacey está em pé atrás de Lafferty. E eu me dou conta de repente de que ela está articulando alguma coisa para mim com a boca.

Olho por cima da orelha direita de Lafferty e estreito os olhos para ela. Kacey meneia a cabeça em direção a McClatchie. Seus lábios estão se movendo, formando palavras que não consigo identificar. *Ele tem alguma coisa. Eu.*

Ainda estou concentrada na boca de Kacey quando reparo que o corpo de Lafferty se tenciona do jeito singular de um agente de polícia prestes a iniciar uma perseguição. E ele então me ataca e me derruba no chão. Minha arma dispara uma vez, atinge um pedaço do teto, então sai rodopiando pelo chão acarpetado da tribuna do coro.

Lá embaixo, uma mulher grita, e então faz-se silêncio na catedral.

Lafferty está em pé em cima de mim, com um pé de cada lado do meu tronco. McClatchie sai de onde está e pega a arma.

Fico deitada sem me mexer. Estou arfando. Do chão, examino o teto abobadado da catedral. Consigo ver difusamente o ponto em que a bala acertou. Uma pequena nuvem de pó de gesso desce lentamente por um fecho de luz. O teto, antigamente pintado de azul-celeste, agora está descascando. Noto que um ninho de passarinho ocupa o canto mais próximo.

O tiro segue ecoando nos meus ouvidos. Fora isso, a catedral está silenciosa feito um túmulo.

Visualizo meu filho. Pergunto-me o que vai acontecer com ele se hoje for o meu fim. Penso nas escolhas que minha própria mãe fez e me dou conta, com muita dor, de que no fundo não sou tão diferente assim dela. Apenas a natureza de nossos respectivos vícios difere: o dela era a droga, claro e definido. O meu é amorfo, mas não menos nocivo. Tem algo a ver com ser a dona da verdade, com a imagem que tenho de mim mesma, ou com orgulho.

Thomas, penso eu inutilmente. Eu sinto muito ter abandonado você.

Depois de transcorridos alguns longos segundos, olho para onde McClatchie está. Ele está segurando a minha arma, aquela que pegou do chão, mas não a está segurando direito. Ocorre-me de repente que ele não faz ideia do que está fazendo. Estou refletindo sobre como usar isso a meu favor quando ele de repente diz para Lafferty:

— De joelhos.

Lafferty o encara por alguns segundos.

— Você está de brincadeira — diz ele.

— Não estou, não — diz McClatchie. — De joelhos.

Com certa dose de incredulidade, Lafferty obedece.

— Continua com as mãos para cima — diz McClatchie.

Ele olha para mim, deitada no chão.

— Está certo isso? — ele me pergunta.

Ergo a cabeça. Levei uma pancada bem forte na testa quando Lafferty me atacou, e ainda estou vendo estrelas. Meu pescoço dói.

— Você, levanta — diz McClatchie para mim.

Olho para Kacey; ela assente depressa, e eu obedeco.

McClatchie então faz algo que eu não compreendo: sem deixar de apontar a arma para Lafferty, vai se movendo na minha direção até ficarmos ombro a ombro, lado a lado. Ele me entrega a arma.

— Você sabe usar isso melhor do que eu — diz. — Eu não tenho a mais puta ideia do que estou fazendo.

Assim que seguro a arma e a aponto para Lafferty, McClatchie leva as duas mãos até atrás da cabeça e dá um grande suspiro de alívio. Vai até o guarda-corpo que margeia a tribuna do coro, apoia-se nos cotovelos e olha para a igreja lá embaixo.

Ouçoo passos subindo a escada atrás de nós. Durante alguns segundos de tensão, miro a arma alternadamente em Lafferty e na escada.

A porta se abre de supetão. Vejo Mike DiPaolo e Davis Nguyen surgirem de armas em punho.

— Larga a arma — me diz DiPaolo com calma, e eu a ponho no chão.

Não estou entendendo.

Penso por um instante que foi Lafferty quem pediu cobertura, o que vai tornar bem mais difícil a tarefa de explicar o que estou fazendo ali.

— Ele é perigoso — digo, referindo-me a Lafferty, e ele começa a protestar, mas de repente Kacey ergue a voz e fala mais alto do que todos nós.

— Foi o Truman Dawes quem mandou vocês? — pergunta ela a DiPaolo e Nguyen.

— Quem quer saber? — rebate DiPaolo. Ele e Nguyen continuam com as armas em riste, mirando em cada um de nós alternadamente. Posso imaginar sua confusão.

— Meu nome é Kacey Fitzpatrick — diz Kacey. — Eu sou irmã dela — diz Kacey, meneando a cabeça para mim. — Fui eu quem entrei em contato com Truman Dawes. E esse daí... — diz ela, indicando Eddie Lafferty com a cabeça. — Esse é o cara que vocês estão procurando.

Nguyen e DiPaolo chamam reforços. Então levam todos nós para a delegacia, eu, Kacey, Lafferty e McClatchie, cada um numa viatura.

Somos mantidos separados, e então interrogados.

Conto aos dois tudo que sei, do início ao fim. Não deixo nada de fora: conto a eles sobre Cleare. Conto a eles sobre Kacey. Conto a eles sobre Thomas. Conto a eles sobre Lafferty, e sobre o que Kacey me disse em relação a ele. Conto a eles até sobre Truman e meu comportamento constrangedor em relação a ele.

Conto a verdade, toda a verdade, pela primeira vez na vida. Então os dois vão embora.

Várias horas transcorrem. Ocorre-me que estou faminta e preciso ir ao banheiro, e que nunca em toda minha vida desejei tanto um copo d'água. Mudo de posição, pouco à vontade. É a primeira vez que estou desse lado dos procedimentos.

Por fim, DiPaolo entra na sala em que estou sendo mantida. Ele exhibe um ar cansado. Meneia a cabeça para mim com um ar pensativo e as mãos nos bolsos.

— É ele — diz. — É o Lafferty.

Sem dizer nada, ele estende a fotografia impressa de uma jovem sorridente usando um vestido bonito.

— Reconhece? — pergunta.

Demoro alguns instantes, então de repente estou de volta aos Trilhos em outubro, inclinada por cima de um tronco, olhando para a primeira vítima. Ao seu lado na minha lembrança, e estremeço ao pensar nisso, está Eddie Lafferty. Penso no rosto da vítima nesse dia: sofrido, sem nenhuma paz. Penso nos pontinhos vermelhos salpicados perto dos olhos. No modo violento como ela morreu. Penso na reação de Lafferty a ela. Impassível. Alheado.

— Quem é? — pergunto.

— Sasha Lowe Lafferty — responde DiPaolo. — A mais recente ex-mulher dele.

— Não — eu digo.

DiPaolo assente.

Torno a examinar a foto. Lembro de Lafferty falar sobre a terceira mulher, sobre a sua juventude. *Ela era imatura. Talvez fosse esse o problema.*

— Ela própria era bem viciada — diz DiPaolo. — Usava diariamente. O resto da família tinha cortado relações com ela mais de um ano antes. Desde então ninguém teve nenhum contato com ela. Seu único vínculo era com Lafferty.

Ele faz uma pausa.

— Por isso ninguém nunca avisou que ela estava desaparecida, acho eu — diz ele.

— Meu Deus — digo eu.

Ainda estou olhando a foto. Fico feliz em ver aquela mulher num outro momento da vida. Fecho os olhos rapidamente. Torno a abri-los. Deixo a imagem da mulher sorridente ali na minha frente substituir na minha mente a versão sofredora e morta de Sasha Lowe Lafferty que venho carregando dentro de mim desde que a encontrei.

— Acho que foi lá que eles se conheceram — diz DiPaolo.

Eu entendo antes que ele fale.

— Wildwood — digo.

DiPaolo assente.

— Meu Deus — torno a dizer.

DiPaolo parece hesitar por alguns instantes. Então retoma.

— Você perguntou sobre o Simon Cleare — diz ele.

Preparo-me. Faço que sim.

— Quero que você saiba que eu fui averiguar — diz ele. — Não estava tentando descartar o que você falou. Depois do nosso encontro, coloquei um cara na cola dele durante alguns dias. Dito e feito: no segundo dia ele foi a Kensington no meio de um expediente, sem nenhum motivo de trabalho para estar lá.

— Tá — digo.

DiPaolo olha para mim.

— Ele é viciado, Mickey — diz ele. — Foi lá pelo mesmo motivo que faz todo mundo ir a Kensington. Comprou mil miligramas de Oxy de um cara que a gente conhece. Heroína não, que a gente saiba,

mas isso deve vir em seguida. Como ele consegue comprar tanto Oxy com um salário de investigador...

DiPaolo não completa a frase. Dá um assobio.

Baixo os olhos para a mesa.

— Entendi — digo. — Faz sentido.

Penso nas palavras de Simon para mim quando eu era nova. Na tatuagem na sua panturrilha. *Eu mesmo passei por uma fase assim*, disse-me ele quando eu estava com medo por Kacey.

Na época isso tinha me reconfortado muito.

Depois de Kacey e eu sermos soltas, saímos as duas pela porta da frente da delegacia. Meu carro está lá na catedral, a três quilômetros dali. O carro que Kacey pegou emprestado com nosso pai também.

Falando em nosso pai: ligo para ele assim que consigo. Digo que Kacey está bem. Que ela em breve estará em casa.

— E você? — pergunta ele.

— Como assim?

— Você também está bem? — pergunta meu pai.

— Sim — respondo. — Estou bem, sim.

Na verdade estou me sentindo bastante aliviada. Enquanto Kacey e eu caminhamos lado a lado, vou olhando em volta. O próprio bairro de Kensington parece diferente, de algum modo modificado, ou talvez eu esteja apenas reparando em coisas relacionadas a ele nas quais nunca tinha reparado. É um bairro bonito, sob muitos aspectos, e vários dos quarteirões são bem agradáveis, conservados, quarteirões que conseguiram se defender do avanço do caos, quarteirões com avós que nunca foram embora nem nunca irão, que varrem sua calçada todo dia de manhã, depois as calçadas dos vizinhos, e às vezes até a própria rua, mesmo sem a prefeitura fazer a sua parte. Passamos por uma rua à direita com luzinhas brancas penduradas no alto para o Natal.

Por fim, Kacey me narra sua manhã.

Ela também foi primeiro a casa com os três bêês, o último lugar em que sabia que Connor McClatchie estava morando. Ao encontrar

a casa vazia e prestes a ser demolida, voltou para a Avenida e começou a perguntar. Em pouco tempo descobriu para onde McClatchie tinha ido.

Pegou o carro e foi encontrá-lo. Queria lhe dizer o que estava acontecendo. Perguntar o que ele sabia sobre Eddie Lafferty.

— Não acredito que você fez isso — digo eu, interrompendo-a.
— Por que você faria isso?

— Eu te disse — respondeu Kacey. — Eu sabia que quando ele descobrisse que Eddie Lafferty poderia ser o assassino daquelas mulheres, ele não iria tolerar. Eu conheço o Connor.

Balanço a cabeça. De repente, reparo que Kacey parece desequilibrada e pálida. Está com as mãos na barriga. Ela agora está grávida de seis meses, e parece acusar o golpe. Não sei se vai aguentar andar o caminho todo. Ela não para de insistir que está bem, mas está levemente curvada para a frente. Quanto tempo faz que terá tomado sua última dose de metadona?, penso.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Tudo — responde ela, tensa.

Caminhamos um pouco mais em silêncio. Ela então retoma.

— O Connor pode fazer coisas ruins, mas ele não é de todo mau — diz Kacey. — Quase ninguém é.

Não tenho como contradizer isso. Penso na sra. Mahon, na sua mão oscilando para a frente e para trás acima do tabuleiro de xadrez. *Elas são más e boas ao mesmo tempo, todas as peças.* Num certo nível é possível reconhecer a verdade disso. Mesmo assim, odeio Connor McClatchie pelo que ele fez com a minha irmã. E sei, sem qualquer dúvida, que jamais o perdoarei.

— Enfim — diz Kacey. — Connor me contou que o Lafferty chegou para ele no verão passado e disse que era cana. Que protegeria ele em troca de uma porcentagem. Foi por isso que eu o reconheci — me diz ela. — E era por isso que eles se afastavam para concluir seus negócios. O Lafferty estava levando propina do Connor.

— Que escroto — digo eu de repente.

— Qual dos dois?

— Ambos — respondo. — Dois escrotos.

Então ocorre-me algo: será que Ahearn designou Lafferty para dividir a viatura comigo de modo a poder descobrir algum podre sobre mim? Seis meses atrás, eu teria dito que isso era um absurdo. Agora já não sei.

— E o Ahearn é um escroto também — digo. — Aposto que ele sabia. Talvez também estivesse levando uma parte.

Reparo que Kacey está rindo.

— O que foi? — pergunto. — Está rindo de quê?

— Acho que eu nunca tinha escutado você falar palavrão até hoje — diz ela.

— Ah — digo eu. — Bom, sei lá.

— Bom — diz Kacey. — Você tem razão. Connor me falou que o Lafferty não era o único. A estar levando propina, quero dizer. Disse que acontece com mais regularidade do que se imagina.

— Eu acredito — digo.

— O Connor não sabia sobre as mulheres — diz Kacey. — Era a única coisa que ele não sabia. Não sabia que o Lafferty tinha sido visto com as quatro vítimas. Não sabia que o povo em Kensington estava comentando. Quando eu contei, ele surtou. Deu um soco na parede.

— Que nobre — comento.

— Ele pode ser nobre mesmo — diz Kacey com um ar pensativo. — Enfim, ele tinha o telefone do Lafferty e ligou para ele na hora — diz ela. — Falou que tinha uma proposta de trabalho para ele, e que queria encontrá-lo pessoalmente na catedral. Quando o Lafferty chegou lá, eu te mandei aquela mensagem do celular do Connor. E mandei outra para o Truman Dawes.

— Como é que você tinha o celular do Truman? — pergunto.

— Ah — diz Kacey. — Ele me deu anos atrás. Acho que você nem estava no dia. Ele me encontrou na avenida quando eu estava bem mal, na pior mesmo, e me deu o cartão dele. Disse que se eu algum dia precisasse de qualquer coisa, se algum dia quisesse encaretar, era só dar uma ligada para ele. Eu decorei o número.

— Ah — digo eu. — É. Ele faz isso.

— Ele é uma boa pessoa — diz ela. — Não é?

— É, sim — respondo.

Ela sorri, sem perceber.

— Bom — diz. — Que bom que deu tudo certo.

E de repente eu não consigo acreditar naquilo: no perigo que ela fez todos nós corrermos. Truman. Eu. Thomas. Ela própria. E o bebê na sua barriga também.

Paro de andar e me viro para ela.

— Que droga — digo. — Que droga, Kacey.

Ela se retrai de leve.

— O que foi? — pergunta. — Não grita.

— Como você pôde fazer isso comigo? — pergunto. — Me colocar na situação em que me colocou hoje. Eu tenho um filho em quem pensar.

Kacey se cala. Nós duas olhamos para longe uma da outra e recomeçamos a andar. Pela minha visão periférica, percebo Kacey começar a tremer e a bater os dentes.

Chegamos num cruzamento, e eu paro na faixa para deixar os carros passarem. Mas Kacey segue andando. Ela avança às cegas para o meio do tráfego. Um carro para cantando pneus. O de trás quase bate na traseira dele. Buzinas soam por todos os lados.

— Kacey — chamo.

Ela não se vira. Bato com os pés no chão em frente à calçada. Os carros não diminuem. Espero até o sinal finalmente abrir para mim, então começo a trotar. Kacey está quinze metros na minha frente, andando depressa. Ela dobra a esquina para entrar na avenida, e momentaneamente a perco de vista.

Quando chego enfim na avenida viro à esquerda, como Kacey virou, e a vejo vinte metros mais à frente acorada no chão, cotovelos nos joelhos, segurando a cabeça com as mãos. Sua barriga está apontada para baixo, na direção da calçada. Não sei dizer de onde estou, mas ela parece estar chorando.

Diminuo o passo. Me aproximo dela com cuidado. Estamos no cruzamento em que ela e Paula costumavam trabalhar, bem em frente à loja de Alonzo, e tenho a sensação então de que se eu disser ou fizer a coisa errada vou perdê-la; a avenida vai pegá-la de volta e tirá-la de mim. Kacey vai afundar no chão e sumir.

Fico parada por alguns instantes ao lado da minha irmã. Ela se sacode de tanto soluçar. Está chorando tanto que nem consegue respirar direito. Não ergue os olhos.

— Kacey — eu digo.

Por fim, ponho uma das mãos no ombro da minha irmã.

Com violência, Kacey desvencilha o braço.

Abaixo-me até meus olhos ficarem na mesma altura dos seus. Pedestres se movem ao nosso redor.

— O que está acontecendo? — pergunto. — Kacey?

Ela ergue por fim a cabeça e olha para mim. Me olha bem nos olhos.

— Sai de perto de mim, *porra* — diz.

Torno a me levantar.

— O que foi agora, Kacey? — pergunto. — O que foi que eu fiz?

Ela também se levanta, peito para a frente, barriga para a frente. Me preparo.

— Você sabia — diz ela. — Podia não saber sobre o Lafferty, mas sabia que essa merda acontecia. Tinha de saber. Já tinham te falado antes.

Eu me ofendo.

— Não sabia, não — respondo. — Ninguém nunca me disse.

Kacey ri alto, uma vez só.

— *Eu* te contei — diz Kacey. — Eu. Sua própria irmã. Eu te disse que o Simon Cleare tinha se aproveitado de mim quando eu não conseguia dizer não. Você não acreditou em mim. Achou que eu estivesse mentindo.

— É diferente — digo. — Eu estava errada em relação a isso. Mas é diferente.

Kacey sorri com tristeza.

— O que o Simon é? — pergunta ela. — O que ele é? O Simon é policial?

Fecho os olhos. Inspiro.

— Porque eu achava que fosse — diz Kacey.

Ela passa um tempão olhando para mim, perscrutando meu rosto.

Então olha para além de mim em direção à esquina, à loja de Alonzo. Está petrificada. Por fim, viro-me para ver o que ela está vendo, mas não tem ninguém ali. E eu sei, sem perguntar, que Kacey está imaginando Paula Mulrone y ali em pé, com uma das pernas dobrada e o pé apoiado na parede, atrevida, sorridente, com sua atitude de sempre.

— Elas eram minhas amigas — diz Kacey, agora baixinho. — Todas elas. Até as que eu não conhecia.

— Desculpa — digo eu por fim.

Ela não responde.

— Kacey, me desculpa — torno a dizer.

Mas o metrô de superfície agora está passando, e não sei se a minha irmã consegue me escutar.

LISTA

Sean Geoghehan; Kimberly Gummer; Kimberly Brewer, a mãe e o tio de Kimberly Brewer; Britt-Anne Conover; Jeremy Haskill; dois dos meninos mais novos DiPaolantonio; Chuck Bierce; Maureen Howard; Kaylee Zanella; Chris Carter e John Marks (a um dia de intervalo, vítimas da mesma leva ruim, segundo disse alguém); Carlo, cujo sobrenome nunca consigo lembrar; o namorado de Taylor Bowes, e depois, um ano mais tarde, Taylor Bowes; Pete Stockton; a neta de nossos ex-vizinhos; Hayley Driscoll; Shayna Pietrewski; Pat Bowman; Sean Bowman; Shawn Williams; Juan Moya; Toni Chapman; Dooney Jacobs e a mãe; Melissa Gill; Meghan Morrow; Meghan Hanover; Meghan Chisholm; Meghan Greene; Hank Chambliss; Tim e Paul Flores; Robby Symons; Ricky Todd; Brian Aldrich; Mike Ashman; Cheryl Sokol; Sandra Broach; Lisa Morales; Mary Lynch; Mary Bridges e a sobrinha, que tinha a mesma idade que ela e era sua amiga; o pai e o tio de Mikey Hughes; dois tios-avôs que raramente vemos. Nossa prima Tracy. Nossa prima Shannon. Nossa mãe. Nossa mãe. Nossa mãe. Todos eles crianças, todos eles mortos. Pessoas com vidas pela frente, pessoas que dependiam de outras e das quais outras dependiam, pessoas que amavam e eram amadas, uma depois da outra, em fila, num rio sem nascente e sem foz, um longo e claro rio de almas que se foram.

AGORA

Há dias em que passo horas no meu notebook, visitando sites de homenagem aos que morreram. Estão todos ali ainda: páginas do Facebook, sites de funerárias, blogs. Os mortos são fantasmas digitais, e seus últimos posts estão enterrados sob um maremoto de tristeza, de ordens para descansar em paz, de brigas internas entre amigos e inimigos segundo os quais metade das pessoas naquela página é *fake*, seja lá o que isso queira dizer. As namoradas continuam a postar *parabéns, meu amor* dois anos depois de eles morrerem, como se a internet fosse uma bola de cristal, um tabuleiro ouija, um portal para o outro mundo. De certa forma suponho que seja mesmo.

Visitar essas páginas de manhã assim que acordo se transformou num hábito para mim, e as páginas dos amigos e parentes dos mortos. Como a mãe está se virando?, penso eu. E vou olhar. Como vai a melhor amiga? O namorado? (Os namorados em geral são os primeiros a tocarem a vida: saem as fotos de perfil do casal feliz posando num espelho, entra uma selfie; em seguida virá a nova mulher da sua vida.) Às vezes os amigos são amargos. *vc prometeu kyle. juro cara se morrer mais alguém. kyle por quê. descanse em paz.* Pessoas nas garras do vício são as mais duras com outras iguais a elas. *O NORDESTE DA CIDADE INTEIRO ESTÁ INFESTADO DESSES PUTOS VICIADOS*, vocifera um deles, e sei que já o detive uma vez por tráfico. Nas fotos do seu perfil, ele aparece com o olhar vidrado e sonhador.

Quando penso em Kacey, quando me pergunto se ela vai encontrar a força, a sorte e a perseverança para se limpar e permanecer limpa, é nessas almas que penso primeiro. Em como poucas delas parecem conseguir sair. Penso no Flautista, na cidade inteira de Hamelin chocada após sua passagem, abandonada e condenada.

Mas então olho para Kacey, que agora vem nos visitar quase todos os domingos, que nesse exato momento está sentada no meu sofá, que hoje completa cento e oitenta e nove dias limpa, e penso que ela talvez seja uma das poucas. Como uma veterana de guerra,

ferida, porém viva. Pode ser que Kacey viva mais do que todos nós, pode ser que viva até os cento e cinco anos de idade. Pode ser que Kacey fique bem.

Deixar a esperança entrar novamente parece certo e errado ao mesmo tempo. Como deixar Thomas dormir na minha cama quando na verdade ele deveria dormir na sua.

Como deixá-lo conhecer a mulher que o deu à luz.

Como jurar lealdade quando você sabe que um segredo precisa ser contado.

Entreguei meu uniforme. Thomas ficou feliz por eu ter me livrado dele. No dia em que o fiz, juntei coragem e liguei para Truman Dawes, e preendi a respiração até ele atender.

— É a Mickey — falei.

— Eu sei quem é — disse ele.

— Só queria te contar que eu saí — falei. — Saí da polícia.

Truman passou um tempo sem responder.

— Parabéns — disse ele por fim.

— E me desculpa — falei, fechando os olhos. — Desculpa mesmo pelo jeito como eu te tratei este ano. Você merece mais.

Pude ouvi-lo respirar.

— Fico feliz em ouvir isso — disse ele. Mas então me disse que precisava ir cuidar da mãe, e na sua voz eu ouvi que para ele tinha acabado, que eu o havia perdido para sempre.

Isso acontece, falei para mim mesma. Isso às vezes acontece.

O DPF, constrangido em nível nacional, está negando ter um problema generalizado. Mas eu sei que tem, e Kacey sabe que tem, e as mulheres de Kensington sabem que tem. Então liguei para Lauren Spright e disse a ela que queria lhe dar informações com a condição de permanecer no anonimato. A matéria foi ao ar no dia seguinte na rádio pública. *Agressão sexual por policiais não é infrequente em Kensington*, começou a repórter, e desliguei o rádio. Eu não queria escutar.

Há dias em que ainda acordo com a sensação nauseante de ter feito alguma coisa terrivelmente errada. Fico com medo de ter traído as pessoas que me protegeram durante todos esses anos, que sempre garantiram a minha retaguarda, às vezes literalmente falando.

Penso nas muitas pessoas honradas que trabalham na corporação. Truman era do DPF. Mike DiPaolo ainda é. Davis Nguyen. Gloria Peters. Até mesmo Denise Chambers, que recentemente me telefonou pedindo desculpas.

E há também os Lafferty, os maus. São poucos e estão espalhados, mas todo mundo já conheceu um.

Os casos mais difíceis, acho eu, e talvez os mais perigosos, são os amigos dos Lafferty. Pessoas como o sargento Ahearn, que possivelmente já sabe há anos o que acontece em Kensington. Talvez até participe, quem vai saber? E ele nunca vai ser demitido, nunca vai ser interrogado, nunca sequer vai tomar uma advertência. Vai seguir em frente na sua rotina diária, aparecer no trabalho e abusar de modo casual do seu poder de maneiras que terão efeitos duradouros em indivíduos e comunidades, na cidade da Filadélfia inteira, durante anos.

O que me assusta são os Ahearn do mundo.

Continuo sem ter um emprego. Provavelmente poderia ter contratado um advogado e processado o DPF, levando em conta tudo que aconteceu, mas não tenho disposição para tanto.

Em vez disso, vivo do seguro-desemprego. Trabalho na concessionária do meu tio Rich na Frankford, preenchendo papelada, atendendo ao telefone e recebendo por fora, em dinheiro vivo. Com horários mais regulares, encontrei uma babá fixa, alguém em quem confio, para ficar agora com Thomas duas vezes por semana. Às segundas e quartas, levo-o comigo para a concessionária do tio Rich. E nas sextas a sra. Mahon fica com ele.

Não é um arranjo perfeito, mas por enquanto está dando certo. No próximo ano, Thomas vai entrar no jardim de infância e tudo vai mudar outra vez. Talvez eu me inscreva num curso técnico. Talvez

um dia eu até tire um diploma universitário. E vire professora de história como a sra. Powell. Talvez.

Quando isso acontecer, digo para mim mesma, vou emoldurar o diploma e depois mandar uma cópia para Gee.

Numa terça-feira de manhã, no meio de abril, abro todas as janelas do meu apartamento. Acabou de chover, e o ar lá fora tem aquele cheiro carnosos de primavera de grama molhada e terra nova. Um bule de café fumega na cozinha. A babá nova de Thomas vai chegar daqui a pouco. Ele agora está no seu quarto brincando de Lego. Tirei o dia de folga na concessionária.

A babá chega, eu me despeço de Thomas, então desço a escada e toco a campainha da sra. Mahon.

— Pronta? — pergunto quando ela abre a porta.

Nós duas entramos no meu carro. Pegamos a direção de Wilmington.

É um passeio ansiado há tempos.

A semente dele foi plantada num dia do mês de janeiro, quando recebi Kacey e a sra. Mahon para jantar. Esse primeiro jantar se transformou num evento semanal. Agora, todos os domingos, nós colocamos Thomas na cama e ficamos assistindo televisão, as três, algo bobo, qualquer comédia nova que esteja disponível *on demand*. Kacey gosta de comédias. Outras vezes assistimos a um reality show de assassinato, expressão que Kacey continua a usar apesar dos acontecimentos recentes, reality show quase sempre sobre uma mulher que some, e que quase sempre foi assassinada pelo marido ou pelo namorado abusivos. O apresentador narra tudo com uma calma alarmante. *Essa seria a última vez que os Miller veriam a filha.*

— Foi ele — diz Kacey em geral, falando sobre o marido. — Foi ele com certeza. Meu Deus, olha a cara do sujeito.

Às vezes as vítimas são pobres. Outras vezes são mulheres ricas, louras e impecáveis, com maridos médicos ou advogados.

As ricas me parecem versões adultas das meninas no *Quebra-Nozes* daquela única vez em que Kacey e eu fomos assistir ao balé, décadas atrás. Todas aquelas meninas lourinhas de coque nos cabelos. Todas usando vestidos de cores diferentes, como aves raras, como as próprias bailarinas. Todas elas amadas.

A cada jantar desses de domingo, Kacey fez nós duas jurarmos que íamos visitá-la no hospital quando a sua filha nascesse.

— Eu quero visitas — diz ela. — Tenho medo de ninguém ir. Vocês vão me visitar, as duas?

Vamos, respondemos nós.

Nesse dia, a sra. Mahon e eu entramos de carro no estacionamento do hospital.

A menina nasceu ontem. Ainda não tem nome.

Nosso pai nos disse que ela por enquanto está na UTI neonatal, até o seu estado de saúde poder ser avaliado melhor.

Kacey pode vê-la o quanto quiser. Ela se mostrou cooperativa com os médicos. Todo mundo já sabia, desde que ela deu entrada, que precisava monitorar o bebê para qualquer sinal de abstinência.

A sra. Mahon olha para mim antes de saltarmos do carro. Põe a mão sobre a minha. Mantém a mão ali com firmeza.

— Vai ser difícil para você agora — diz ela. — Você vai pensar no Thomas e lembrar da dor por que ele passou. Vai ficar com raiva da Kacey outra vez.

Concordo.

— Mas ela está fazendo o melhor que pode — diz a sra. Mahon. — Pense só isso: ela está fazendo o melhor que pode.

Há uma lembrança que tenho da minha mãe que nunca compartilhei com Kacey. Quando eu era pequena, ela me parecia preciosa demais; eu temia que dizer isso em voz alta pudesse fazê-la desaparecer.

Nessa lembrança eu não consigo ver o rosto da minha mãe. Tudo que consigo recordar dela é uma voz doce conversando comigo enquanto eu tomava um banho de banheira. Estávamos jogando um

jogo. Alguém tinha nos dado ovos de plástico na Páscoa, e eu tinha podido levá-los comigo para dentro da banheira. Os ovos eram amarelo, laranja, azul e verde, e eram divididos ao meio em duas metades. Eu podia desmontá-los e montá-los de novo desencontrados: amarelo com azul, verde com laranja. Tudo fora de ordem. *Ah, não, ah, não*, exclamava minha mãe, brincando comigo. *Monta de novo!* E por algum motivo isso para mim era a coisa mais engraçada do mundo. *Sua boba*, dizia minha mãe. A última vez que fui chamada de algo com uma sonoridade tão infantil. Lembro-me do cheiro da minha mãe e do cheiro do sabonete, como flores ao sol.

Quando eu era mais nova costumava pensar que essa era a única lembrança que tinha me salvado de ter o mesmo destino de Kacey, que tinha me feito ser como sou e Kacey ser como é. O som da voz da minha mãe, que eu ainda consigo escutar, e sua suavidade, que eu sempre considereei uma prova do seu amor por mim. Saber que havia pelo menos uma pessoa no mundo que me amava mais do que tudo. Sob alguns aspectos ainda acho que isso é verdade.

No hospital, a sra. Mahon e eu recebemos crachás de visitantes. Tocamos uma pequena campainha e nos deixam entrar na ala. Seguimos uma enfermeira chamada Renee S.

A primeira que vemos é Kacey, no final de um corredor. Ela já se levantou da cama. Nosso pai está em pé ao seu lado. Os dois estão olhando através de um vidro para o que imagino ser a UTI neonatal.

— Visitas — diz Renee S. animada.

Kacey se vira.

— Vocês vieram — diz ela.

Renee passa o crachá numa leitora e abre a porta. Uma médica nos cumprimenta rapidamente ao sair.

Dentro da UTI neonatal está escuro e silencioso. Um ruído branco soa ao fundo.

À direita da porta há duas pias com uma placa acima delas nos instruindo a lavar as mãos.

Fazemos isso, todos nós. Enquanto Kacey está lavando as mãos, eu olho em volta. O espaço tem um corredor central separando duas fileiras de berços de acrílico, quatro de cada lado. Aparelhos e monitores piscam regulares, mas silenciosos. No outro extremo do espaço há um segundo posto de enfermagem, um pouco afastado e mais fortemente iluminado.

Há duas enfermeiras presentes, ambas trabalhando: uma está trocando a fralda de um bebê, outra digitando algo num computador sobre um suporte de rodinhas que lhe bate na cintura. Uma mulher mais velha, voluntária ou avó, está sentada perto de nós numa cadeira de balanço ninando um recém-nascido no colo devagar. Ela nos sorri, mas não diz nada.

Qual desses bebês será o de Kacey?, penso eu.

Minha irmã fecha a torneira. Então se vira e atravessa o recinto até um dos berços.

Bebê Fitzpatrick, diz uma etiqueta na cabeceira.

Dentro do berço há uma menininha. Ela está dormindo, olhos fechados e inchados devido ao esforço de nascer. Suas pálpebras estremecem de leve, e ela vira o rostinho perfeito da esquerda para a direita.

Ficamos os quatro em pé ao redor dela, olhando para dentro do berço.

— Olha ela aí — diz Kacey.

— Olha ela aí — repito eu.

— Não sei que nome dar a ela — diz Kacey.

Ela ergue os olhos para mim com um ar de quem lamenta.

— Não paro de pensar: *É assim que ela vai ser chamada o resto da vida*. E isso me detém — diz ela.

A UTI está muito silenciosa, todos os sons distantes, como submersos. Então, de trás de nós, vem um grito agudo, um lamento de dor.

Thomas, penso eu, por reflexo.

Todos nos viramos para lá. O grito ecoa outra vez.

É um som que eu nunca vou esquecer: o grito do meu filho recém-nascido. Quantas vezes durante a noite ele me despertou do

sono? Mesmo quando ele estava acordado, eu me encolhia de expectativa toda vez que a sua pequena testa se franzia.

Olho para Kacey e vejo que ela virou uma estátua, imóvel, com o olhar fixo.

— Está tudo bem? — sussurro, e ela assente.

O bebê que chora está a um metro e meio de nós. Ficamos olhando uma enfermeira se materializar, inclinar-se acima do berço, e pegar no colo um minúsculo bebê de touca embrulhado numa manta.

Onde está sua mãe?, pergunto-me.

— Pronto — diz a enfermeira. — Ah, pronto, pronto.

Ela leva o bebê ao ombro e começa a se balançar. Eu penso na minha mãe. Penso em Thomas. Meu corpo se lembra tanto de ser segurada no colo quanto de segurar.

A enfermeira dá tapinhas firmes na fralda do bebê. Coloca uma chupeta dentro da sua boca diminuta.

Mas o choro continua: pequenos lamentos soluçantes, agudos feito um canto de passarinho, impossíveis de consolar.

A enfermeira torna a colocá-lo no berço e desenrola a manta. Verifica sua fralda. Torna a enrolá-lo bem apertado. Pega-o no colo. Ele continua a chorar.

Outra enfermeira passa por ela e pega o prontuário no pé do berço.

— Ah — diz ela. — Está na hora. Vou trazer — diz, e se afasta até o outro extremo do recinto.

Atrás de mim, minha irmã continua petrificada. Posso ouvir sua respiração, leve, acelerada e curta. Delicada e instintivamente, ela pousa uma das mãos na cabeça de sua filha sem nome, adormecida.

A segunda enfermeira volta com um conta-gotas.

A primeira coloca o bebê, ainda aos berros, dentro do berço.

O conta-gotas é baixado. A criança vira a cabeça em direção a ele, em direção ao remédio, buscando. Ela se lembra.

O bebê abre a boca. E bebe.

AGRADECIMENTOS

Àqueles que ao longo dos anos conversaram comigo sobre suas experiências pessoais em relação a diversos temas abordados neste romance, em especial India, Matt, David, José, Krista Killen e as mulheres do Thea Bowman Center.

Ao fotógrafo Jeffrey Stockbridge, que dedicou grande parte de sua vida a fotografar Kensington, e que foi o primeiro a me apresentar ao bairro em 2009. Sem a sua apresentação, este romance não teria sido escrito.

À Natalie Weaver, ao padre Michael Duffy, e aos funcionários do St. Francis Inn, pela sua amizade, serviço à comunidade, e pela oportunidade de conhecer sua instituição. Agradeço também à Women in Transition e à Mighty Writers, duas outras organizações que prestam uma ajuda indispensável à cidade da Filadélfia e a seus moradores.

À Zoe Van Orsdol, Signe Espinoza, dr. Charles O'Brien, Nathaniel Popkin, Marjorie Just e Clarence, por sua ajuda com as pesquisas que deram corpo a este romance e a projetos de escrita relacionados, e a Jessica Soffer e Mac Casey, por lerem e debaterem versões preliminares.

Aos autores dos seguintes livros, que forneceram informações valiosas durante meu processo de escrita: *Voices of Kensington: Vanishing Mills, Vanishing Neighborhoods*, de Jean Seder, com fotografias de Nancy Hellebrand; *Silk Stockings and Socialism: Philadelphia's Radical Hosiery Workers from the Jazz Age to the New Deal*, de Sharon McConnell-Sidorick; *Work Sights: Industrial Philadelphia, 1890-1950*, de Philip Scranton e Walter Licht; *Whitetown USA*, de Peter Binzen; e o *WPA Guide to Philadelphia*.

Ao Seth Fishman e à equipe da Gernert; à Sarah McGrath, à Jynne Dilling Martin, à Kate Stark e à equipe da Riverhead; à Ellen Goldsmith-Vein e à equipe da Gotham, por sua orientação profissional e pela amizade.

Aos muitos parentes, amigos e cuidadores de crianças que facilitaram a redação deste livro. Sou grata todos os dias por vocês existirem.

Table of Contents

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafes](#)

[Sumário](#)

[Lista](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Antes](#)

[Agora](#)

[Lista](#)

[Agora](#)

[Agradecimentos](#)

[Ficha técnica](#)